



Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





NOVOS ESTUDOS  
DE  
**LITTERATURA**  
CONTEMPORANEA

POR  
**SYLVIO ROMÉRO**

RIO DE JANEIRO  
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR  
71, RUA MOREIRA-CEZAR, 71  
E  
6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS



NOVOS ESTUDOS

DE

LITTERATUŔA CONTEMPORANEA

---

Ficam reservados todos os direitos de propriedade.

\*

---



NOVOS ESTUDOS  
DE  
LITTERATURA  
CONTEMPORANEA

POR  
SYLVIO ROMERO

R.  
H. GARNIER, EDITOR  
71,  
6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS



The logo is a stylized illustration of an open book. The text inside the book reads: 'LIVRARIA TEIXEIRA VIEIRA PONTES & C. CAIXA POSTAL AV. S. JOÃO, 8 258 S. PAULO'. The book is positioned centrally, overlapping the publisher's name and address.



# NOVOS ESTUDOS

DE

## LITTERATURA CONTEMPORANEA

---

### I

#### A HISTORIA DO BRAZIL E O D<sup>r</sup> MELLO MORAES

---

No principio d'este seculo o grande iniciador dar eforma dos trabalhos historicos em França, o inimitavel Augustin Thierry, escrevia estas palavras :

« Reforma nos estudos, reforma no modo de escrever a historia, guerra aos escriptores sem erudição, que não souberam ver, e aos escriptores sem imaginação, que não souberam pintar; guerra a Mézerai, a Velly, a seus continuadores e a seus discipulos; guerra, emfim, aos historiadores mais gabados da escola philosophica, por causa de sua sequidão calculada e de sua desdenhosa ignorancia das origens nacionaes : tal foi o programma de minha nova tentativa ».

Em 1817 já eram estas as idéas do autor das

*Narrativas dos Tempos Merovingios* e ainda hoje nós esperamos pela apparição no Brazil de quem tome sobre os hombros igual tarefa para este paiz.

Ainda hoje não existe uma só historia nacional approximada da verdade e elementarmente merecedora de encomios. É preciso não confundir historia com elementos para a historia. Estes existem ahi aos montões, improductivos, inaproveitados.

Chronicas, annuas, cartas, diplomas, relatorios, biographias, narrativas, escriptos de toda a casta, andam por ahi.

Póde-se até dizer que foi o genero litterario que nunca faltou ao Brazil. E é justamente o conhecimento d'este facto que ainda mais espantosa torna a insignificancia, podia dizer, a nullidade de nossas historias geraes, ou sejam ellas copias de obras alheias, como a de Abreu e Lima, ou fundadas em investigações proprias, como a de Varnhagen.

A litteratura historica no Brazil tem atravessado phases diversas. Em todo o seu percurso ella não offerece leitura mais attrahente do que a dos escriptos de Gandavo, Nobrega, Anchieta, Cardim, Gabriel Soares, e, commumente, de todos os nossos chronicistas dos primeiros cento e cincoenta annos depois da descoberta. Abre-se um intervallo, comprehendendo os primeiros annos do seculo passado e os ultimos do seculo que lhe é anterior, em que reinou uma certa esterilidade, produzida pelo gongorismo e pelo máu gosto. Depois surge outra phase de espontaneidade e força, em que a historia reaparece singela e attractiva.

É no vasto periodo de 1750 a 1830, com o impulso de homens como Jaboatão, Pedro Taques, Roque Leme, Gaspar da Madre de Deus, Balthazar Lisboa,

Pizarro, etc. Rocha Pitta fica entre as duas boas épocas de florescimento da historiographia, no tempo do gongorismo pesado e petulante.

Segue-se o período actual, distincto pela publicação de documentos ineditos, rectificação de alguns pontos de detalhe; porém sem força para produzir verdadeiros historiadores.

São esses os quatro periodos da evolução chronologica da historiographia nacional.

É o seu lado exterior. Considerada pela indole interna dos generos, notamos tres momentos capitaes.

Logo a partir dos primeiros annos do seculo xvi — cartas, annuas, relatorios, diarios, narrativas, biographias, descripções do paiz se nos deparam.

Não sabemos, nem é possivel determinar, por onde começáramos. É um erro asseverar que principiámos por descripções chorographicas e passámos ás biographias; é um erro, como fazem alguns, dar a Gabriel Soares e a Cardim exclusivamente aquelle primeiro character e indicál-os como anteriores a Anchieta.

A verdade é que foram contemporaneos todos e Anchieta escreveu em ambos os generos.

Compreende-se que as primeiras participações enviadas do Brazil para Portugal deveriam ser de character puramente chorographico. Então, não havia historia. Mas este periodo foi extremamente curto: vinte ou trinta annos apenas após as primeiras explorações. Depois de estabelecidas as capitánias e erecto um governo mais ou menos regular na Bahia, de fundados os collegios dos jesuitas, a incipiente chorographia teve de ceder o passo ás narrativas historicas. Em Cardim e Gabriel Soares já a historia apparece ao lado da chorographia, como em Anchieta

apparecem juntas as biographias, a historia e as descrições do paiz.

Foi em rigor um tempo sem differenciações por este lado.

Após este primitivo periodo de um vasto syncretismo historico em que os diversos generos se confundiram, passámos, com Vicente do Salvador, Simão de Vasconcellos, Ravasco, Borges da Fonseca, Jaboatão, Pedro Taques e outros, ao momento tambem complexo das memorias, das chronicas, das nobiliarchias, das historias parciaes de capitancias, de ordens monasticas, etc. Finalmente, appareceram as historias mais ou menos geraes, e, phenomeno digno de nota, a chorographia surgiu de novo. O seculo de Ayres de Casal é tambem o seculo de Varnhagen.

São, pois, sob este aspecto, tres grandes grupos : — as primeiras narrativas biographico-historico-chorographicas, cujas são Anchieta e Gabriel Soares os principaes representantes ; as chronicas, memorias, e nobiliarchias, de que Jaboatão e Taques têm o segredo ; finalmente, os annaes, as historias particulares ou geraes, onde Balthazar Lisboa, Varnhagen, Francisco Lisboa e Pereira da Silva se desenvolveram.

Ha quem assignale cinco periodos á nossa historiographia : as descrições chorographicas — com Gandavo, Cardim e Gabriel Soares á frente ; as biographias iniciadas por José de Anchieta e proseguidas por Pedro Rodrigues e Simão de Vasconcellos ; as chronicas monasticas com alguns jesuitas, Vicente do Salvador e Jaboatão ; as chronicas de capitancias e a nobiliarchias com Ravasco, Borges da Fonseca e Pedro Taques ; finalmente, a historia geral em nosso tempo.

Esta classificação morphologica da historia entre nós é inexacta por mais de uma face.

O primeiro e o segundo membros constituem uma phase unica; o terceiro e o quarto reduzem-se a um só periodo. Ha excesso de divisão (1).

Tudo isto são elementos para a historia; não é ainda a propria historia.

As chronicas do seculo XVI têm um certo sainete pinturesco, é verdade; mas são como notas soltas, folhas esparsas de um livro não construido. Tratam sempre de factos isolados, não têm a comprehensão da formação da sociedade d'este paiz como a de um todo organico.

A historia de Rocha Pitta é uma producção rhetorica e pedantesca, pesada, pretenciosa e abaixo de mediocre na sua perenne pretenciosidade.

Os escriptos de Taques, Jaboatão, Madre de Deus e outros de seu tempo são obras fragmentadas, meritorias por mais de um titulo e quasi sempre, porém, despidas de critica.

A grande construcção de Southey é um livro estrangeiro, muito longo, de uma economia interna desconchavada, onde não ha um estudo completo dos documentos e onde não corre o calor, a vida de uma obra d'arte, condição indispensavel á toda obra de historia.

Os nossos historiadores d'este seculo não foram mais felizes que os seus antecessores.

Ou publicarão livros de compilação, como Abreu e Lima e Macedo, livros sem erudição, sem critica, sem vida, sem estylo; ou fragmentos de historia, episodios singulares correctos, eruditos, mas pallidos e

(1) *Historia da Litteratura Brasileira*, pelo autor, p. 548.

acanhados. É o caso de Francisco Lisboa, Candido Mendes, Joaquim Caetano da Silva e outros.

Varnhagen occupa uma posição especial, foi um erudito, e, como tal, publicou muitas monographias meritorias, e quiz tambem ser um historiador, e, como tal, escreveu a *Historia Geral do Brazil*, livro notavel pelas pesquisas que revela, pela erudição que dispende; livro mediocre pela falta de critica, pela ausencia de intuições theoricas, pela aspereza e mortificação do estylo.

Sei que por ali ha e tem havido outros historiadores; é bom não fallar n'elles.

A historia do Brazil, tomada em seu complexo, tem sido escripta de um modo, por assim dizer, exterior.

É um quadro visto de longe, e onde se movem sombras sem vida; é um vasto scenario sem actores, um como poema sem acção e sem heróes. Partindo da idéa falsa de ser a nossa historia apenas um rosario dos feitos dos portuguezes na America, um simples episodio da mudança de alguns milhares de luzitanos para o Brazil, desde os condemnados deixados por Cabral até João VI e sua mãe Maria I, os nossos historiadores não passam em rigor de meros auctores de relatorios, mais ou menos inuteis e mais ou menos tolos. São sempre noticias de viagens, de chegadas de donatarios, de capitães-móres, de governadores, de vice-reis, de bispos e de jesuitas. São narrativas das virtudes d'esta gente, e, no fundo do quadro, para variação ao enjôo, a descoberta de algum canto do paiz e da mortandade feita na gentildade bravia.

São livros sem sciencia e sem paixão; é por isso que não tivemos ainda um só historiador philosopho, e um só historiador artista. Em nossos livros de his-



toria ha grandes e poderosos por toda a parte ; mas falta n'elles o eterno soffredor, o eterno agitador, o eterno heroe — o povo.

O verdadeiro historiador do Brazil deveria ser bastante naturalista para no portico de seu livro distender a descripção vasta, exacta, verdadeira da terra nacional, determinando-lhe as zonas, os climas, os aspectos, todos os cem modos diversos, pelos quaes os meios collaboram com os homens; deveria ser bastante ethnologista para comprender e amar as diversas raças, que levantaram n'este paiz as suas tendas e agitaram á luz do sol brasileiro seus musculos de combatentes, travando a lucta da vida, a lucta da civilisação; para entendel-as em seus cantos, em suas aspirações; deveria ser bastante philantropo e democrata para rir e chorar com o povo, seguil-o na sua formação gradativa e suas transformações progressivas, assistir a geração do nosso terceiro estado e da nossa burguezia, acompanhal-os na vida municipal, nas agitações da vida politica, nos anhelos de liberdade; deveria ser bastante economista para surprender o povo no seu trabalho, tomar nas mãos os fios determinadores da formação de nossa riqueza publica e particular, mostrando a irradiação d'esse polipo enormissimo — a escravidão —, polipo de nova especie, fecundo, productor, sugado pelo parasitismo immenso e infamante, o grande crime da raça colonisadora, o grande crime que tem feito, que ainda hoje faz, a nossa historia ser uma obra de privilegio e iniquidade; deveria ser bastante philosopho — para ter uma nitida idéa da cultura e dos destinos humanos, comprehender a formação das patrias recentes, o advento d'essas nações coloniaes, mestiçadas, herdeiras de antigas glorias e antigos ideaes, prestes a transfor-

mar-se, urgidas por necessidades novas; deveria ser bastante erudito para conhecer a fundo todos os factos, todas as peripecias do passado nacional; deveria, finalmente, ser bastante poeta para construir de tudo isto uma obra artistica, viva, palpitante de seiva e de enthusiasmo.

Tal se me afigura o ideal do historiador brasileiro. Ainda o não encontrei no meu caminho e não sei se a geração nova tel-o-ha em seu seio em estado de incubação.

Deus o queira.

O velho escriptor Alexandre José de Mello Moraes esteve longe de ser esse historiador potente que eu sonho para o meu paiz. N'isto elle não se acha isolado: ao contrario, acha-se cercado de todos os seus confrades.

No meio de todos estes que representa elle? quaes as suas notas particulares? Tenho pressa em determinar-o e o farei por modo succinto.

De nossos historiadores foi aquelle que da colonia manuseou mais documentos e do imperio disse mais verdades crúas. Esta dupla consideração define perfeitamente a posição do escriptor.

Elle deixou quatro obras capitaes: *Chorographia Historica do Brazil*, *Brazil Historico*, *a Independencia do Brazil* e a *Chronica Geral*.

As duas primeiras dão testemunho da especial qualidade do nosso historiador: a posse e o conhecimento dos documentos.

Aquelles dois grandes livros são repositorios do nosso passado.

Não são obras de redacção seguida; são antes uma collecção de memorias e documentos antigos.

Ha n'elles certas peças que só alli se encontram;

quem se occupa de historia do Brazil não pôde deixar de consultal-os; o velho Mello Moraes é de leitura obrigada. N'isto é bem differente de alguns pretenciosos que ahi houve, que ninguem lê e cuja leitura não faz falta.

A *Independencia* e a *Chronica Geral* são livros de redacção propria do autor e representam aquella outra qualidade de que fallei.

N'ellas é que o ousado escriptor levantou-se contra o culto de nossos heroes modernos e de segunda mão.

Em torno aos homens da independencia tinha-se formado uma espessa legenda; Pedro I e os Andradas tinham sido guindados á altura de semi-deuses. Era um negocio inconsciente para certa classe da nação, mas perfeitamente calculado para o mundo dos aulicos de toda a casta e feitio.

Era uma cousa deliberada e movida contra o espirito do decennio regencial; illustrava-se demasiado o primeiro reinado para reflectir-se o brilho sobre o segundo.

Que haveria ahi mais capaz de elevar na estima dos povos o nosso adorado imperador, do que mostral-o como filho de um heróe?

Mello Moraes insurgiu-se contra isto e foi um pouco além de seu alvo.

A *Independencia* é um livro de polemica movida especialmente contra Pedro I e os Andradas.

O historiador mostrou as vacillações e os desatinos do imperador, os erros e disparates dos illustres paulistas.

É um processo complicado, cuja solução é aqui incabida. Estou, entretanto, longe de aceitar todas as conclusões do distincto alagoano; os homens da independencia têm ainda aos meus olhos algum prestigio.

A *Chronica Geral do Brazil* é um trabalho deixado pelo autor em pequenas tiras de papel, em estado cahotico e informe. Apesar do cuidado havido em organizar o manuscrito, escaparam erros e repetições.

O livro agora é facil de ser corrigido n'uma segunda edição. As paginas mais interessantes são as que tratam dos tempos de João VI e Pedro I.

Ha algumas revelações do character e da vida intima d'esses dois monarchas que só alli se encontram e por isso a *Chronica* será sempre procurada.

Tem-se censurado ao autor a narrativa, aliás ligeirissima, de certos amores e factos secretos da vida particular do primeiro imperador. Minha impressão individual é totalmente diversa d'esse modo de pensar. Tudo quanto contribue para fornecer uma idéa mais exacta do character dos heroes e dos grandes homens, deve ser aproveitado religiosamente. Não sei a razão por que Pedro I deva escapar á esta regra. Só se os nossos actuaes monarchistas não julgam mais aquelle moço imperador um *heroe* e um *grande homem*.

N'este caso vai contradicção e eu os denuncio pelo crime de leso-monarchismo. Quem quer que tenha lido Saint-Simon e em geral as chronicas dos reis, sabe perfeitamente que o velho Mello Moraes peccou exactamente por excesso de laconismo.

Para mim Pedro I não ganhou nem perdeu por ter amado a bella e caprichosa Domitila. Amasse elle vinte ou quarenta, o caso era quasi indifferente; sob o ponto de vista moral, ainda que perfeitamente instructivo sob o aspecto psychologico.

Julgo, porém, que, pela face politica, o autor não tirou todo o partido que poderia tirar dos amores um

tanto burguezes do imperador e da formosa filha de Santos.

Seria muito interessante que o illustrado chronista mostrasse a influencia mais ou menos directa d'essa mulher sobre os negocios publicos d'este paiz, durante cinco ou seis annos. O livro é mudo por esta face e é pena.

O Dr Mello Moraes foi um temperamento litterario, indiscutivelmente; desde moço até a hora extrema andou sempre preocupado com livros, papeis e documentos historicos. Seus conhecimentos sobre o Brazil eram verdadeiramente sorprendentes. Na conversação isto percebia-se ainda melhor do que na leitura de seus livros. Foi trabalhador infatigavel; teve coragem contra os grandes e possuia o arrojo de dizer-lhes a verdade. Por isso foi um perseguido dos poderosos d'este paiz; mas por isso tambem é ainda hoje o mais popular de nossos escriptores de historia.

(1883.)



## II

LUIZ MURAT

---

### I

Estamos no ultimo decennio do seculo XIX e já é tempo de começar o inventario do peculio de idéas que elle terá de legar ao seculo seguinte. Aos criticos do futuro incumbirá naturalmente a missão de dizer a ultima palavra sobre qual tenha sido a contribuição verdadeiramente nova, verdadeiramente original de nosso tempo nas grandes luctas da intelligencia. Pelo lado scientifico, pelo religioso, pelo artistico, pelo politico, pelo social, muitos foram os trabalhos, muitas as agitações, muitas as conquistas d'esta época, herdeira immediata dos homens da Revolução, e que será succedida, quem sabe?... pelos homens do socialismo triumphante. Tendo começado por uma reacção apparente contra os principios dos *Encyclopedistas*, contra as doutrinas dos *terroristas* de 93, nosso seculo

será provavelmente assignalado na historia por haver feito triumphar definitivamente na intuição geral dos espiritos a doutrina da *evolução* lenta e gradativa de todos os phenomenos cosmicos, biologicos, politicos, artisticos e sociaes. De todas as características que lhe têm sido imaginadas é a que nos parece mais acertada, a que mais em cheio lhe póde assentar.

E foram os estudos que têm o homem por objecto, os chamados estudos moraes, nomeadamente os historicos, que mais contribuíram para esse grande resultado. Por imponente que seja o magico aspecto da faina sorprendente da industria contemporanea, por magestoso que seja o edificio em nosso seculo levantado pelas sciencias phisicas e naturaes, por distanciados que se mostrem de quanto nos haviam legado as idades anteriores, ousamos affirmar que se acham offuscados pela construcção maravilhosa dos estudos historicos.

Comprehendendo n'esta designação todas as creações de natureza super-organica, como diria Spencer, aquellas que, partindo da psychologia, acabam na moral, o methodo comparativo praticou ahi verdadeiros prodigios. Linguas, mythos, religiões, *folk-lore*, tradições, costumes, direito, politica, arte, industrias, todas as manifestações da vida, todas as projecções da alma humana, em todos os tempos e em toda a parte, revelaram seus mysterios á erudição infatigavel de nossa época.

Basta o que ella fez no estudo das antiguidades egypcias, hindustanicas, hebraicas, phenicias, persas, latinas, germanicas e americanas para conferir-lhe indisputada palma.

E não é só isto : geralmente se repete haver sido o progresso das sciencias phisicas e naturaes em



nosso tempo o propulsor, o estimulante mais energico do progresso dos estudos historicos. Corre este dito por um axioma, uma verdade incontestavel.

Não passa, porém, de um grande erro que deve ser estirpado dos espiritos. Primeiramente, não é verdade ter sido vantajoso para as sciencias moraes o preconizado emprego do methodo das sciencias inferiores. Todas as tentativas de applicar processos e formulas da mathematica, da mecanica, da physica, da chimica á politica, ao direito; á critica, á esthetica, á moral, hão sido outros tantos *charivaris* de insania e de ridiculo. Ao contrario, o emprego do methodo historico e comparativo, nos seus intuitos geraes, e n'aquillo em que elle é compativel com uma sciencia inferior, a applicação d'esse methodo á biologia — é que trouxe a esta o seu estupendo progresso. E, além d'isso, é positivamente certo ser a grande transformação das sciencias do homem, desde que ellas tomaram o caminho que lhes foi traçado em fins do seculo passado por Wolff, Lessing, Winkelmann, Herder e Kant, anterior á reforma das sciencias naturaes.

Como quer que seja, porém, tendo d'aqui ou d'alli partido o signal do progresso, a idéa directora da unidade dos phenomenos cosmicos, telluricos, organicos e humanos é o magno alicerce da sciencia hodierna, e d'esse solido fundamento, como irradiação perenne, parte a noção inilludivel do *werden*, do *fieri*, do *devenir*, da evolução constante, do desenvolvimento perpetuo.

Á luz d'este principio bem se comprehende que nada se aniquilla, mesmo no mundo intellectual e moral; antes se modifica, se transforma, se transmite de algum modo na evolução do grande todo.

Tal o caso das artes, e nomeadamente o caso da

poesia, de que nos vamos mais de perto occupar a proposito do bello volume ha pouco publicado pelo Sr. Luiz Murat.

Estamos na ultima decada do seculo, foram as nossas primeiras palavras, e o nosso fim, assignando o facto, foi o seguinte : qual o estado actual da arte n'este final de uma phase centenaria da historia? Ainda vive a poesia, que a sciencia promettêra tantas vezes matar? Quaes as escolas triumphantes? Qual o estado d'estas questões na Europa e no Brazil?

O leitor não ha de ser tão ingenuo para suppôr que nós vimos agora responder a tudo isto.

Havemos de nos circumscrever na poesia e ali mesmo n'aquillo que possa interessar mais de perto ao nosso paiz.

Geralmente se diz ser o nosso tempo uma época de transição. Não existe phrase mais banal : de transição são todos os tempos.

Não é menos verdade, entretanto, que motivos historicos, longamente accumulados e desenvolvidos no mundo occidental durante os tres ou quatro ultimos seculos, fizeram explosão, ou antes, chegaram ás suas consequencias finaes em nosso tempo. A velha intuição religiosa, atacada desde muito, não pôde mais resistir a uma critica percuciente e tenaz, que habilitou-se a ir ás origens das crenças mesmas, e, pela analyse dos textos, mostrou o character humano e transitorio dos dogmas.

D'ahi, a grande brecha aberta na concepção religiosa contemporanea.

Um melhor conhecimento dos factos da natureza, por um lado, e, por outro, uma pratica mais perfeita dos começos e estadios diversos da intelligencia humana em todas as phases da historia, alteraram

completamente a intuição scientifica e philosophica. D'ahi, os rudes abalos nas velhas idéas da sciencia e da philosophia.

Não é, porém, debalde que se expellem os mysterios do mundo transcendental ; os seus representantes mais directos na terra vêm a soffrer infallivelmente do mesmo golpe. Reis, papas, nobres, privilegiados de todos os fetios foram pouco a pouco cedendo o passo diante das novas forças que se alevantavam.

Os plebeus, os proletarios, armados de suas machinas, tinham transposto o vallo e tomado posição nos primeiros declives da montanha. D'ahi, a alteração enorme da vida social, e nomeadamente da vida economica.

No meio d'estas transformações, para que concorram multiplos e variados factores, a *sciencia* foi um dos mais poderosos, o que a fez por mais de uma vez suppôr que estava só, que tudo se lhe devia, e que, oh ! pretensão!... havia de se vingar de muitas das suas auxiliares — *matando-as...* D'ahi, estes passamentos decretados á philosophia, á arte, á religiosidade (veja-se que não dizemos a esta ou áquella religião, mas ao sentimento eterno da religiosidade), á litteratura ás vezes, e, quasi sempre, á pobre *poesia*!

Nunca em tempo algum se discutiu tanto e tão acaloradamente sobre a morte proxima d'esta senhora : a conferencia dos medicos durou um seculo inteiro, a *doente* não falleceu!

Desde os primeiros annos de nosso tempo, desde M<sup>me</sup> de Staël e Chateaubriand se discute sobre o desaparecimento proximo da nobre dama, que fez as delicias de Dante e de Shakespeare.

Qual a razão? Algum motivo serio deveria existir.

O motivo nós cremol-o haver achado : era a lucta

geral das novas contra as velhas intuições, e especialmente a guerra desasada da sciencia contra a poesia, por julgal-a um momento infensa ás suas conquistas por ultimo — a má visão de muitos espiritos, que tomaram uma transformação por um signal de morte.

Muito se escreveu e muito se escreverá ainda sobre esta questão.

Uns deram a poesia como já acabada pelo menos n'um futuro muito proximo; outros a apontaram vivida como nunca e cada vez mais forte e brilhante; estes a consideraram apenas doente e capaz de admiravel renascimento dentro em pouco; aquelles a descreveram como uma *sobrevivencia* na alma moderna de faculdades primitivas, quasi apagadas no geral dos homens, e capazes de despontar aqui e alli; um verdadeiro caso de *atavismo*, um *survival* de antigos sentimentos, na linguagem dos ethnologos inglezes; mas um *survival* que tende a limitar-se cada vez mais, ainda que não venha jámais a desaparecer de todo.

D'este ultimo pensar é o delicioso e competentissimo critico Edmond Scherer, um dos espiritos mais lucidos de nossa idade.

Não resistimos á tentação de fallar com elle sobre o assumpto.

Ha vinte e dois annos, em 1868, em um artigo escripto sobre a *Epopéa Terrestre* de André Lefèvre, já dizia sobre a essencia da poesia o sabio auctor estas palavras :

« O vulgo vê na poesia apenas uma fórmula, o metro, a cadencia e a rima. Ella é muito mais do que isto : é uma linguagem e linguagem que corresponde a um modo especial de sentir. Aqui, como aliás em tudo mais, o pensamento e a sua normal expressão constituem a mesma cousa.

Nada mais falso do que as nossas distincções entre a fôrma e o fundo. A poesia é em essencia uma particular especie de viver. Nós temos duas grandes faculdades — a imaginação e a reflexão : uma dirige-se ao que é individual e a outra ao que é geral ; a primeira considera os objectos como elles são, a segunda tira d'elles os ideacs ; uma vive no concreto, a outra no abstracto. Esta dá a sciencia, aquella produz a poesia. E esta ultima é a mais antiga em data. A criança vive da vida imaginativa, e a humanidade começou como a criança. O homem primitivo é ingenuo, espontaneo, escravo de suas sensações ; vê da natureza sómente o lado exterior e sensível.

E como elle vê, assim crêa ; como sente, assim exprime. Reproduz as impressões que abalam sua imaginação, impressões cuja força a analyse ainda não teve tempo de enfraquecer.

Excitado constantemente pela vista de um mundo mysterioso, experimenta a necessidade de o imitar, de lhe responder.

Designa-o por sons, e eis a linguagem ; personifica-o em seres omnipotentes, e eis a religião ; pinta-o com palavras que formam imagens, eis a poesia.

*O poeta é assim um resto da humanidade primitiva ; é um homem que vive ainda pela imaginação, é um temperamento á parte, temperamento de artista com a faculdade vibrante da emoção e da intuição.*

Sua linguagem é a linguagem das sensações sobre-carregada de imagens, procurando o substantivo concreto, o adjectivo que sabe pintar, a comparação que faz brilhar, a personificação que dá a vida.

Depois, como a sonoridade é tambem um meio de reproduzir a sensação, o poeta exprime-se em linguagem rythmica, com cadencia e assonancia.

Tal é a essência da poesia, a imaginação que se praz na belleza sensível e pittoresca dos objectos e que a communica por palavras que produzem imagens por sua vez.

A imagem, ou directa como na comparação, ou indirecta como na metaphora; a poesia não tem outro processo. »

Se a poesia é isto, se é na alma humana uma sobrevivencia da impressionabilidade do homem primitivo, que recursos terá ella para resistir á devastação que a sciencia vai fazendo em todos os seus dominios?

Para responder especialmente a esta questão é que Scherer escreveu a proposito de Lefèvre o citado artigo — *L'avenir de la poésie*, dirigindo-lhe estas palavras : « Não se trata da poesia didactica. M. Lefèvre está, supponho, de accôrdo commigo n'este ponto : ensino e poesia são dous termos que se excluem, duas palavras que se excommungam mutuamente. Concedo, além d'isto, que as descobertas cosmologicas, geologicas e outras da sciencia nada encerram que seja directamente contrario á poesia.

A natureza não tem necessidade das ficções mythologicas ou das superstições populares para ser poetica. Ao mundo de Newton, de Cuvier e de Lartet não falta a grandeza, nem fallecem os mysterios. Póde-se, todavia, dizer que a sciencia em nada deprime a poesia? Não ousaria chegar até ahí. A sciencia é o desenvolvimento da reflexão, como a poesia prende-se ao predomínio da imaginação; e o espirito de investigação, de analyse, de critica não póde crescer sem diminuir de outro tanto a inspiração. A poesia é o producto da vida simples, espontanea, da communhão com a natureza, da impressão immediata das cousas, e estas condições, proprias da humanidade em sua

infancia, desaparecem necessariamente todos os dias diante do progresso scientifico e industrial das sociedades.

A poesia, como eu já disse, é uma das faculdades do homem primitivo, tanto quanto o é a criação das linguas e das religiões, um poder, portanto, que tende a se perder á medida que a civilisação se estabelece e se apura.

Se houver sempre poetas, como eu o creio, porque haverá sempre aqui e alli individuos de imaginação creadora, estes poetas hão de ficar cada vez mais isolados. Outr'ora era a sociedade inteira que creava; ella dava origem aos cantos populares, aos poemas nacionaes e anonymos.

Mais tarde a multidão não cantou mais por si mesma, porém recebia os poetas como enviados do céu, vivia de suas invenções e repetia os seus cantares. Por fim a poesia não passou mais de simples litteratura : mas esta litteratura tinha um publico ; ella o tinha ainda ha poucos annos, e hoje não o possui mais.

Os mais bellos versos do mundo, na hora actual, não fariam grande successo. Haveria alguns homens de gosto, alguns homens de letras para os ler, porque elles proprios são productos de uma cultura artificial e retardataria ; porém a multidão ficaria indifferente.

Acontece já ou acontecerá em breve com a poesia o que se deu com a pintura religiosa ou com a tragedia classica : um Flandrín, uma Rachel servem sómente para melhor fazer sentir quanto o genero é convencional e o prazer que elle nos dá objecto de archaismo. »

Não estamos absolutamente de accôrdo com a conclusão do venerando critico. — A poesia é por certo

uma das mais antigas manifestações da alma humana. Até ahí nenhuma duvida. Mas por ser velha, por ser primitiva mesmo, nem por isso ella ha de morrer. Todas as grandes creações da humanidade são tão antigas ou mais do que a poesia.

Mais antiga do que ella é a linguagem e cada vez se aperfeiçoa mais; mais antiga é a industria no seu sentido mais lato, e cada vez se desenvolve mais; tão antiga é a religião, e cada vez se apura mais; tão antigos ou mais são os primeiros impulsos sociaes, e cada vez progridem mais. É precisamente por ser uma das creações espontaneas, primévas e fataes da humanidade, que ella pôde, sem morrer, supportar todas as phases da evolução de nossa especie, e acabará o ultimo poeta, quando acabar o ultimo homem, como dizia Hieronymus Lorm.

A poesia moderna, e especialmente a poesia contemporanea, perdeu muito em extensão; mas lucrou enormemente em intensidade. Esta fórmula, parecidos, responde a tudo. Pôde no seu trajecto atravez das idades ter a poesia visto apagar-se mais de um genero, como orgãos inuteis que se atrophiam. Podem ter morrido a tragedia classica e o poema épico; mas, assim como a pintura não falleceu por ter definhado o genero religioso, tambem a poesia não ha de succumbir por ter murchado o genero em que Eschylo e Sophocles fizeram prodigios.

Mas, dir-nos-hão, a divina arte não desapareceu d'entre os homens; ella ainda viceja para consolo dos corações afflictos e dos espiritos delicados; acreditamos n'isto; queremos agora saber qual o seu estado presente no Brazil e que papel n'ella assumio o moço auctor das *Ondas*.



## II

Não houve jámais seculo algum em que as escolas litterarias, e ainda mais as escolas poeticas, se succedessem tão rapidamente como o nosso.

O classicismo, para só fallar da poesia, o classicismo da época napoleonica cedeu logo o passo aos primeiros ensaios romanticos de Staël e Chateaubriand, que o cederam a Delavigne, que o cedeu a Lamartine, que o entregou a Hugo, que o entregou a Gautier, que o deferiu a Musset, que o deferiu a Baudelaire, que o deixou a Leconte de Lisle, que o deixou a Coppée e a Sully Prudhomme e a Cutulle Mendès e a outros. Isto se passou em França, cuja litteratura tem sido, continúa e continuará a ser ainda por muito tempo a nossa mestra.

No Brazil a evolução poetica n'este seculo foi tambem bastante rapida. O rio, posto que não muito caudaloso, foi ligeiro em sua corrente.

A phase classica, resto do seculo anterior, contou ainda os nomes de Borges de Barros e Bonifacio de Andrada, para não fallar n'uma caterva de mediocres que ahi andaram sómente para empestar a historia. O romantismo, em os quarenta ou cincoenta annos de sua existencia, dividiu-se em cinco ou seis escolas, até entrár em 1870, em plena decadencia, para logo depois morrer definitivamente. Irromperam então de todos os lados as theorias e doutrinas.

É a historia dos ultimos vinte annos, bella historia ainda por escrever, rico periodo em que a alma brazi-

leira ha sido agitada em todas as direcções, e tem-se mostrado robusta e valida para a conquista do porvir.

A guerra do Paraguay tinha sido concluida; as armas nacionaes estavam vencedoras. Os homens de todas as provincias tinham-se conhecido e fraternizado nos campos de batalha, e haviam presenciado o progresso das republicas do Prata. Os velhos partidos monarchicos estavam gastos; a *liga* havia cahido em 1868; os conservadores sentiam o terreno vacillá-lhes debaixo dos pés, apesar de se acharem no poder.

Os liberaes desorientados, cheios de despeito, bradavam então em altos gritos: — *Reforma ou Revolução*. Mais tarde vão ao governo e não fazem nem uma cousa nem outra.

O partido republicano desponta energico, em o mesmo anno em que findára a guerra, atirando á nação o seu primeiro manifesto collectivo. O imperia-lismo começa a vacillar; instrumento inconsciente nas mãos da historia, elle ajuda a reforma da liberdade do ventre escravo em 1871. Levado de quêda em quêda para elle, ou de victoria em victoria para o povo, vê surgir em 79 de novo a questão da emancipação completa dos captivos. O debate se acalora nos annos subsequentes, até á abolição total em 88. O imperador já está velho e gasto; a herdeira presumptiva impopularisada de todo; o exercito agita-se, porque é estupidamente desdenhado pelos governos de um e outro partido.

Os liberaes, de novo no poder em 89, mostram ter perdido toda a medida e toda a intuição dos factos. A nação divorcia-se cada vez mais da monarchia; a revolução apparece e com ella surge a republica. Esta é a face politica da historia dos derradeiros vinte annos.

A feição subjectiva, o mundo do pensamento é ainda mais interessante.

Não é só na região da bella litteratura, da beletristica, na phrase dos allemães, que se abre a lucta, como na phase romantica.

Na sciencia, na philosophia, nas questões sociaes é igual o fervor. Ha uma sêde immensa de saber, de indagar das correntes novas da intelligencia européa.

Os livros de Darwin, de Huxley, de Hæckel, de Comte, de Littré, de Taine, de Renan, de Scherer, de Harttmann, de Ihering, de Sumner Maine, de Mill, de Buckle, de Spencer, de Lombroso andam em todas as mãos. Positivismo, darwinismo, criticismo naturalistico, pessimismo, monismo, criminologia, todas as theorias, doutrinas e systemas acham um echo, uma nota nos cerebros brazileiros.

Na bella litteratura Zola, Flaubert, Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, apparecem ao lado de Swinburne, Eliot, Thackeray e Turguenief.

Os allemães contribuem principalmente com seus criticos, philosophos, historiadores e juristas.

Portugal é completamente deixado de lado.

Apenas alguns ignorantes, retardatarios ou preguiçosos, incapazes de ler as producções do grande mundo culto, perdem ainda o tempo e atrophiam o espirito, mastigando a prosa de Ramalho ou Eça e os versos de Junqueiro ou Quental. Em poesia todas as grandes escolas contemporaneas contam representantes no Brazil.

Surgiram mais ou menos ao mesmo tempo; tiveram predominios mais ou menos rapidos, sem nenhuma ter feito recuar as outras.

Impossivel é discutir todos os matizes da nova poetica entre nós; limitamo-nos a indicar os principaes e

seus mais distinctos representantes. N'esta litteratura de vivos, porque só um d'elles se partiu de nós, — o saudoso Theophilo Dias, litteratura de moços, porque todos elles estão no viço da idade, excepto Luiz Delfino, a *poesia scientifica* está individualizada em Martins Junior; o *parnasianismo* hoje em Raymundo Corrêa, como estava d'antes no lembrado Theophilo; o *pessimismo philosophico e politico* em Medeiros e Albuquerque; o *socialismo democratico* em Augusto de Lima; o *subjectivismo psychologico* em João Ribeiro; certo *dilettantismo* que chamaremos *universalista*, porque se praz em volutear em torno de todos os assumptos e de todos os systemas, em Luiz Delfino e seu immediato discipulo Alberto de Oliveira ao lado de Luiz Guimarães e Mucio Teixeira; a *sobrevivencia do lyrismo tradicionalista e nacional* em Mello Moraes Filho, glorioso réduce de uma intuição que passou. Todas estas escolas deram-se batalha no correr dos ultimos decennios. Hoje estão mais ou menos inanidas, porque attingiram depressa a plenitude de sua fórmula.

Deu-se, porém, ou antes, está-se dando um phenomeno altamente instructivo e de grande significação.

Nós tínhamos dito, no mais forte da luta, ha treze ou quatorze annos, que, de toda a pugna das escolas poeticas, em todos e quaesquer sentidos, a victoria havia de caber afinal ao simples lyrismo, fórmula da poesia que mais se coaduna com sua propria natureza intrinseca e fórmula mais em harmonia com o genio de nosso povo.

Temos indizível satisfação em ver cumprida essa previsão critica.

Um lyrismo novo, forte, amplo, cheio de desconhecidas vibrações, directamente oriundo das novas

intuições que tomaram conta da alma moderna, ahi surgiu valente, impondo-se á admiração geral.

Esta verdade está manifesta n'estes dois factos caracteristicos : o bello volume *Ondas*, publicado agora pelo Sr. Luiz Murat, livro onde esse lyrismo novo circula vivido e robusto em todas as paginas; o caso que dos autores, consignados nas linhas acima, as melhores producções são justamente aquellas que, fugindo das preoccupações de escola, approximam-se ou entram na categoria da nova effusão lyrica.

Definir esta recente manifestação da poesia é classificar implicitamente o Sr. Luiz Murat em seu posto na litteratura brazileira.

O moço poeta é incontestavelmente, ao lado de Olavo Bilac e Guimarães Passos, a mais nitida e a mais potente encarnação do lyrismo recente em nossa patria.

Quando elle appareceu o condoreirismo era já uma antigualha. A poesia scientifica, o parnasianismo, as fórmulas pessimisticas, satanistas, socialistas e outras iguaes já tinham apparecido e vicejavam ainda.

O poeta atravessou tambem essa phase e fez tal caminho.

Foi isto em S. Paulo.

Conhecemol-o mais tarde aqui cercado de uns tolos, de uns mediocres, capazes de esterilisarem-lhe o talento, se o convivio durasse por muito tempo.

Felizmente sua natureza san, sua indole rebelde fizeram-no romper com o grupo, e desmanchar o cenaculo, o impagavel synodo da *nova geração*...

Desde esse dia presentimos que o joven poeta estava salvo, tinha-se curado do sarampão contrahido de passagem n'aquelle meio.

A tal *nova geração* era um bando de morcegos de

fórma humana que nos queria impingir uma litteratura de canto escuro, cheirando a môfo, sequestrada da vida real e positiva da nação, e em lucta aberta com a sua historia... (1)

Luiz Murat cahiu em cheio no grupo e desbaratou a egrejinha.

A acção foi movida na propaganda oral e em artigos de critica.

Benemerito é elle das lettras por este feito.

### III

É tempo de definir o novo lyrismo, com tanto brilho representado no Brazil, principalmente por Luiz Murat e Olavo Bilac. Antes de tudo, releva tentalo pela face negativa, dizendo aquillo que elle não quer ser, para depois mostrar aquillo que elle realmente é.

Um dos disparates mais tolos e mais impertinentes, que certa ramificação do romantismo legou aos tempos hodiernos, é o da preocupação doutrinaria na arte e especialmente na poesia.

Originou-se este erro, ainda hoje defendido e consagrado pela critica atrazadissima do Brazil, de um duplo *malentendu* : de um lado, falsa intuição da natureza da arte, cuja origem é a emoção e cujo fim

(1) Agora, depois de quasi dez annos, parece querer ahi surgir uma *nova praga de gafanhotos*, repetindo, com muito menor habilidade, as toliçadas dos simplorios d'então !... Caia-lhes em cima o Sr. Murat; preste ainda uma vez este serviço ao bom senso.

é produzir o prazer esthetico, e a que absurdamente se quiz attribuir a funcção de crear e propagar idéas; de outro lado, a intenção de resistir á guerra absurda da sciencia, immiscuindo-se nos fins e desígnios d'esta, isto é, tentando espalhar tambem doutrinas e theorias. Tão grandes absurdos metteram raizes tão solidas no fundo granitico de nossa ignorancia, que vinte annos de luctas não têm sido sufficientes para arrancal-as de todo. Ainda hoje assistimos á comedia de um critica transviada, que, pegando de um livro de versos, de um poema, de um quadro, de uma estatua, de uma symphonia, assume attitudes doctoraes e pergunta, a ingenua!... qual a doutrina, qual a theoria, qual o systema, que nos veio ensinar — este poeta, este pintor, este esculptor, este componista?

Tão deploravel confusão deveria levar, e tem levado de facto, alguns de seus sectarios a exigir, na sciencia, e em geral nas obras de prosa, boas doses de poesia em compensação e pága das doses de sciencia emitidas nos trabalhos d'arte.

N'estê sentido e no caminho d'este erro, é que alguns insensatos fallam em uma *prosa poetica*, digna companheira, já alguem notou, de uma *poesia prosaica*...

Deixemo-nos de confusões : uma cousa é a arte, outra cousa é a sciencia, outra cousa é a moral, outra cousa é a religião.

A arte não deve sahir de seus dominios para se fazer a caudataria, a criada, a *ancilla* da sciencia, ou da moral, ou de qualquer outro dominio do pensamento que lhe seja extranho.

O artista, o poeta nada tem que ver com as theses da mecanica, ou da biologia, ou da sciencia social. Da

sciencia, em quaesquer de seus dominios elle poderá ter apenas as conclusões e intuições geraes, toda aquella parte que se evapora, por assim dizer, dos estudos particulares, e vai constituir o que se pôde chamar a atmospheria intellectual de um periodo historico. O poeta, como homem de seu tempo, ha de, por força, respirar no ambiente de sua época, ha de entrar na corrente espirital do periodo humano que atravessa, e d'ahi o interesse que todos os grandes artistas revelaram sempre pelos serios problemas que lhes foram coevos. Mas esse interesse é indirecto: mostra apenas a *emoção*, o *affecto* que na alma dos poetas ficou, determinado pelo spectaculo da lucta das *idéas*, spectaculo representado por outros, — sabios e philosophos, — *idéas* oriundas de outras cabeças, que não as cabeças dos sonhadores, artistas e poetas. E a prova experimental e historica d'isto, está em que, n'um periodo qualquer da evolução humana, a missão de descobrir e formular *idéas* e *doutrinas*, coube sempre a um grupo bem differente do outro, que teve por tarefa notar a vibração dos *sentimentos* provocados justamente por aquelles systemas e theorias.

Em nosso seculo — os primeiros tiveram nomes Hegel, Humboldt, Comte, Darwin, Spencer, Harttmann, Broca ou Claude Bérnard; os outros se chamaram Byron, Lamartine, Hugo, Lenau, Manzoni ou Leconte de Lisle.

E nem se julgue ser verdade nunca descoberta e revelada a independencia da arte de quaesquer preoccupações scientificas ou moralisantes.

Forte e amplamente foi a verdadeira doutrina proclamada por grandes criticos; e se os nossos epigonos não os ouviram, é porque não o quizeram.



Demos a palavra a um dos mestres do pensamento n'este final de seculo, o já citado Scherer. Eis o que elle disse, a proposito de Alexandre Dumas Filho, sobre a arte moralisante, utilitarista, metediça a pedagogica e outras ratices de espiritos desconcertados : « *A arte pela arte* », tal é o principio contra o qual ergue-se Alexandre Dumas. Modifiquemos-lhe a expressão, afim de tornal-o mais claro, e digamos : *a arte pelo bello*. Assim expresso o principio, em vez de mostrar-nos tres palavras vacias de sentido, torna-se evidente até á banalidade, até á tautologia. Comprehando os rigoristas, até quando proscvem todas as artes ; não os comprehando, porém, quando desejam assignalar-lhes outro fim, diverso do bello.

Existem artes uteis, mas são as da industria. A *arte pelo bello*, digo eu ; e que é o bello ? Não pretendo atirar-me ás definições metaphysicas ; contento-me com o que possa haver de mais superficial e evidente. O bello é aquillo que nos agrada, aquillo que em nós desperta o sentimento da admiração. Haverá quem diga que a arte não deva promover este intuito ? Ninguém ha ; toda gente está de accôrdo neste ponto : — a arte deve agradar, impressionar, enlevar.

Apenas não querem alguns que seja este o seu unico fim ; marcam-lhe ainda outro, — o de *instruir*, ou antes, como a arte não póde andar á pista de duas lebres ao mesmo tempo, o *bello* passa a ser o *meio* da *instrucção*, que passa a ser o verdadeiro *fim*. A utilidade antes de tudo, e o encanto, o prazer — para depois. Fazei o confeito tão delicioso quanto possível, mas não vos esqueçaes de pôr dentro o medicamento !... Tal a regra que o utilitarismo formúla aos artistas, especialmente aos escriptores e ainda mais nomeadamente aos autores dramaticos. Com os intuitos

philantropicos que Dumas quer introduzir na arte, esta morreria por certo, de sorte que a lição perderia exactamente o delecte que se lhe queria dar. A tisana que deveria disfarçar o medicamento, tornar-se-hia amarga e a droga pareceria ainda peor. E por que? Que ha na arte que exclua formalmente a intenção didactica? Não sei. É um facto; eis tudo. É um facto quo o artista não poderá deixar penetrar em sua obra outra preocupação, além da representação do bello, sem que sua invenção soffra, e sem que a execução o mostre logo. O publico não sabe bem ao vivo quaes as preocupações do artista; porém sente instinctivamente a presença d'esse elemento extranho. A obra assim concebida é falha de espontaneidade, de firmeza e de elevação. Revela um não sei que, que a rebaixa. E, note-se, não me refiro só á preocupação moral; mas a outras de qualquer natureza. A arte não póde ser, impunemente, mais da escola da immoralidade do que da moralidade. A intenção obscena, corruptora a desnatura tão profundamente, quanto a intenção pia. Seria para nos edificar que Raphael pintou as suas *Mudonas*? Ou para nos corromper que pintou suas *Graças*? A *Source* de Ingres é núa, é por isso impudica?

A *Femme couchée* de Lefebvre é impudica; é por isso bella? Não; é apenas admiravelmente pintada. Ha n'isto um phenomeno que se poderia explicar por uma analyse psychologica da arte, mas que basta apresentar como um facto, cuja prova se faz facilmente pela experiencia. E esta experiencia é de duas especies. Mostrem-me uma só obra de arte illustre, consagrada pela admiração dos homens, na qual se possam divisar intuitos didacticos, themas de philantropia, theses de moralidade, theoremas de sciencia,

e eu me convencerei. Ou, ainda melhor, tomem os grandes poetas de todos os tempos, Homero, Shakspeare e Goethe, e procurem em seus escriptos os vestigios desses moveis que Dumas lhes empresta. Este escriptor, na triste linguagem do mercantilismo que sinto encontrar em sua penna, desafia que lhe cite um só grande escriptor que não tenha tido por designio o *maior valor* do homem. Seria curioso saber de que modo elle provaria a presença d'este intuito em *Hamlet*, ou no *Sonho de uma noite de verão*, nas *Elegias* de Goethe ou nos *Lieder* de Heine.

A arte é a arte, a arte é o bello. Não é por si mesma, nem moral, nem immoral, porque pertence a uma differente ordem de idéas ou de factos. É uma planta que brota em um terreno diverso d'aquelle em que fructificam a virtude e o vicio e planta que morre logo que querem mudal-a para outro sitio.

Dir-se-hia, a dar credito aos nossos utilitaristas, que só existem duas categorias no mundo — o bem e o mal, o util e o prejudicial — e que todos os productos da natureza e da arte devem se enfileirar n'uma ou n'outra d'estas rubricas. E a flôr, a rosa? Nem é um legume, nem uma planta venenosa: negar-lhe-heis por isto o direito de encantar a vista e embalsamar o ar?

O meio mais acertado para um poeta representar o seu papel n'esse mundo é ser sempre o que elle é e só se preocupar com o bello, do qual é o divino interprete. Dá-se com a belleza o mesmo que acontece com a verdade: — dizei ao scientista para procurar no estudo da natureza resultados uteis á industria ou na historia theses favoraveis á politica; dizei ao artista para dar ao publico lições sobre a fidelidade conjugal, sobre os casamentos por dinheiro, sobre a sorte dos

filhos naturaes, e podereis ficar certos que a um e a outro fareis errar o alvo, e isto por uma excellente razão, e é que tereis falsificado n'um e n'outro a inspiração tanto da arte como da sciencia. »

É esta a verdadeira intuição da natureza intrinseca da arte e da sciencia, tão radicalmente distinctas como forças sociaes, como producções humanas; tão inteiramente diversas de fundamento e de methodo.

Fizemos citação d'essa pagina de um dos homens mais cultos de nosso tempo, pela necessidade de tapar a bocca aos myrmidões do Brazil, pobres mediocres de intelligencia e de cultura, que só acreditam nos factos e nas idéas quando se lhes atiram em cima palavras de escriptores estrangeiros. Curvam-se ao prestigio extranho, como selvagens que temem seres longinquos e maravilhosos. É o caso.

Fiquem, pois, sabendo que a nova lyrica nacional não pretende ser doutrinaria, nem moralisante.

Este mistér ella deixa-o inteiro aos pacotilheiros de semsaborias, ao sacerdocio da tolice.

A estes as ladainhas de sovadas idéas na parvoeira da *prosa poetica* ou nas intrugices da *poesia prosaica*.

E não é tudo. Outra macula de que o novo lyrismo se deve defender contra os criticadores da terra — é a da imputação incabida, que lhe fazem, de sentimentalismos morbidos, de doentias tristezas...

O despropósito de confundir a fórmula typica e fundamental da poesia — o lyrismo — com a *sensiblerie* romantica — é uma d'estas miserandas pobrezaas do pensamento que só no Brazil acham ainda quem as exponha ao publico em sua andrajosa nudez. Que haverá de mais lyrico em poesia do que algumas paginas de Pindaro e Horacio, e que tambem de menos triste e melancolico?

Que mais lyrico do que *Der Fischer* e *Der Scenger* de Goethe, e tambem de menos morbido e choroso? E que diremos da peça mais bella do lyrismo francez, em nossa opinião, — *Sara la baigneuse* — de Victor Hugo? Que ha ahi de mais mimoso e menos merencorio? Que fallaremos tambem da mais delicada pagina do lyrismo em nossa lingua — o *Beija-flôr* de Tobias Barreto? Que ahi existe de mais fulgente e menos lacrimoso?

E se o lyrismo classico e o lyrismo romantico em suas melhores producções poderam evitar a eiva do melancolismo e das affectações gemebundas, ainda mais é isto possivel em a nova intuição poetica, que sabe e deve aproveitar da experiencia dos seculos.

E aqui tocamos n'um dos caracteristicos mais eminentes da nova poesia : não é *melancolica*, não é *triste*, não geme, não se lastima ; maç é ás vezes *pessimista*, protesta e se insurge, o que, evidentemente, é cousa bem diversa.

Não é licito confundir o melancolismo com o pessimismo.

A melancolia é o resultado de uma cultura demasiado complicada, é certo ; mas um desequilibrio passageiro e de quem tem ainda esperanças e sonha com a mudança mais ou menos proxima na ordem dos factos.

É uma molestia, por assim dizer, do systema nervoso geral, e que não atacou ainda o encephalo. O pessimismo é o estado de animo produzido por uma civilisação cansada, já sem esperanças ; e, por isso, calmo, resignado, d'essa resignação provinda do supremo desabuso e do completo desencanto das cousas.

O melancolico lamenta-se e seus lamentos têm

alguma cousa da prece; o pessimista ataca, revolta-se e os seus brados têm alguma cousa da maldição. N'um o pranto e n'outro a colera, sem rebuço ou velada na ironia.

Na primeira metade d'este seculo os poetas choravam; na segunda elles vituperam e atacam.

Á differença é bem grande e póde ser notada sem esforço.

Mas não é só pela ausencia do doutrinariismo e das tristezas romanticas que a poesia nova se distingue.

Devemos ainda consideral-a pelo fundo, isto é, por sua natureza intima e pela fórma especial que a reveste.

Sob o primeiro aspecto estudadas, a poesia e a arte hodiernas são um reflexo da philosophia e das crenças de nosso tempo.

Quem lê uma ode, uma canção contemporanea, — se tem o paladar delicado, percebe logo que aquelles versos foram escriptos n'uma época em que as velhas doutrinas modificaram-se, e o imperio de Darwin, Spencer e d'outros proceres começou.

É uma completa revolução que se manifesta pelo desordenado dos affectos. A intensidade das notas revela um complicado e diffuso estado das almas, qual a humanidade nunca presenciou. É o fim de um mundo, não um mundo politico, como foi a conclusão da era romana ou o acabar da média idade; mas um mundo do pensamento, que se modificou radicalmente.

A revolução nas idéas, em marcha ascendente nos ultimos tempos, acabou por alterar a emocionalidade, que tomou outros e diversos tons.

E como os sentimentos, productos complexos da sensibilidade e da intelligencia, qual o demonstrou irrefutavelmente o grande Wundt, é que contituem

o caracter do homem, eis por que os poetas são, em maior escala, a refração de uma época do que os sabios. O seculo de Shakspeare irradia mais vivace das tragedias do divino poeta do que dos tratados de philosophia e politica do chancellor Bacon.

Pois bem; o novo lyrismo que não é doutrinario, que não é moralisante, que não é choramingas, que muitas vezes é pessimista, que tem a intensidade do pensamento hodierno, representa tambem uma revolução na fórma. E esta revolução estendeu-se tambem á prosa. A maneira contemporanea de escrever no romance, na historia, na critica e no verso é bem diversa do feitio romantico e muito mais ainda do modo classico.

Muito mais movimento, um vocabulario muito mais rico e variado, a intenção de representar o pensamento, de dar-lhe uma fórma plastica por palavras que pintem, por expressões que gravem. Colorido, sonoridade, numero, movimento, eis os predicados do estylo moderno. Só as obras de pura sciencia observam ainda uma maneira mais simples e menos preocupada em fazer exhibição de seus proprios dotes. Dentro d'este circulo, do meio d'estas idéas é que vamos, em ultimo artigo, ver apparecer a sympathica figura do joven autor das *Ondas*.

#### IV

Nós brazileiros ainda não attingimos aquelle gráu de cultura e disciplina moral, indispensaveis ao exercicio da livre analyse e em geral á pratica de quaesquer escriptos justos e desinteressados.

Ao critico, especialmente, se deparam obstaculos quasi insuperaveis. Não faço agora allusão á gritaria tumultuaria e grosseira das descomposturas e insultos que nos assaltam; porque esses são a moeda corrente, que, de velha praxe, paga no Brazil a quem tem talento, a quem tem estudos, a quem tem producções notaveis, a quem tem merecimento... Não me refiro a isto. Por ser de somenos e vulgar observação, este phenomeno, denunciador de nossa miseria, não mereceria que o consignasse aqui.

Quero determinadamente fallar dos *avisos*, das *queixas pessoas*, dos *considerandos* semi-amistosos, das *censuras* á queima roupa, que investem contra o critico, o escriptor nacional, quotidianamente, a proposito de qualquer producção de sua lavra.

Os ligeiros artigos que tenho estado a escrever e a publicar sobre o poeta das *Ondas* hão sido para mim uma fonte inexgottavel de interjeições e invectivas do genero. Nos bonds, nas ruas, nas livrarias, nos cafés, tenho sido assediado pelos conselheiros sem occupação, pelos despeitados em disponibilidade, pelos invejosos á socapa, que não tendo a energia de sahir a campo contra o poeta, julgam, entretanto, de bom estylo e de excellente gosto atormentar o articulista com observações chilras e baratas (1).

Consigno n'este logar algumas d'ellas, que entram perfeitamente no assumpto, porque são optimas amostras da psychologia de nossas classes *soi-disant* cultas e marcam o thermometro da época, por serem verdadeiros signaes dos tempos...

« Ora, (diz-me d'aqui um politico, matreiro em

(1) Não esquecer que este estudo appareceu aos fragmentos e a longos intervallos na *Gazeta de Noticias* e na *Refrega*.



tricas eleitoraes) sempre gostei de seus escriptos e sempre abracei suas opiniões; menos agora: chamar o Murat de notavel poeta!... Não concordo!»

Note-se, este demonio é quasi de todo extranho aos livros, ao estudo e a qualquer cousa que se prenda á sciencia ou ás letras...

« Nunca pensei! (troveja-me d'alli um litterato colerico) O Sr. a escrever sobre um homem com quem já briguei por sua causa! E essa é que é a sua gratidão!... Não esperava!... Nunca pensei!... »

Apuradas as cousas, sabe-se que a desavença entre os dois não teve por origem a minha pessoa; mas uma disputa sobre quem seria o primeiro poeta do Brazil, cousa em que nada tinha eu que vêr, nem a minha gratidão tão pouco.

« O Sr. a elogiar un homem que já o atacou pela imprensa! Como cahiu n'essa? » Bradam-me de outro lado alguns zelotas que acham mais saborosos os elogios quando se dirigem a elles. Como se pudesse haver, se devesse haver na critica duas bitolas, duas toezas, uma para os que nunca nos atacaram e outra para os que já escreveram contra nós!... É certo que Luiz Murat, quando ainda muito moço e muito noviço nas letras, fez parte de certo grupo de novos que sob a direcção do Sr. Valentim Magalhães aggredu-me violentamente em principios de 1884.

Dei resposta ao autor das *Notas á margem*, e nem uma só palavra articulei sobre os seus companheiros.

Mais tarde, Murat rompeu com o cenaculo, atacou a diversos sectarios da então chamada *nova geração*, e, approximado de mim, faz-me hoje justiça, como já tambem começa a fazer-m'a o proprio Valentim Magalhães, qual o testemunhou recentemente no artigo

velhos e novos, sob o seu pseudonymo — Valério Mendes.

Insinuam-me outros, finalmente :

« Não é tal apreciado o Murat como poeta ; não se deixe levar pelos elogios que por ahí lhe fazem ; aquillo é medo ; elle se impoz pelo pulso ; em S. Paulo deu muita pancada nos collegas, e começou a reinar pelo terror ! Pôde ficar certo... » Ora, já se viu patusqueira maior ? Que tenho eu que vêr com o pulso do Sr. Murat, com os sôccos que elle deu, ou possa ainda dar ? A cousa não se entende commigo, que não fui seu collega, nem com elle entro em concurrencia em o novo lyrismo.

N'essas murmurações vejo andarem ciuizadas do officio... Deixemol-as de lado e voltemos ao assumpto principal.

Para julgar, digo mal, para estudar o Sr. Luiz Murat como poeta, possuo um documento — o seu livro, tenho um instrumento — o meu criterio. É quanto basta. E, se para fazer algumas considerações geraes sobre a nova phase lyrica de nossa poesia, peguei das *Ondas*, foi isso mera circumstancia de occasião ; foi o melhor livro que se me deparou publicado este anno. Não é porque o joven autor seja o unico poeta novo no Brazil. Sei bem que não está só ; emulos não lhe faltam. Mas é incontestavel que elle se acha no primeiro plano. Destaquemol-o d'entre os seus pares, marquemos-lhe as notas principaes, esboçemos a sua caracteristica.

O que me despertou a attenção sobre o moço poeta, e levou-me a lêl-o e a estudal-o, foi alguma cousa de critica por elle publicada ha cinco ou seis annos a esta parte. Estavamos, então, no mais ardente da lucta

entre as duas escolas do *scientificismo* ou do mero *formalismo parnasiano* na poesia.

Estes se decidiam por um partido, aquelles por outro.

Murat publicou alguma cousa, batendo á direita e á esquerda e com vigor.

Aquella maneira de comprehender a arte em geral e particularmente a poesia, de accôrdo com meu proprio modo de pensar, tantas vezes expresso desde os velhos tempos do Recife, approximou-me espiritualmente do poeta.

No velho debate levantado pelos theoristas sobre a attitude da arte diante da religião, da moral, da sciencia, do bello, o poeta seguiu o bom caminho e foi tomar segura posição.

É esta, portanto, a primeira nota que lhe descubro : a poesia das *Ondas* não anda cheia de parlendas doutrinantes, nem de sciencia, nem de moral, nem de politica, nem de religião em qualquer de seus credos.

Cousa rara n'um tempo em que todo autor de versos assume ares doctoraes e prelecciona em alexandrinos contra deuses, papas e imperadores na rabugice avelhentada de cerebros cansados. O poeta é um moderno, é um homem de seu tempo no fundo de seu pensar e no modo de manejar a sua arte; mas não é um declamador de systemas e theorias, não empunha a ferula e não quer pedagogisar o mundo.

Por outro lado, não faz a fôrma pela fôrma, o verso pelo verso; não se embala com a simples musica da metrica, com as sonoridades das palavras, o doce cascadear de adjectivos melodiosos, na vacuidade de um pensamento que não existe. Escreve para dizer alguma cousa. É a historia de suas impressões, de seus affectos, de seus sentimentos. Como muitos

outros e mais razoavelmente do que alguns, elle disse certo quando escreveu de seu livro : « *é a historia de uma alma.* »

O poeta é um homem robusto, sadio, entusiasta e alegre por indole; não d'essa alegria travessa, leviana e bregeira, que ri pelo gosto de rir, porque encara o mundo pelo lado comico e ridiculo; mas d'essa alegria severa, que é a partilha dos fortes, que brota da luta das idéas e do spectaculo das cousas, alegria de quem aceita a vida como um legado dos deuses, isto é, da natureza e da humanidade, inexgotaveis ambas em sua força e em sua bondade.

Por effeito de leituras variadas dos poetas e romancistas de nosso tempo tem certa eiva de pessimismo, que não é insanavel. Duas correntes poderosas libertaram-no da vulgaridade e o puzeram a bom recato da indigencia espiritual da mór parte de nossos lyricos. Quero fallar das lições de Shakespeare, como guia da imaginação e do sentimento, e de Spencer, como mestre do raciocinio e da razão.

A primeira consequencia da intuição da arte, abraçada pelo poeta e d'essa disciplina intellectual, que acabo de assignalar, é que elle foi deixando de se parecer com os seus companheiros; fez tabula rasa do que d'antes, em S. Paulo, tinha aprendido e produzido e principiou a tomar feições proprias e suas. É a segunda nota que lhe marco. A inexperiencia de alguns poetas novos do Brazil, pelos annos de 1874 em diante, levava-os á imitação da poesia martelante, emphatica, bombastica do portuguez Junqueiro com indizivel escandalo das patrias musas. Moços de muito mais talento do que o vistoso declamador da *Velhice do Padre Eterno* andaram ahi a restolhar n'aquelle deserto... Murat, se lá passou, foi rapido.

Bem cedo chegou á veiga florida do nosso lyrismo, hoje revigorado pelas profundezas do pensamento moderno, que da velha Europa irradia sobre o Brazil.

Quando fallo em Europa escusado é lembrar a que paizes me refiro...

Nosso poeta é, pois, um lyrico e representante do renascimento modernissimo d'essa fôrma artistica entre nós. Deixando de parte a velha choraminga, o desprazer do mundo, a *Weltschmerz* do romantismo, avigorou o pensamento nos bons guias do naturalismo hodierno e sahiu á busca d'essa poesia imaginosa e verdadeira ao mesmo tempo; porque parte da realidade em busca do desconhecido, poesia que tem os pés em terra e as alvas plumas de suas azas no infinito.

Embragado por tão boa companheira, ninguem mais do que este poeta tem o prazer, o entusiasmo da arte. Tomou ao sério sua missão; e sincera é a idolatria com que falla de *seu verso*, como se tratara de uma das qualidades fundamentaes de seu ser, uma das forças intimas de seu character.

Vejam :

« Todos os grandes ideaes da terra,  
E toda a aspiração para o futuro ;  
O que encerra a razão, o que a alma encerra,  
Tudo *no verso* reencarnar procuro. »

E não é só quando cogita de si proprio; é tambem quando se dirige aos outros n'este bella apostrophe :

« Poetas de hontem e de hoje, os que o burel sobraçam,  
Os que harpas tangem, os que as tubas sopram, quando  
Monstros feitos de fumo e de chammas esvoaçam,  
Sobre o mar, sobre o céu, grunhindo e regougando;  
Poetas, que um velho sol vem redoír a lyra,  
Lyras do meu paiz que um novo sol redoira,

Os que dizem *no verso* o que a rôla suspira;  
 Cuja musa de olhar azul e trança loira,  
 Como um beija-flôr vae, de flôr em flôr, de colo  
 Em colo as azas d'oiro aos beijos entregando,  
 Sem como outras deseer até tocar o solo,  
 Sem como outras subir a esphera ultrapassando;  
 Poetas, em cuja bocca o clarim bellicoso,  
 Assanha os homens, como o vento assanha as ondas,  
 Oceano de amor sempre escuro e tenebroso,  
 Povoado de tritões e de deusas hediondas;  
 Poetas, só vós sentis o que outro poeta sente;  
 Porque o fulgor do vosso olhar brilha em meus olhos.  
 Vossa alma é como um véo de tulle transparente,  
 Sem remorsos, sem fel, sem remendos, sem folhos. »

E assim ainda diante de sua amante :

« Si me deixares só, que ha-de ser de minh'alma,  
 Que ha-de ser de *meu verso* ? »

São multiplicados os exemplos em todo o livro.

Este symptoma, evidenciador da sinceridade do poeta á sua propria vocação, é agradavelmente secundado por outro, denunciador de seu enthusiasmo por tudo quanto é nobre, grande e elevado.

O fervor pelas novas idéas, pelo progresso, pela derrota dos prejuizos, pela victoria da emancipação humana, palpita em todas as suas paginas. É escusado citar exemplos. Falta-nos o espaço.

Outra nota que se faz ouvir, rútila e vibrante, é a de um brazileirismo são, grandioso e puro, uma das fórmulas da consciencia d'esta nação que começa a tomar conta de si mesma. Não é o velho patriotismo de mascaragem, que andava a ornar-se carnavalescamente de *caboclices* e outras indigencias mortas. É alguma cousa de justo, harmonioso e viril, em que a patria se revê extasiada e nobre. Ouçam :

- « Que esplendido paiz ! como o Brazil scintilla  
— Prasio enorme engastado ao aro de um eéo puro !  
A floresta sussurra, a passarada trilla,  
E eu vejo appareeer, dentro do elaro eseuo  
Das arvores, onde uiva o vento e o sol fusila,
- « O teu busto immortal, a tua luminosa  
Fronte, onde as aguias vão abotoar as azas,  
Oh ! liberdade humana, oh ! Pallas gloríosa,  
Que acorrentaste o fogo intenso em que te abrasas  
Às palhetas de Homero e de Salvador Rosa.
- « Rompe do meu clarim, solta o vôo em meu plectro,  
Levanta a tua adarga, accelera o teu passo ;  
Ainda ha na bocea um grito e na eova um espectro.  
Olha para este povo, olha para este espaço : —  
São colossos demais p'ra o diametro de um sceptro. »

Ha duas cousas que se levantam das paginas das *Ondas* e irremissivelmente se impoem á admiração do leitor : a imaginação do poeta e o estylo, a fórma em que enroupa as suas creações.

Definir uma e outra é dar o traço final á caracteristica de Luiz Murat.

Uma das maiores tolices que são ahi diariamente repetidas é a da pujança, do audacioso vôo da imaginação no povo brasileiro. É um erro, oriundo de nossa incuravel pacholice.

A imaginação do nosso povo é, ao contrario, pedestre, rasteira, e, quando vôa, varia entre o surto da *ema* e o do *gavião*. Não temos a aguia nem o condor. Quer a litteratura popular, quer a litteratura culta estão cheias de provas d'este asserto. Nossa novellistica popular e nossos cantos anonymos são parcos de enredo, de engenhosas phantasias, do maravilhoso das imagens, tão communs nos seus congeneres slavos, celtas, gregos e germanicos. É a contribuição a elles

trazida pelos concurrentes negros e indigenas é ainda mais pobre do que a parte que nos veio dos portuguezes.

A litteratura culta, a litteratura dos homens do officio é ainda inferior ás producções populares sob o aspecto da imaginativa. Nossos romances, nossos dramas, nossas comedias, nossos poemas, não são notaveis nem pela imaginação que se revela na urdidura dos enredos, nem na que se manifesta na pintura dos factos, nem na que se exhibe nas descripções da natureza e da sociedade, nem na que se ostenta na criação de caracteres, de typos vivos, reaes, positivos, d'esses que vão povoar a baletística dos povos cultos. Essa humanidade completa, essa segunda raça de entes humanos brotados da arte, filhos do espirito, que só viveram a vida eterna do pensamento e do affecto, seres de todos os aspectos sahidos das mãos de Shakespeare, de Balzac, de Turguenief, de Dickens, de Zola, essa categoria de creações nós nunca tivemos, nem possuímos ainda.

Nossa imaginação, de indole simplesmente decorativa, é a imaginação dos lyricos, d'essa poesia monodica e doce das almas novas e dos povos jovens.

A grande renovação da fôrma em nossos dias, iniciada em França entre os prosadores, passou á poesia e chegou até ao Brazil. Não é a simples reforma do metro que se tornou mais variado, mais canoro e mais flexivel ás exigencias de um pensamento mais complicado e mais vasto; é antes e acima de tudo a reforma do estylo poetico, tornado mais amplo, mais cheio, mais abundante, empregando um vocabulario mais rico, mais trabalhado e mais ductil.

Entre nós ninguem melhor do que Luiz Murat possui essa imaginação da fôrma, da palavra, da



imagem vivace e colorida. Suas poesias escoam por vezes longamente, distendem-se e alargam sobre o papel, por causa da riqueza nativa do lexicon e da imaginativa pinturesca do auctor.

Raymundo Corrêa, notabilissimo poeta novo, será mais correcto ás vezes, mas essa correcção resente-se de certo rebuscamento e é denunciadora de uma alma naturalmente menos dotada de phantasia e força creadora.

Olavo Bilac, outro distinctissimo poeta moço, tem mais musica em seus versos, mais meiguice no seu imaginar, mais feminilidade em seus sonhos. O poeta das *Ondas* tem mais asperezas no vôo; porém possui azas mais largas e mais possantes.

Por fim, não venho fazer parallelos entre homens que têm a mesma altura, entre talentos que, em rigor, têm igual contextura. O que um possui de menos é resarcido por qualidades que possui de mais, e em geral se equilibram e se compensam.

A imaginativa em Murat assume dois aspectos. Além d'essa exuberancia verbal, e que appellidei pinturesca, genero de engenho, que vae influir na fórma, no estylo do poeta, elle tem tambem a capacidade da creação de um certo numero de scenas, meio naturaes e meio phantasticas que communicam um sainete especial á sua arte.

São d'este grupo *Atravez do Passado*, *Concertante Nocturno*, *Canção das Perolas*, *A Concha*, *Rouxinões do Coração*, *A Vingança de Sileno* e outras que, na especie, são das melhores da lingua portugueza.

Tenho pressa de findar; não o farei sem, como amostra do estylo e da imaginação do auctor, rever com os leitores algumas estrophes do lindissimo — *Passeio ao Bambual*. É isto:

« E uma alameda extensa, onde a sombra gorgeia  
 Pelo bico dos seus sabiás e gaturamos,  
 Saltam constellações dos escorchos da areia  
 E escassilhos de sol das follas e dos ramos.

Um regato colleia a um canto e ri de tudo :  
 De uma penna que cahe, de um colibri que passa,  
 E no humido tapiz de seda e de velludo  
 Dythirambos de fogo o astro do dia traça.

Da araponga estridente o grito agudo e acceiro  
 Rompe do bambual a cupula doirada,  
 E cu cuido ver passar um principe guerreiro  
 Num ginete de Uckrania a toda a disparada.

A magnolia parece uma escatula aberta  
 Onde toda a paixão dos poetas canta e estua ;  
 A sua alma de flôr nunca esteve deserta,  
 Nem como a da mulher inteiramente nua.

Ao clarear o dia, á beira dos caminhos,  
 Pelo glauco rumor das folhagens do estio,  
 Quando o sol tem ainda a frescura dos linhos,  
 A innocencia de um anjo, o marulho de um rio,

Levo-a pela cintura ao logar mais remoto  
 De nossa habitação para beijal-a a gosto,  
 E o beijo que lhe dou, mais puro do que o Loto,  
 Fica por muito tempo a cantar-lhe no rosto.

No arrequife de uma haste a imagem lhe penduro ;  
 Solto-lhe a trança á espadua, aperto-a contra o seio,  
 E mostro-lhe no céu o arco-iris do futuro,  
 Onde o seu casto nome em sete côres leio.

A bocca do heliotropo expreme-lhe no ouvido  
 Um halito que lembra a agonia de um canto,  
 E parece espalhar, dê gemido em gemido,  
 Toda a nossa tristeza e todo o nosso pranto.

Com que amor, com que febre, allucinada e louca,  
Eu lhe não traço em sonho a imagem vaporosa,  
E o mysterioso olhar, e a pequenina bocca,  
Entre raios de sol e petalas de rosa...

Passam-lhe pela voz patativas cantando,  
Como por uma longa e sombria alameda,  
E o vinho que ella tem na pelle circulando,  
Não faz mal esse vinho, apenas embebeda. »

E assim prosegue essa poesia, bella entre muitas outras, tão bellas como ella.

Vamos findar aqui. Caminhe avante o poeta. Não se deixe o joven deputado absorver pela politica; não esqueça as musas, as lettras; não deixe de cultivar seu poderoso espirito.

Que bella que promette ser a litteratura da nascente republica, se, calados antigos e esterilísantes odios, os obreiros que ahi se levantam tiverem a consciencia clara de sua missão!

E seja por hoje este brado de enthusiasmo a ultima palavra de quem já vae talvez sentindo a necessidade de arredar-se do caminho e ceder o campo a quem tiver força para conquistal-o. Mas declara que só o cederá a quem de facto tiver essa força.



### III

#### UMA SUPPOSTA LEI SOCIOLOGICA

---

Venho, nestas linhas, reforçar a argumentação contra a supposta lei sociologica da repetição da historia.

Estudos posteriores me vieram convencer ainda mais que a *lei* famosa, nem é *nova*, nem é *verdadeira*.

Quanto á novidade, tenho a indicar ao seu auctor nada menos de *tres sociologos*, que a trazem nitidamente. Abra commigo o moço escriptor o livro de Guilherme de Greeff, lente da Universidade Livre de Bruxellas, intitulado — *Sociologie générale elementaire*, á pag. 88 e leia : « Na formação de sociedades novas, a *ontogenese* reproduz a *phylogenese*; esta *recapitulação* é naturalmente ABREVIADA. Ella é igualmente modificada pelos phenomenos de *heterochronia*, segundo os quaes certas instituições superiores são constituidas antes da formação mesma dos elementos e das funcções que ellas são destinadas a coordenar. »

Eis ahi a lei da *ontogenese social* ou da *recapitula-*

ção abreviada dos factos sociaes, ao lado da lei parallela da *heterochronia* dos ditos factos. Nada mais claro, mais terminante.

Em seu livro *Le transformisme social*, Guilherme de Greeff volta a insistir sobre o assumpto, em cerca de trinta ou quarenta passagens diversas.

Abramol-o á pagina 419 e leia o meu intelligente patricio commigo : « Sob o ponto de vista *sociologico*, deve-se tambem ter em consideração a *lei biologica* de que *a ontogenese reproduz a phylogenese*; esta lei é a confirmação da evolução ou do transformismo, *tanto biologico quanto social*. » Passa o autor, no intuito de explicar a nomeada lei, a referir-se ás leis anterior da *hereditariedade* e da *variabilidade*, e chega a estes dizeres : « Todas estas considerações, *todas estas leis geraes e especiaes*, com reserva de certas circumstancias mais complexas e mais peculiares, são applicaveis á *sociologia*. Deve-se-lhes juntar a *lei de heterochronia*, assignalada já por Spencer..., etc. »

Passagens destas avultam no correr de todo o livro, tendo o auctor peculiar cuidado em distinguir sempre o que elle constantemente chama — *la récapitulation abrégée*, expressão até certo ponto pleonastica, da — *loi d'hétérochronie*, que lhe é parallela, porém diferente.

« Mas, dirá Fausto Cardoso, o primeiro livro citado de Guilherme de Greeff é de 1894 e o segundo é de 1895, e meus trabalhos são anteriores. »

A resposta a essa investida não será difficil, porquanto de Greeff tem o cuidado de lembrar que — *la loi de récapitulation abrégée* — elle a tomou de emprestimo a Schäffle, cuja obra fundamental de sociologia é de 1868, e a Bordier, cujo livro é de 1887, am-

bos, portanto, muito anteriores a quaesquer escriptos do auctor brasileiro.

Pelo que diz respeito a Schäßfle, foi talvez o primeiro que applicou rigorosamente as doutrinas darwinianas á sociologia e não podia esquecer um dos pontos capitaes do systema : *a repetição abreviada*.

Effectivamente, de Greeff, nas paginas que lhe consagra, affirma que tambem elle ensina que : « *Les colonies reproduisent avec une marche plus ACCÉLÉRÉE, avec plus d'intensité, sur une étendue plus considérable, les stades parcourus par les civilisations de haute culture ; C'EST LA REPRODUCTION DE LA PHYLOGÉNÈSE PAR L'ONTOGÉNÈSE.* »

Não se póde comprehender que um transformista, applicando o systema á sciencia social, caisse no inexplicavel equivoco de abandonar nesse terreno, um dos pontos mais serios de suas proprias idéas, disse eu, e de facto tal esquecimento não se deu.

Desde 1868 Schäßfle conhecia a chamada *lei fundamental da sociogenia* : a reproducção abreviada dos factos historicos nas sociedades originadas de outras.

Bordier, que é igualmente um transformista ás direitas, não desconheceu a famosa lei.

Referindo-se a elle, escreveu de Greeff. « *D'après lui aussi, dans les sociétés l'ontogénèse reproduit la phylogénèse.* »

Effectivamente, tenho presente a obra do illustre medico francez — *La vie des sociétés*, e della se torna extraordinariamente claro que tambem elle nos falla da ontogenese, não só na *biologia e psychologia*, como ainda na *sociologia*.

Depois de expôr a doutrina naquelles dois dominios primeiros, escreve elle :

« As sociedades evoluem da *mesma maneira*, e a *ontogenia* ou o desenvolvimento individual de cada uma dellas não é outra coisa senão a redução da *phylogenia* das sociedades, isto é, das *phases successivas pelas quaes passaram todas as sociedades* na *série dos tempos*. » (Pag. 321).

Será preciso insistir? Se a formula de Bordier como a de Schäffle, não é a decantada lei de Fausto Cardoso, então já vejo que as idéas perderam o significado e as palavras o sentido.

A decantada e prestigiada lei já não tem nada de criança; conta tantos annos quasi como seu novo auctor, a quem, aliás, faço a justiça de acreditar que não bebeu em nenhum dos autores por mim citados neste artigo e nos *Ensaio da Philosophia do Direito*.

Convido, por outro lado, o Sr. Fausto Cardoso a pensar de novo sobre a *veracidade* da lei que suppoz haver pela primeira vez formulado.

Em meus *Ensaio de philosophia de direito* prolonguei bastante a discussão neste ponto, que julgo sufficientemente provado.

Entretanto, a leitura de Guilherme de Greeff veio trazer-me um accrescimo de duvidas.

O illustre sociologo belga acredita em *la loi de récapitulation abrégée* na sciencia que cultiva ha largos annos com innegavel esmero.

E todavia suas allegações, um pouco mais profundas do que as do escriptor sergipano, não me convenceram ainda.

Em varias passagens de suas obras elle insiste no assumpto, e, a despeito do esforço empregado para provar a decantada lei, acho-o vacillante umas vezes, e contraproducente outras.

Antes de tudo convem notar que o philosopho de



Bruxellas não dá á famosa lei a amplitude que lhe conferem Bordier e Fausto Cardoso.

Com Schäßfle applica-a sómente ás formações colonias.

Mas mesmo assim, encurtada em tão estreitos limites, não se me antolha aquella inducção senão como uma generalisação precipitada.

No estudo da evolução das colonias, a meu ver, têm-se dado até hoje, e se hão-de dar para todo sempre, apenas os tres casos seguintes, plenamente demonstrados pela historia :

1º A colonia repete, reproduz phenomenos que já se tinham dado na mãe-patria e os repete e reproduz como elles são exactamente na metropole no momento do inicio da colonisação. É assim que a Inglaterra, *protestante*, funda colonias, tambem *protestantes*, nos Estados Unidos, na Australia, no Cabo da Boa Esperança, etc.; que a Hespanha e Portugal, *catholicos*, fundam colonias, tambem *catholicas*, no Mexico, Chile, Perú, Brazil, etc.

Nenhuma destas novas formações teve de voltar, na esphera religiosa, aos periodos anteriores da evolução.

A Phenicia funda Carthago, Corintho funda Syracusa, *republicas*, como as patrias originarias, sem que houvessem ellas de voltar ao periodo anterior da realza.

O que se diz dos factos religiosos e politicos, dá-se tambem com os phenomenos economicos, artisticos, sociaes, etc. Esta lei póde ser assim formulada : « *Toda colonia reproduz a estructura politica, economica, religiosa, etc., da mãe-patria ao tempo em que se operou a colonisação.* »

É uma inducção geralmente observada e para a qual proponho o nome de *lei de homochronia*.

2º Póde-se dar, porém, que os phenomenos reproduzidos, phenomenos existentes na mãe-patria, sejam no em ordem precipitada, sem guardar a successão normal, que se havia dado na metropole.

É assim que certas aldeias tiveram, nos Estados Unidos principalmente, jornaes, hotéis, telephones, antes que possuíssem ruas normalmente abertas, etc.

É a generalisação a que Spencer chama *lei de heterochronia*.

3º A colonia póde-se *antecipar* e produzir phenomenos sociologicos que ainda se não têm dado na mãe-patria. É o caso do Brazil, que faz a Republica, que não existe em Portugal; separa a Igreja do Estado, coisa que não se deu em Portugal; proclama a federação, facto que tambem não existe em Portugal. O mesmo fazem os Estados Unidos e as republicas hespano-americanas. Esta lei não tem, como a primeira, um nome, e proponho para ella o de *lei de proterochronia*.

Ora, pois : taes são os factos até hoje observados ; *homochronia*, *heterochronia* e *proterochronia*. São os tres casos unicos que a analyse descobre na vida das colonias ; não ha, não póde haver outros. E nenhum delles é a singularissima lei da *recapitulação abreviada* de que nos fallam Schäffle, Bordier, de Greeff e Fausto Cardoso.

E, para mostrar que o não são, é bastante analysal-os em seu sentido.

A lei de *homochronia* que nos ensina? Que as colonias, para acompanhar a vida politica e social das mães patrias, não voltam ao ponto de partida destas, como se tivessem de recommençar a historia, e, bem ao

contrario, adoptam as fórmulas do tempo em que nascem.

Ahi não ha volta ao passado ; logo, não existe recapitulação abreviada.

A lei de *heterochronia* que nos está a ensinar ?

Que as colonias, no afan de acompanhar as mães-patrias, adoptam o que de bom lá existe e o fazem ás vezes tumultuariamente, importando coisas novissimas de parceria com outras mais velhas, e, em certos casos, sem esperar que essas mais velhas se desenvolvam.

Aqui não ha volta nenhuma ao passado e, portanto, não pôde se dar a tal recapitulação abreviada.

Que nos está a mostrar a lei de *proterochronia* ?

Que as colonias são até capazes de conseguir coisas que as mães-patrias nunca tiveram, e só muito mais tarde virão a ter.

Longe de ser isto uma volta ao passado para o repetir abreviadamente, é justamente o contrario, um avanço para o futuro, uma *anticipação*.

Não ha repetição abreviada ; ahi não se poderá jámais encaixar a pilheria de *la loi de récapitulation abrégée*.

Guilherme de Greeff, neste ponto, é vacillante, confuso e até erroneo.

Elle, como fino analysta, reconhece os factos que deram logar ás tres leis de *heterochronia*, *homochronia* e *proterochronia*, posto que não dê os nomes a estas duas, e confunda a ultima com a insustentavel *récapitulation abrégée*.

Vou citar um trecho em que resume todos aquelles factos e commette o erro que assignalo :

« Tivemos ensejo, escreve elle, de consignar phenomenos sociaes de *heterochronia* em que os orgãos sociaes superiores parecem se formar antes dos mais

simples. H. Spencer deu como exemplo a criação, em alguns territorios dos Estados Unidos, de bancos, igrejas, edificios postaes e telegraphicos antes que uma agglomeração humana tenha formado uma cidade. São factos mais extraordinarios em apparencia do que na realidade; porque, em ultima analyse, taes instituições não funcçionam enquanto a população não lhes tem dado o que é indispensavel á sua vitalidade. Eis aqui casos mais interessantes: em Sparta, Athenas, Roma — vemos as mesmas revoluções politicas e sociaes, patriarcado, monarchia, aristocracia, democracia, desenvolverem-se simultaneamente na Grecia e Italia, com as mesmas peripecias.

Em consequencia de taes revoluções fazem-se exodos, fundam-se *colonias*; nunca jámais estas colonias retrogradam até á *fôrma primitiva*, e pelo contrario adoptam de um salto a *fôrma mais adiantada da mãe-patria*. Dest'arte Syracusa, colonia de Corintho, não conheceu a realeza; e o mesmo se deu em Mileto e em Samos, que foram governadas por uma aristocracia territorial. Não é tudo; os emigrados inglezes e irlandezes fizeram mais: *realizaram assás rapidamente nos Estados Unidos essa Republica que não tinham podido levantar em sua patria*, passando rapidamente por certas fôrmas intermediarias preparatorias.

*Isto parece uma applicação da lei natural de recapitulação abreviada da phylogenesse pela ontogenese.* » (Pag. 458 do *Transformisme social*.)

Tudo perfeitamente bem dito, menos que a lei de *proterochronia* se confunda com a de recapitulação abreviada da phylogenesse pela ontogenese. São leis distinctas, parecendo-me aquella muito mais bem fundada do que esta no terreno da sociologia. Como, por

exemplo, dizer que uma fôrma politica, que nunca existiu em Portugal, e que nós aqui possuímos, como a Republica e dez outras, seja uma repetição abreviada do que lá se deu? — Não se pôde comprehender. E só vejo uma conclusão a tirar : é que a engenhosa lei é de todas as da biologia exactamente a que menos se pôde applicar á sociologia.

Nem o patrocínio de Schäffle, Bordier, e Greeff a poderá salvar.

As colonias são organismos muito mais complicados do que um simples embryão animal e não podem entre si taes phenomenos seguir os degráos de uma evolução radicalmente identica.

Nesse caso, a sociologia seria inutil; a simples biologia daria conta de tudo (1).

(1). Vide em meus *Ensaio de Philosophia do Direito* a discussão da pretendida lei de *ontogenese* ou recapitulação abreviada da historia, discussão de que o presente escripto é apenas um appendice.

(1896.)



## IV

### LEONIDAS E SÁ

---

Leonidas e Sá não tem hoje o nome de um des-  
nhecido. Varios e muito interessantes escriptos  
nos dominios da poesia e da critica hão mere-  
do a attenção do publico legente. Apreciados es-  
pecialmente na imprensa do Norte, os trabalhos do  
ven autor despertam a sympathia a que têm direito  
seu talento cultivado, o seu espirito de analyse, a  
dole entusiasta de seu temperamento.

Acha-se actualmente de residencia n'esta opulenta  
distrahida capital. Incumbio-me o papel de o apre-  
ntar a este publico illustrado, talvez, mas, por  
erto, não hoje muito preocupado de coisas de  
ttras.

Accéitei a missão de paronymphal-o, com a con-  
ição, porém, de não exigir muito, senão da minha  
incompetencia, ao menos da especie de cansaço em  
ue ora me acho, entregue ás afanosas lides do magis-

terio. Annuio, e teve a bondade, por me poupar o tempo, de fazer-me a leitura do mimoso livrinho que atrai agora á curiosidade geral.

Ouvi com a maxima attenção a rapida leitura dos poucos capitulos da *Palingenesia* : *Juvenal Galeno*, *A escola de Verlaine*, *Thaïs*, *Pierre Loti*, *Litteratura chinesa*, *A obra de Balzac*, *Anthero do Quental*, *Notas litterarias*, *Notas sobre a Parahyba*, *No dominio da belletristica*, *Imagens e visões* e *Chrysophilas*.

É uma ligeira serie de leves *silhouettes*, escriptas com estylo, com emoção, com essa graça especifica dos artistas despretenciosos.

O autor é ainda muito moço; terá certamente de reforçar seus processos de analyse, seus methodos de interpretação, e modificar, talvez, muitas de suas idéas actuaes. Merece, porém, desde já, todos os preitos desinteressados que os amantes do pensamento gostam de tributar ás sinceras manifestações do talento.

Durante a leitura, a que assisti, no recolhimento exigido em circumstancias taes, a impressão mais viva que se me apoderou do espirito foi a de que o moço autor nos varios capitulos da *Palingenesia* toca por vezes no genesis e na evolução das diversas escolas litterarias em nosso seculo, n'este famoso seculo das luzes que está a findar.

Puz-me então naturalmente, e quasi fatalmente, a meditar sobre a evolução espiritual d'esta notavel phase da historia, e formulei irresistivelmente esta pergunta : de tantas agitações, de tantas lutas, que vae este seculo legar como definitivamente feito ao seculo que o vem substituir?

Tal o problema que me impuz a mim mesmo, e em cuja solução, inexacta talvez, incompleta certament



venho palestrar com o publico, apresentando-lhe o esperançoso moço nortista.

O seculo se me apresenta como uma immensa ruina, um amontoado de destroços na ordem politica, social, litteraria, scientifica, philosophica, religiosa, montão informe e desconnexo, onde apenas uma doutrina sobrenada e brilha sobre uma porção de factos observados com o fulgor das conquistas immortedouras.

Essa doutrina e essa porção de factos é que constituem o verdadeiro, o grande, o glorioso presente que o nosso tempo vae fazer ás edades do porvir.

Passeiemos atravez d'esses destroços.

Na ordem politica, quer na parte pratica da acção dos governos, quer na parte doutrinaria e scientifica, o seculo não fundou nada de definitivo e radicalmente estavel. Succedendo ao terrivel fracasso da Revolução, não achou logo, nem achou mais tarde, um caminho certo para trilhar. Attrahido em direcções oppostas, ora sonhava com o *velho regimen* absolutista e enveredava pela senda das *reacções*; ora atirava-se aos azares do *liberalismo* e tentava o *systema parlamentar*, sempre incomprehendido pelas gentes do continente europeu e pelos povos da America; ora jogava-se ás experiencias insensatas nas mãos de phantasiosos reformadores e creadores de novos regimens e novas politicas.

Por isso agora, por isso hoje, que lhe faltam apenas seis annos para retirar-se da scena, que tem elle, que constituição definitiva organizou para dar ao seu successor?

Na America um *presidencialismo* despotico e manco, que nada resolve; na Europa o despotismo russo, o grosseiro realismo politico allemão, além de

um parlamentarismo desgeitoso, por mal comprehendido, como disse.

Fóra d'ahi, existem apenas nos livros de reformadores obcecados as terriveis *dictaduras do patriciato do dinheiro*, esperando sahir do limbo da theoria e ganhar o terreno da pratica, n'uma ameaça de captivo.

Na ordem social a luta é ainda mais colossal, a incerteza mais vasta e o legado do seculo menos valido.

As immensas esperanças de Saint-Simon, de Babeuf, de Owen, de Fourier, de Lerroux, de Infantin, de Lassalle naufragaram; a *Internacional de Marx* vacilla entre a utopia e o despotismo; o capital accumula-se na proporção de um pauperismo assombroso, que victima de alto a baixo o proletariado hodierno.

Na litteratura, ou na sua parte que se poderia chamar *dynamica e productiva*, ou na parte *apreciativa e reguladora*, quer na poesia, no theatro e no romance, quer na critica, — houve mais de uma desillusão; o seculo caminhou sobre sarrafos, nada creou de immorredouro, de imperecivelmente fundamental.

Sobre o solo da rachitica litteratura da epoca napoleonica brotou um romantismo quasi sempre desequilibrado, doentio, hysterico, monomaniaco, cheio de nevoas, de insania e poeira. Litteratura sem força, sem observação, sem verdade, litteratura de phrases vagas, de rhetorismos retumbantes, simples jogo verbal revestindo pieguices falsas, sentimentos de convenção. Tal a regra geral. E todavia, a phas romantica, com todos os seus desmantelos, teve muito mais seiva do que os aridos e desageitados systemas que a substituiram.

Que dizer de um celebre, de um tristemente celebre *satanismo* de almanack que teve ahí alguns mezes de voga? Que ficará de um fabuloso *scientificismo* poetico, que viveu tambem algumas semanas, e foi abysmar-se n'umas theogonias buddhicas, n'uns genesis de contrabando, n'uns theorismos metrificadros, mornos, vasios como uma cabeça de idiota?

Que ha de restar do decantado *parnasianismo* com suas rendinhas de cabelo, seus lacinhos de fita, suas florinhas de miolo de pão, suas filigranas de sonhos e scismas, de vago, de nada, seus *bibelots* de vaporosidade e tolice?

Litteratura sem pensamento, sem nervo, sem paixão, sem alma, sem vida, bolor de um seculo que envelhecia, será no futuro um dos mais authenticos attestados da sua decadencia.

E o chamado *naturalismo*, com uma ou outra pagina sensata e vigorosa, porém cheio de grosserias, de declamações, de arremedos falhos dos processos da sciencia, em desrespeito á divina arte; com suas theses de encommenda, suas idéas preconcebidas, o culto mago do bello transformado n'um laboratorio de physiologia, ou de pathologia, porejando sangue e pús por toda a parte, photographia de um seculo grosseiro nos instinctos, rico de crimes, luxuoso, malbarateado e pedante?

E essa reacção ultra-idealista, esse fakirismo do pensamento e do affecto, litteratura de fumadores de opio, poesia da morfinomania, etherisação da vida, nirvanisação da realidade, intitulada *symbolismo*, ou *decadentismo*, que vale ella, que valerá ella diante das grandes obras da Hellade classica, do Renascimento, do seculo XVII, ou em face da poesia eterna de um Goethe, de um Byron, ou de um Heine?

Não sei que possa haver vacillação na resposta.

O seculo sente-se mal; é o velho aborrecido e decrepito, atordoando os sentidos, fumando o *narghileh* da illusão n'um delicioso retiro oriental, ao som das canções das bayadeiras... Já não é o soldado valoroso, que foi por pouco tempo, quando saudava as pyramides com o grande general, ou passeiava a ousadia e a coragem por todos os climas, em todas as zonas, entusiasta e crente, destemido e audaz.

Sua obra litteraria é volumosa, porém desequilibrada, superficial, falha. N'essa immensa montanha de papel, grande porção poderia ir para o fogo.

Se deixardes a litteratura creadora e olhardes para a critica, é igual o espectáculo.

Na critica da historia, na critica da arte, na critica das lettras houve mais presumpção, mais affirmação caprichosa do que verdades definitivamente firmadas. A pretensão de fazer a mechanica do pensamento, de proceder á chimica do affecto, de desmontar um character, como se desmonta um apparelho de physica, tal pretensão não se realisou, não teve verificação. Muito bonita na theoria, muito engenhosa como plano, muito captivante como promessa, muito agradavel para ler-se na decantada introducção á *Historia da litteratura ingleza* de Hippolyto Taine; muito enganadora na pratica, muito falha na realidade para quem se não paga de phrases, quando se passa da these para a applicação, quando se passa dos preliminares para o corpo do livro. Isto com o grande mestre. Que não será com os outros, com os epigonos de toda a parte?

Na esphera da religião o seculo só ha de legar ao vindouro algumas moedas de ouro falso. Não se verificou a erradicação completa das fórmulas compressoras

do christianismo, nem sequer da fórmula catholica, como a critica chegou a affirmar nos primeiros decenios de nosso tempo. Não se realisou tambem a victoria dos novos credos da familia dos terriveis reformadores que tiveram em Saint-Simon o seu prototypo. Assaz conhecido é esse microbio devastador que d'esta epoca irá passar á vindoura para flagello da humanidade.

Não quero ainda mais uma vez estigmatizal-o n'estas paginas.

Na philosophia e na sciencia, por entre muito disparate, ao clamor da bancarrota de cincoenta sistemas erroneos, ou incompletos, ou desarrazoados, ou obstrusos, ou retrogados, avulta apenas a concepção *evolucionista*, como a expressão magna da intelligencia humana n'esta phase da historia, como a dadiva suprema de nosso seculo aos tempos por vir.

Timidamente presentida no seculo passado, foi em nosso tempo que a fulgente theoria, estribando-se n'uma multidão enorme de factos, espalhou-se por toda a area do pensamento, por todas as sciencias, por todas as creações da humanidade, desde a astronomia até á sciencia social, desde a physica até ao direito, á moral, á politica, á linguagem, á arte.

Tudo se move, tudo se transforma, tudo se desenvolve, e as leis capitaes d'essa evolução estão descobertas, estão demonstradas.

Essa concepção, que na physica se chama o monismo, na biologia o transformismo, na philosophia geral o evolucionismo, penetrando cada vez mais intensamente por todos os recessos do pensamento, ha de originar um estado emocional correspondente, e este ha de dar o tom, a nota predominante na arte, na litteratura do futuro.

O meu joven amigo, que, por muito moço ainda, ha de entrar certamente por muitos annos no seculo que está a chegar, terá de assistir talvez aos primeiros lampejos de uma arte, de uma poesia, de uma litteratura novas, tanto quanto n'este mundo estas velhas coisas podem ainda renovar-se.

*Away!*

(1891.)

## V

### UMA THESE DE DIREITO MARITIMO

*Razões justificativas do art. 482  
do Codigo Commercial (\*)*

---

#### I

Não serei eu que me deixe tomar de incommodo pela esterilidade do assumpto.

Em regra chamamos esteril aquillo que se não presta a nossos caprichos imaginosos, ou á nossa sêde de palavreado.

A materia em questão é uma dessas, e eu congratulo-me com isso.

Nem mais nem menos, temos em face o art. 482 do

(1) Este trabalho, escripto em 1875, é a dissertação que o eminente critico brasileiro Sr. Dr. Sylvio Romero apresentára á Faculdade de Direito do Recife, quando alli pretendeo defender theses, acto de que desistio publicamente, depois de azeda e violenta discussão com um dos lentes que compunham a commissão julgadora.

*Dos editores.*

Codigo Commercial, que diz assim : « Os navios estrangeiros surtos nos portos do Brazil não podem ser embargados nem detidos, ainda mesmo que se achem sem carga, por dividas que não forem contrahidas no territorio brasileiro em utilidade dos mesmos navios ou da sua carga; salvo provindo as dividas de letras de risco ou de cambio sacadas em paizes estrangeiros, nos casos do art. 651, e vencidas em algum lugar do Imperio. »

Incumbe-me justifical-o.

Para isto não será preciso pôr abaixo uma livraria e dar o spectaculo daquelles de quem disse um inglez : « We frequently meet with men whose erudition ministers to their ignorance, and who the more they read, the less they know (1). »

O artigo citado não exprime uma disposição desacorde com o generalidade da doutrina espalhada em todo o titulo do Codigo em que se acha elle inscripto. Existem disposições congeneres e similares que cumpre recordar.

« Nenhuma embarcação pôde ser embargada ou detida por divida não privilegiada, » diz o art. 480. Confrontados os dois, além do ponto commum que, visivelmente, os une, notemos-lhes as discordancias. O ultimo diz : « nenhuma embarcação pôde ser embargada..... » claro está que não faz differença em ser o navio nacional ou estrangeiro. Diz mais... « por divida não privilegiada... » é ainda manifesto que a inversa deve ser exacta, isto é — que pôde qualquer embarcação, nacional ou estrangeira, ser embargada ou detida por divida privilegiada.

(1) H. Th. Buckle; History of Civilization in England. London, 1872.



É uma conclusão que parece achar-se consignada no art. 479. Entretanto, este modo de fallar seria errôneo, tractando-se de um navio estrangeiro, pois claramente se oppõe á letra do artigo que faz o objecto deste escripto. A razão daquella linguagem generica é que o Codigo em todo o seu titulo primeiro da segunda parte só falla de navios brazileiros, os unicos que gozam das prerogativas e favores por elle concedidos.

Separa-se, pois, o art. 482 dos que lhe são correlativos, note-se bem, em tractar de navios estrangeiros, e em os considerar livres de embargo ou detenção por quaesquer dividas, salvo as nelle exceptuadas.

Eu acho essa disposição util e em harmonia com as idéas seguidas, em geral, no Direito das Gentes.

Não é que eu forme da realidade do Direito Internacional uma idéa que elle não comporta. Elle não tem a effectividade de outros ramos da sciencia; não está codificado, e é puramente doutrinal.

Todos os dias a marcha das nações lhe traz desmentidos bem pungentes.

Seria, entre parenthesis, um dos estudos proveitosos — o que, marcando a acção das idéas dos publicistas do direito das nações sobre a marcha historica dos acontecimentos, notasse tambem a reacção que ellas soffrem por parte destes ultimos.

O Direito Intornacional nutre com o mercantil estreitas relações.

Nas paginas de un tractado daquella materia, a guerra, antipoda do commercio, occupa um largo espaço, demasiado talvez.

Os negocios mercantis não deixam, por isso, de ser os mais consideraveis.

Esta idéa não é nova, e anda ao alcance de qualquer dos *tractadistas* (1).

Ora bem; estes proclamam a idéa, que julgam ser um principio, — a idéa da *exterritorialidade*. É uma ficção. Como todas as ficções, derramou muita sombra sobre o dogma juridico. O Direito Commercial reente-se dellas; o Civil tambem.

A questão dos estatutos reaes e pessoas não é tão simples, como porventura pareça.

Mas cinjamo-nos ao assumpto, como garantia de clareza e simplicidade. O pavilhão estrangeiro, cobrindo, segundo a phrase consagrada, a embarcação sobre que se desfralda, fal-a ser considerada um prolongamento do territorio da nação que representa.

A ficção juridica não se dá sómente com as pessoas de monarchas e diplomatas em paizes estrangeiros; estende-se condicionalmente a certas propriedades dos particulares em terra estranha (2).

É este o motivo da attenção votada por nosso Codigo aos navios estrangeiros. Sua linguagem é generica; falla de dividas sem distincção das privilegiadas, menos as desta especie contrahidas no paiz.

É util, disse eu, esta disposição, e o é de certo. O commercio maritimo exige algumas immunidades e seguranças que revertem em proveito dos particulares e da sociedade. A prerogativa estabelecida no art. 482 é uma dessas.

Supponha-se o contrario, imagine-se que os navios estrangeiros podessem ser embargados ou detidos por quaesquer dividas, n'outros paizes contrahidas, e quantos empecilhos e desordens não surgiriam?

(1) Ad. Roussel : *Encyclopédie du Droit*, pag. 310 e seguintes. Bruxelles, 1871.

(2) Kluber; *Droit des Gents*, pag. 160. Paris, 1861.

O artigo estabelece tres excepções á regra nelle consagrada : — a divida contrahida em territorio brazileiro em utilidade dos mesmos navios ou da carga, — a provinda de letras de risco; — e a de letras de cambio, sacadas em paiz estrangeiro, nos casos do art. 651, e vencidas em algum logar do Imperio.

A primeira comprehende-se facilmente. Contrahidas em nosso paiz as dividas, e para utilidade dos proprios navios, parece curial que tenham aquelles, que podem, entre nós, ser lesados o direito de garantir-se.

O modo indicado na passagem de lei, a que me refiro, é o mais prompto e, quasi sempre, o unico possível. Não ha necessidade, para tornar saliente a sua justesa, de recorrer á maxima por alguns invocada — *locus regit actum*, que tem um sentido mais especial.

Póde-se, é certo, tirar deste anexim juridico uma illação altamente generica, que pareça justificar o artigo.

De facto, sendo os navios bens moveis (art. 478), isto é, não ficando adstrictos á terra alguma estrangeira, devem ficar sob a alçada de nossa legislação por aquellas dividas aqui geradas, em sua utilidade, estando surtos em nossos portos.

As dividas assim contrahidas contam-se entre as privilegiadas, segundo os artigos 470 e 471.

O privilegio, é geralmente dito e sabido, gera no objecto sobre que se exerce um verdadeiro direito real, no classico sentido da palavra.

Poderá alguém objectar que a lei hypothecaria de 24 de Setembro de 1864 declara só existentes as hypothecas nella estabelecidas, e, importando o privilegio uma hypotheca tacita, fere de frente esse facto legislativo. Será uma cabal ignorancia, pois ahi anda

o Decreto de 26 de Abril de 1865, estatuinto formalmente : — « a existencia, posto que sem o nome de hypotheca, das obrigações reaes que o Codigo estabelece a respeito de navios e mercadorias. » Não desprezo o ensejo de notar aqui a maneira esdruxula por que um escriptor portuguez justifica uma disposição analoga do Codigo Commercial de sua patria. Existe ahi um grosso commentario a esse Codigo do Sr. Forjaz de S. Paio em cinco volumes, que tem o condão de atrazar os seus leitores (1). É um livro sem philosophia e sem critica, onde o professor conimbreense revela-se um descendente de Lobão! Eis o segredo... Depois de respigar o conteúdo do artigo 1313 do Codigo, que analysa e explica, dá-nos, por toda a razão de que dispõe : — « concilia-se assim o interesse nacional com a protecção devida á navegação em barcos estrangeiros. »...

Quem se pagará com motivos desta ordem? — onde a garantia da tal conciliação? Ainda mais : onde, em que passagem já nos tinha fallado o escriptor na protecção devida aos barcos estrangeiros? Aquillo é uma cadeia de proposições logomachicas, sem valor scientifico, em desafio á razão e ao bom senso.

## II

As duas outras excepções ao principio merecem uma analyse igualmente succinta. São as unicas regidas pelo — salvo — da letra do artigo; — a outra,

(1) Annotações ao Codigo do Commercio Portuguez, Coimbra, 1865.

que deixei discutida, conclue-se, não tem uma expressão directa.

Nota primeiramente o legislador a divida de letras de risco. Estas, não segundo dissertações de commentadores e legistas, mas — conforme a propria lei, são as que se passam entre dador e tomador no contracto de dinheiro a risco. Este (art. 633) dá-se quando « o dador estipula ao tomador premio certo e determinado por preço do risco de mar que toma sobre si, e ficando com hypotheca especial no objecto sobre que recahe o emprestimo, e sujeitando-se a perder o capital e premio se o dito objecto vier a perecer por effeito dos riscos tomados no tempo e logar convencionados. »

Distingue-se do contracto de seguro maritimo, cuja definição é — (art. 666) — aquelle « pelo qual o segurado, tomando sobre si a fortuna e risco do mar, se obriga a indemnizar ao segurado da perda ou damno que possa sobrevir ao objecto do seguro, mediante um premio ou somma determinada equivalente ao risco tomado. »

A cousa é por demais pratica, e prefiro as definições exaradas na lei, com toda a sua redundancia, ás substituições de juristas pouco autorisados. Basta o mais ligeiro olhar para sorprehender os laços por que se tocam os dois contractos. As separações são mais difficeis de marcar, sem todavia ser precisa grande intuição para notal-as. Entre outras, deparam-se logò as necessidades diversas que geram cada um dos contractos, a ponto de n'um, o de risco, receber o tomador logo uma somma de que precisa, e n'outro, ao envez, o segurado nada receber, antes de pagar um premio estipulado.

A excepção da divida de letras de risco não offerece difficuldades. Tudo está em provar que ella goza de

privilegio, estabelecendo d'esta arte um onus real nas embarcações.

Ora o Codigo é mais que muito claro e positivo : o art. 470 considera privilegiados (§§ 6 e 7) *o principal e premio de lettras de risco, tomadas sobre o casco, apparelhos e fretes do navio pelo capitão.*

Esclarece-se de prompto o assumpto com semelhante nota.

Resta fallar da divida de lettras de cambio, ultima excepção no artigo confirmada. Não são quaesquer, são-no as vencidas em algum lugar do Imperio. Toda a difficuldade consistirá em firmar que ellas para a hypothese, se confundem com as de risco. A passagem do Codigo, que analyso, refere-se ao art. 651, que vem dar a solução do embaraço. É assim concebido : — « as lettras mercantis provenientes de dinheiro recebido pelo capitão para despezas indispensaveis do navio ou da carga, nos termos dos arts. 515 e 516 e os premios do seguro correspondente, quando sua importancia houver sido realmente segurada, tem o privilegio de lettras de emprestimo a risco se contiverem declaração expressa de que o importe foi destinado para as referidas despezas... » Ainda esta ultima passagem do Codigo envia-nos aos arts. 515 e 516.

Não os transcrevo, não por medo da aspereza de contornos que podem deixar a este rapido escripto. Parece de uma leitura enfadonha, maxime para espiritos adestrados ao lado geral e saliente das questões, o repizar as agruras de amontoados textos de positiva legislação.

Por maior destreza que seja empregada, parece que não deixa de regumar do um trabalho d'este genero algum tanto de soporifero que encerra.

Fallando para jurisconsultos não devo ter esse receio.

Os artigos ultimos apontados fallam da permissão dada aos capitães de navios, em falta de fundos durante a viagem, de contrahir dividas, tomar dinheiro a risco sobre o casco e pertences do navio, de vender mercadorias da carga e das condições indispensaveis para isso.

Em casos taes as letras mercantis têm os privilegios das de emprestimo a risco, que entra na hypothese da primeira excepção.

Tal é o sentido das brechas abertas ao principio geral do artigo; resta dar-lhes a razão probante. O movel do commercio é a utilidade, uma vez que esta não fira o direito.

Ninguém contestará a vantagem da prerogativa outorgada aos navios mercantes estrangeiros; ninguém contestará tambem a vantagem, ainda maior, contida nas excepções.

É necessaria a liberdade e a facilitação ao commercio maritimo estrangeiro.

Ainda mais o é a garantia aos direitos adquiridos dos nacionaes.

Antes de concluir eu quero depôr aqui uma ponderação.

A doutrina do direito, pelo seu lado scientifico e dirigente em alto gráo, vai muito descurada entre nós.

Não temos um philosopho do direito, não existe um só livro brasileiro, onde o dogma juridico se levante áquella altura de principios, áquella serenidade de leis que deve reinar na esphera dos estudos elevados.

A sciencia juridica não póde ser uma instituição da intelligencia anormal, exquisita, sem relações com o

movimento geral e harmonico de todas as manifestações mentaes.

Não é *inviolavel e sagrada* como certas entidades por ella creadas.

Deve tambem receber a investigação, a contra-prova das verdadeiras sciencias.

Como todas as grandes criações da humanidade, o direito não se desenvolve a parte, mas por ellas e no meio dellas.

Deve, pois, indagar do seu estado para ser exacto, ajustando-se por elle.

Acantoado lá com sua vaidade n'uma Babel de textos decrepitos, o legislador retrogado se julga senhor das fontes da vida, porque delicia-se nas paginas de um codice morrinhento. É uma triste figura! O lavor da larga intuição lhe escapa. A sciencia não está n'um montão de factos incoherentes, sem nexo e sem lei. Vive nas vistas do complexo, na concepção vasta e geral do grande todo.

« O direito, que é de um lado a prosa, torna-se na luta por uma idéa a poesia, porque o combate pelo direito, é em verdade, a poesia do character, » disse o allemão d'Ihering.

É uma nobre verdade. Este insigne romanista trouxe a idéa de lucta para a effectividade do direito.

Não posso deixar de notar nesse facto uma invasão do espirito *darwiniano* na jurisprudencia. É o amplexo das sciencias naturaes, rejuvenescendo as velhas noções.

Tudo isto me chega á lembrança a proposito de um livro de commercialista brasileiro (1). Refiro-me a um

(1) *O Amigo e Conselheiro dos Commercialistas*. — Rio de Janeiro. 1873.



trabalho do Sr. Didimo da Veiga sobre o nosso código mercantil. São mui poucas as paginas consagradas ao objecto em debate, e ainda bem que o são... Lidas e relidas nada deixam a notar, além da confrontação incompleta dos artigos entre si, onde embalde se procuraria um principio que trahisse, ao menos a philosophia do auctor!

É esta a resposta que posso dar ao assumpto que me foi incumbido.

Conclúo declarando que nas minhas idéas nada vai de absoluto. Em cathegoria alguma, sobre tudo na ordem sociologica, nutro a crenga na sciencia do *absoluto*. Posso repetir com o sabio italiano : « I sostenitori di un Diritto assoluto e di una Morale assoluta errano quando prendono, come fanno sovente, tutto d'un pezzo, o quasi, il Diritto di un tempo, la Morale di un tempo, e li trasformano in Scienza assoluta del Diritto e della Morale. »

(1875.)



## VI

### O MARQUEZ DE POMBAL E A CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA

---

Eu sei que na apreciação dos grandes typos da historia, o que mais lhes realça o brilho e mais interessa aos seus admiradoras são os serviços por elles prestados á humanidade em geral. Gostamos de ver antes do cidadão—o pensador; antes do patriota—o homem.

Pombal é um desses que, trabalhando para o seu paiz, desprendeu forças em esphera tão alta, encarou problemas tão geraes, que seus feitos interessam a causa do genero humano. Atravez do portuguez brilha n'elle o espirito do seculo dos encyclopedistas. Deixando, porém, a outros a tarefa de encaral-o d'essa altura, seja-me permittido pegar o assumpto por um lado mais particular, pela face americana, brazileira.

Pombal foi um factor poderoso do desenvolvimento do Brazil; foi um agente de differenciação patria, in-

digena, para nós outros americanos; ajudou-nos na elaboração da epocha mais fecunda da nossa historia. Qualquer que seja o destino que os seculos futuros tenham de preparar a Portugal, qualquer que seja o encurtamento ou prolação do raio de seus feitos, não será menos certo que a fundação de um povo em o novo continente, a preparação da patria brasileira, ha de ser contada como o seu maior titulo historico. O velho duello travado na Europa moderna entre latinos e germanicos tem de protrahir-se na America em sua lucta pela civilisação.

Pombal foi um elemento de vida, um estimulo de força na Europa e no novo mundo. Em seu esforço para acabar com os ultimos vestigios da idade media em Portugal, o ministro de José I não se esqueceo do Brazil e pôde-se dizer que os resultados aqui obtidos foram mais brilhantes do que os alcançados na Europa. Não sei até que ponto dever-se-ha repetir o logar commum historico da união dos reis e dos povos contra os nobres e o clero, passagem natural para o predominio da burguezia. Em Portugal, pelo menos, o plano parece não ter sido consciente, nem garantido pelos resultados.

A lucta de Pombal contra o clero e a nobreza teve um character circumscripto, quasi pessoal; e com o desaparecimento, e ainda em tempo do illustre ministro, o clero e a nobreza acharam-se no mesmo pé de outr'ora, arrogantes e ousados, em sua eterna união com a realeza. O povo, esse sempre isolado e batido em seus direitos.

Em Portugal e Brazil não devemos sonhar o consorcio da realeza e do povo contra padres e nobres; realeza, clero e aristocratas foram-se desmoronando a pouco e pouco pela carcoma que lhes devorava o

intimo, batidos pelo espirito dos tempos, e este espirito é preparado lentamente, penivelmente, pelo povo, sem aliados contra o triplice inimigo.

Pombal é um benemerito da historia, não por ter aniquilado a nobreza e a clerezia; elle o é como grande administrador, que não trepidára em introduzir em Portugal medidas progressivas, que estimularam o desenvolvimento nacional e abriram alli a porta ao espirito do seu seculo. E como o espirito do seu seculo trazia no seio a semente transformadora e revolucionaria, o ministro de D. José I, talvez sem o saber, foi um auxiliar do desenvolvimento democratico. O que o salva na historia é o seu tempo; elle é feliz em ter sido homem de sua epocha.

Mas vejamos rapidamente o que era então o Brazil. Em 1750, quando começa a avolumar-se a estrella de Pombal, a colonia portugueza já tinha todos os elementos de seu desenvolvimento ulterior. Duzentos e cincoenta annos tinham bastado para a fundação de nossas cidades, a arroteação de nossos campos, a prosperidade de nossas industrias. O espirito publico estava formado. A nação estava ainda na puericia; já mostrava, porém, o viço das juventudes fortes e sadias.

Todas as luctas que enchem o quadro da historia da America tinham sido pelejadas aqui. Os velhos direitos e *privilegios feudaes* dos donatarios tinham quasi todos cedido ante o poder monarchico; o *municipalismo burguez* tinha medido forças com a nobreza territorial na *guerra dos Mascates*; os *negros* tinham lavrado o seu protesto de homens no *poema dos Palmares*; o *nativismo* tinha-se ostentado no desdem aos *Emboabas*; o *patriotismo* tinha levantado todas as classes contra os estrangeiros — na libertação de Per-

nambuco, do Rio de Janeiro e Maranhão; os fetichistas indios já haviam sido fustigados ou escravizados pelos *Bandeirantes*; o Amazonas, ao norte, já tinha revelado os seus segredos, e o Rio Grande, ao sul, sido o theatro da rivalidade dos dois povos ibericos, que vieram continuar suas justas na península meridional da America. Toda uma escola de poetas, chronistas e oradores tinha florecido no Brazil; o genio de Gregorio de Mattos achára grande messe para a satyra. São de notar as invectivas d'este poeta, o primeiro da lingua no seu tempo, contra governadores, padres e grandes funcionarios, indicando d'est'arte a consciencia que o espirito popular já possuia de si mesmo.

Pitta lançára os primeiros lineamentos de nossa historia; muitos brasileiros tinham-se passado á Europa e conseguido grande saliencia nas lettras e na politica.

Estava preparado o solo d'onde deveria brotar a flôr da poesia mineira, e bem perto bruxuleava a luz da *Inconfidencia*. A libertação era questão de algumas decadas.

A segunda metade do seculo xviii no Brazil é a nossa época de mais fecundos espiritos. A mocidade do tempo de Pombal fornece a pleiade brilhante de brasileiros, que influem nos negocios e na litteratura do reino, continuando as tradições dos dois irmãos Alexandre e Bartholomeu de Gusmão.

« Já n'esse tempo, principalmente desde o Marquez de Pombal, vemos filhos do Brazil occupando os primeiros cargos do Estado e outros distinguindo-se com escriptos que ganharam nomeada. João Pereira Ramos, um dos reformadores da universidade, é guarda-mór do archivo da Torre do Tombo. Seu

irmão, o bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, é reitor e reformador da universidade; D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas foi feito bispo do Rio de Janeiro, sua terra natal; o baculo de Pernambuco foi confiado a D. Francisco da Assumpção, natural de Marianna, depois a D. Diogo de Jesus Jardim, de Sabará, e mais tarde a D. José Joaquim de Azeredo Coutinho, de Campos. D. Thomaz da Incarnação, natural da Bahia, é auctor de uma conhecida *Historia ecclesiastica*, publicada em Coimbra em quatro tomos. O franciscano Jaboatão, nascido na villa d'este nome, publicou uma historia de sua ordem seraphica no Brazil; Pedro Taques Paes e Fr. Gaspar da Madre de Deos escreveram memorias historicas sobre a sua provincia de S. Paulo; José Monteiro de Noronha, do Pará, em cuja Sé foi vigario capitular, era um ecclesiastico de bastante saber.

« Na advocacia distinguiram-se os doutores Ignacio F. Silveira da Motta e Saturnino, e como magistrado fez-se muito notavel o desembargador Velloso.

« Tambem nas sciencias alguns brasileiros ganharam celebridade n'esta epocha. Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt brasileiro, com suas extensas viagens pelos sertões do Pará; José Bonifacio de Andrada, viajando como mineralogista pela Europa, do mesmo modo que o naturalista Manuel d'Arruda Camara e o fluminense Antonio de Nola, ao depois lente em Coimbra; Coelho de Seabra, escrevendo tratados de chimica, além de muitas dissertações scientificas; Conceição Velloso, trabalhando em sua grande *Flora fluminense* e deixando impressos muitos tratados compostos ou traduzidos; o Dr José Vieira Couto, naturalista em Minas; Manuel Jacintho Nogueira da Gama, distinguindo-se em Coim-

bra nas mathematicas, do mesmo modo que Francisco Villela Barbosa, e vindo ambos reger cadeiras d'essas sciencias; Pires da Silva Pontes, encarregado dos tratados de limites e de levantamento de cartas no Brazil; José Feliciano Fernandes Pinheiro, occupando-se de traducções de obras que podiam ter applicação á industria do paiz; Silva Feijó, naturalista empregado em explorações nas ilhas de Cabo Verde; José Pinto de Azevedo, medico distincto da escola de Edimburgo, e outros » (1).

Faltam ahi os nomes de Silva Lisbôa e Hippolyto da Costa, o economista e o jornalista, ambos pertencentes á mocidade do tempo.

Por esta prosperidade da intelligencia manifesta-se a constituição organica do Brazil.

Alguns sectarios da *symetria* na historia explicam o spectaculo do desenvolvimento americano como uma especie de reproducção do que se tem dado na Europa a datar da idade media. Levados por este pensamento dirigente, dividem os povos europeus em latinos e germanicos, catholicos e protestantes, e os da America em duas iguaes categorias; e d'ahi deduzem uma commoda philosophia da historia.

Se os hollandezes, por exemplo, são expulsos de Pernambuco, é que era providencial para a marcha da humanidade a manutenção da unidade catholica na America do Sul. Por um raciocinio analogo dever-se-ha dizer que a expulsão dos francezes de territorios dos Estados Unidos, foi tambem providencial para a manutenção do predominio protestanté na America do Norte. Entretanto a historia não se presta a accomodações tão rapidas. Na Europa não exis-

(1) Varnhagen, *Florilegio*. tom I, pag. 54 e segs.



tem sómente latinos e germanicos, catholicos e protestantes; é mister contar, pelo menos, com os slavos e celtas, e fôra necessario que todas as raças d'alli tivessem representantes no novo continente para ser perfeita a semelhança e exacto o equilibrio. Além d'isto os allemães, o exemplar mais acabado de sua raça, os francezes e os italianos, os mais perfeitos do grupo latino, não fundaram aqui nacionalidades novas; e bem se comprehende que a Providencia deveria escolher os executores de seus planos entre os mais progressivos representantes dos povos europeus que desejava transportar para a America.

Tal theoria tem, além do mais, o defeito de considerar a civilização americana como um todo emigrado, um movel de luxo transferido no convés dos navios da Europa para este continente; e passa a esponja sobre os elementos autonomos fornecidos pelas raças indigenas, pela acção do meio physico e pelos povos africanos encorporados a nós.

No Brazil todos estes elementos devem ser ponderados, esclarecidos em sua acção!

A nossa historia não é, não póde ser, pois, uma copia servil da historia de Portugal; não somos um povo de navegantes... e desde ahi começa a differença entre a colonia e a metropole.

A boa politica a seguir no Brazil seria a que deixasse plena liberdade á acção das diversas raças existentes no paiz, sem impôr o predominio de uma sobre as outras por meio de uma especie de selecção artificial, seria a que ajudasse o desenvolvimento normal do povo brasileiro pela selecção natural.

A esta luz é que Pombal surge aureolado do seio de nossa historia.

Por meia duzia de factos capitaes comprehender-

se-ha todo o alcance da acção do estadista sobre o desenvolvimento do Brazil :

a) A abolição dos ultimos direitos feudaes e reversão para o Estado das capitánias restantes;

b) Emancipação dos indios do Pará e Maranhão, e depois de todo o Brazil;

c) Expulsão dos jesuitas e derrota de seus planos anti-nacionaes;

d) Facilidade de viagem para navios do Brazil e criação de companhias de commercio, como as do Pará e Maranhão, Pernambuco e Parahyba;

e) Elevação do paiz a vice-reinado com a mudança da capital para o sul, a criação de uma relação e de escolas publicas;

f) Cuidado ás nossas questões de limites ao norte e sul.

Pombal compenetrrou-se da importancia da grande colonia portugueza, e attribue-se-lhe até vagamente o pensamento de mudar a séde da monarchia para Belém, no Pará.

As tres primeiras medidas que ficaram especificadas encerram todo o seu pensamento politico sobre o Brazil. Era a idéa clara de fazer do paiz um todo compacto, com os mesmos direitos diante do poder central. Ao mesmo tempo indirectamente contribuia o ministro para desmantelar a tendencia possivel do jesuita para a formação de uma nação em que predominaria talvez o caboclo. Pombal quebrou a este as cadeias, pondo-o em pé de igualdade com os demais colonos e expulsando o jesuita. O indio deixou de ser uma força politica, passando ao papel de simples contribuidor ethnico. Se tiver ao diante de ser vencido na lucta pela civilisação, se deverá queixar sómente da natureza.

As outras medidas referem-se ao desenvolvimento economico da descoberta das minas de ouro no centro de Minas.

O ouro tinha sido incentivo para o povoamento do interior já antes de Pombal; mas nos ultimos annos do governo de D. José a producção escasseara. O ministro comprehendeu que os *aureos* tempos de D. João V tinham passado. Não poz no ouro toda a sua esperança; a agricultura, a industria e o commercio lhe mereceram mais attenção.

Os outros actos referem-se ás condições geographicas da nação, que procurava as suas fronteiras naturaes. Por este lado o poderoso ministro não foi de todo feliz; mas é certo que não assignaria os tratados vergonhosos de 1777 e 1778.

De todos estes factos a expulsão dos jesuitas é o que tornou mais ruidosa a passagem de Pombal pelo poder. A acção, porém, do ministro poderoso não assume aos olhos dos espiritos calmos um character phenomenal. Além de ser igualmente praticado n'outros estados da Europa, não constituindo assim uma originalidade portugueza, accresce que muitissimo natural era o choque entre a famosa e turbulenta ordem e o poder civil. O conceito jesuitico da soberania indirecta dos papas sobre o temporal era levado a excesso e devia chocar mesmo aos reis *catholicos, fidellissimos, christianissimos*...

Não sou, por certo, inclinado a admirar muito a victoria de reis, que se arrogam um *direito divino* contra os padres que julgam dispôr da *graça divina*. Uns e outros se ajudam ou combatem conforme as circumstancias do momento. Apesar de muito lacunosa n'este ponto, a acção de Pombal tem o merito

de ser uma expressão dos sentimentos liberaes da epocha.

Quanto ao Brazil, não padece duvida a vantagem da coerção do poder jesuitico. O jesuita no seculo xvi, quando ainda não tinha grandes planos politicos, foi util para a colonisação d'esta parte da America.

Nos seculos seguintes a sua acção religiosa era quasi nulla, e a sua influencia politica e social nociva.

Ha alguma cousa de phantasiozo na opinião d'aquelles que pretendem em nossa historia estabelecer um dualismo consciente de duas forças que se chocam durante os tres seculos primeiros da conquista : o colono portuguez e o negro de um lado; o jesuita e o caboclo de outro.

A theocracia sonhada pela ordem famosa não pretendia fundar-se exclusivamente no Brazil onde existiam caboclos, e sim tambem onde os não havia, como no proprio Portugal. Aqui na America o jesuita fazia a sua propaganda tanto entre os indios, como entre os negros e os portuguezes. É natural que entre estes não encontrasse tantos adeptos, como entre os selvagens.

Não se lhe deve, porém, attribuir o plano consciente da exclusão do elemento europeu. As cousas poderiam chegar a este resultado por causas estranhas á vontade dos padres.

Nem a sua expulsão do Brazil foi da parte de Pombal uma prova de receio n'aquelle sentido; foi antes uma consequencia de sua expulsão da metropole, onde seguramente não havia perigo de que viesse a predominar o caboclo.

Como quer que fosse, o illustre ministro de D. José I, por seus actos, contribuiu para o desenvolvimento

normal d'este paiz, como nação latina, como um prolongamento da civilisação occidental.

É este o seu titulo aos olhos dos brazileiros. Os ultimos cem annos que passaram sobre a morte d'este grande homem hão confirmado suas esperanças e idéas sobre o Brazil. Devemos consideral-o como um dos agentes de nosso progresso : é de justiça que o apreciemos tanto quanto o admirou o nosso compatriota, aquelle illustre espirito que se chamava Basilio da Gama.

Repitamos com elle, fallando do grande ministro :

« Para ser immortal teu nome augusto  
Não depende do bronze derretido;  
Em mais firmes padrões fica insculpido. »

Sim, fica insculpido em nossa historia; ficará gravado onde quer que estejam escriptos os nomes dos bemfeitores da humanidade!



## VII

### UMA REFORMA NO ENSINO DA PRAXE PROCESSUAL

(*Martins Junior*)

---

Quando, ha perto de dez annos, publiquei o artigo — *A prioridade de Pernambuco em o movimento intellectual brasileiro*, houve mais de um reclamante que apontasse os suppostos exageros do *chauvinista* do norte!...

A cousa parecia incrível. Haver lá, no Recife, tantos talentos e tantas illustrações, superiores alguns aos *litterataços* que constituíam a constellação da rua do Ouvidor... era impossivel! Não se lembravam elles que de Pernambuco mesmo é que se haviam destacado, um pouco antes, alguns asteroides, que vieram a figurar no céu fluminense, como estrellas de primeira grandeza.

E neste numero estavam um João Alfredo, apontado geralmente como uma capacidade politica, Leopoldino Lobo, uma notabilidade jornalística, Joaquim

Nabuco, uma superioridade parlamentar, não fallando já na litteratura, onde Castro Alves tomava proporções de mytho, Franklin Tavora impulsionava o romance, Araripe Junior dirigia a critica e Generoso dos Santos era consagrado mestre em certo genero de poesia. Não é esta a occasião de julgar o valor desses representantes do espirito e das habilitações pernambucanas incorporados ao movimento nacional na capital do imperio. Meu fim então, ao escrever o alludido artigo, era fazer justiça aos que tinham ficado no norte; aos que não vieram fazer conferencias na *Gloria*, palestras ao *Paschoal*, chegadelas às ante-salas da camara, apparições no *Club de Esgrima*, ou no *Santa Anna*, e outros generos de propaganda em voga no Rio de Janeiro...

Era d'aquelles ignorados que eu cogitava, e entre elles, e em o numero dos mais novos, acha-se o espirito illustre, cujo nome tive a honra de escrever no alto deste capitulo. Não sou biographo e não me incumbe dizer tudo o que ha feito em Pernambuco o moço autor das *Visões de hoje*, na sua quadrupla qualidade de poeta, critico, orador e jurista. Basta-me, por emquanto, pegar do folheto. — *Dissertação e Theses*, apresentadas á Faculdade de Direito do Recife por occasião do ultimo concurso alli havido, e dizer ao publico o que aquellas poucas paginas representam na historia da litteratura brazileira, como documentação da reforma da intuição juridica na academia do norte. E este meu appello não será de todo inutil, porque até aos olhares desprevenidos já se mostra bem claro que o espirito publico fluminense começa a dar attenção ao movimento espirital do Recife, actualmente o mais consideravel do Brazil, como iniciativa e como sementeira do futuro.



Ao passo que nas escolas superiores do Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio Grande do Sul, e outros centros intellectuaes do paiz, os moços estudantes commungam todos á mesa do positivismo francez nas suas duas ramificações, no Recife annualmente são centenas de intelligencias iniciadas nas concepções desse monismo transformistico dawiniano, enlarguecido pela sciencia allemã e dirigido em suas duas direcções principaes por um sabio como Ernesto Hæckel e um philosopho como Ludwig Noiré.

Neste centro é que se formou, se desenvolveu, se aprimorou o talento de Martins Junior. A principio adepto do *demi-positivisme* de Littré, hoje é um discipulo do transformismo naquella direcção philosophica que lhe deu Ihering. Excusado é dizer que se deve esta mutação á energia absorvente e propulsora dessa culminação genial, cujo nome não preciso repetir e de quem Martins Junior, Arthur Orlando, Clovis Bevilacqua, João Bandeira e outros foram discipulos e são sectarios em philosophia e jurisprudencia.

Mas não fica ahi ; o illustre professor germanista, a que alludo, depois de ter preleccionado em philosophia do direito, direito publico, direito criminal e economia politica, foi, ha cerca de tres annos, chamado á reger a cadeira de *Pratica do Processo*, a principio como substituto, depois como professor definitivo. Eu estava no Recife em 1886 quando isto começou. A *praxe* pela magia da palavra do mestre e pela força de sua illustração scientifica, deixou de ser aquelle complexo de rabulices que se lêem nos Ramalhos, nos Paulas Baptistas e outros summos pontifices da ignorancia brasileira, para não lembrar os bufões do genero, Cunha Salles *et le reste*.

Como o estudo das formulas liturgicas, dos pre-

ceitos religiosos, dos usos mythicos e de todas as creações primitivas da humanidade achou-se transformado pela intuição nova da critica allemã, assim o senso historico d'aquelle povo, penetrando na região das formulas processuaes, aclarou-a de subito. As filiações historicas, tradicionaes e ethnicas foram descobertas, o estado mumiatico desapareceu, a vida circulou por toda parte. Os guias deixaram de ser Lobão ou Cordeiro, para chamarem-se Bethman Holweg, Karl Bolgiano, Windscheid, Frederico Mommsen (1) e outros grandes juristas, inteiramente desconhecidos entre nós. Nesta corrente vai acarretada a brochura de Martins Junior, e como representante deste espirito chegou ella até aqui. É um dos opusculos mais claros, mais methodicos, mais incisivos, mais valentes que tenho lido em lingua portugueza.

Trata-se de uma questão de *praxe* processual. O leitor nacional, acostumado a umas tantas charadas, verdadeiros jogos de sandice, entre nós elevados á categoria de magnos problemas forenses, espera sem duvida avistar-se com uma dessas estupidas miserias que fazem as dilicias dos charlatães do officio. Pois illude-se; aqui a cousa é outra, — vai-se-lhe antolhar uma questão de historia, secundando a these de direito, e é esta : *Pòde-se admittir uma dupla intuição romanica e germanica da lucta juridica ou do processo? No caso affirmativo quaes os caracteristicos de uma e outra?*

O auctor começa por uma indagação da origem da palavra *processo*, desviada de seu primitivo sentido e applicada erroneamente á *acção judiciaria*. Mostra

(1) Não confundir com Theodoro Mommsen, auctor da *Historia de Roma*.

como entre os romanos ella tinha diversa significação, da qual foi desviada na idade media pelo direito canonico.

À velha e impropria expressão elle, com Windscheid, prefere a designação de *lucta juridica*. Depois passa a determinar historicamente o genio dos dous povos — germanico e romano —, suas instituições juridicas, e, finalmente, os caracteristicos das duas fórmias processuaes.

Veremol-as no final deste artigo. Antes disto, uma observação, por conta minha, no intuito de prender esta questão de praxe a factos e a idéas mais geraes : — a influencia ou não influencia do genio germanico na civilisação moderna. — A nós outros povos latinos, ou suppostos taes, affeitos á leitura de livros francezes, afigura-se nullo o influxo da raça allemã no poderoso avançar da civilisação occidental. Achamos ainda agora no ponto de vista do velho abbade Dubois, autor da *Histoire critique de l'établissement de la monarchie française dans les Gaules*, publicada em 1734. É a mesma intuição defendida de novo por Littré, Fustel de Coulanges, André Lefèvre, e outros modernos inimigos dos allemães.

Para esses nem siquer houve invasão e conquista de germanos sobre romanos na Europa em geral, e especialmente em França, já se vê. Quanto á influencia intellectual, politica, social, cu de outra ordem qualquer, nem é bom fallar nisso!...

Não conheço preocupação patriotica e cegueira historica mais ridiculamente extravagantes do que estas.

Felizmente, na propria França, o que tem havido de mais selecto no mundo do pensamento ha protestado e reagido contra a estolida intolerancia:

Entre estes bons amigos da verdade luzem os nomes de Montesquieu, que refutou Dubois no seculo passado, de Agostinho Thyerry, de Guizot, de Ampère, com seus famosos trabalhos historicos, de Taine, de Scherer, de Renan, com seus estudos de critica. Para nós americanos, que nada temos que vêr com velhos odios e pendencias de celtas e romanos contra teutões e germanos, a historia não precisa de occultar nenhuma de suas faces; podemos encaral-as sem médo de cegueira.

A politica nos aconselha outro criterio. Deixemos a mania de nos julgar descendentes directos e immediatos dos compatriotas de Augustus e Varus, inimigos natos de Arminius. Fallamos um dialecto nec-latino, é verdade; mas somos um povo americano, um producto colonial, isto é, a mescla de indios do Continente, de negros da Africa, de iberos da Lusitania. Estes ultimos, depois de muitas misturas, foram, é certo, um tanto romanizados; cumpre não esquecer, todavia, que suevos e godos tambem estancearam e dominaram por lá. Não nos esqueçamos desse celebre imperio wisigothico, senhor da peninsula, senhor de Portugal durante seculos. Tanto devemos, pois, a germanicos quanto a romanos.

Ainda mais: o attrahente spectaculo da historia occidental, desde a queda do imperio romano, seria um enigma inexplicavel sem a larga parte que nella deve ser attribuida ás gentes germanicas. O que ha de novo na civilisação moderna, tudo o que não veio directamente de gregos, romanos e semitas (judeus e arabes), é puramente dos tudescos.

Não existe esphera alguma da actividade a que não arrojassem o impulso vigoroso de sua acção.

Na ordem historica, desmantela-se o velho e enton-

tecido imperio universal. Francos, lombardos, burgundios, anglo-saxonios, wisigodos cream Estados, aos quaes ligam seus nomes. Os proprios termos de *França* e *Inglaterra* lembram episodios das primeiras acções da grande raça.

O imperio muda de latitude e vai estabelecer-se na antiga *Germania* de Tacito. O renovamento é geral : nações novas, dialectos novos brotam de velho sólo europeu. Na ordem ethnographica, temos o accumulo de sangue novo nos depauperados organismos do centro e do meio dia.

Na esphera politica, mostra-se a descentralisação, o governo representativo, a monarchia moderada, institutos que procedem d'aquelles povos. Na categoria social, como esquecer a posição da mulher, a independencia pessoal do filho na familia, o fim da escravidão romana ?

Na região das letras, como occultar as creações epicas da poesia medieval e o inicio do drama moderno com Marlowe e Shakespeare, já não querendo fallar no progresso scientifico, desde Leibnitz ?

E nas artes, a architectura gothica e a nova direcção da musica ? E na religião, a Reforma ?

Nas creações juridicas, o individualismo, o particularismo das legislações locaes, o estatuto pessoal, o direito consuetudinario, o jury, a communhão dos bens entre os conjuges e uma multidão de idéas, entre as quaes vêm se collocar aquellas que se referem á *lucta juridica*, ou ao processo, têm essa origem. E aqui volto de novo ao opusculo de Martins Junior.

O processo entre os germanicos e romanos obedecia a estas differenças caracteriscas :

a) O primeiro apresenta uma modalidade extrajudicial, o segundo desconhece tal modalidade;

b) No romano, a prova compete ao auctor, como onus; no germanico ella pertence ao réo, como direito;

c) Ao passo que o processo germanico é *synchretico*, o romano é profundamente *analytico*. Em outros termos: em quanto no primeiro é possível a accumulção de acções, essa possibilidade deixa de existir no segundo;

d) O processo effectuado na edade media perante os *landsgerichte* e *stadtgerichte* avançava e effectuava-se por *juílgamentos successivos*; tal não acontecia no direito romano, cujas *cesuras* processuaes não correspondem áquelles juílgamentos;

e) O traço caracteristico do primitivo processo civil romano, isto é, a separação das funcções judi-  
ciarias, nas duas ordens do *jus* e do *judicium*, falta absolutamente ao processo germanico, em qualquer das phases.

Cada uma destas theses é explanada com perfeito e amplo conhecimento do assumpto. As armas do moço concorrente, a erudição de que se mostra revestido o seu talento, não as foi buscar no arsenal dos velhos juristas luzos, brazileiros, ou ainda francezes. São de melhor tempera, sahiram de forja allemã e brilham á luz das idéas com o intenso fulgor do espirito do tempo. Resta que o governo imperial aproveite as qualidades excepçionaes do moço escriptor, empossando-o da cadeira que elle acabou de conquistar no concurso que fez.

É o primeiro acto do ministerio do sr. João Alfredo com relação á Academia de que elle proprio é o director. Quero crer que elle não maneje duas bitolas para a distribuição dos actos de justiça: uma justiça adiantada e boa para os escravos, e outra acanhada e

---

má para os homens de talento. Nada de libertações para os pretos e de proposital captiveiro para os homens de letras. Martins Junior é um factor que, de alguma fôrma, contribue para a obra da libertação intellectual do Brazil. Bem haja ao governo que não lhe quebre as armas nas mãos!...

Rio, 5 de Julho de 1888.





## VIII

### MOVIMENTO ESPIRITUAL DO BRAZIL NO ANNO DE 1888

*(Retrospecto litterario e scientifico)*

---

#### I

« Vinte annos! Vinte annos de completa esterilidade no terreno das lettras.

Não temos um romancista, não temos um poeta, não temos um dramaturgo, não temos um critico de alta e vasta capacidade. Não appareceu um espirito superior, um vulto que se impozesse á reverencia geral... »

« Caturrice de romantico desorientado, cegueira de quem perdeu o senso da direcção! Nunca o Brazil andou tão bem; agora sim! Agora é que pisamos resolutamente na senda das grandes creações.

Olhe, veja quantas superioridades : que bellos versos parnasianos, que romances naturalistas, que poetas, que prosadores! Agora sim, temos litteratura... »

« Onde o successor de Gonçalves Dias, o herdeiro de Alencar ? »

« Saia-se d'ahi com o seu Gonçalves Dias e o seu Alencar.

Não valem um decimo de Olavo Bilac e de Aluizio Azevedo, por exemplo.

Que é o *Guarany* diante do *Homem*, o *Gigante de Pedra*, diante do *Sonho de Marco Antonio*? »

Assim discutiam ao meu lado no primeiro dia d'este anno, encolerizados e rubros, dois letrados, d'esses que fazem critica de almanack, a critica dos nomes proprios.

Cada um d'elles fazia metaphysica a seu modo, encurrelava-se no *absoluto*, na concepção *ideal* de seu tempo, desconhecia a evolução normal dos phenomenos intellectuaes, e não via mais nada além de seu horizonte. Ambos, atufados no erro, eram idolatras das phrases feitas. São do numero d'aquelles que recebem a moeda alheia sem lhe verificar o cunho.

Puz-me a reflexionar sobre o caso e veio-me a idéa de fazer esta especie de balanço intellectual do paiz no anno que findou e vêr se ha *saldo* ou *deficit* em nossa conta na contribuição geral dos povos para a cultura do seculo.

Qual a quota do anno que passou nos annaes do pensamento *nacional*?

Digo nacional e não *humano*; porque o Brazil ainda não falla bastante alto para ser ouvido do mundo inteiro; a esforços seus ainda não se abriram novos caminhos ao pisar da humanidade, novos horizontes ao revoar das idéas.

Como todos os povos ainda jovens, não temos o lazer indispensavel ás grandes luctas do espirito, nem a plasticidade que serve de alicerce a taes luctas.

Acabamos apenas de levantar nossa tenda na direcção do progresso; não lhe arrumamos ainda todos os compartimentos para sentarmo-nos, descuidosos das necessidades materiaes, ao lado dos sabios e pensar e meditar com elles.

Os interesses de momento, as urgencias despoticas do viver diario preoccuparam ainda durante o ultimo anno todas as forças vivas da nação, deixando estreita margem ás pugnias desinteressadas do pensamento.

A politica foi a nota dominadora, e da politica o facto culminante foi a libertação dos escravos.

Se semelhante conquista politica tivesse sido o resultado de fortes labores intellectuaes, faria naturalmente parte de nossa resenha e entraria n'este quadro.

Mas, eu o pergunto, como conquista intellectual que vale a lei de 13 de Maio?

Nada, absolutamente nada!

Todo o trabalho já estava feito pela propaganda de cincoenta ou sessenta annos, activada nos ultimos tempos.

Os imbecis do ministerio colheram apenas o fructo que pendia de apodrecido.

Nem um discurso notavel se ouviu; nem planos novos de governo e de desenvolvimento economico appareceram depois que amparassem a mediana medida.

Entretanto, a basofia governamental chamou a si as gloriolas do pequeno facto, cahiu de joelhos entumecida e parva, pretendendo que a nação inteira se prostre aos pés de não sei que figura d'*Enganadora* que paira lá nas alturas...

Matreirice safada de governichos réles.

Nada ha a joeirar como idéa, como producção espi-

ritual no estreito circulo em que se moveu o facto simples, que tem feito tontear tanta gente.

Nem ao menos pelo lado esthetico a coisa deu rebentos que prestassem. As festas promovidas aqui e nas provincias foram de uma chateza compungidora.

Nada ha a joear, nem até nos escriptos e discursos dos celebrados Polonios da abolição, antes e depois de phenomenal successo, praticado por toda a parte e por toda a gente, sem a invenção ruidosa de *Redemptorismos* patuscos.

Não pôde haver justificação á fama que circundou algum tempo os nomes d'esses declamadores banalissimos, sem estudos, sem sciencia, sem idéas, sem estylo, sem uma só das qualidades dos escriptores, ou dos oradores de merito.

Em tres generos de actividade têm elles estrebuchado para ahi no furor de sua fatua, nulla mediocridade e incompetencia : contos, artigos politicos, discursos.

Por toda a parte são sempre os mesmos ignorantes safaros, addicionados aos declamadores inchados, palavrosos, inanidos de idéas, sem profundeza, sem originalidade, sem espirito, sem uma sombra qualquer de verdadeiro talento. No eterno carnaval da politica e da litteratura do Rio de Janeiro elles representam um papel de *zabumba* martellante, atordoador; mas ôca e vasia como as geringonças de uma palhaçada africana.

Poder-se-hia fazer excepção para os escriptos politicos do Sr. Joaquim Nabuco.

Entremos, pois, nos puros dominios litterarios e scientificos, deixando o charlatanismo politico sapatear e esbofar-se a seu bel-prazer longe de nós.

Nada de preambulos e vamos ao assumpto.

A indole d'este escripto não reclama a historia e a critica miuda, nem a estatistica e a catalogação de todas as publicações brazileiras do anno de 1888.

Essa tarefa, se possivel fosse leval-a avante, deixal-a-hia de bom grado aos inventariantes do jornalismo ou ás *traças* das bibliothecas, animaes pacientes que se aprazem em miudezas e minudencias.

Meu fito é mais alto, mais difficil, mais nobre e mais util : dar a idéa geral, a nota caracteristica do momento espirital da nação, fazer a diagnose da intelligencia patria pela apreciação das publicações mais valiosas do anno que acaba de desaparecer.

## II

De toda a litteratura brazileira a região mais ubertosa, onde as producções têm mais viço e ostentam-se mais galhardas, é a região da poesia.

Comecemos por ahi; a cousa é convidativa, o terreno é plano e a viagem será curta.

O primeiro symptoma a notar na litteratura poetica do anno passado é que ainda de todo não conseguira ella emancipar-se da influencia estrangeira, *silicet*, franceza.

Em nosso lyrismo, até em suas mais valentes construcções, sobre a madeira tirada de nossas mattas hão de os operarios embutir enxertos exóticos e envernisar tudo á moda d'estranhos. Defeito esse não creado pelo anno que morreu, velha molestia nossa que a historia e a critica não poderam ainda arrancar de nosso organismo.

Entretanto, o ideal por este lado, o alvo n'esta direc

ção, seria acabar com o privilegio francez ; lêr, estudar os grandes representantes de todas as fortes litteraturas do seculo, não para repetir o que elles escreveram, mas para saber o que elles pensaram e chegar até onde elles subiram. Fortificar a individualidade, em vez de perdê-la, ao contacto dos mestres.

A melhor condição para isto é cultivar os assumptos brasileiros, conhecer a vida d'este paiz. Sua ethnographia, sua historia, sua litteratura, sua demographia, seu *folk-lore*, não fallando já no interesse incomparavel do estudo de sua geologia, de sua geographia, de sua fauna, de sua flora, que bellos assumptos offerecidos á sagacidade, ao talento, ao patriotismo de nossa mocidade !

Quando soubermos bem quem nós somos, não poderemos mais ter medo de estudar os estranhos. A autonomia do pensamento será garantia de nossa originalidade.

E os moços brasileiros poderão levantar bem alto a cabeça, quando trabalharem e quando quizerem ser elles mesmos para ficar sendo alguma cousa.

De um grande espantallo já se viram livres : da lepra, da idiotia de certa *nova geração!*...

Vae para dois ou tres annos que esse associacionismo da tolice, esse fakirismo da pedanteria e da inepecia começou a definhar, a estrebuchar até morrer. No anno passado, e este é o segundo symptoma que assignalo á diagnose intellectual patria n'esta resenha, não se fallou mais em *nova geração*. O monstrengo tinha desaparecido...

A historia d'essa praga é curiosa.

Um grupo de imbecis, tomados de não sei que prurido de exhibição, entendeu de scindir a evolução do pensamento brasileiro em duas phases inteiramente

desaccordés, onde deveriam campear, tambem radicalmente inharmonicas, — a *antiga* e a *nova geração*.

Em vez de idéas, de doutrinas, de systemas, de theorias, faziam-se os taes maganos portadores de uma folha de papel, enrolavam-se na *certidão de idade* e investiam contra a gente descuidada!... Eram os novos *hycksos* da ignorancia e da estolidez. Eu previ logo o esphacelamento d'esse bando de ciganos, que passavam pela zona litteraria a tocar seus tachos e chocalhos velhos; mas incapazes de fixar pousada e trabalhar seriamente. Um pouco experimentado, já conhecêra antes varios bandos d'esses *talentos*, d'esses *genios de arribação*, faceis em surgir e desaparecer, como nuvens de gafanhotos. Predisse ser a praga de pouca duração; os coleopteros haviam de afugentarse, e nós outros tinhamos de ficar intactos em nossos postos.

O tempo, o portentoso factor darwiniano, o magnifico alliado que sabe matar o que não presta e dar vida ao que tem valor, sem o menor esforço, em diminuto lapso, deu com a traquitana embaixo, e hoje vemos por ahi desdentados, tropegos, gafentos os grandiosos tolós da *nova geração*, d'aquella apollinia turma de heróes, que se propunham fazer o sol mais doirado, o céu mais azul, e não sei que outras brincadeiras d'este genero...

Não estando ligados por nenhuma aspiração séria, não os unindo nenhum nobre esforço social, litterario, politico ou scientifico, os taes da *nova geração* — de confraria de *elogio mutuo* transformaram-se em commandita de *descomposturas mutuas*, até que um dia rompeu-se o equilibrio e o *mundéo* despedaçou-se no chão.

O elemento destruidor interno foi o Sr. Luiz Murat.

Por simples considerações accidentaes de colleguismo e contemporaneidade academica, esse moço se approximara a principio dos bonzos da nova seita.

Pouco tempo depois começou a descrever d'aquillo e atacou pela imprensa dois ou tres dos barões da patacoada e o resto dispersou por outro modo e n'outro estylo.

O resultado é que os poetas que mais proeminaram em 1888, — o lembrado Murat, Bilac, Guimarães Passos, Augusto de Lima, Medeiros e Albuquerque e outros d'aqui e das provincias, nem mais se lembravam do barulhento *maracatu* da *nova geração*. Uma logração em regra...

Havia, por outro lado, uma razão fundamental para esta morte obscura e cruel; a rapidez vertiginosa da evolução litteraria n'este final de seculo.

Os mediocres da *nova geração*, embebidos na propria idolatria, não deram por isto, e nem estavam apercebidos para a lucta.

As phases quasi instantaneas da pugna litteraria tinham forçosamente de repercutir no Brazil, e haviamos por força de apreciar o distanciamiento dos *novos*... Ora, campar de *novo* e *ser atrazado*, é dar arrhas á satyra, é desmoralizar-se e cahir.

Era uma empreza insensata a d'esse punhado de fatuos que pretendiam trazer sempre nas golas dos paletots um *brevet de nouveauté*.

Uma geração sempre *nova*, mesmo no mundo do pensamento, é uma impossibilidade, e pretender sê-lo é um desparate.

Cada geração tem uma missão historica a cumprir, e essa missão limita necessariamente o seu esforço e a sua intuição no tempo. — Estar aquem ou além d'esse limite é falhar ao seu designio, é ser esteril, é



nullificar-se. Todo escriptor deve formar a consciencia clara de seu destino.

Adquerida esta, elle sabe então que tem um ideal. Todo ideal é relativo e limitado no tempo e no espaço; concentrar as forças na direcção d'esse alvo, mover-se energicamente nesse circulo, eis a missão dos genios e dos talentos bem equilibrados. Isto envolve uma porção de compromissos, de afirmações e negações, que dão uma nota caracteristica a cada operario do pensamento. E se póde exigir de quem assim se classificou e definiu que todos os dias se apresente de *novo*, mude de idéas, como se muda de fato? Pois tal seria a exigencia da creação de uma *perpetua* nova geração. Um desarranjo a olhos vistos. É preciso que cada um se defina n'uma direcção qualquer das grandes correntes do pensamento contemporaneo e se resigne a ser aquillo que póde ser, e a guardar o posto que escolheu.

Tal posição póde encerrar uma grande área de acção, póde até admittir mudanças uteis e inevitaveis. Ser *novinho* por força e por capricho é que não é possível.

A successão rapida dos systemas contemporaneos, expressões naturaes de uma época turva e demasiado movimentada, não obriga ninguem a ser *cata-vento*; quem tem personalidade sustenta-se bem na refrega.

Satanistas, scientificistas, socialistas, pessimistas, parnasianos, impressionistas, symbolistas, decadentes, realistas, naturalistas, cerrados batalhões de toda esta gente têm talado os campos onde alardeou grandezas o velho romantismo.

Mesmo entre nós em os ultimos vinte annos, e este é tambem um dos signaes do tempo, varias camadas de poetas succederam-se imbuídos, eivados mais ou

menos d'aquelles ideaes. Nenhum d'elles fez escola e avassalou os outros.

Passaram todos como vozes fracas no tumultuar descuidoso da indifferença geral.

Uma evolução especial, porém, um verdadeiro movimento de retorno tem estado a accentuar-se ultimamente e no anno passado mais evidente se tornou.

Refiro-me á volta de nossos melhores poetas ao puro lyrismo quasi romantico.

Não é o romantismo doentio, cheio de pezadumes, ou o romantismo arrebicado de metaphoras e palavras loucos; é o lyrismo na boa accepção do termo.

O gradual abandono dos pretenciosos systemas de poesia scientifica, pessimistica, socialista... pelo lyrismo tradicional, doce e vivace, é o phenomeno mais notavel na litteratura poetica do anno passado.

Não sei se todos repararam n'isto; mas parece-me que ando certo assignalando este facto. O simples parnasianismo, a estrophe pela estrophe, o verso pelo verso, teve entre nós apenas a vantagem de melhor disciplinar a fórmula na poesia.

Como systema era incompetente para dar sahida a todas as erupções da alma americana. As divagações scientificas, politicas, sociaes, reduzidas a metro, não são aptas para agradar ao leitor brasileiro. Este aprecia antes de tudo em poesia a linguagem alada, sonora, irisada, revestindo emoções reaes, verdadeiramente sentidas.

É por isso que ainda agora o lyrismo é a expressão mais adequada á nossa capacidade artistica.

É um bem? É um mal? Não sei; digo apenas que é um facto, e é bastante indical-o.

Os poetas que mais se distinguiram n'este retorno ás boas tradições do lyrismo foram os já mencionados

Murat, Bilac, Passos, Augusto de Lima e Medeiros e Albuquerque, estes dois ultimos não de todo entrados ainda na evolução indicada.

São os nomes agora mais em voga, em substituição aos de Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Mucio Teixeira e outros que vão já ficando um pouco escondidos na penumbra.

A fama dos poetas, vae já se parecendo tambem no Brazil com a fama das cantoras e das mulheres formosas, uma questão de moda. Na lucta pela gloria escaparão apenas os nomes que tiverem sido verdadeiramente superiores.

Nem todos os poetas citados publicaram livros em 1888; todos, porém, escreveram nos jornaes á farta. Foi um anno fertil.

A velha fórma semi-classica appareceu nas traducções de Dante por Xavier Pinheiro e Barão de Villa da Barra.

E, para que a morrinha, a morphéa poetica tambem não nos faltasse, tivemos a publicação elogiastica feita a D. Pedro II por um mammoth litterario que tem aquelle nome comprido de *Barão de Paranapiacaba*.

Não é absolutamente possivel analysar aqui um a um estes poetas.

Dar as notas mais geraes da intuição commum e nada mais.

N'este sentido supponho ser de alto interesse psychologico e historico assignalar a contradicção completa existente entre a moderna poesia e o moderno romance no Brazil. O lyrismo dá conta de uma sociedade idealista, cheia de transportes, de devotamentos, de virtudes, capaz de sacrificios e de heroismos; o romance esteriotypa uma sociedade de hypocritas, de corrompidos, de trahidores, de safados, de vis.

Quem terá razão? A verdade não póde estar ao mesmo tempo n'estes dois extremos! Um d'elles é necessariamente falso, ou o são ambos.

Só em França na segunda metade do seculo passado houve um igual dualismo na litteratura. A julgar pela tragedia, era uma sociedade de cavalheiros da mais apurada dignidade; a julgar pela comedia, era uma sociedade corrompida até á medula.

Quem tinha razão? A comedia.

Entre nós quem diz a verdade, — o lyrismo, ou o romance? Nem um, nem outro. Vel-o-hemos depois.

### III

Eu já disse que impossivel era discutir, analysar aqui a poesia nacional contemporanea. Limitei-me a indicar alguns symptomas geraes, entre outros, a antinomia existente entre ella e o romance; uma descambando para o idealismo puro e elevado, o outro entranhando-se pelo realismo sordido.

Ambos não podem ser verdadeiros. Digo que ambos são falsos no seu exagero; o lyrismo é falso quando systematisa um mundo de innocencias, de canduras, de heroismos, de gentilezas, de dignidades, de ternuras, de delicadezas, uns sonhos azues de angelicaes venturas, de nunca vistas blandicias, de nunca ideados devotamentos, afastando-se evidentemente das condições actuaes da sociedade, da vida nacional; o romance é falso quando systematisa um mundo de vicios de toda a casta, de todas as fórmulas e feitios, a devassidão, a crapula, a sordidez, a deshonna, a calunnia, a mentira, a corrupção humana em toda a

sua hediondez. São duas systematicas contradictorias, a da virtude e a do vicio, não correspondem á realidade positiva. Poetas e romancistas obedecem a um *canon* predeterminado ; e, como toda a obra d'arte é um organismo que, partindo de um elemento inicial, evolue por sua conta, ampliando, exagerando a primitiva tendencia, o resultado é poetas e romancistas chegarem afinal a creações phantasticas, ermas de verdade, alheias do meio em que realmente nos movemos.

Nosso lyrismo é, todavia, superior a nosso romance naturalista, e devemos cultivar-o vastamente. É bastante corregil-o, fortalecel-o, amplial-o.

Bem como os allemães, depois da debandada colossal de sua metaphysica, disseram que — *voltar a Kant era progredir*, pôde e deve a critica proclamar que em nossa litteratura poetica — *voltar ao lyrismo é progredir*. Façam-no os nossos moços com toda a exuberancia d'alma ; porque é essa a fórmula artistica que lhes fica de molde, é aquella que rebenta espontanea e florescente do coração mavioso de nossa raça.

Não systematisem mundos aereos, phantasticos, impossiveis ; sintam e digam puramente o que sentirem.

De mais nada precisa a poesia para ser grande, para ser boa, para captivar todas as almas de eleição. Não fiquem no circulo, vasto é certo, mas não unico, da poesia individual ; os poetas devem ser os cultores dos grandes ideiaes da patria e da humanieade. Aferir por esses ideiaes os impulsos do coração é abrir a fonte d'onde jorra a grande arte.

É natural agora a passagem para o romance. O anno passado o naturalismo brasileiro, ainda tropego e estreiante, deu os seus primeiros passos.

A *Carne* de Julio Ribeiro, o *Atheneu* de Raul Pompéa, o *Chromo* de Horacio de Carvalho, a *Hortencia* de Marques de Carvalho foram os principaes romances do anno. A elles deve-se juntar o *Homem* de Aluizio Azevedo, publicado nos ultimos mezes de 1887.

Tambem não vou dar agora a analyse, o estudo demorado de cada um d'estes livros e desenhar o perfil de cada uma d'essas individualidades.

Será trabalho opportunamente feito.

Fiquemos no geral, n'aquillo que constitue o laço commum á intuição do romance por estes escriptores.

A primeira nota que se impõe ao leitor insuspeito é o ar de proximo parentesco entre todos aquelles livros, excepto o *Atheneu*. Dado o motivo inicial pelo *Homem*, os outros afinaram-se mais ou menos por elle. Os quatro romances são todos de *heroínas* e *heroínas* que se parecem bastante. *Lenita* é uma *preciosa* de truz, uma pedantesca moça, a quem a leitura e o estudo desorientado não poderam soffrear os impetos da *carne*, e que prostituiu-se sofregamente com o primeiro macho que lhe appareceu e lhe dava lições; *Esther* é uma *preciosa* de peor especie, que, apesar de suas excursões nos dominios da sciencia e da philosophia, enamorou-se loucamente por um gamenho visto uma só vez n'um baile, entrou a ensandecer pela visão de um *chromo* parecido com o rapaz, e mais tarde entregou-se impaciente ao medico que lhe enchera a cabeça de fanfarrices pseudo-scientificas e por quem se apaixonara a seu turno; *Magdá* tambem era da familia das cultoras da meia-sciencia, dos estudos indigestos; tomou-se de amores pelo rapaz que lhe servia de mestre, seu irmão sem que ella o soubesse.

Estas tres heroínas desmancham-se em sonhos estapafurdios, especialmente as duas ultimas. Resta *Hor-*

tencia. Não era *sabia* como as outras; antes era uma pobre matuta rechonchuda e forte, boa candidata a mais de um homem...

A boa *diaba*, porém, de nervos equilibrados, tem um sonho horroroso, medonho, apocalypticó, só por ter ido a um hospital e conseguir lá um emprego!...

Se falta-lhe o elemento do *preciosismo* para aparentar-se ás outras, tem o elemento *sonho* para agarrar-se a ellas de unhas e dentes, e mais a facilidade alvar com que deixou-se deflorar por seu proprio irmão, que lhe fazia no caso o papel de *mestre*, não de *sciencia*, mas de cousas da rua e das macaquices e geringonças de um circo de cavallinhos.

Ha evidentemente nos quatro livros falta de invenção, que, tratando-se de romances naturalistas, quer dizer falta de observação directa, segura e pessoal.

Raúl Pompéa seguiu outro caminho, e, sem que seja isto razão para ciumes, seu livro, como obra d'arte; como estylo, é o mais forte dos cinco.

A razão creio estar no seguinte : o auctor do *Atheneu* é o mais culto de seus pares no Brazil.

Não anda apenas a deglutir as migalhas da litteratura franceza. Provadamente estudioso, os classicos latinos e gregos não lhe mettem mêdo, os bons auctores inglezes e allemães fazem-lhe as delicias. Por isso não está elle preso ao naturalismo estreito e esteril da escola de Zola, cujos romances fazem na litteratura o mesmo papel dos livros de Letourneau, Le Bon, Lefèvre et reliqui no mundo da sciencia, o papel da mediocridade charlatanesca, enganadora e pretenciosa. Tenho medo que me attirem pedras, quero dizer descomposturas, mas já agora é preciso ser sincero e dizer toda a verdade. O *naturalismo* de Zola, especial-

mente como o entendem no Brazil, não é a ultima palavra em litteratura. Ao lado d'esse naturalismo, que se póde chamar a systematisação do mal, ha um naturalismo mais vasto, mais correcto, mais exacto, mais humano e mais scientifico. Este conta apenas dous representantes no Brazil : Raúl Pompéa e Domicio da Gama.

São muito moços, começam apenas, não deram ainda toda a medida de sua capacidade; mas, ou eu me engano muito, ou este paiz tem n'elles dous escriptores de altura ácima do commum. Os outros têm talento; mas esse talento não é tão maleavel, tão despreoccupado, tão insinuante, e tão alentado por bem dirigidos estudos.

Entretanto, Raúl e Domicio são hoje a minoria, representam a esquerda na lucta do naturalismo; os outros são em maior numero, mostraram o anno passado bastante vigor, e eu tenho a obrigação de expôr os motivos por que os não acompanho, preferindo os primeiros.

O zolismo puro, o zolismo extremado se me afigura em desaccôrdo com factos scientificos provados. Discutill-o, ainda que rapidamente, é discutir a intuição do romance adoptado recentemente no Brazil.

O maior feito espirital do seculo actual foi mostrar a continuidade, a unidade de todos os factos, de todos os phenomenos que são o objecto da sciencia. Desappareceu assim a antiga insuperavel barreira entre as sciencias phisicas e naturaes e as denominadas sciencias moraes.

A intuição monistica poude acabar com essa dicotomia; mas acabou-a com a devida sensatez.

Na litteratura, que sempre se modifica quando a sciencia se renova, appareceu logicamente a idéa do



naturalismo, isto é, de um modo de comprehender a sociedade semelhante áquelle porque se comprehendem os phenomenos naturaes. Mas d'aquelle grande feito da cultura do seculo originou-se o que se póde chamar o grande erro de nosso tempo : a applicação errada e tumultuaria dos methodos e processos das sciencias inferiores ás sciencias superiores. D'ahi essas tentativas phantasiosas e perturbadoras de applicar processos da mathematica, ou da physica, ou da chimica, ou da biologia, ao direito, á sciencia social, á economia politica, á critica litteraria, á esthetica, etc. Um cahos, um verdadeiro horror. Avalia-se bem quantas extravagancias essa mania na cabeça dos ignorantes não haveria de produzir. Emilio Zola foi d'esse numero. Sem estudos feitos, sem cultura scientifica, pegou da *Introduccão ao estudo da physiologia experimental* de Claude Bernard e entendeu que tudo aquillo era applicavel ao romance e inventou aquella patacoada do *Romance Experimental*, como se com a sociedade se podessem fazer experiencias!! O bom do romancista não viu que o proprio celebre medico francez distinguiu perfeitamente o methodo de *experimentação* do methodo de *observação*. « Dá-se o nome de *observador*, diz elle, a quem applica os processos de investigações simples ou complexas ao estudo dos phenomenos que esse alguém não faz variar e que são recolhidos por conseguinte taes quaes a natureza os apresenta; dá-se o nome de *experimentador* a quem emprega os processos de investigações simples ou complexas para fazer variar ou modificar, n'um alvo qualquer, os phenomenos naturaes e os fazer apparecèr em circumstancias ou condições nas quaes a natureza não os apresenta. »

Bem se vê que a humanidade, na marcha compli-

cadissima de sua vida, poderá apenas ser objecto de observações locais e limitadissimas e jamais assumpto de *experimentações*... Foi, portanto, n'um injustificavel erro de methodo que Zola fundou toda sua theoria de romance e da arte em geral. Esse erro de methodo trouxe inconvenientes sem par e falseou toda a sua esthetica. É conhecida sua celebre definição da arte: « um canto, um pedaço da *natureza* visto atravez de um temperamento. » Esta definição é errada: A *natureza* não tem arte; a arte é um producto da *cultura* humana.

Tenho impetos de corrigir a formula e dizer: « a arte é um canto da *sociedade* visto atravez de um temperamento. »

A theoria de Zola fere o principio fundamental de ser a evolução, o desenvolvimento, o *fieri* perpetuo da humanidade o resultado justamente de uma lucta contra a estreiteza, contra a esterilidade da *natureza*; desconhece o combate da *cultura* contra a *natura*.

Tudo quanto de elevado e grandioso tem a humanidade produzido é um resultado d'essa lucta, d'esse combate diuturno. A civilização é o coeficiente d'esse esforço. O homem *natural* é o homem das cavernas, o coevo do megatherio e do mammoth. O homem pôde ser definido o animal que faz estatuas, musicas, edificios e poemas. É o animal que faz livros.

A *natureza* não tem a menor idéa d'essas cousas; uma *arte natural* implica contradicção; arte e *natureza* são dous conceitos que se repellem.

Não é só isto: a theoria de Zola, o *naturalismo* consequente, põe-se em desaccordo com principios exactos da esthetica e da critica. Fere, por exemplo, de frente o principio verdadeiro de Taine de que a arte não consiste na imitação exacta e completa dos

factos e sim na das simples relações necessarias e entre estas a do character fundamental das cousas.

Ataca o principio de Gottschall de ser a obra d'arte alguma cousa de autonomo, que partindo dos factos reaes, desenvolve-se como um organismo independente.

Desconhece o axioma de Scherer de que realismo e idealismo não são duas doutrinas, dois systemas, dois modos de comprehender a arte; mas dois polos entre os quaes gira toda a concepção artistica da humanidade.

Insurge-se loucamente contra a verdade que se deve geralmente proclamar de que a synthese scientifica e philosophica, não é objectiva nem subjectiva, como queriam os metaphysicos do materialismo e os metaphysicos do idealismo, mas uma synthese bilateral, o que importa dizer que não é só producto do mundo externo, sinão fundamentalmente do desenvolvimento mental do homem.

Repelle, finalmente, a sentença de Gustavo Freitag: « o romancista deve principalmente estudar o povo na sua actividade, no seu trabalho. »

Os nataralistas da escola franceza preferem estudar o povo na sua bandalheira! Simples questão de gosto. Mas é preciso convir que até na bandalheira a *natureza* tem muito pouco que ver; os refinamentos, os encantamentos *artisticos* da crapula são um producto da *cultura*, da *civilização*.

A natureza! a natureza! sigamos a natureza! Saiam-se dahi com as suas ingenuidades; se tivéssemos ficado presos ás agruras ou ás garras de *mamãe natureza*, ainda hoje seriamos uns animaes hirsutos e bestiaes a chupar o tutano dos ossos do urso das cavernas e do elephante primitivo.

O leitor me fará a justiça de suppôr que, se fosse preciso e opportuno, eu desenvolveria as theses, todas as theses que deixei indicadas contra o naturalismo francez e mostradoras de uma concepção mais larga, mais fecunda e scientifica da arte em geral e do romance em particular.

Essa errada concepção da arte e da litteratura, oriunda de um erro inicial de methodo, conta similares disparates na critica e nas sciencias sociaes. Não é um facto simples e para ser desprezado; é, ao contrario, o grande erro do seculo XIX, oriundo justamente de sua melhor qualidade, já o disse.

#### IV

Era agora a occasião de escrever alguma coisa sobre o theatro no anno que findou, se o theatro entre nós não fosse uma coisa dolorosa, uma recordação afflictiva. Meia duzia de mediocres, de incapazes da ultima esphera mental apoderou-se d'elle e produziu esta coisa informe, misera e sem nome, que é a dramaturgia nacional na quadra que atravessamos, n'este final de reinado do imperador D. Pedro II...

Por este lado a banca-rota foi e continúa a ser completa. Passemos, pois, além e detenhamo-nos ante a critica. Depois da poesia, tem sido o districto mais animado de nossa litteratura nos ultimos tempos.

Nota-se até o singular phenomeno de querer exercer a critica todo o que sente um prurido qualquer de escrever para o publico. Se a coisa continuar assim, chegaremos á posição anomala de uma litteratura sem producção beletristica, uma litteratura só de criticos.

e uma critica pneumatica, exercendo-se no vacuo. Ha de ser muito interessante...

Antes de fallar dos escriptores do officio que mais se distinguiram no anno findo, algumas palavras sobre a arte de criticar no Brazil.

Nos tempos coloniaes não existiu entre nós; seus primeiros rebentos são do tempo da Regencia com Januario Barbosa, Abreu e Lima e o proprio Evaristo da Veiga. Era ainda muito vacillante. Pouco depois appareceram os primeiros e parcos ensaios de Magalhães, Porto-Alegre e Salles Torres Homem.

Mais alentada se mostrou nos primeiros annos do actual reinado pelo orgão de Santhiago Nunes Ribeiro e Norberto de Souza e Silva.

Já então tinha preocupações nacionalistas e cogitava de nossas origens. Pouco mais tarde descahiu immensamente nas mãos de Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis. Vestira então a velha tunica da rhetorica, tendo despido o amplo manto da historia.

Depois seguiram-se algumas tentativas de José de Alencar e Macedo Soares, e mais tarde de Quintino Bocayuva e Machado de Assis, segundo as doutrinas do romantismo francez posterior a 1830.

Estavam as cousas n'este ponto quando appareceu o autor d'estas linhas.

Era em 1869-70.

Comprehendeu a extenuação e morte inevitavel do romantismo e lançou os germenos de outra fórmula litteraria para a poesia, para o romance, para a arte em geral.

Avaliou convenientemente a necessidade de rever toda a velha base da esthesia patria e introduziu na critica e na historia brazileira o verdadeiro principio ethnographico, até então falsificado pela mania do

*indianismo*. Quiz ser homem de seu tempo, sem deixar de ser homem de seu paiz, e applicou as idéas novas europeas sempre a assumptos nacionaes, como é facil verificar pela simples inspecção dos titulos de suas obras.

Presentiu logo a importancia extraordinaria do conhecimento da psychologia popular, como factor das creações litterarias, e emprehendeu colleccionar o nosso *Folk-lore* de que d'antes não tinhamos quasi conhecimento algum.

Não lhe passou despercebida a necessidade de levar a critica, ás vezes rude, a varios esconderijos de nossa ignorancia; d'ahi as suas monographias sobre os nossos philosophos, os nossos parlamentares, os nossos ethnologos, etc.

Finalmente, sentiu bem clara a visão da necessidade ineluctavel de dar a tudo isto um vasto corpo, articulado e vivo, e emprehendeu a historia das luctas intellectuaes brazileiras, *a historia da nossa litteratura*, cujos dois primeiros volumes appareceram o anno passado.

O leitor veja bem, e comprehenda melhor: o auctor não pretende vangloriar-se, porque não tem motivos para tanto; o que elle leva em mira é rebater a perversidade de alguns zangões que já andam por ahí a inverter uma historia de hontem, a occultar o seu nome, e a pôr em seu logar outras figuras. É tempo de reclamar.

Alguns, para tramar intriga, attiram-lhe em cima o nome, o grande nome de Tobias Barreto.

É uma estolidez, filha de crassa ignorancia, ou de requintada má fé.

Tobias nunca se occupou de critica litteraria propriamente dita, e menos applicada a escriptores e a

produções do Brazil. Sua vida está estudada e conhecida, não permite logar a duvidas.

Deixando de parte sua existencia em Sergipe até Novembro de 1862, porque ella pouco avulta em sua obra litteraria, vemol-o no Recife de Dezembro daquelle anno até 1868, quando o auctor o encontrou pela primeira vez, inteiramente entregue á poesia, de que foi o chefe do *condoreirismo* a principio e depois de um puro lyrismo de cunho especial.

Ainda no curso de 1868, escreveu elle os seus primeiros artigos de *reacção philosophica*, mais ou menos no sentido do positivismo francez, tarefa em que proseguiu nos dois annos subsequentes. De 1871 em diante começou o seu *allemanismo*, isto é, o gosto e o cultivo das lettras allemãs; mas allemanismo não é, como talvez supponham alguns ingenuos, um systema de critica, ou de philosophia, ou de politica, é apenas a predilecção pela vida espirital de um povo, como o hellenismo, e importa, sempre e em todo caso, determinar dos dominios da vasta litteratura allemã quaes aquelles que o sabio sergipano cultivou mais a miudo e de que deu-nos provas e noticias em seus escriptos. Foram a critica religiosa, a philosophia, a historia e o direito, d'este ultimo especialmente o direito publico e o direito penal.

A litteratura propriamente dita e a historia litteraria, comquanto as manuseasse por prazer e como entretenimento, não fez d'ellas jámais objecto especial de seus escriptos.

Só ultimamente em 1887 abriu uma excepção com a publicação dos *Traços de Litteratura Comparada*, precedidos de pouco tempo pelo *Ensaio de pré-historia da litteratura classica allemã*. Estes dois escriptos são recentes e reportam-se a assumptos estrangeiros.

Com sua entrada como professor para a Academia do Recife, o direito, que já d'antes o preocupava, começou a predominar sobre o resto. Foi então o abridor de caminho para o *monismo* applicado ás concepções juridicas. Eis ahi : em 1862 — condoreirismo poetico, em 1868 — reacção philosophica, em 1871 — allemanismo, em 1880, ou poucos antes, monismo juristico, em 1887 — litteraturas estrangeiras comparadas. Para um homem é mais que sufficiente. Mas que tem isto que vêr com a critica litteraria, e especialmente como o auctor a comprehendeu e a propagou entre nós desde 1869-70?

Apenas a adopção de algumas intuições de caracter mais ou menos geral de que o autor jámais fez segredo.

Em essencia a obra litteraria e scientifica de Tobias Barretto possúe estructura, designios e tendencias diversas da do escriptor d'este artigo.

Outros lembram infundadamente o nome do malogrado Celso de Magalhães.

É desparate bravio, proprio de cabeças desvairadas. Celso cultivou especialmente, na sua phase academica, em que foi condiscipulo do auctor, a poesia, o romance, o conto, o folhetim. Em critica deixou apenas os fragmentados artigos sobre poesia popular, escriptos em 1873, época em que nós já eramos velho nos combates da imprensa. A Celso já foi feita justiça nos *Estudos sobre a nossa poesia popular*, apparecidos na *Revista Brasileira*. Mas é só aquillo; nós não aprendemos d'elle nada n'esta vida.

Menos ainda do obscuro, ainda que habil Rocha Lima, que nunca teve nome no Recife, nem publicou alli jámais duas linhas em qualquer assumpto.

Esteve rapidamente, ao que dizem os seus biographos, na capital pernambucana pelos annos de 1871



ou 72; imbiu-se das intuições então alli correntes e, de volta ao Ceará, publicou alguns ligeiros artigos, que nunca foram por nós lidos senão ultimamente aqui no Rio de Janeiro, onde d'elles fizeram parca edição.

Ha tambem quem se tenha lembrado do Dr. Araripe Junior, como o iniciador e propagador do moderno criticar no Brazil.

É formidavel erro historico.

O Dr. Araripe Junior no decennio de 1860 a 70 em que viveu no Recife, não fez, ao que nos conste, uma só publicação sobre critica; no decennio de 70 a 80, em que residiu em varias paragens do imperio, cultivou o conto e o romance; no ultimo decennio de 80 para cá é que tem cultivado seguidamente a arte de Taine, com distincção, é certo, mas sem iniciativa; porque este não é o seu temperamento.

Após este preliminar, podemos confabular com os criticos do anno passado, *sine ira et studio, quorum causas procul habeo*.

Os mais illustrados cultores da difficil arte de criticar em 1888 foram Arthur Orlando, Clovis Bevilacqua, Araripe Junior e Tito Livio de Castro.

Nenhum d'elles publicou então livros; escreveram todos abundantemente nos jornaes. Tobias Barreto, com suas *Questões Vigentes de Philosophia e de Direito* e seu *Commentario Critico ao Codigo Criminal*, irá figurar na secção consagrada aos juristas e philosophos.

Eu bem quizera dar uma noticia miuda e completa dos trabalhos e das idéas d'aquelles quatro auctores. A natureza d'este escripto veda-m'o.

Limitar-me-hei a indicar a nota predominante e tonica entre elles.

Arthur e Clovis são dois moços do norte. dois discipulos da escola moderna do Recife; commungam á mesa do monismo hækeliano em materia de sciencia e de philosophia.

Tito Livio de Castro e Araripe Junior obedecem ás mesmas intuições, *mutatis mutandis, servatis servandis*. São quatro espiritos de saber e de prestimoso futuro.

O maior defeito que, a meu vêr, como subtil microbio, se immiscue e lastra pelas junturas do criticar actual no Brazil, maçula consistente na exaggeração de um ponto de partida exacto, consiste na applicação de processos e principios de sciencias inferiores a sciencias de gráo mais elevado.

É, vê o leitor, o mesmo vicio já notado quando tractamos do romance como estudo social. D'ahi o tomarem-se, não raro, metaphoras por outras tantas realidades.

Quero ser bem claro, para ser bem comprehendido.

A idéa central da intuição moderna em sciencia, o pião, digamos assim, em torno do qual gira todo o pensamento contemporaneo, é a da falsidade da antiga dicotomia absoluta entre o mundo physico e o mundo do pensamento.

D'ahi a idéa de um só principio régulador para toda a sciencia humana, d'ahi a idéa do *monismo* no mais lato sentido. Mas unidade de *fins*, não quer dizer identidade de *construcção*.

A complexidade crescente dos phenomenos sujeitos á analyse humana, quando esta passa do movimento para o pensamento, do inconsciente para o consciente, do mecanico para o racional, ainda não deixou, e não deixará jámais, de ser a mais ineluctavel das realida-

des. E o exemplo dos grandes mestres vem em nosso apoio; nunca elles praticaram os desparates que ahi diariamente multiplicam os epygonos. O atropelo d'estes ultimos origina-se de um duplo erro: confundem o auxilio que as sciencias inferiores podem e devem prestar ás superiores com a troca e o emprego absurdo dos methodos d'ellas indifferentemente entre si; confundem a philosophia geral, oriunda dos grandes systemas contemporaneos, com a sciencia especial em cujo seio este ou aquelle systema mais particularmente se constituiu.

Quanto ao primeiro caso: o mundo dos phenomenos é um grande todo, um vastissimo *Cosmos*, onde tudo se prende, ainda que profundas distincções e differenças se possam assignalar no seu infinito desdobramento. Importa proclamar que as sciencias, sem deixarem de ser diversas e irreductiveis entre si, dão-se mutuo apoio; mas este apoio não deve ir até uma troca de papeis. Quando, por exemplo, o critico ou o historiador, para bem comprehender o valor de uma litteratura, ou esclarecer o sentido da marcha social de um povo, recorre á metereologia, que fornece notas sobre a constituição climaterica da região em que viveu aquelle povo; recorre á geologia, que dá noticias sobre a organização estructural d'essa região; recorre á geographia, que lhe explica os recursos e particularidades d'esse meio; recorre á ethnographia, que lhe descreve e classifica a raça d'esse povo; recorre á anthropologia e á psychologia, que lhe fornecem os segredos de varios problemas attinentes ao assumpto, o critico ou o historiador não confunde a sua arte, a sua sciencia com aquellas a que pede auxilios, nem lhes baralha os methodos e intuitos. Creio ser isto claro e ficar eu dispensado de juntar mais nada.

O contrario é condemnar-se ao charlatanismo e falsificar a critica ou a historia.

Quanto ao segundo caso : a confusão entre a philosophia geral que bróta de um systema e a sciencia especial em cujo dominio o systema se architectou, é um erro flagrante. E é muito commettido, particularmente com relação ao darwinismo.

Sabe-se que o systema decorado com este nome originou-se no circulo da biologia. Antes de ser uma doutrina geral, foi uma reforma biologica.

Espiritos logicos e de vasta visualidade mental é que da biologia tiraram as notações generalisaveis da doutrina, levaram-n'as ás outras sciencias, e fundaram com ellas uma philosophia.

Quando, pois, se diz, como diariamente se repete, que o darwinismo se póde applicar, como de facto tem-se applicado, á linguistica, á historia, á sciencia social, ao direito, á critica, é mister comprehender que o que se applica a tudo isto, é a philosophia darwiniana, e não os methodos e processos especiaes da biologia.

E estas verdades elementares andam por ahi desconhecidas, entre outros, dos noviços da critica, visionarios que dão-se em espectaculo, accumulando tolices para divertimento publico.

Felizmente as suas innovações não passam do exterior, não vão além do vocabulario, do abuso de metaphoras de character hybridó. Uma vez n'este declive, cada um vae buscar os ornatos favoritos de sua linguagem onde bem lhe convem, ou onde a cousa é mais facil. Uns tiram os tropos da astronomia, outros da physica, estes da chimica, aquelles da biologia!... É o diabo!

Cada um tem o direito de ser desfructavel como

bem lhe approuver; os nossos criticos têm o seu systema já assentado.

Deixal-os em sua ingenuidade.

É inutil ponderar que me não refiro com todo o peso d'este rigor aos que citei e de quem sou amigo. Dirijo-me aos bufões que os exaggeram e escrevem por ahí uns *pastiches* illegiveis.

E já agora não me despeço dos meus quatro illustres confrades, sem discutir a doutrina artistica de um dos mais notaveis d'entre elles, o Dr. Araripe Junior. Este intelligente e prestimoso escriptor com quem mantenho relações estreitas de amizade e de quem me preso de ser um dos mais ardentes apreciadores, vae cahindo n'uma especie de gnosticismo esthetico de difficil destrinçar.

Perdôe-me elle, mas eu devo ser sincero : se quer entrar plenamente nos dominios da esthetica, da philosophia d'arte, tome o caminho que entender; mas a permanecer na esphera da critica, lembre-se que os dois campos são diversos, e as excursões do esthetico prejudicam as analyses do critico. Este deve ter uma philosophia que se ha-de ler entre as linhas, sendo um defeito andar a expô-la a cada passo.

Ainda mais avultado se me antolha o inconveniente, quando a doutrina artistica é uma innovação da ultima hora, e vem pôr-se em desaccôrdo com tudo quanto antes o escriptor tinha produzido.

O que desagrada aqui não é a novidade, verdadeira ou não, é a confusão. O Dr. Araripe, comquanto só agora tenha quarenta annos, já passou nos ultimos vinte por tres enormes revoluções. Todos sabemos que, admirador de Gonçalves Dias e Alencar, elle começára pelo indianismo no romance e na critica, como se pôde ver de sua *Carta sobre a litteratura*

*brazileira*, publicada, se me não illude a memoria, em 1870 ou 71. De 1873 em diante começou a entrar mais de largo na corrente do seculo; deixou as velhas doutrinas e apresentou-se perfeitamente progressivo e apto a boas emprezas espirituaes. Isto distendeu-se por todo um decennio e chegou até 1883. D'esta phase é bello documento o *Estudo sobre José de Alencar*, o melhor producto de sua penna até hoje.

Quiz a fatalidade, porém, que em 1884 o nosso critico se apparelhasse para um concurso de lingua portugueza, que, aliás, não levou a effeito.

Os livros de glottica lhe cahiram nas mãos e lhe fizeram no espirito uma revolução sem razão de ser, inteiramente infundada. De então em diante elle começou a ver elipses e crases por toda a parte, e entrou a sonhar com a syntaxe *super-organica*...

É a applicação d'estas phantasias grammaticaes á arte que me proponho refutar, e espero fazel-o em poucas palavras.

« A obra esthetica não vem a ser outra causa senão a applicação mais *complexa das regras da syntaxe, uma syntaxe super-organica*, aonde, em lugar de proposições, existem representações de estados contemplativos ou figurativos. Uma questão que só se obtem, na obra de arte, como no periodo grammatical, pela reacção e integração das respectivas clausulas. »

E acrescenta em discreta nota : « O principio de que a arte não é *senão o desenvolvimento super-organico da syntaxe*, e que ella se baseia na *economia do esforço* e se reduz a machinas de sensações para a reproducção da perspectiva interna, tem sido o ponto de partida de todos os meus trabalhos de critica a dactar de 1884. »

Vêm estas palavras impressas n'aquella revista em

que é enorme figurão o decantado poeta da *Camo-neana*, onde traduz pelo burro, *A Marmitta* de Plauto, elle, o *barão lettrado*, que não sabe latim e publica traducções *latinas*, que não sabe italiano, tanto que traduz *cercu* por *cercou* e examina em concursos *d'essa lingua...*

Vê o leitor que me refiro á *Treze de Maio* (Pag. 108).

Confesso que prefiro as antigas doutrinas de meu amigo Araripe á sua actual theoria.

Examinemol-a de perto : « *A arte é uma applicação mais complexa da syntaxe, é uma syntaxe super-organica.* » Por outros termos do proprio auctor : « *A arte é o desenvolvimento super-organico da syntaxe.* »

Primeiramente, esta equipolencia entre a syntaxe, isto é, entre as leis da linguagem e as leis mesmas do pensamento, incluido ahi o pensamento esthetico, nada tem de novo. É uma velharia já gasta por todos os logicos e todos os linguistas. Depois, a phrase *syntaxe super-organica*, querendo significar uma evolução especial da syntaxe, é erronea, porque é esse um attributo da syntaxe em todo e qualquer sentido, porque ella é sempre uma producção social, superior ao desenvolvimento organico particular do individuo.

Não é só isto : a doutrina, ainda quando fosse verdadeira, só se poderia referir ás artes da palavra, á poesia, á eloquencia, á prosa. Todas as mais ficariam fóra do seu circulo, por nada terem que vêr com a syntaxe ou cousa que com ella se pareça.

E a theoria não serve, desde que não se applica, não se estende a toda a esphera artistica.

Não é tudo ainda : « *A arte baseia-se na economia do esforço.* »

Tambem aqui anda a *grammatica* ; ouço n'este phraseado o echo da chamada *lei do menor esforço*

dos linguistas, que não passa de uma ramificação sonora da *preguiça humana*.

Mas Araripe não tem razão; não é a lei da preguiça ou do menor esforço que serve de base á arte. Bem ao contrario. Segundo os darwinistas, com quem estou de accordo n'este pensar, o ponto de partida, a origem, o fundamento da arte veio de tendencia inteiramente opposta á que assignala o nosso auctor. Foi o impulso de gastar a força accumulada, de dar-lhe um emprego, de pô-la em actividade nas horas de aborrecido ocio que trouxe a manifestação das tendencias artisticas do homem.

Foi o horror á preguiça, ao tédio, á vida sem esforço e sem applicação, que produziu o brinco, o folgar, as diversões, que são a origem da arte.

Julgo desacertado o emprego do grande talento do auctor a colorir e divulgar tão erronea theoria da arte.

Digo-o com a franqueza que elle merece, e que me relevará certamente.

## V

Passemos á parte scientifica e ultimemos este esboço.

O movimento, por este lado, não foi muito consideravel, tomando as cousas em absoluto; mas bastante apreciavel, attenta a exiguidade de nosso meio para as grandes conquistas do pensamento.

Em astronomia — alguns trabalhos technicos, de Cruls e do barão de Tefé despertam especial menção. Em medicina impoem igual tributo publicações de



Martins Costa, Moncorvo, Moura Brazil, Freire, Fajardo e outros. Em historia e geographia varias contribuições dos Srs Capistrano de Abreu e Moreira Pinto se destacam.

Em linguistica — escriptos de João Ribeiro, Macedo Soares e Beaurepaire Rohan avultam entre os congeneres.

Em ethnographia e archeologia americana os Srs. Ladisláo Netto e Barbosa Rodrigues continuaram os seus labores.

Aquelle foi ao *Congresso dos Americanistas* representar o Brazil; o outro publicou alguns artigos no 1.º n. da *Vellozia*, revista por elle dirigida em Manáos.

Paremos aqui e discutamos um pouco.

Uma das maiores singularidades de nosso tempo é a teimosia de alguns cientistas europeus, desconhecedores completos de assumptos brazileiros, illudidos pelo imperador, que soffre de scientificose, de contar entre os americanistas o nosso Ladisláo Netto!

Ainda não quizeram elles comprehender que a patacoada do Ladisláo publicada nos *Archivos do Museu Nacional* não passa de um apanhado de trabalhos de Hartt, Derby, Rumbelsperger, Ferreira Penna, Barbosa Rodrigues e outros, cabendo-lhe em especial apenas os desparates espalhados por aquellas malfadadas paginas. Os taes sabios ainda não quizeram comprehender isto. Como, se lá está a figura do imperador, a apadrinhar o figurão do Museu? Haveria muito a andar por este caminho e interessantes cousas a dizer sobre as gentilezas da sciencia européa quando ella quer agradar aos principes e aos imperadores...

Não o farei eu agora.

Mas, afinal, que praticou o celebre brazileiro no

*Congresso dos Americanistas* reunido o anno passado em Berlim?

Que figura alli fez, que papel alli representou? Eis o que importa assignalar : eis o que deve ficar bem assentado.

Os que leram no 6.<sup>o</sup> vol. dos *Archivos do Museu Nacional as Investigações sobre a archeologia brasileira* devidas á penna do Sr. Ladisláo sabem que este compilador trapalhão, no meio de massudissimas digressões, e por entre muitas contradicções, pretendeu provar duas theses principaes : irmandade entre a ceramica de Marajó e a dos *mound-builders* dos Estados-Unidos, sua filiação na ceramica do velho mundo.

Ha quem affirme por ahi que esse mesmo trabalho, com todas as suas lacunas e despropositos, não é de todo d'elle...

Não sei até que ponto será isto verdade. Não quero entrar por esta trilha, por onde enveredou o Dr. Ferraz de Macedo. Acho o terreno escorregadio e não vejo que seja necessario lutar para definir a paternidade d'aquella producção, que se me antolha despida de todo e qualquer merecimento. Fallemos d'aquillo no presupposto de ser parto exclusivo do Sr. Ladisláo. Não era natural que em Berlim elle se fosse bater por suas idéas favoritas? Porque não o fez? Tendo renegado a these de indigenismo dos povos americanos, que a principio defendera, pelo alienigenismo, porque não encarreirou o debate para este lado? Porque não continuou diante dos sabios a interpretação da escripta do celebre *prato* de Marajó?

O *savant* deixou tudo isto de banda e foi tratar da questão da *jade* e da *jadeite*, de que d'antes jámais se occupara! Fazia-o por tomar o passo, até n'este ponto, ao Sr. Barbosa Rodrigues, o unico que n'este

assumpto tem, por influencia de Fischer, estudos especiaes no Brazil. É tal, porém, o criterio do Sr. Ladisláo, n'estas questões, que sendo elle hoje secretario das migrações dos asiaticos para a America, no ponto precipuo do argumento, que da *jadeite* se tira a favor d'essa doutrina, elle inconscientemente o abandonou, opinando pelo indigenismo dessas pedras!... Esta observação escapou aos membros do congresso.

Barbosa ao menos, sendo muito mais talentoso e trabalhador, é coherente : é alienigena sobre a primitiva população americana e abraça a doutrina fische-riana da não existencia originaria da *jadeite* em nosso continente.

Ladisláo julga poder manejar uma sciencia de duas caras : diante do *prato* de Marajó elle é sectario do *asiatismo* dos americanos, diante das *laminas de jadeite* é seguidor do *autochtonismo* dos antigos selvagens!...

E é a uma cabeça d'estas, despida do mais elemental senso logico, que se manda fallar pelo Brazil em Berlim.

Quando acabará a microcephalia da sciencia de São Christovão? A dar credito aos jornaes europeus que pude ler sobre o assumpto, nosso representante no Congresso tomou a palavra nas sessões tres vezes : uma para comprimentar os congressistas em nome do imperador do Brazil, outra para mostrar uma lamina de *jadeite* achada no Chile, a ultima para descorrer sobre os artefactos d'esta substancia encontrados no Amazonas. Dos assumptos tratados nos *Archivos do Museu* nem palavra...

Deixemos este singularissimo representante do imperialismo scientifico do Brazil e passemos ao seu rival — o Sr. Barbosa Rodrigues.

Com este estamos em melhor companhia.

Não sou suspeito, exprimindo-me assim : já uma vez, precisamente sobre a questão da pedra nephrite, puz-me em desaccordo com elle, que segue n'este assumpto a opinião de Henrique Fischer, defendendo eu o pensar de A. B. Meyer, de Dresde.

Pugno por idéas e gosto de fazer justiça a quem d'ella se impõe merecedor.

O Sr. Barbosa Rodrigues, residente ha annos na capital do Amazonas, publicou alli em 1886, o vol. 1.<sup>o</sup> de uma revista sob o titulo — *Vellozia*, contendo estes escriptos : — *Eclogae plantarum novarum*, — *Palmae Amazonensis novae*, — *Antiquidades do Amazonas*, — *Poranduba Amazonense*, — e outros de menor importancia.

São escriptos todos elles de valor ; são reveladores de pesquisas directas feitas pelo auctor, e n'este facto encerra-se o seu maior elogio. Não tenho que analysar todo o volume ; limito-me apenas a ligeiras annotações sobre a *poranduba amazonense*, restringindo-me até á *advertencia* que antecede o escripto. N'este o director do Museu Botanico de Manáos publica alguns contos indigenas no original selvagem acompanhado de traducções litteraes. Ainda bem.

Quando se me depararam os taes contos, não deixei de exclamar : « Pois o Sr. Barbosa já crê em contos indigenas?! »

O motivo de meu espanto é facil de explicar-se; eu tinha conhecido aqui o nosso botanico inteiramente sceptico sobre contos selvagens; não passavam de historias, de fraudes piás contadas pelos colonos e pelos jesuítas aos selvagens, que, depois, as devolveram ingenuamente em sua lingua a Hartt e a Couto de Magalhães. Sobre os colligidos especialmente por

este ultimo, Barbosa era particularmente cruel; tudo aquillo não passava de uma palhaçada; elle, oh! fortuna! conhecia até em Belém do Pará a velha *mestiça* que tinha impingido aquella patacoada a Couto!...

N'estas idéas laborava ainda em 1881 e 1882 o nosso auctor quando dellas dava publico testemunho nas paginas da *Revista Brazileira*. Eil-o que ainda agora nos confirma, confessando, posto que atenuadamente, sua antiga ogeriza aos contos indigenas: « Com o titulo *de lendas, crenças e superstições*, publiqui em 1881 um artigo, no qual apresentei algumas lendas do Amazonas que escrevi, baseando-me nas indigenas que affectam o moral do tapuyo, e que foram *todas transplantadas de paiz estranho e acclimatadas entre nós. Suppunha, então que não existiriam outras verdadeiramente indigenas.* » São as primeiras palavras da advertencia que precede a *poranduba amazônica*.

Ora, eu que n'aquelle tempo, em que conheci o Sr. Barbosa Rodrigues, já tinha collegido os *Cantos e Contos Populares do Brazil*, já então escrevia sobre elles na mesma *Revista Brazileira*, e estava mais ou menos em condições de marcar no corpo das tradições de nosso povo o veio *branco, o negro, o vermelho e o mestiço*, achava singularissima a obstinação do patricio em negar totalmente ao indio a contribuição no terreno dos *contos e lendas*, elle que a não contestava na *poesia, na musica, na dansa...* Parecia-me extravagante; porque a contribuição nos *contos, lendas, mythos* se me antolhava até superior, e tanto mais exquisito da parte de um homem que tinha viajado o valle do Amazonas.

Não foi difficil descobrir o germen da repugnancia: eram ciuatas de official do mesmo officio; o homem

tinha andado entre as populações semi-selvagens do alto norte, não lhes sabia a lingua, não tinha ouvido o que Hartt e Couto de Magalhães ouviram e colligiram; não tinha trazido *contos e mythos*. Mas não é homem de dar o braço a torcer : elle que não trouxe *contos* é porque *contos* não havia; os dos outros eram invenção da *velha* tal (aqui dava a alcunha da *velha* paraense que sinto ter esquecido). Mas, oh! bondades do destino! Barbosa foi pouco depois residir no Amazonas, e agora sim, agora fez-se a luz; os verdadeiros, os unicos, os genuinos contos indigenas começam hoje a apparecer!

Estes sim, são authenticos, não são invenção da *velha mestiça* de Belém.

Restabelecamos a verdade.

Sobre *contos e lendas* selvagens o Sr. Barbosa já tem passado por tres phases, que, por brevidade, deixo de authenticar com documentos tomados aos seus escriptos : periodo de negação absoluta por opposição a Couto de Magalhães; periodo de negação relativa por desejo de contribuir com alguma cousa do genero na *Revista Brasileira*, onde eu publicavades de 1879 os *Estudos sobre a Poesia Popular do Brazil*; periodo, finalmente, de affirmação categorica por ardente ancia de encarecer os seus actuaes trabalhos. Na primeira phase tudo era africano e portuguez traduzido apenas na lingua geral; na segunda havia, porém, algumas lendas que mais *tinham affectado* o *moral do tapuya*, e eram justamente aquellas de que Barbosa tinha reminiscencias; na ultima ha um mundo inteiro a explorar e elle será salvo, porque está nas boas mãos do nosso Rodrigues. Benza-o Deos e ganhe elle a partida...

Mas antes de assombrar o mundo com suas descor-

bertas, permitta-me que lhe faça d'aqui uns pequenos reparos.

O americanista brasileiro é inexoravel; apesar de já ter afogado todos os seus collegas no mundo de contos e lendas que deve ter agora descoberto, persiste ainda em lhes negar a authenticidade do trabalho e não descobre a *côr vermelha* nos factos por elles collidos.

Com caboclos é perder tempo; só Rodrigues é que tem sina com elles; a mais ninguem revelam os seus segredos. Os outros andam errados. Eis o ar de triumpho e intima satisfação porque o proclama Barbosa: « Não admira que o Sr. Rand (americano) fizesse indigena o conto do Macaco, quando o Sr. Sylvio Romero, no cap. 7º do seu artigo (livro, se me faz favor). — *A poesia popular no Brazil*, publicado á pag. 125 de tomo 6º da *Revista Brasileira*, diz que o conto da festa no ceu é muito diverso dos de origem portugueza, cujos originaes primitivos podem ser cotejados na recente collecção de Adolpho Coelho e o apresenta como indiano, com o titulo *O Kágado e a festa no ceu*. Apesar desta affirmativa, quem ler os contos populares de Adolpho Coelho, ha-de, á pag. 15 sob o titulo *a Raposa e o Lobo*, encontrar nessa mesma pagina a certidão de baptismo (bravos á pilheria!) d'esse conto, por onde se vê que é legitimo portuguez da freguezia da *Ourlhe*, do concelho de Bastos, provincia da Beira Alta, nas raias da Hespanha (parece que o homem está a designar sem cousa que mais duvida faça o local onde encontrou as guerreiras *icamyabas* que lhe forneceram os *amaletos de jadeite*) é apenas brasileiro por estar iucluido no tit. 2º art. 6º § 4º da nossa Constituição. Os heróes do conto indiano de Sylvio Roméro são a *Garça e o Kágado*, os do conto de

Adolpho Coelho a *Garça e a Paposa, etc.* » (*Vellozia*, pag. 78).

« O proprio nome de *Kágado*, accrescenta o auctor, do heróe, só é dado por portuguezes, porque no Brazil entre os indigenas só é conhecido o de *Jaboty* ou *Ja-buty*. » Eis a grande maravilha!

Ora, pois; começo a ter pena d'este Sr. Barbosa, tão activo, tão trabalhador : elle principia a selvaticar-se no Amazonas. Ainda hoje se nos mostra um d'esses espiritos brancos e unitarios que ás nações modernas marcam por toda a parte *uma só* origem; e, especialmente no Brazil, vêem-nos a todos sob *uma só* cór e por *uma só* faceta. Cerebros de uma só peça, elementares e duros, esta casta de gente não associa nada, não comprehende as convergencias que constituem ha vinte mil annos a trama da historia. Quando um sujeito d'estes esbarra com caboclos, entra a vêr tudo *vermelho*; quando se mistura com negros, vê tudo *preto*; quando topa com portuguezes, vê tudo *branco*. É uma incapacidade de visão que não tenho forças para corrigir; porque é vicio nativo d'esses sujeitos.

Não deixa de ter sua graça o Sr. Barbosa Rodrigues querer me ensinar que o velho conto *aryano* da *garça e da raposa*, que tem feito o cyclo inteiro das migrações da grande raça, chegou tambem a Portugal e acha-se na collecção de Adolpho Coelho, quando fui eu o primeiro a me referir n'este paiz ao livro do linguista portuguez! Isto desde 1879, anno do apparecimento dos *Contos Populares* colligidos por esse auctor.

O Sr. Barbosa não quiz vêr isto, e suppõe ter-me dado um quinhão, mostrando-me a *certidão de idade* do conto tirada em Celorico de Bastos.



Até ahí chega a sagacidade do nosso insigne botanista; até onde ella não chega é para comprehender que ao lado do phenomeno das *migrações das fabulas*, ha o phenomeno que se póde chamar da *confluencia dos mythos e contos*. E é justamente este um facto que se tem dado em larga escala na America; e é este especialmente o caso da decantada *historia do Kágado*, que tanto escandalizou o Sr. Barbosa. Este não poderá contestar que nossos indigenas tinham um cyclo inteiro de contos e lendas, cujo heróe era o *Jaboty*; não poderá tambem negar que a novellistica popular européa contém o celebre cyclo do *Rénard*. A este prende-se a fabula da *garça e da raposa*, que, passada ao meio brasileiro pelos primitivos colonos, encontrou aqui os similares do cyclo jabotiano, entrou com ellas em confluencia, foi attrahida, agglutinada, por assim dizer, vindo a formar um conto novo em que predominam os elementos tucicos. Eis a razão porque a inclui no grupo dos contos de origem indiana.

Não é tudo; eu não me dediquei jámais a fazer estudos technicos, especiaes, directamente das tres origens primitivas de nossa população.

Nunca fui aos centros d'Africa estudar os negros, ás campinas e encostas da Beira estudar os portuguezes, aos sertões de Matto-Grosso estudar os selvagens.

Minhas pesquisas, que reputo mais momentosas, mais consideraveis para a comprehensão de nossa nação sob todos os aspectos, se têm dirigido ás populações actuaes, ás populações historicas, aquellas que constituem nossa gente, como ella apparece e se vae desenvolvendo na vida no percurso de quatro seculos. É a população que chamei dos mestiços *physicos* ou

*moraes*. Largue o Sr. Barbosa o exclusivismo tapuyo, saia das selvas, venha estudar directamente as verdadeiras gentes nacionaes; deixe a mania romantica de suppôr que *brazileiro* é synonymo de *caboclo*. Venha; eu lhe indico os assumptos: ahi estão a lingua, a litteratura, os costumes, as lendas, os mythos, os contos, os annexins, as superstições, as danças populares, a musica, a poesia, as industrias, todas as manifestações, em summa, da alma nacional; estude tudo isto e indique-me com segurança, o que pertence ao indio, ao negro, ao europeu. Verá que a cousa é um pouquinho mais interessante, e mais difficil do que pilheiriar sobre *muirakitans* e *cositas* de igual jaez.

Mas, diz o auctor das *Orchideas*, o Sr. Sylvio falla em *kágado* e não em *jaboty*, como dizem os indios.

É ainda um defeito de quem no Brazil só vê caboclos, ou de quem pensa que este paiz encerra-se todo no valle do Amazonas.

O Sr. Barbosa Rodrigues deve saber que a primeira obrigação de quem collige contos populares é indicar o logar onde ouviu a versão e não alterar esta n'uma virgula sequer. O nosso conto foi por nós colligido na então villa do Lagarto, na fazenda da Ilha, na provincia de Sergipe. Se o Sr. Barbosa Rodrigues conhecesse as populações ruraes do Brazil ao sul de Pernambuco deveria saber que entre ellas obliterou-se a palavra indigena do celebre animal. Na lucta com o vocabulo portuguez, venceu este.

Barbosa deve saber que as palavras tambem, como as lendas e tradições, sustentam a lucta pela existencia entre populações que se cruzam.

D'ahi muitas vezes o dualismo vocabular para um mesmo objecto.

Tal é por certo o caso de *abobora* e *gerimun*, ba-

nana e pacova, aipim e macachêra, kagado e jaboty, onça e jaguar, porco do matto e caititú, gato do matto e maracajá, etc.

Entre as populações sertanejas de Sergipe o *cyclo do jaboty* é hoje o grupo das *historias do kagado*; o elemento indigena permanece a despeito de ter sido chrismado o heróe com outro nome.

Se o Sr. Barbosa fôr algum dia ao Lagarto lá poderá encontrar a respectiva certidão que servirá de corrigenda a que lhe impingiram em Celorico de Bastos.

Tenho este ponto por liquidado, faltando-me apenas um pequenino topico atirado para uma nota pelo redactor da *Vellosia*. É isto : « Depois de escripto este trabalho chegaram-me ás mãos os *Contos populares do Brazil*, do mesmo auctor, prefaciados pelo Sr. Theophilo Braga, publicados em 1885, em que o auctor muda de opinião, e inclue esse conto entre os de proveniencia africana. »

Bem se vê que o naturalista brasileiro anda alheio a muitos factos de nossas luctas intellectuaes. Não fôra isto, elle saberia que a alteração a que se refere não foi obra minha; foi magica do portentoso Braga, o que já ficou demonstrado no opusculo — *Uma Esperteza!*... que tanta bulha levantou.

## VI

Resta-me fallar de algumas publicações no terreno das sciencias juridicas e sociaes para dar fim a este escorso.

Por desventura minha, por este lado, só tenho a

referir-me a homens de provincia, e d'aquelles que nunca tiveram a fortuna de vir á côrte.

São os *barbaros do norte* que me vão agora fornecer o assumpto. O leitor sabe melhor do que eu, porque assim me refiro aos chamados selvagens nortistas, tão alheios ás delicadezas, ás exquisitices, ás filigranas do pensar cortesão. Está assentada por aqui a indispensabilidade da permanencia n'esta Pariz ou n'esta Athenas brasileira para aprenderem-se as finezas da cultura e fallar o dialecto *jonio* d'esta assombrosa capital. Não ha ainda muito lia eu cousas assim mui seriamente ditas n'uma das gazetas d'esta metropole.

São ellas reveladoras da existencia de uma certa má vontade dos homens da imprensa da côrte contra a litteratura que se faz nas provincias, especialmente nas provincias septentrionaes. Os nomes provincianos são systematicamente postos de lado e escondidos na sombra. São precisos vinte ou trinta annos de luctas para um homem do norte ou mesmo do sul gozar aqui de metade da fama, desfructada por um felizardo (qualquer da grei fluminense por haver publicado um soneto mediocre, ou um folhetim detestavel. Não é só isto : é observação minha demonstrada por innumerous factos que os maiores adversarios dos pobres provincianos são os seus proprios patricios domiciliados aqui. Julgando-se logo verdadeiros incolas da *côrte celeste* entram a desdenhar dos tristes *caypiras* e *matutos* que ficaram a mourejar nas ignoradas paragens d'este vasto Brazil.

Não quero descer a provas n'este ponto verdadeiramente escabroso ; mas, se o quizer algum dia, tenho os documentos precisos e não me liei-de sahir mal da contenda.

Entretanto, supponho eu, a côrte devia ser mais

sensata e mais justa na sua centralisação, no seu imperialismo, no seu arroxo litterario e scientifico. Esta pobre *neutra*, esta entidade commum de dois, este ser sem sexo, esta immensa feira sem pittoresco e sem originalidade, este bazar de quinquilharias usadas e em leilão, esta Smirna do Occidente — devia ser menos pretenciosa e menos exigente. Além de que seus melhores escriptores, seus melhores artistas, seus melhores politicos foram em todos os tempos homens das provincias, estas não lhe pagam só para ella ser pretenciosa e ingrata.

Ora bem ; tenho conseguido escapar ao contagio, de que vejo tão doentes muitos camaradas e patricios meus ; ainda continúo a pensar que as provincias valem muito sob o ponto de vista intellectual, ainda estimo particularmente muitos talentos do norte que tive a fortuna de conhecer mais de perto.

Um punhado d'elles é do Recife e são os auctores dos escriptos juridicos que mais notaveis encontro publicados no Brazil no correr do anno ultimo.

Dou, pois, aos ultra-notaveis pensadores da capital de Pedro II, pleno testemunho de meu estado de espirito e dou-o referindo-lhes uma anecdota.

Um de meus poucos amigos pediu-me uma vez carta de apresentação para um dos nossos intelligentes funcionarios. Promptamente servido n'esse desejo, foi ter com o homem e encontrou-o justamente em occasião em que, examinando estampas, extasiava-se diante da figura da Virgem. — « Meu amigo, foi logo elle dizendo ao meu recommendado, — eu sou *atrazado*, sou *ignorante*, sou ainda do numero dos *estupidos* que acreditam em Nossa Senhora e Jesús Christo ! O senhor, que é positivista, não repare... »

O meu recommendado, que ia pedir um pequeno

obsequio, cavaqueou com a historia e não voltou mais ao beato.

É inteiramente o meu caso : ainda sou do numero dos *atrazados* que ousam apreciar e applaudir escriptores das provincias, ainda tenho a *mania* de fallar com prazer de Arthur Orlando, Martins Junior, Clovis Bevilaqua... Tobias Barretto... e uns poucos mais. Ainda não me emancipei d'este defeito e, — oh! escandalo ! não desejo emancipar-me, e tenho a petulancia de dizer que ainda não encontrei aqui cousa que me admirasse, nem gente que me infundisse respeito. Os melhoresinhos são, como eu, caboclos d'aquellas bandas, são nortistas, apenas um pouco mais affectados da gafice fluminense e mais entusiasmados pela nova residencia. Quem quizer encordoar que encordôe, o remedio é evitar-me, como fez o meu amigo ao crente da estampa.

Entremos no assumpto. Os trabalhos juridicos de que vou dar ligeira noticia são devidos, já o referi, á penna d'aquelles meus amigos. Devem juntar-se-lhes os produzidos pelos Drs. José Hygino e João Vieira de Araujo.

Santo Deus, quem mandou esta gente publicar artigos e livros em 1888 e obrigar-me a fallar d'elles? Porque não largaram aos felizes d'esta terra o privilegio de pensar e produzir? Mas em que pese a pretenciosos, vamos ao encontro dos talentos do norte...

O movimento juridico brasileiro em 1888 concentrou-se quasi exclusivamente no Recife, já o disse, e quasi todo na esphera do direito criminal.

É convicção minha, firmada nos factos, e sem contestação, formulada há muitos annos, que a renovação da mentalidade brasileira, no sentido moderno e em opposição ao movimento romantico da primeira me-

tade d'este seculo, iniciou-se n'aquella cidade desde 1868 e annos proximamente posteriores. Positivismo, darwinismo, criticismo, *folk-lore*, germanismo, naturalismo litterario, scientificismo poetico, anthropologia criminal, tudo isto agitou-se alli antes de surgir n'outros pontos do paiz. No que diz respeito ao assumpto que agora nos occupa, a criminologia, ha talvez no Rio de Janeiro quem pretenda as honras de ter sido o apresentador d'esta novidade nos circulos intellectuaes patrios, quando as dactas são irrecusaveis dando a prioridade á escola de Pernanbuco. Desde 1878 Tobias Barretto começou a fallar na *nova concepção do direito* e a escrever artigos n'este sentido, artigos que se acham condensados no seu formoso livro *Questões Vigentes* apparecido o anno passado, obra revolucionaria que não baixou ainda da região do desconhecido para o geral da imprensa da côrte.

O direito criminal attraheu especialmente as vistas do pranteado mestre, fornecendo-lhe assumpto para artigos diversos insertos nos *Estudos Allemães*, além das monographias — *Os Menores e Loucos em Direito Criminal* e o *Fundamento do Direito de punir*.

Iniciado o movimento as idéas avolumaram-se e dividiram-se em dois grupos : o dos sectarios da escola italiana de Lombroso, Garofalo e Ferri a cuja frente se collocou o Dr. João Vieira de Araujo, e o dos sectarios da escola allemã, a cuja frente se postou o auctor das *Questões Vigentes*.

Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua, José Hygino, Martins Junior, na intuição juridica em geral e em especial na intuição criminal *mutatis-mutandis*, pertencem á ultima facção.

Tobias Barretto, sabendo que ia morrer breve, atirou-se furiosamente ao trabalho. Além das novas

edições dos *Menores e Loucos* e dos *Ensaio e Estudos*, da publicação das *Questões Vigentes* e do *Selfgovernment*, deixou cinco obras começadas : — *Commentario ao Codigo Criminal Brasileiro*, *Traços de Litteratura Comparada*, *Lições de Philosophia do Direito*, *Lições de Processualistica*, e *Lições de Direito Penal*.

A morte não permittiu a conclusão d'estes livros; o que existe d'elles, porém, é sufficientissimo para dar-nos a medida do pensamento do malogrado escriptor sobre tão interessantes assumptos.

Não nos será possível descrever todos estes trabalhos e os dos seus rivaes; concentremo-nos n'um só ponto : o conceito do crime e do criminoso.

Para o Dr. João Vieira de Araujo, e para a nova escola italiana, no universo não ha finalidade alguma, tudo ahi se desenvolve mecanicamente; no homem e na sociedade as cousas se passam de igual fórma : o direito, a moral, a virtude, o crime são producções naturaes, mecanicas, como quaesquer outras do mundo physico.

A sciencia do crime é um capitulo da anatomia e da physiologia; sob o nome de anthropologia criminal ella deve estudar os delinquentes pelos processos da ethnographia geral : medir-lhes os craneos, os angulos faciaes, os braços; notar-lhes a fórma dos narizes, a côr dos cabellos, dos olhos, etc. Assim chega a determinar a indole do criminoso nato e incorrigivel. E qual é essa indole? A escola italiana tem vacillado entre a loucura especifica e o atavismo.

Para Tobias o universo, que, aos olhos da sciencia, se manifesta em perenne evolução e sob o aspecto de um grande todo unitario, obedece comtudo a uma teleologia; porque ha n'elle alguma cousa mecanicamente inexplicavel. Essa alguma cousa cresce de



importancia na sociologia em geral e particularmente no direito.

Este não é um producto da natureza e sim da cultura.

O criminoso é um ente que sae fóra do plano geral da sociedade, é um ser disteleologico, um caso de feratologia moral. Sua formação é complexa e inexplicavel; é a resultante de muitos factores, podendo-se apenas reconhecer, até certo ponto, a acção dos tres principaes : a sociedade, a natureza e a vontade individual.

Trata-se, já se vê, do criminoso-nato.

Inclino-me para esta doutrina na qual faço modificações e que explico a meu modo.

Antes de discutir uma e outra escola, ouçamos o sabio criminalista sergipano :

« Sobre o modo de apreciar scientificamente o *crime* e o *criminoso*, ha hoje um grupo de opiniões divergentes. Ao lado do velho ponto de vista do *indeterminismo* philosophico, para o qual o crime, bem como a virtude, é sempre o effeito de uma causa livre, apparecem duas outras intuições, a *naturalista* e a *socialista*, não menos parciaes e incompletas em seus principios, porém ao certo mais exageradas em suas consequencias.

A intuição *socialista*, que pudera tambem chamar-se intuição *litteraria*, porque é no dominio da litteratura propriamente dita que ella conta os seus melhores representantes, não quer ver no delicto senão um resultado da má organização social. Por um estranho *romantismo humanitario*, que se compadece mais do criminoso do que de sua victima, ella faz da sociedade uma co-ré de todos os réos, intimando-a para que

opponha ao crime os unicos obstaculos possiveis : a instrucção e o trabalho.

A intuição *naturalista*, porém, com quanto maneje melhor os dados da observação, não chega todavia á inducções mais razoaveis.

A efficacia do trabalho e da instrucção, diz ella, como principios *selectores*, como forças capazes, por si sós, de eliminar o espantoso phenomeno *disteleologico*, a irregularidade social, chamada *crime*, é muito duvidosa. A ignorancia e a miseria não são o unico tronco, d'onde rebentam os motivos de *delinquir*. O exemplo de grandes criminosos, cultos e abastados, não é factó excepcional.

N'este ponto a doutrina *naturalista* leva de vencida a outra, que aliás só póde fazer-se valer na defesa e absolvição de deliquentes ideaes, como João Valgean, porém que no mundo pratico não tem significação alguma; e é justo que não a tenha.

Mas tambem o proposito de reduzir o crime a um simples phenomeno natural, e este é o alvo dessa theoria, que podemos designar por *naturalismo juridico*, querer reduzir o crime a um phenomeno necessario, fatalmente inevitavel, como a propria morte, não deixa de provocar serios escrupulos, ainda nos espiritos mais desabusados e accessiveis a tudo.

O naturalista, que se habitua a ver as cousas, conforme os seus processos de observação, o naturalista para quem todos os phenomenos são phenomenos da natureza, sujeitos a leis, que a sciencia investiga e estabelece, é desculpavel até um certo ponto, quando aprecia os factos criminosos como outros tantos effeitos de causas naturaes, cuja acção póde ao muito ser desviada, nunca porém extincta ou diminuida.

Não é menos desculpavel o philosopho social, que

traçando planos de reforma e nova direcção da vida publica, entende ser facil por outros meios, que não os meios coactivos, fazendo da *escola* um subrogado da *cadeia*, melhorar no seu fundo a indole dos criminosos, que afinal só o são pela influencia malefica do ambiente. A illusão é palpavel, mas póde justificar-se.

Quem não tem razão de excusa, quem não merece graça perante a logica, é o homem de direito, é o criminalista, que por ventura ainda se deixa arrastar pelo passageiro encanto de taes doutrinas, e quer prender a sua sciencia ao carro triumphal das sciencias naturaes, quando não atál-a ás azas de uma van philosophia romanescas.

Entretanto é possivel um accordo; convém que nos entendamos. A parte que têm os factores naturaes e sociaes no genesis do crime é incontestavel. Negal-a importeria desbaratar, por um lado, todos os trabalhos da *anthropologia criminal*, dentro mesmo dos limites da sua competencia, e por outro lado combater até a influencia da educação, como factor social, sobre a origem do delicto, o que seria um absurdo.

A questão consiste em saber o verdadeiro alcance da acção desses factores. Quem não se admira, por exemplo, de ver um filho ou um neto repetir em todo o seu rosto os traços e movimentos do pae ou do avô, phenomeno que se explica por uma lei de *herança similar physiologica*, nem de ver o moço de hoje morrer da mesma doença de que morreram os seus avôngos, o que se diz explicavel por outra lei de *herança similar pathologica*, quem comprehende isto, já não póde admirar-se de ouvir fallar de uma lei de *herança similar psychologica*, pela qual os descendentes recebem dos ascendentes um peculio, não de boas, mas tambem de ruins qualidades. Entre estas

ultimas pôde-se bem admittir uma tendencia particular para o crime.

Não é preciso ir tão longe. A *materia peccans* de ambas as theorias está sómente no exclusivismo das suas pretensões, no quererem dar a solução de tudo, só porque dão a solução de alguma cousa. Pondo pois de lado, como inaproveitavel, a quota do exagero e do despropósito, é justo reconhecer o que ha de rasoavel nas mencionadas doutrinas.

Não se pôde dizer, *a priori*, quaes e quantos são os factores do crime. Dado que designemos a *vontade* por A, a *natureza* por B, a *sociedade* por C; — o crime não é exactamente o producto, de  $A \times B \times C$ . Os factores conhecidos não exgottam a serie, e entre os termos A, B, C, ha termos medios, cujo valor não se acha determinado.

Mas isto não se oppõe a que, admittida como essencial a *parte voluntaria* do individuo delinquente, se façam tambem valer os outros dous principios geradores do delicto, os quaes nem sempre funcçionam em proporções identicas.

Assim é fóra de duvida que a natureza entra com a sua dóse de influencias physicas e chemicas para a formação do homem criminoso, influencias que muitas vezes se manifestam até na differença de effeitos produzidos por uma alimentação differente. Não é menos indubitavel o quinhão da sociedade, o influxo do *monde ambiant* moral e juridico sobre a concepção e execução dos crimes.

Um grupo social, em cujo meio, por exemplo, o fanatismo religioso não encontra correctivo, vê multiplicarem-se facilmente os delictos causados por divergencia de crenças. Em um paiz, onde as idéas de *honra*, de *dignidade*, de *moralidade* em geral, assen-

---

tam em velhos preconceitos, o numero de crimes commettidos por motivos frivolos é sempre maior do que naquelle, onde taes idéas são mais puras e esclarecidas. Um povo, entre o qual a riqueza é mal distribuida, e o trabalho mal recompensado, tem quasi por certa a constante repetição dos delictos contra a propriedade.

São verdades estas que não é licito contestar. O que importa, sobretudo, é não lhes dar um valor scientifico superior ao que ellas contém. »

E aqui pomos termo a este retrospecto...

(1889.)



## IX

### A PHILOSOPHIA E ENSINO SECUNDARIO

---

#### I

##### DEFEITOS GERAES DO ACTUAL PROGRAMMA DE PHILOSOPHIA.

O actual plano de estudo da philosophia no Imperial Collegio de Pedro II, e em geral em todos os lycêos e gymnasios de nosso paiz, é radicalmente insustentavel e resente-se dos seguintes defeitos, cada qual mais vultuoso :

Consagra um encyclopedismo anachronico, em perfeito desaccordo com o actual estado da sciencia e impossivel de ser convenientemente executado ;

A sua disposição das differentes disciplinas, que são outras tantas sciencias independentes, é attentatoria da hierarchia das mesmas sciencias ;

Exige o estudo de materias que são verdadeiras monstruosidades scientificas ;

É um perigo flagrante para a intelligencia nacional.

Ligeiras e claras considerações serão mais que sufficientes para demonstrar cada uma d'estas theses diante de espiritos cultos e mais ou menos affeitos a assumptos de philosophia.

I. O actual anachronico plano de estudos collocou-se no ponto de vista de velhos tempos de considerar a philosophia uma sciencia hybrida, em parte uma synthese das sciencias particulares, em parte uma especie de encyclopedia comprehensiva de certo numero de sciencias que hoje já se podem considerar inteiramente independentes, e em parte, finalmente, o reducto impossivel de alguns pretenciosos e enigmaticos estudos, indevidamente elevados á categoria de sciencias.

Tal a pessima intuição de quem ainda hoje se lembra de incluir n'um curso de philosophia elementar, a ontologia, a psychologia, a logica, a theodicéa, a moral e a historia da philosophia, seis longas sciencias, além de exercicios especiaes da velha dialectica da idade media inesperamente resuscitada!

Cada uma d'estas materias é mais que sufficiente para preoccupar a vida inteira de um homem e constituir a especialidade de um grande espirito. Não é mistér ir longe n'este caminho. É bastante lembrar que a psychologia encheu por si só toda a vida de Hermann Lotze e de Wundt; a logica preoccupou o melhor da existencia de Stuart Mill e Bain; a theodicéa, que outra cousa não é mais do que a theologia, tem gasto as forças de gerações inteiras de pensadores; e só por si a historia da philosophia dos gregos gastou mais de trinta annos a Eduardo Zeller!... É são tão extensas e transcendentaes materias que se querem desnaturar e impingir homœopathicamente a



meninos de 15 e 16 annos, quando na Europa são ellas, e em menor escala, objecto de cursos universitarios !...

II. A disposição das sciencias no programma é completamente errada e revela inteira ignorancia de assumptos philosophicos.

Abre a serie pela desparatada *Ontologia*, que outra cousa não pôde sêr, se é que ella tem algum sentido, sinão a metaphysica de antigo estylo, a qual, segundo o proprio nome indica, é a ultima das regiões a que se pôde alçar o pensamento.

Occupase das causas finaes, das origens, da razão fundamental e intrinseca das cousas; indaga se o universo é um phenomeno de natureza monistica ou dualistica, se elle obedece a um mecanismo ou a uma teleologia. Ora, tudo isto é o que de mais abstracto e transcendental se pôde conceber...

E o actual programma arroja esta brincadeira para o portico da philosophia !... Dá depois um salto mortal e vae cahir na *Psychologia*, sciencia concreta, posterior á biologia, de que o programma nem cogita ! Não é tudo ; commette o erro trapilho de collocar a propedeutica das sciencias, a mais abstracta de todas ellas, segundo o pensar de todos os philosophos modernos, nomeadamente Herbert Spencer, a *Logica*, depois da *psychologia*. Este desparate é sufficiente em excesso para caracterisar o actual plano de estudo !...

Mas ainda estamos longe de ter exgottado as maravilhas da nova classificação das sciencias impingida pela monstruosa ignorancia do governo. Depois da logica, nos atira em cima aquillo que Kant chamou—o *Numenon*, Hamilton—o *Indeterminado*, Spencer—o *Incognoscivel*; — *cet océan qui vient battre notre rive*

*et pour lequel nous n'avons ni barque, ni voile*, como dizia Littré—a *Theodicéa*!... É um objecto de religião, de fé, de poesia; não é assumpto de uma sciencia em sentido technico; e em todo caso essa inquirição não se classificará nunca depois da psychologia. Irá occupar a esphera d'aquelles assumptos, indestructiveis e irresoluveis, como dizia Kant, que estão além da categoria do conhecimento mecanico e não serão jamais objecto de uma sciencia propriamente dicta. E não fica ahí; depois dessa *dégringolade* apparecem—a *Moral* e depois a *Historia da philosophia*.

Mas que *moral* é essa que não é precedida do estudo da sciencia social na sua dupla ramificação da politica e do direito? Exhibir-se por essa fórma n'um plano de estudos n'esta phase do seculo, é ostentar grosseiro alheamento dos mais comesinhos conhecimentos scientificos.

III. O maior *testimonium paupertatis* talvez do plano de estudos é ainda vir-nos estupidificar com a famosa *Ontologia*, monstruoso parto da escuridão da idade media, do tempo do *trivio* e do *quadrivio*, do *incubo* e do *succubo*!

*Ontologia*, sciencia do ser... Que diabo é isto? — Que *ser* é este? Se são os seres particulares, todos esses que ahí existem no mundo dos phenomenos, outro não é o objecto das sciencias particulares; e de que serve então a tal *ontologia*? Mas, dizem, é o *ser em geral*... E que é o *ser em geral*, que abstracção das abstracções é esta? Que *sancta sanctorum* da tollice é?

Não é preciso juntar mais nada.

IV Bem se comprehende, sem o menor esforço, que um curso de *philosophia* elementar em taes con-

dições é um perpetuo fermentar de desordem e de idiotificação para as intelligencias juvenis. Produz desgosto aos professores e tedio aos alumnos. É, além d'isto, um incentivo de descrença frivola, que é sempre um perigo fornecer á mocidade.

## II

### RAZÕES QUE JUSTIFICAM A REFORMA.

A proposta, que a congregação do collegio de Pedro II já uma vez submetteu, por iniciativa nossa, á approvação do governo imperial sobre a conveniencia da reforma do regulamento desse collegio no que diz respeito ao ensino e ao programma de philosophia, reduzindo-o ao ensino e ao programma de logica formal e real, tem por si varias ordens de argumentos, que, para completa clareza do assumpto, reduziremos a cinco principaes, expondo-os com brevidade e lucidez. Taes argumentos são os seguintes : a natureza intrinseca da philosophia ; indecisão do governo a respeito de sua divisão e conteúdo ; organização especial do ensino secundario ; condições particulares do collegio de Pedro II, e, finalmente, o exemplo dos mais cultos paizes da actualidade.

Tomemos uma a uma estas cinco theses.

I. A natureza intrinseca da philosophia, qualquer que seja o ponto de vista em que nos colloquemos, é a de uma sciencia complexa, variadissima, cheia dos mais abstractos e difficeis problemas ; é a de uma sciencia que requer uma preparação solida ministrada

por estudos anteriores e especiaes, a de uma sciencia, além disto, que exige certas tendencias de espirito para ser adquirida convenientemente. Ou a consideremos, segundo uma das mais notaveis correntes espirituaes de nosso tempo, como uma sciencia que não tem um assumpto restricto e especial e antes como uma indagação geral, synthese de todas as outras; ou a consideremos, conforme outra grande corrente da opinião, como uma sciencia que se occupa daquelles assumptos que ainda não são tratados por sciencias particulares e de todo independentes, a philosophia é, sempre e do mesmo modo, o mais complexo dos estudos, o mais abstracto de todos, o mais difficil de todos, e por isso nos paizes, onde o ensino é bem organizado, ella faz parte do quadro do ensino superior, academico ou universitario.

Se por outro lado tivermos, como é de força, segundo os nossos programmas, de considerar a philosophia não só nas duas accepções indicadas, senão tambem como a sciencia daquillo que não será talvez nunca o objecto de uma sciencia particular e propriamente dita, isto é, se contemplarmos em seu circulo o estudo daquillo que Hamilton, como dissemos, chamava o *indeterminado*, Spencer o *incognoscivel*, Comte a *metaphysica inverificavel*, Kant o *mundo dos numenes*, ainda mais crescerá a difficuldade, iamos dizendo a impossibilidade, em que terão de atufar-se mestres e discipulos, todos estes meninos de 15 ou 16 annos, mal preparados, de intelligencia pouco desenvolvida, e em cujo espirito tal estudo é esterile nocivo.

Em todos os tempos só têm merecido o nome de philosophos alguns raros talentos privilegiados, capazes de vastas syntheses e de conhecimentos ency-

clopedicos. O grosso dos individuos que se occupam de philosophia não passa da superficialidade das cousas, do lado exterior das doutrinas!

Se a isto juntarmos a indecisão e a luta intestina dos systemas, especialmente dos systemas de nosso seculo, sobre aquellas questões capitaes, que constituem os eternos problemas do saber humano, os enygmata do mundo, na linguagem de Du Bois-Reymond, se pretendermos, como sòmos obrigados no collegio de Pedro II, dar o conhecimento historico e doutrinario, já não dizemos de todos os systemas philosophicos, mas exclusivamente das doutrinas de Kant, Hegel, Schopenhauer, Comte, Darwin e Spencer, destes seis celeberrimos chefes de doutrinas, a difficuldade augmentará de proporções.

Mas isto é ainda cousa nenhuma diante dos problemas especiaes e especiosos da malfadada ontologia, da pretenciosa theodicéa e da propria psychologia, da esthetica e de outras questões, que de costume são incluídas nos nossos disparatados programmas de philosophia.

Não é preciso juntar mais nada neste sentido para bem comprehender o governo imperial a indeclinavel necessidade da redução que indicamos. Um dos argumentos adduzidos no proprio seio da congregação em prol da proposta é o da necessidade de acabar com certa anarchia mental que invade o animo dos meninos sujeitos ao ensino de materias já de si anarchicas, como é incontestavelmente a ontologia, por exemplo.

Somos de accôrdo neste ponto, tanto mais gostosamente, quanto vêmos que a anarchia parte dos programmas imprencheveis, por versarem sobre sciencias impossiveis.

II. Vejamos agora a propria indecisão dos auctores dos diversos regulamentos do collegio neste ponto.

Passando em revista alguns destes regulamentos, e dos mais recentes, somos para logo feridos desagradavelmente pela indecisão e anarchia de seus auctores diante uns dos outros. Estes dividem a materia em *logica*, *metaphysica* e *ethica*; aquelles em *psychologia*, *logica* e *moral*; uns em *psychologia*, *logica*, *moral* e *theodicéa*, outros nestas mesmas partes, e mais *historia da philosophia*, alguns finalmente, juntam ainda, tal é o caso do regulamento vigente, a *ontologia*.

Vê-se por tudo isto, que os auctores dos citados regulamentos laboraram sempre em completa indecisão a respeito daquillo que elles chamavam a *philosophia*.

Ora restringiam-na, ora estiravam-na. Dahi o estado de abaixamento em que sempre esteve no paiz o ensino desta disciplina mais que complexa, e indubitamente, contra todas as lições da boa pedagogia, incluída no quadro dos estudos preparatorios ou secundarios.

III. Além de tudo, e por outro lado, a propria natureza da instrucção secundaria repelle de si a superposição extravagante de problemas e questões transcendentaes ás intelligencias noveis. Que vem a ser a instrucção secundaria?

Não mais do que uma preparação regular e methodica para o ensino das materias difficeis que demandam uma certa cultura preliminar. É por isso que no quadro dessa preparação sempre esteve nos paizes cultos incluído o estudo de uma ou duas linguas mortas de indole *synthetica*, como o latim ou o grego, para preparar até certo ponto os espiritos ás noções

abstractas e a certos conhecimentos elementares de litteratura indispensaveis ao estudo das sciencias superiores. É por isso ainda que á instrucção secundaria sempre juntou-se o estudo da geographia elementar e da mathematica tambem elementar e, finalmente, inclue-se ahi o ensino de uma ou duas linguas estrangeiras, cujo conhecimento habilita o academico a lêr aquellas obras de sciencia, que se lhe não deparam na litteratura nacional.

Ora, que vem fazer aqui a inversão das cousas e porque se faz entre nós objecto de preparação aquillo que constitue o mais difficil de todos os estudos?

É esta talvez a causa occulta da superficialidade da cultura e da litteratura nacional.

O estudante que vai cursar uma academia, o que deve levar de melhor como peculio mental é o desenvolvimento de sua propria intelligencia, o reforço de seu juizo e de seu raciocinio, e isto se aprende em logica e especialmente em logica formal, terreno neutro em que elle não se perde em divagações metaphysicas, mas em compensação pisa seguro e pôde por si conhecer os erros e os sophysmas, as falsidades que o assaltarem no curso dos estudos superiores.

O conhecimento pratico das leis e regras do raciocinio, a posse dos methodos, e da sua applicação aos differentes ramos de sciencias, tal o estudo capital da philosophia como preparatorio.

IV. Mas vejamos outras razões tiradas da propria organização do collegio de Pedro II, e ainda mais de nossos collegios particulares de instrucção secundaria.

Salidos aos 9 ou 10 annos dos estudos primarios, os candidatos aos futuros grãos academicos passam o curso de preparatorios em quatro ou cinco annos,

ou mesmo seis, nos collegios particulares, e em sete no collegio de Pedro II, o que importa dizer que acabam os preparatorios aos quinze ou dezeseis annos nos collegios particulares, aos dezeseite no de Pedro II.

Nesta idade atrapalhado com seis ou sete materias outras, o estudante não tem tempo para habilitar-se convenientemente nas seis partes da philosophia hoje exigidas, nem tem o desenvolvimento intellectual indispensavel para comprehendel-as.

De fórma que o professor, ou dá a taes materias a extensão e amplitude que os seus brios de homem de letras e de sciencia lhe obrigam que lhes dê, e neste caso perde de todo seu latim, ou reduz-as a proporções minimas, como é o caso entre nós, e tal estudo superficial e lacunoso de assumptos importantissimos torna-se improductivo no espirito do estudante, desvirtua-lhe o desenvolvimento natural, e é a fonte de perturbações mentaes dolorosissimas.

São conhecimentos fragmentados, desfigurados, falsificados; e em grande parte são absolutamente um mal, e o mister do governo em materia de instrucção não é desnaturar as intelligencias; cumpre-lhe, ao contrario, encaminhal-as bem na direcção do progresso scientifico. A falsa philosophia ministrada a retalho é, repetimos, uma das grandes fontes da mediocridade de nossa litteratura, do apoucamento de nossó jornalismo e de nossa incapacidade scientifica.

Os moços estudantes, uma vez chegados ás academias, o seu primeiro cuidado é, com razão, arrancar de si as falsas e incompletas noções recebidas, e, sem base séria, atirarem-se a busca de outras doutrinas, de outros systemas, de outras luzes, e dahi as reaccões



violentas e o estado tumultuario e anarchico dos espiritos juvenis.

Nós não somos sectarios da falsa paz das intelligencias ; gostamos da lucta, mas da lucta proveitosa ; e não é essa que de ordinario se nos depara entre os nossos moços em geral.

Queremos a grande lucta das idéas firmada em fortes estudos e não o pedantismo e a superficialidade...

É por isso que os paizes mais cultos de nosso tempo assim o entendem no ponto precipuo desta questão, e aqui tocamos a quinta serie de nossos argumentos : o exemplo dos grandes povos.

V Na Allemanha, e em geral entre todos os paizes do Norte da Europa, o ensino da philosophia entra no quadro dos estudos superiores. Como instrucção preparatoria nos lycêos e gymnasios ensina-se apenas a logica, e ensina-se bem.

Os estudantes, passando aos altos estudos, levam a dextreza do pensamento e o conhecimento dos principaes processos do espirito humano.

Em quasi todos esses paizes é só a logica formal a materia leccionada ; em outros juntam-se as principaes questões da logica real, o que não deixa de ser até certo ponto proveitoso.

Apartam-se questões transcendentas e difficultosas e encaram-se as fórmulas geraes do raciocínio humano. Dahi o notabilissimo progresso dos estudos logicos em nosso seculo.

A logica formal foi reformada por George Bentham, Thompson, Whately, Hamilton, de Morgan, Mansel e outros, e a logica inductiva ou real, por Herschell, Whewell, Stuart Mill e Spencer.

Existem tratados praticos como os de Bain, Stanley Jevons e Uberweg, ao alcance da intelligencia dos

moços que em nossos collegios preparam-se para os seus exames de philosophia.

É um estudo que póde ser simplificado, ministrado com habilidade, e que será altamente proveitoso. É o que acontece nos paizes da Europa que deixamos citados.

Argumentam os nossos adversarios com o exemplo da França, onde o curso de philosophia nos lycêos era pouco mais ou menos no mesmo gosto do que se faz no Brazil. Esta razão é contraproducente. Nós copiamos os programmas francezes sem o menor criterio e depois argumentamos com o nosso proprio plagiato...

Sim, é o que se dava em França em certa escala, não resta a menor duvida, e lá mesmo já os defeitos do systema têm sido sentidos e profligados!...

É uma das razões porque a philosophia franceza em geral não se eleva ácima da vulgaridade e das amplificações palavrosas.

Excepção aberta da obra systematica de Augusto Comte, que foi elaborada justamente fóra das condições do ensino official e movida especialmente contra esse ensino, tudo o mais que em França se escreveu neste seculo com o nome de philosophia., feitas pequenas reducções, deve pôr-se no fogo.

Em tudo mais, em tudo aquillo que é objecto de estudos universitarios, como a mathematica, as sciencias physicas e naturaes, a medicina, o direito, etc., a litteratura franceza é uma das mais fecundas; em philosophia a fallencia é quasi completa. E alguns espiritos de mais valor nesta esphera, que prepararam-se por si e não nos lycêos, nunca puderam alli supportar as exigencias e impossibilidades de um ensino deslocado. É o caso succedido a Taine e a

Fouillé. E é para notar que o governo francez vai já comprehendendo desde algum tempo a improficuidade da velha teima, e vai retirando a philosophia dos lycêos e levando-a para as Faculdades de Lettras e Sciencias, que abrangem um programma muito mais vasto. Neste terreno, nossa mestra nos tem illudido. É tempo de mudar de rumo.

Não nos despediremos do assumpto, sem a refutação de certas objecções que tem encontrado a proposta contra si.

Intenta-se, foi-nos dito, amesquinhar a cadeira de philosophia no collegio de Pedro II e nos mais institutos de preparatorios...

Isto é uma sophisticaria. Illustres espiritos europeus não se desillustraram em leccionar a logica e em escrever tratados dessa disciplina. Nós outros no Brazil é que nos vamos degradar... O governo imperial bem vê que este argumento não é serio. Oxalá todos os professores que preparam estudantes para passarem em philosophia em tres ou quatro mezes, pelos caderninhos de pontos, que por ahi formigam, estivessem no caso de leccionar logica e apenas logica!

Mas, accrescenta-se, não temos ainda universidades em que se ensine a philosophia em todas as suas dependencias, e por isso deve continuar ella a ser leccionada nos cursos de preparatorios... Esta razão é ainda inferior á primeira.

Nós tambem não temos ainda cursos especiaes de archeologia, de prehistoria, de anthropologia, de linguas orientaes, de linguistica comparada, de religiões comparadas, de egyptologia, de assyriologia, de linguas americanas, de ethnographia, etc., e, pelo mesmo raciocinio, devemos já e já introduzir tudo isto

no ensino preparatorio... Vê-se que nos batemos contra a sombra.

Porque não temos o ensino amplo da philosophia, devemos tel-o homœopathico, desfigurado, falsificado? !...

Não comprehendemos a força probante do argumento.

Não é tudo; é impossivel estudar a logica sem a psychologia, repete-se ainda.

É um erro palmar. Toda a antiguidade e toda a idade média, que desconhecera a psychologia, que é uma sciencia moderna, conheceram, entretanto, a logica, que recebeu de Aristoteles uma organização fecunda. Nos nossos dias no proprio collegio de Pedro II, tem-se ensinado por livros que começam pela logica. Já houve até, como vimos, um regulamento que dividio a philosophia em *logica, metaphysica e ethica*.

Mas, ha outra razão, e mais profunda, que parece andar desconhecida dos oppositores da proposta.

Quando se estudam as leis do raciocinio, toma-se este como um facto positivo, real, espontaneo, irreductivel, e nada temos que vêr com a sua indole psychologica. A inserção até de problemas e questões desta natureza seria um embaraço prévio.

Este é que é o facto importante que é preciso não desconhecer.

Suppôr que não se pôde pensar bem e aprender logica sem psychologia, equivale ao mesmo que presumir que não se pôde vêr, ou ouvir, ou digerir sem o conhecimento prévio da physiologia do olho, do ouvido e do estomago!

É uma bem singular pretensão.

Entretanto, para retirar, por este lado, todo e

qualquer pretexto á opposição diminuta, que a proposta encontrou no seio da congregação, inserimos, como introduccção ao programma, que apresentamos, o seguinte ponto : *dados psychologicos fundamentaes da logica*. Ora, ahi o professor pôde dizer claramente o quanto baste de psychologia para ser bem comprehendido em suas lições ulteriores.

Esta difficuldade, que nunca foi tal, acha-se removida nos bons compendios de logica.

Afinal avistamo-nos com a ultima e a mais extravagante contradicta que nos foi opposta : ensinar logica é banir a religião e a moral do Brazil...

Confessamos que não comprehendemos o alcance de semelhante censura.

Primeiramente, o conhecimento da religião e da moral nada tem que vêr com a logica. Para dar a conhecer uma e outra cousa existem as mães de familia, os mestres de primeiras letras, os parochos, as sociedades religiosas, as predicas das egrejas, as aulas de religião, os catechismos, os manuaes de civilidade, as leituras litterarias e mil outros orgãos da vida social.

Depois, pelo que diz respeito á religião como crença, ella adquire-se na familia, e, como materia de ensino e discussão, ella tem no Collegio de Pedro II sua aula particular. Quanto á moral como pratica, aprende-se tambem nas boas relações sociaes, e é impossivel impôl-a em nome de principios abstractos. A moral, como sciencia, é a mais complexa, é a mais difficil-tosa, é a que abre espaço ás questões mais espinhosas de todas as sciencias. Introduzil-a no quadro dos estudos secundarios é uma *contradictio in adjecto*. É ainda mais extravagante do que manter ahi a ontologia, a theodicéa, a metaphysica, a psychologia, a

historia dos systemas, a biologia, a sociologia, etc.

Só a questão do fundamento da moral e a exposição dos systemas do prazer, ou do interesse, ou da *sympathia*, ou da compaixão, ou da revelação theologica, ou do imperativo categorico, ou do altruismo, ou da moral independente, ou da moral evolutiva, ou do monismo, etc., só isto é mais que bastante para obscurecer as idéas simples que o estudante tenha obtido no seio da familia sobre a moral, como pratica e dever dos homens de bem.

E, todavia, para afastar qualquer censura, incluímos tambem no programma um ponto relativo ao *methodo em moral*, ponto em que se póde dar uma idéa do que seja esta sciencia.

É uma transigencia a que somos obrigados para desarmar o espirito de opposição.

Alguns levaram tambem a mal a ausencia completa da historia da philosophia. É ainda a rotina agarrando-se a todas as taboas de salvação.

Ainda neste ponto quizemos condescender, e no final do curso incluímos um esboço da historia da logica.

Mas estas inclusões são restrictissimas, e devem ser tratadas com criterio, e excluidas, se a boa pratica do ensino o exigir.

Taes os motivos que nos levaram a suggerir ao governo imperial a reforma do regulamento do Collegio de D. Pedro II, no ponto relativo ao ensino da philosophia.

Em nossa pratica do professorado temos recebido os principiantes do curso de philosophia em tal estado de insufficiencia de conhecimentos preliminares, que nos tem sido impossivel dar ao curso aquelle desenvolvimento que é mister que lhe dê todo e qualquer

professor que entenda bem cumprir os deveres de seu cargo.

Quando entrámos para o collegio submettemos á administração do estabelecimento e mais tarde á congregação vastos programmas em que a sciencia era elevada á altura em que ella se acha nos tempos correntes.

Aquelles programmas foram repellidos por extensos e difficultosos. Nós o reconhecemos hoje e o meio de remover a difficultade é a redução do curso ; é cingirmo-nos ao que se pratica na Europa em casos taes : logica e sómente ella no ensino secundario.

### III

#### PROGRAMMA DE UM CURSO ELEMENTAR DE LOGICA.

#### 1.<sup>a</sup> PARTE

*Idéas e noções communs á logica real e formal.*

1. — Definição da logica ; a que grupo de sciencias pertence ; divisão da logica.
2. — Dados psychologicos fundamentaes da logica.
3. — A idéa, o juizo, o raciocínio.
4. — As palavras ; as proposições.
5. — Verdade, erro, evidencia, duvida, certeza. Critica do conhecimento.
6. — Categorias de Aristoteles, de Kant, de Hegel, de Mill, de Bain.
7. — Theoria da definição.
8. — Methodo em geral ; sua divisão.

2.<sup>a</sup> PARTE*Logica inductiva.*

9. — Inducção, seu fundamento.
10. — Processos especiaes do raciocinio inductivo.
11. — Analyse e synthese.
12. — Lei de causalidade.
13. — Observação.
14. — Experimentação.
15. — Analogia e probabilidade.
16. — Theoria da Hypothese.
17. — Classificação.

3.<sup>a</sup> PARTE*Logica deductiva.*

18. — Deducção, sua natureza e relações com a inducção. Systemas.
19. — Syllogismo; regras e figuras.
20. — Fórmias do raciocinio reductiveis ao syllogismo.
21. — Axiomas; demonstração.
22. — A nova analytica. Quantificação do predicado. Systemas.

4.<sup>a</sup> PARTE*Vicios que podem atacar o raciocinio inductivo e o deductivo.*

23. — Sophysmas de inducção.
24. — Sophysmas de deducção.
25. — Sophysmas extra-logicos.



5.<sup>a</sup> PARTE*Logica applicada ou logica das sciencias.*

26. — Classificação das sciencias.
27. — Logica da mathematica.
28. — Logica da astronomia.
29. — Logica da physica.
30. — Logica da chimica.
31. — Logica da biologia.
32. — Logica das sciencias de classificação.
33. — Logica da psychologia.
34. — Logica das sciencias sociaes em geral e da historia em particular.
35. — Logica da moral.
36. — Limites dos methodos e da sciencia humana. Systemas.
37. — Esboço da historia da logica (1).

1. Este escripto é de 1885. É reproduzido porque ainda hoje suas idéas devem ser applicadas ao Gymnasio Nacional.



## X

### UM LIVRO JURIDICO

---

Creio ser ainda tempo de dizer algumas palavras sobre a bella monographia — *Nullidades dos actos juridicos* — devida á penna do Dr. Martinho Garcez.

Filho de um dos magistrados mais intelligentes e honrados, com que já um dia se nobilitara o Brazil, o illustre sergipano, desde os bancos academicos, onde tive a fortuna de contal-o por condiscipulo, revelou rara aptidão para os estudos juridicos.

Mais tarde, na cadeira de magistrado ou na banca de advogado, aquella qualidade não se deixou escurecer, e, hoje em dia, Martinho Garcez é um dos juristas mais instruidos, mais sabedores deste paiz.

Dispondo da palavra fallada em gráo subido, é tambem dotado na difficil arte da palavra escripta, e, por isso, seus artigos jornalisticos deixam-se ler com prazer, e seu livro de doutrina juridica, posto verse

sobre uma das materias mais aridas da jurisprudencia, é de facil accesso aos espiritos, ainda os demasiado exigentes.

É que elle sabe manejar a lingua, tem gosto artistico, e, neste particular, bem diverso se revela de alguns charlatães, como certo famoso *cassange*, que de um tempo a esta parte vive a emporcalhar a grammatica e o bom senso, com umas algaravias *sulambas* e casmurras, como ainda outras não foram escriptas em nosso seculo, em lingua nenhuma.

Os livrecos deste desarmam a critica, pela mendicidade do pensamento, de parceria com o andrajoso e repugnante da fórma. São a systematisação do *chulismo* e têm o condão de a todos afugentar, como eructações pestilenciaes, emanações deleterias, contra as quaes a critica é antidoto inefficaz.

Só um forno de cremação deveria reduzir á poeira aquelles productos mofados da inepecia de um politico queiro inqualificavel...

Afastemos d'ahi os olhos e venhamos a Martinho Garcez.

Com este fica-se em boa companhia; é um litterato de espirito; traja com decencia o que diz, é, coisa rara, um advogado que sabe escrever.

Seu livro não é o que, na linguagem da escola, se costuma chamar um livro de *doutrina*; nem é tão pouco o que os rabulistas de toda casta qualificam de um livro de *pratica*.

Não é um producto da primeira especie, porque, segundo o antigo veso, desprezando os factos, não desprende o seu autor o vôo em busca de fantasias metaphysicas ou de filigranas systematisantes.

Não é um specimen da segunda categoria, porque o escriptor sergipano não se limitou a enfeixar, em

estyllo barbaro, um desses massudos repertorios à la *Xumby-Caena*, tão nossos conhecidos e tão a sabor da pequice geral de nossa detestavel litteratura juridica.

Nada disto; o livro de Martinho Garcez é um trabalho de critica do direito; é um estudo de factos juridicos e das leis que os regem, como phenomenos naturaes da vida collectiva; é, pois, um escripto de sciencia, em que a doutrina se levanta como uma inducção da realidade, uma synthetisação irrecusavel de documentos humanos.

E tal é a razão pela qual elle não se limita a expôr o dispositivo das leis que regulam a materia, que fórma a substancia de sua monographia; nem se reduz a citar os passos dos praxistas e commentadores reinicolas, segundo o velho e rebutalhado estylo.

Vai além: ao lado das leis patrias instaura o processo comparativo das legislações alienigenas; de parrelha com os reinicolas espalha a luz, que irrompe das paginas dos doutrinadores estrangeiros.

Mas isso não daria, a meu ver, a esse livro todo o valor que tem, se o seu auctor não houvesse tido a coragem de ir ainda adiante e fazer a critica, muitas vezes implacavel, de nossos legisladores e suppostos mestres de direito.

É por esta derradeira face que especialmente me agrada a obra, forçando-me a recommendal-a aos estudiosos. O jurista sergipano tem o preciso desassombro para dizer a verdade; não soffre das curvaturas espirituaes em que são destros certos diplomatas, quasi diria, certos bajuladores das idéas, que levam para a região das lettras os meneios e colleamentos dos caracteres desarticulados, que sabem ras-tejar geitosamente.

Não engrossa o numero desses *virtuosos*, que appa-

recem como aves de arribação nas veigas ferteis da litteratura ou da politica, armados do eterno sorriso dos desfructadores de profissão.

Pertence á outra escola e sabe honrar a tradição severa do character provinciano. Bem mostra que fez parte da pleiade de valentes, que em 1870 brandiram armas na faculdade do Recife.

Não me proponho, por demasiado extenso, a indicar neste artigo os topicos do livro em que o escriptor fez a critica, a que alludo, de desacertos juridicos de magistrados ou legisladores.

Preciso limitar-me, pondo o dedo apenas em cima de uma ou de outra tecla mais estridente.

Neste sentido desperta para logo a attenção o extenso prologo do livro, onde o auctor, dissertando sobre a evolução do direito e do modo de o interpretar nomeadamente no Brazil, tem ensejo de pugnar por boas idéas e dizer bem duras verdades.

« Seria para renunciar, escreve elle, em beneficio de inventario, o legado politico, financeiro e judiciario la Republica, se não nos fortalecessem na fê do futuro a consciencia da honra civica e a confiança nas instituições republicanas...

Isso que por ahi anda com o nome de pretorias e de camaras (civil, criminal e commercial) é uma vergonha, é um desastre, porque ao lado da ignorancia profunda do direito, campeia o disparate no modo de processar.

Cada juiz, cada processo.

Moços pouco preparados na sciencia juridica, cheirando ainda aos coeiros da academia, ou homens *maduros*, investidos da alta missão de dispensar justiça *pela fortuna das circumstancias*, julgam-se com o direito de interpretar e entender a lei conforme a

sua ignorancia, as suas presumpções e as suas idiosincrasias.

Ninguem sabe em que mundo e sob que lei vive.

Não collocamos no mesmo nivel todos os juizes, pois que os ha verdadeiramente dignos deste nome; mas é doloroso confessar que a Republica não nos permite parodiar a bella resposta que deu M<sup>mo</sup> de Staël quando lhe perguntaram como, no meio das tempestades do seculo XVIII, o espirito innovador encontrou tanta resistencia para mover os allemães : — *porque, replicou ella, gozam da segurança de seus direitos; porque seus tribunaes lhes fazem justiça certa e segura, supposto lenta, contra todo acto arbitrario.*

É justamente o que não temos — justiça certa e segura. É por isso que nos fallece a jurisprudencia dos tribunaes, poderoso factor da formação do direito...

Força é confessar que entre nós esse deposito de decisões, esse *verdadeiro supplemento da legislação*, é imperfeitissimo e comparavel á estatua de *Glaucus*, que o tempo, o mar e as tempestados tinham de tal maneira desfigurado, que parecia-se menos com um deus do que com um animal feroz.

A falta de amor ao estudo, para não empregar palavra mais severa, é um facto desgraçadamente notorio na magistratura brasileira...

Nossa sinceridade é a prova da nossa estima pela classe a que temos orgulho de haver pertencido. Não são bons amigos os que exploram a vaidade para conseguir favores, e vem a proposito recordar as palavras do arcebispo de Cambraia a seu discipulo — o duque de Borgonha : — *Filho de S. Luiz, não mostreis confiança senão aos que têm a coragem de vos contrariar com respeito, porque preferem vossa reputação ao vosso favor.*

Os verdadeiros, os sinceros amigos são os que têm a coragem da verdade. Temos o orgulho de afirmar que sempre militámos e continuaremos a militar nas fileiras dos que sabem bradar abertamente contra a injustiça e a violencia, atacal-as francamente, violentamente, desabridamente. » É bastante.

Estas palavras têm uns lampejos rubros, não ha negar; este jurista possui individualidade, tem um temperamento definido. Quão longe vai esta maneira de dizer dos trancos e barrancos, por exemplo, do escrevinhar mollengo e lamacento de *Macaco-Belleza!*

Quem é este auctor? É natural que perguntem.

Julgo-me, porém, dispensado, entre parenthesis, de commetter a especie de pleonasmio historico de lembrar ao publico brasileiro quem venha a ser este conhecidissimo escriptor, celebre em ambos os mundos, tanto que já foi premiado, na feira da ignorancia, da protervia e da fatuidade, com uma pasta de ministro!

Suas bellas obras andam em todas as mãos a começar pelos alumnos das classes primarias, que estão encantados com suas prodigiosas descobertas em historia natural, direito, economia politica e historia patria...

Fechado o parenthesis, direi em conclusão que o livro de Martinho Garcez encerra a discussão de um sem numero de questões de grande alcance entre os entendidos.

Reproduzil-as todas ou em parte, apreciando a exegese doutrinaria do jurista sergipano em suas minudencias, seria fazer um volume novo.

Mas não me despeço d'elle, sem indicar algumas das paginas de sua obra, que, a meu ver, encerram mais valores de saber e discernimento.



São as que versam sobre a resistencia ás leis ini-  
guas, sobre o que sejam bons costumes, leis prohibi-  
tivas, nullidades de pleno direito, nullidade do testa-  
mento em que o tabellião tenha deixado de declarar  
no instrumento de approvação os nomes das teste-  
munhas e outros requisitos, sobre se prescreve a  
hypotheca passada para garantia de lettras de terra,  
prescripto o titulo principal, sobre vicios intrinsicos  
do contracto, beneficio de restituição a menores... e,  
que sei eu? sobre cincoenta assumptos outros, todos  
de maximo interesse.

Para terminar : o estudo do direito é hoje bem  
diverso do que era ha uns quinze annos atrás. Quem  
se quizer convencer pegue, *exempli gratia*, nos dois  
magnificos livros de Clovis Bevilaqua — *Direito da  
familia* e *Direito das obrigações* e compare-os com os  
dois calhamaços, abaixo de mediocres, publicados  
pelo medalhão, que ha nome de Lafayette Rodrigues  
Pereira, e verifique.

Verá o que é ter talento de verdade e o que é apenas  
ter sido um mero protegido da fortuna e de condes-  
cendencias inconfessaveis.

A monographia de Martinho Garcez pertence ao  
grupo em que se destacam os bellissimos trabalhos de  
Clovis e está a reclamar para seu auctor aquelles em-  
comios e attentões a que fazem jús os cultores das  
boas lettras, os homens de talento e saber provados.



## XI

### A INGLATERRA E O PARLAMENTARISMO

---

#### I

N'um grosso calhamaço, *rudis indigestaque moles*, que ahi anda, com o titulo de *Historia Constitucional da Republica*, livro massudo, inçado de erros, em quatro volumes, existem umas paginas que estão a pedir-me alguns reparos.

A principio dei-lhes a importancia que mereciam, isto é, nenhum apreço e nulla consideração, porque, a meu ver, o livro não presta e o seu auctor se me antolha despido de todo merecimento. Mas um critico louvaminheiro, desfazendo-se em gostosos encomios á obra do famoso ex-ministro, disse, ao que sou informado, ser irreplicavel a argumentação do improvisado historiador, no caso precipuo dá questão que vou debater.

Trata-se do seguinte : num opusculo que, não ha

muito, publiquei e corre sob o nome de *Parlamentarismo e presidencialismo na Republica do Brazil*, dissera eu não ter sido o systema governamental dos americanos um producto consciencemente feito em contraposição ao parlamentarismo inglez. Minhas allegações eram, neste ponto, tiradas na maxima parte do livro de James Bryce sobre a grande republica do norte.

A argumentação do illustre historiador britannico é de uma lucidez que só não poderá impressionar a espiritos myopes e só deixará de abalar a cerebros rijos.

Eil-a aqui em traços rapidos. Os convencionaes de 1787 nos Estados Unidos não possuíam um conhecimento exacto e completo da organização governamental e politica da Inglaterra. Rarissimos dentre elles tinham estado na mãe patria e nenhum tinha estudos directos do assumpto. Suas fontes de informação eram de duas naturezas : o livro lacunoso de Blackstone e o livro erroneo de Montesquieu ; lacunoso aquelle, por ser um obra acanhada de jurista, preso á letra das leis, e a constituição ingleza, no que ella tem de mais interessante, não é escripta erroneo o outro, porque, sahindo de um paiz despotico o seu auctor, acostumado n'um meio politico onde havia indistincção dos principaes poderes, ficou tão maravilhado com a separação desses poderes na Inglaterra, que acabou por leval-a mais longe do que era ella de facto alli. A constituição americana foi a primeira traducção pratica que se fez do *Espirito das Leis*, e, como neste livro a theoria da separação completa dos poderes figura como a mola real do systema representativo, a alludida constituição ideiou aquelle mecanismo politico, em que o famoso *desideratum* é

levado ao maximo exagero, contra o espirito da organização ingleza, que Montesquieu suppunha illusoriamente ter bem interpretado.

Não era, porém, só isto ; os americanos tinham outra fonte de informes e vinha a ser os departamentos do governo inglez por onde passam os negocios coloniaes e os negocios estrangeiros e pelos quaes corriam as relações que elles proprios tinham com a metropole. Ora, de todos os ministerios do governo inglez são os menos proprios para dar uma idéa exacta de sua organização real, por serem os mais independentes do influxo do parlamento, attenta a natureza especial das questões que lhe são affectas, quasi todas exigindo segredo e presteza de acção.

Na falta portanto de um conhecimento directo, *de visu, bebido* na Inglaterra; de posse de noções incompletas e erroneas tomadas a Blakstone e a Montesquieu; com a pratica enganadora dos simples negocios coloniaes, os homens da convenção de Philadelphia, refere Bryce, não tinham noção exacta do mechanismo governamental britannico, e não se afastaram d'elle, accrescentei eu, conscienciente.

Ainda mais : as treze colonias eram regidas cada uma d'ellas por um congresso local e um governador.

Este, que era de nomeação régia, não podia depender directamente da Assembléa; mantinha diante della completa independencia, obedecendo sómenté ao soberano, de quem era delegado e ás leis de que era executor.

Representa exactamente diante das legislaturas das colonias o mesmo papel exercido hoje pelo Presidenté da União em face do Congresso Nacional.

Os convencionaes de 1787 tinham, pois, havia quasi dois seculos, em casa o typo de organização politica,

que julgavam-lhes convir e não fizeram mais do que generalisal-o.

Foi uma cousa natural, espontanea e simples em sua espontaneidade; não foi o resultado de um doutrinariismo, nem uma refutação systematica e consciente do regimen inglez.

A essa lucidissima argumentação de Bryce, juntava eu outra consideração e foi esta :

« O parlamentarismo, *em sua formula completa*, é um producto historico mais recente; porquanto, *na sua real integração*, é filho dos ultimos annos do seculo passado e das primeiras decadas do actual. »

É contra este asserto que se levanta a critica manhosa do historiador *in fieri*.

Abre á sorte um ou outro livro, enfileira ao acaso alguns factos e suppõe assim ter estabelecido a verdade. Na falta de uma vista de conjuncto, de uma systematisação de idéas e doutrinas, não é com datas, sem rumo, lotericamente empilhadas, que poderá vir a comprehender algum dia que a constituição ingleza é um organismo vivo que tem um desenvolvimento secular. Suas primeiras bases geradoras mergulham no passado longinquo da idade media : successivamente fortalecida na *Magna Carta*, no *Bill dos Direitos*, no *Bill de Estabelecimento*, vem chegar á maturidade na *Reforma eleitoral* de 1832, para entrar, certamente, em via de transformação de todo democratica na reforma recentissima do *Selfgovernment*.

Quando se diz, pois, que o parlamentarismo só chegou á sua *formula completa*, á sua *radical integração*, e taes foram as expressões por mim empregadas, nos ultimos decenios do seculo passado e nos primeiros do seculo actual, tem-se fallado pela bocca mesma da verdade.

Que argumentos, que factos, que allegações oppoz a isto o desfructavel historiador?

Eil-os em essencia e pelas proprias palavras do auctôr : « Os principios cardeaes do parlamentarismo são : a funcção da unanimidade politica do gabinete ; a pratica de mudanças simultaneas de todo o gabinete como o resultado de sua dependencia de maiorias parlamentares ; a funcção de primeiro ministro, como a cabeça dirigente da machina administrativa.

No reinado da rainha Anna (1710) o ministro Harley obtem a dissolução do parlamento, por não ter conseguido uma coalisção com os *whigs*, formando então um gabinete composto só de *torys*. D'ahi *em diante* o principio da unanimidade politica *tendeu* sempre a tomar corpo. Quasi tão antigo como elle é o outro principal cardeal do regimen, das simultaneas mudanças de todo o gabinete como o resultado de sua dependencia da approvação parlamentar.

Vemos que em 1742 Walpole se demitte por um voto do parlamento, sendo a ascensão de lord Rockingham ao poder noticiado como o *primeiro exemplo* de mudanças simultaneas de toda administração em deferencia ás opiniões do parlamento.

Relativamente ao terceiro principio do governo de gabinete, vemos que desde o reinado de Jorge III, iniciou-se o habito das reuniões ministeriaes feitas na ausencia do rei, sob a presidencia de um dos ministros, habito que *tendeu* a perpetuar-se. Desde 1783, na administração de Shielburme, apparecem gradações de poder no gabinete ; e, no ministerio Pitt, *neste mesmo anno*, se faz sentir a sua supremacia de auctoridade, como primeiro ministro, sobre seus companheiros. Vê-se, pois, que os principios cardeaes do parlamentarismo já eram observados na politica ingleza

*muito antes* (sic) do final do seculo passado e *muito antes* que o presidencialismo se organisasse como sistema politico. » É isto.

Ora, eis ahi como não é difficil pegar um ministro em flagrante delicto de toliçadas.

Acha elle que a data de 1783 é *muito anterior* ao final do seculo passado!

Entretanto, confessa que nesse anno é que accentuou-se a existencia do presidente do gabinete, ou primeiro ministro no regimen inglez... Vê-se que a época, por elle assignalada para a evolução definitiva do parlamentarismo é, no final de contas, *posterior* á independencia dos Estados Unidos, *posterior* á organização da confederação alli, e apenas mais velhinha de quatro annos do que a constituição federal da ingente republica anglo-americana!

O homem principiou n'um rompante tão gaupo que pensei que iria collocar o nascedoiro do parlamentarismo pelo menos lá pelas eras de 1300 ou, ao mais tardar, de 1500, alli pelos tempos de Colombo ou de Vasco da Gama. — Felizmente vejo que não andei lá tão errado como isso. Elle falla em *tres* principios cardeaes do parlamentarismo e põe um em 1710, outro em 1742 e o terceiro em 1783...

Não é, parece-me, demaasiado velho o monstro.

## II

Em seu estylo de agua de alface em temperatura de emoliente cataplasma, a *Historia Constitucional da Republica*, obra de medico mettido a jurista, reduz a tres os predicados fundamentaes do parlamentarismo.



apparecido um, em 1710, no reinado de Anna, outro no tempo de Jorge II, em 1742, e outro no reinado do 3º Jorge, em 1783.

A consequencia é, portanto, que o systema inglez, na sua organização definitiva, é anterior ao regimen americano, inversamente ao que havia se affirmado.

O Sr. Araripe Junior, ao que me consta, declarou irrespondivel essa argumentação.

Se não é que o digno critico quiz apenas ser agradavel ao ex-ministro da Fazenda do estado de sitio, sou forçado a declarar que tanto elle como o seu elogiado camarada ou nada sabem, ou sabem muito pouco destas cousas. As tres affirmações são tres erros desses que não se desculpam; porque são enganões trapilhos e réles.

O primeiro facto que veio a constituir com o tempo uma das praticas do regimen parlamentar, e que o engraçado historiador chama em sua linguagem incorrecta *função* e põe na data de 1710, refere-se á *unidade partidaria dos membros do gabinete* naquelle genero de governo.

Em 1710 firmou-se tal precedente, diz o historiador, convertido n'uma especie de cavalleiro andante dos disparates; e acha o Sr. Araripe irrespondivel essa pilheria. Pois abra commigo o livro primoroso do principe dos publicistas contemporaneos. — *Le Développement de la Constitution et de la Société politique en Angleterre* de E. Boutmy — á pag. 168 e leia : « Hoje os ministros formam conjunctamente um gabinete *homogeneo*.

\* Não foi de modo algum cousa adquirida depois de 1688. O seculo xviii inteiro viu constituirem-se gabinetes nos quaes justapunham-se *opiniões divergentes*, e muitas vezes, até o tempo de Jorge III, o capricho

do Rei introduzia nelles um favorito em opposição com a maioria do ministério. Tal foi o caso de Thurlow em muitas administrações successivas.

O principio de que os membros de um gabinete devam ser da *mesma côr politica* só ficará plenamente estabelecido *depois do começo deste seculo.* » Então?

Agora só uma gargalhada.

Poderia, se quizesse malbaratar o tempo com a *Historia pilherial da Republica*, accumular citações de varios outros mestres; porém o leitor bem está vendo não ser absolutamente preciso.

O segundo dogma do regimen parlamentar, dado por nosso analysta das banalidades como obra da queda de Walpole, em 1742, vem a ser a *retirada dos ministerios* quando elles não contam com o apoio da camara dos communs. Tambem está errado isto; e a resposta é facil, póde o Sr. Araripe acreditar.

Vamos, não se moléste esse meu camarada, que em tão má hora esperdiçou palavras com a *Historia pilherial*; vamos, abra commigo o livrinho de ouro de E. Freeman, o mais illustre dos historiadores inglezes deste seculo, intitulado — « Desenvolvimento da Constituição Ingleza desde os tempos mais remotos até nossos dias », e leia á pag. 127 : « A constituição não escripta colloca o soberano na impossibilidade material de manter no poder um ministro não apoiado pela camara dos communs, e torna-lhe igualmente impossivel demittir de suas funcções um ministro sustentado por essa camara ».

E acrescenta, em nota a esta passagem, á pagina 197 : « Póde se ver *quão recente* é o *estabelecimento desses principios*, lendo a historia do reinado de Jorge III na obra de T. E. May.

Como geralmente é sabido, Pitt deixou-se ficar no

ministerio a despeito dos votos repetidos da camara dos commons, e, por fim, por uma dissolução em um momento opportuno, mostrou que o paiz estava com elle. Este procedimento *não seria considerado hoje constitucional*, porém não se deve perder de vista a *immensa differença que existe entre a camara dos commons de então e a de agora.* »

«Eis ahi : ainda hontem, por assim dizer, na segunda metade do reinado de Jorge III, longo reinado de sessenta annos, acabado em 1820, não estava firmada a tal segunda *funcção* do parlamentarismo, posta pihericamente pelo nosso anecdotico auctor no anno de 1742. Pitt, no seu longo ministerio começado aos 19 de dezembro de 1783 e que alcançou o primeiro anno do seculo actual, ainda desconhecia o tal segundo principio, ou, mais espirituosamente, — *funcção.*

Que diz a isto o Sr. Araripe Junior? A cousa é respondivel ou não?

O nosso intelligente critico devia ser mais cauteloso para não engolir *gato por lebre*, não ler a *Historia pagodial*, suppondo que estava a manusear livro serio.

Finalmente, a terceira *funcção* do regimen inglez é a de um *primeiro ministro*, presidente do gabinete; e esta ultima nasceu em 1783, exactamente, diz-se, com aquelle Pitt, que tão inimigo foi da segunda!... Mas ainda aqui a *Historia* famanaz está errada.

Attenda-me mais uma vez o meu amigo Araripe; tenha paciencia e abra commigo de novo o livrinho de Freeman que o illustre critico ainda não leu. Veja á pag. 132, onde está o seguinte trecho :

« Outro progresso notavel teve logar em uma *epocha muito mais recente*, quando o Rei deixou de tomar parte directa nas deliberações do gabinete.

Posso até notar uma mudança de linguagem *que se operou em meu tempo*, e que como outras alterações de linguagem não deixa de ter significação.

Nós dizemos familiarmente *hoje*, no parlamento e fóra d'elle, fallando do corpo ministerial, dessa instituição conhecida da constituição, porém desconhecida da lei, o *governo*; dizemos: o *governo do sr. Gladstone*, ou o *governo do sr. Disraeli*. Recordo-me bem do tempo em que tal fórmula de linguagem era desconhecida. »

Commentando esta passagem, escreveu Alexandre Dehaye, o intelligente traductor de Freeman: « Depois de 1832 sobretudo, o poder, *que exerce em seu nome o primeiro ministro*, pertence inteiramente á camara dos communs... Não se falla mais do *governo da rainha*; outra expressão entrou na linguagem politica.

Diz-se: o *governo de Gladstone, de Disraeli*... O ministro domina tudo: o soberano, os lords se apagam *deante do chefe de gabinete*. Ser-lhes-hia impossivel oppôr uma resistencia victoriosa a seus designios.

O senhor, incontestavel e incontestado, é o *primeiro ministro*. *Vinte factos contemporaneos*, bem conhecidos pelos homens que acompanham attentamente os acontecimentos que se dão além do estreito, o attestariam sem difficuldade. » Mas este estado de coisas, como se vê, não se originou definitivamente com Pitt em 1783. O grande ministro, com seu genio despotico, fazia pouco caso de seus companheiros de gabinete, tomava-lhes a dianteira; porém não foi elle quem estabeleceu a coisa como regra.

Só mais tarde é que o facto accentuou-se definitivamente.

A terceira affirmação da *Historia pagodial da Re-*

*publica* é, pois, tão insustentavel como as duas primeiras.

Convido, e creio que serei attendido, o Sr. Araripe Junior a concluir commigo : a decantada historia impingio-lhe tres carapetões que o bom critico não quiz ter o trabalho de verificar, e deixou-se, por isso, belamente illudir. Aconselho-o a não ser tão facil d'outra vez, e a não andar a affirmar a irrefutabilidade de verdadeiras babuzeiras.

Aconselho-o, finalmente, a estudar um pouco mais estes assumptos para não repetir florisbellescamente que o governo parlamentar assenta apenas na tal *função tripla* de que resa a funambulesca historia. Outros muitos principios essenciaes encerra o parlamentarismo além daquelles, cujas datas o seu amigo forneceu-lhe erradas.

Procure lêr que saberá.

(1896.)



## XII

### FESTAS POPULARES DO BRAZIL

---

Não se deve esperar que, occupando-me mais um vez de Mello Moraes Filho, venha ainda fazer a característica d'este escriptor, a analyse deste poeta.

O que tinha a dizer em tão elevado intuito já está escripto na *Historia da Litteratura Brasileira*, e é conhecido pelo publico.

Mas, de então para cá, de então até hoje, a situação de espirito do homem de letras, e as condições de nossa patria não terão mudado?

Nada haverá a juntar ao que foi dito ha cinco annos? Em uma e outra esphera, no espirito do escriptor e na vida do paiz, operaram-se alterações, aqui profundas, alli bem significativas.

Não as descreverei n'este momento e n'este posto, que devo á amizade. Duas palavras de intimo colloquio com o illustre autor das *Festas e Tradições Popu-*

*lures do Brazil*, eis quanto venho depôr de leve nestas paginas.

Em vinte e quatro annos de vida de publicidade, que tantos são os que me cabem até hoje nas lides litterarias brazileiras, é bem de ver e admittir que tenha conhecido e praticado a mór parte dos escriptores de meu paiz.

Intelligencias elevadas, talentos cultos, caracteres seguros, individualidades singulares, modalidades diversas d'alma humana, feições distinctas do genio nacional, muitos passaram por mim e me deixaram grata recordação de sua convivencia amistosa. Descrevel-os, fazel-os agora nominativamente passar-me diante, notar as impressões produzidas, seria dôce, seria agradavel ao meu coração, já muito desilludido; mas exigiria tempo e espaço, de que não posso dispôr. Baste-me neste momento destacar, pelas semelhanças e pelas antitheses que revelam, em apagadas linhas, em rapida *silhouette*, as *physionomias* dos dous com quem mais convivi até hoje, os dous que mais estimei, que mais intimamente agasalhei na minha sympathia, pela franqueza de seu trato, bondade de seus sentimentos, attracções de seu espirito, integridade de seu character.

Completamente affastados os dous na direcção da cultura e na indole das idéas; perfeitamente distanciados no modo de vêr e apreciar mais de um factó, de pesar mais de um acontecimento da ordem mental, tinham ambos mais de um ponto de contacto, mais de um traço de semelhança nos recessos intimos do genio.

Naturezas sadias, fortes, nativamente votadas á alegria, ao divertimento, á vida folgasã e despreoccupada de nossas classes populares, n'aquillo que ellas tinham de mais selecto, de mais original, de mais fun-



damentalmente puro, na provincia, ha uns trinta ou quarenta annos atraz, os meus dous amigos conservaram sempre a espontaneidade da conversação, a graciosidade da pilheria, o bom humor do trato, o repente dos ditos, a ironia desprerenciosa da replica, alguma cousa que se pudera chamar a poesia do character nas almas boas.

Filhos da provincia, de sua infancia popular, religiosa, catholica, não conseguirão jámais apagar as profundas impressões.

Amantes do Brazil em gráo extremo e achando-o desviado d'aquillo que sonhavam em seu patriotismo, tornaram-se a nosso respeito verdadeiros pessimistas ; um, porque a patria não era ainda o que elle queria que ella fosse ; outro, porque ella tinha deixado de ser o que elle queria que ella sempre ficasse sendo. Um atirou-se ao vortice da sciencia moderna, ao torvellinho da philosophia, da critica, e, no seu sonhar pelo porvir, quasi desesperava da patria, que não andava depressa ; outro, concentrado na historia, na tradição, quasi tambem desespera de sua terra, que vai esquecendo o seu passado, perdendo o seu character nativo, olvidando as suas lendas, os seus costumes, as suas festas, mascarando a physionomia, tão singela e prasenteira na sua originalidade, com os européis de umas estrangeirices importunas.

Ambos, como poetas, são fundamentalmente crentes, elegiacos, romanticos, uma revivescencia, uma resonancia das vellias cordas maviosas do lyrismo ingenuo á nossa raça. Como criticos e analyistas, differenciam-se : um escreveu os *Estudos Allemães*, como que indicando ao Brazil o caminho do futuro, outro escreveu as *Festas e Tradições Populares*, como que nos apontando a trilha do passado.

E essas duas physionomias em um ponto parecidas, e em outro tão dissemelhantes, são como dois sobreviventes que ficaram d'aquella grande geração, que fechou o cyclo do romantismo, ouvindo os ultimos cantos de Varella e Castro Alves.

E eu os escutei, eu os amei ; porque os comprehendí na diversidade das indoles, na sinceridade das emoções, na profundeza dos affectos.

Um, não ha muito, morreu ; e o outro, vivo ainda, quer que o considerem o que sempre foi, o que sempre quiz ser, um homem do passado, um homem para quem o Brazil só tem attractivos nos tempos que já se foram, em umas poucas de tradições que já morreram.

Comprehendendo as duas posições, amando o passado, cuja historia, cujas tradições tambem estudei e descrevi, e esperando do futuro, pelo qual tambem tenho procurado empenhar o meu desvaloroso esforço, não é sem melancolia, sem uma certa dóse de desalento, que me recordo de haver visto, muitas vezes, desestimados, desconhecidos, pela ingratição dos parvos, os labores d'esses dois operarios conscienciosos e meritorios.

Do autor dos *Dias e Noites*, por mais que differenciado do presente seja o nosso sentir vindouro, onde houver alguma alma amante deste paiz gostará ella de recordar-lhe os cantos patrioticos ; onde houver algum espirito sedento de saber, anhelante de progresso, desesperado por sacudir a poeira das convenções que asphyxiam, procurará elle nas criticas do morto illustre os estímulos aviventadores da lucta, germinativos da luz e do progresso.

Pelo que toca especialmente ao autor desta bella obra, posso dizer que, por mais que tenha de ser acci-

dentado o caminho do Brazil através dos tempos, quaesquer que tenham de ser as desillusões que os destinos historicos lhe reservem, a nossa raça ha de sobreviver no futuro, e, lá bem longe, quando os sondadores do passado houverem de rastejar o fio de ouro de nossas tradições, quando houverem de estudar o povo, não no ruido das batalhas e nas chicanas da politica, mas sim nas effusões da alma, nas energias do sentimento, os dous livros de Mello Moraes Filho, onde seu coração palpita inteiro, suas poesias, que todas podem receber o nome unico de *Cantos do Equador*, suas descrições de costumes, que todas podem ter o nome só de *Festas e tradições populares do Brazil*, hão de ser chamados a depôr, como documentos authenticos; porque n'elles vive a grande alma deste paiz; porque n'elles canta e folga, ou geme e chora este mixto de enthusiasmo e melancolia, de saudade e intrepidez, que é o genio lusitano transfigurado na America.

Salve! poeta adoravel, que desprezaste as lentejoulas da moda, para continuar a amar o sol de tua terra e enfeixar em tua palleto o brilho de seus raios! O teu amor te salvou!

(1894.)



## XIII

### A NOVA CONCEPÇÃO DO DIREITO NO BRAZIL

(*A proposito da « NOVA ESCOLA  
PENAL » do dr. Viveiros de Castro*)

---

A nova concepção do direito, cujo representante magno na Europa era Rudolf von Ihering, foi pela primeira vez prégada no Brazil pelo signatario d'estas linhas. É uma prioridade que ousou reivindicar, por ter sido facto publicamente acontecido n'uma defeza de theses, que se tornou celebre perante a faculdade juridica do Recife.

Era isto em março de 1875.

Tobias Barreto, que assistio a publica discussão, e naquella época não se occupava ainda de estudos juridicos de que mais tarde foi tão ousado quão illustre propugnador, deu-me então calorosos parabens, e, em

ocasião oportuna, rendeu-me pela imprensa a indispensavel justiça.

Em seu interessante escripto *Jurisprudencia da vida diaria*, publicado em 1878, disse aquelle saudoso amigo e alentado pensador :

« Ao meu illustre comprovinciano e amigo Sylvio Roméro cabe a honra de ter sido o primeiro que ousou convidar o dr. von Ihering para ir á Faculdade de Direito do Recife, lembrando-se de cital-o na sua bella dissertação apresentada por ocasião das *theses* que pretendeu sustentar, porém que tiveram, como é sabido, para gloria sua e eterna vergonha dos *mestres*, aquelle triste resultado *metaphysico criminal*. Isto em Março de 1875.

Dõe-me dizel-o, e Deus me perdõe se pecco em dizel-o, mas é verdade : naquella occasião a auctoridade e o nome do jurista germanico achavam tanto echo em os salões da faculdade, tinham tanto peso e influencia sobre a maioria dos espiritos docentes, quanto puderam ter o nome e a auctoridade, *verbi-gratia*, do defuncto major José Severino, velho rabula de Santo Antão. Talvez que ainda menos ; pois este sempre era *um dos nossos*, e o allemão, quem sabe mesmo se elle existiria ?

No conjuncto de circumstancias que concorreram para o não doutoramento do illustre moço sergipano não foi, porventura, uma das menos aggravantes a citação de um auctor desconhecido, inteiramente fóra do circulo visual da sciencia *ex-cathedra*.

Quem póde assegurar o contrario ?

Entretanto, quer-me parecer que, de então para cá, os espiritos modificaram-se um pouco : Rudolf von Ihering, segundo alguns indícios, está acclimado. Não tanto pelo seu profundo trabalho — *O espirito do direito romano*, obra conscienciosa, na qual rompeu

com as tradições recebidas a respeito do rigor e dureza d'esse direito, e insurgio-se contra o que elle chama *das ganze Geklingel germanischer Sittlichkeits Melodien*, isto é, a velha illusão, provinda de Tacito, de uma exemplar perfeição de costumes entre os antigos germanicos, não tanto por essa obra, digo eu, como pelo pequeno escripto — *A luta pelo direito*, — escripto de occasião, sem duvida, porém não menos profundo e bem pensado, onde a genial concepção darwinica do *Struggle for life* — é transportada do dominio da natureza para o dominio da sociedade, e o direito se resigna a ser um capitulo da *historia natural*, o sabio jurista já occupa aqui, no meio dos doutores, um logar de honra. »

Para este resultado contribui, pois, um pouco e semelhante prioridade, que tambem me cabe entre nós na transformação da critica litteraria pela sciencia, da poesia lyrica pela nova intuição philosophica, do estudo do *folk-lore* pelos modernos processos, e da historia espiritual brasileira pelo criterio ethnographico, tal prioridade, attestada pelo grande professor pernambucano, acha-se documentada na dissertação academica lida perante a Faculdade do Recife.

Nesse escripto dizia eu, entre outras considerações : « A doutrina do direito, pelo seu lado scientifico e dirigente em alto gráo, vae muito descurada entre nós.

Não temos um philosopho em direito, não existe um só livro brasileiro em que o dogma juridico se levante áquella altura de principios, áquella serenidade de leis que devem reinar na esphera dos estudos elevados.

E, entretanto, a sciencia juridica não é, não póde ser uma instituição da intelligencia anormal, exquisita, sem relação com o movimento geral e harmonicó de todas as manifestações espirituaes.

Não é *inviolavel e sagrada* como certas entidades por ella creadas.

Deve, ao contrario, receber tambem a investigacão, a contra-prova das verdadeiras sciencias.

Como todas as grandes creações da humanidade, o direito não se desenvolve á parte, mas com ellas, por ellas, no meio d'ellas. Deve, pois, indagar do seu estado para ser exacto, ajustando-se por ellas.

Acantoado lá com a sua vaidade n'uma Babel de textos decrepitos, o jurista retrogrado julga-se senhor das fontes da vida, porque delicia-se nas paginas de um codice morrinhento. É uma triste figura! O lavor da larga, da grande intuição lhe escapa; porque a sciencia não se acha n'um montão de factos incoherentes, sem nexo e sem lei. Vive nas vistas do conjuncto, na concepção vasta e geral do grande todo. « O direito, que n'um sentido, é prosa, torna-se na luta por uma idéa, poesia, porque o combate pelo direito é, sem a menor duvida, a poesia do character.

Disse-o o insigne romanista Rodolpho von Ihering. e é uma profunda verdade.

Esse preclaro jurista trouxe a idéa da luta para a effectividade do direito. Não posso deixar de notar nesse facto uma *invasão do espirito darwiniano* na jurisprudencia. É o complexo das sciencias naturaes, rejuvenescendo as velhas noções do direito atrazado.»

Era, como disse, em 1875, dez annos justamente antes de haver o sr. Alberto Salles publicado o seu *ensaio sobre a nova concepção do direito*, livro lacunoso, confuso, onde idéas contradictorias, tomadas de um lado ao positivismo e de outro lado ao evolucionismo spencerista, jogam as cristas n'uma desordem de provocar espanto.

O direito, para ser bem comprehendido, deve ser



considerado no seu meio normal, na sua posição propria entre as creações fundamentaes da humanidade.

Nos tres seculos anteriores ao nosso, periodo historico originado do famoso movimento da Renascença, corria como verdade assentada que as sciencias se dividiam em exactas, *physicas*, *naturaes* e *moraes*. Estas eram consideradas de natureza e indole totalmente diversas das outras. Todas ellas eram feitas de cima para baixo, por via deductiva, partindo de suppostos principios *a priori*. Todas partiam de idéas geraes, verdadeiros typos racionaes que se diziam anteriores e superiores á experiencia. Era, como se vê, o regimen da ideologia pura, era uma verdadeira meta-metaphysica.

Esta ideologia tinha um conceito *absoluto* para tudo que se reportava ás funcções da intelligencia humana.

O *absoluto* chamava-se ás vezes *natural*.

O bello *absoluto*, o bem *absoluto*, a verdade *absoluta*, a justiça *absoluta*, o direito *natural*, a religião *natural*, eram as expressões correntes para significar a idéa typica, a essencia do bello, do bem, da verdade, do direito e da religião.

Reinava ainda essa immensa dogmatica, quando o velho terreno das formações historicas começou a ser revolvido. Uma serie de esforços por lados diversos começou a desenvolver-se.

Como se houvesse uma combinação consciante, de varias bandas foram-se abrindo frestas por onde foi penetrando a luz. Aqui era um que descobria o sanscrito, alli outro que lhe notava o parentesco com um grande grupo de linguas. Aqui era um que começava a comparar os mythos de diversos povos entre si e lhes descobria filiações; alli outro que encontrava os ves-

tigios das primitivas industrias e estudava o berço das primeiras artes.

O movimento continuou por toda a parte, em todas as direcções.

Linguistica, mythologica, critica religiosa, pre-historia, archeologia... rejuvenesceram, renovaram seus methodos, cresceram e alastraram de seus fructos o velho terreno safaro das chamadas sciencias moraes. Um principio novo tinha levado vida nova a todos os recintos do pensamento; era o principio da *historicidade*. A idéa do *fier*, do *werden*, da *evolução*, de progresso, de desenvolvimento, de formação gradativa, que tudo quer dizer a mesma cousa, entrou a figurar como o principal factor das creações humanas.

O direito não podia escapar a esse geral renova-mento, e não escapou de certo. Savigny e Puchta fizeram-se os propugnadores do movimento; a historicidade tinha penetrado na jurisprudencia.

Desde ahi o velho direito natural devia ter morrido e elle falleceu devéras por toda a parte, onde houve espiritos coherentes.

Mas, assim como ainda hoje, nos cursos secundarios, depois de toda a enorme revolução por que passou a critica litteraria e esthetica, depois de Lessing, Winckelmann, Sainte-Beuve, Scherer, Taine, ainda nós temos professores da velha rhetorica a beneficiarem os seus discipulos com o *bello innato e immutavel*; tambem nas escolas de direito ainda muitos doutores atiram em cima de seus estudantes todo o peso do *direito natural*, o afamado direito *primigenio*, contemporaneo do sol e das estrellas...

Tem sido sempre assim, e continuará a sel-o por muito tempo.

Como era natural, o principio do desenvolvimento

penetrou primeiro nas sciencias do homem do que nas sciencias da natureza. O chamado methodo historico-comparativo tem alli o seu dominio proprio, e facilmente prosperou. Diante da renovação prodigiosa dos estudos historicos no começo d'este seculo, o estado das sciencias naturaes fazia uma figura apoucada.

Geralmente se diz que as chamadas sciencias moraes em nosso seculo tomaram grande desenvolvimento, por terem adoptado o methodo das sciencias naturaes. Isso me parece um formidavel erro.

O progresso das sciencias moraes proveio justamente de terem abandonado as extravagantes tentativas de applicar a si proprias os methodos de sciencias inferiores, ou esse methodo experimental das sciencias biologicas.

O alludido progresso proveio de terem aquellas sciencias achado o seu genuino methodo, — o historico comparativo.

Bem longe de terem as chamadas sciencias naturaes auxiliado as denominadas do homem ou moraes, estas é que auxiliaram aquellas. Porquanto foi depois que a biologia fez ensaios de applicação do methodo historico comparativo, pertencente ao grupo scientifico superior, que ella fez grandes progressos.

O emprego de tal methodo, que produzio a anatomia comparada, a embriologia comparada, a morphologia comparada, *ad instar* da linguistica comparada, das religiões comparadas, etc., é que a habilitou a adoptar no seu dominio tambem o principio da historicidade e da evolução, que renovou a velha intuição scientifica.

A grande revolução, de que fallei, operada no terreno das sciencias moraes, pôde-se dizer que foi a obra capital da primeira metade d'este seculo. Seu echo renovador na biologia, produzindo nella completa

metamorphose, é a obra capital d'esta segunda metade do seculo.

Mas não fica ahi; a biologia, a chamada sciencia natural, renovada, veio por seu turno actuar no seio das sciencias do homem.

Ella recebeu d'esta, como disse, o *principio da historicidade*, e agora dá-lhe em paga o que se póde chamar o *principio do naturalismo*.

O direito entrou tambem nesse novo e ultimo processo de renovação.

O principio do *naturalismo* é a selecção natural levada para o dominio da vida social.

Dois geniaes juristas allemães são os representantes dos dois grandes principios, dos dois grandes progressos na sciencia do direito : Savigny — o fundador da escola historica, Ihering — o fundador da escola naturalistica.

Sem o primeiro, seria impossivel o segundo.

O primeiro dizia : o direito é um producto da historia e da evolução humana. O secundo respondeu : muito bem, é isto mesmo; mas como se dá esta evolução?

Certamente por um principio analogo ao principio da lucta pela existencia de que nos falla Darwin, o principio da selecção que se opéra por herança e adaptação. É isto; esta é a idéa capital da reforma, como eu a posso comprehender. Veremos como o dr. Viveiros de Castro a comprehendeu no direito penal.

## II

O dr. Viveiros de Castro é um dos nomes mais sympathicos, não direi da nova geração, porque não sei com que idade anda hoje esta travessa menina; — mas com certeza um dos nomes mais sympathicos dos *espíritos novos* no Brazil. — Pertence ao partido da reacção em nossa litteratura, especie de phase de *Sturm und Drang*, iniciada em 1870, que tantos beneficios tem trazido ao pensamento nacional.

É um dos mais jovens do grupo; foi na escola do Recife companheiro de Arthur Orlando, Clovis Bevilacqua, Gumersindo Bessa, Martins Junior, nomes hoje conhecidos em todo o Brazil. — Estes moços distinguem-se pela seriedade de suas producções, pelo gosto das idéas, pelo aferro ao estudo.

Cultivam de preferencia a critica, o direito, a philosophia, as questões politicas e sociaes. — Não quero estabelecer entre elles comparações e parallelos, que seriam, antes de tudo, prematuros.

Estão ainda em pujança da energia espiritual; é mister deixal-os ir mais adiante para depois ver a quem caberá a palma da victoria. — O livro do sr. Viveiros de Castro é um attestado da sua applicação e do seu talento.

Nomeado promotor publico d'esta capital, despreocupada e varia, o joven escriptor não se deixou ficar de todo entregue á rhetorica do fôro. Continuou a cultivar a criminologia, de que é hoje lente na Faculdade Livre de Direito.

A publicação com que acaba de brindar a mocidade estudiosa, não é mais do que uma especie de indicador ou de roteiro dos caminhos a trilhar, dos auctores a ler, das idéas a discutir.

O esperançoso professor não quiz fazer um tratado : quiz apenas mostrar aos seus discipulos o estado actual das principaes questões de sociologia criminal e as fontes mais puras onde podem ellas ser bebidas. — E este alvo foi perfeitamente attingido.

O livro é claro, methodico, as doutrinas bem deduzidas, a erudição de boa seiva.

Os artigos mais notaveis são : — *classificação scientifica dos criminosos ; factores do crime ; papel da mulher na ethiologia do crime ; sociologia criminal e suas applicações á processualistica penal.* — Ha muito que aprender naquellas paginas, que sabem remunerar a leitura.

Não tomei, porém, da penna para fazer a descripção do livro e sómente para gabar o dr. Viveiros de Castro pelo bom serviço que fez ás lettras patrias. — Quero tocar no ponto central do assumpto e discutir com elle a these capital de seu livro. — Qual é ella?

É um pouco difficil dizer ; porque no livro existe como que a superposição de duas doutrinas, sem que o autor tenha-se decidido por uma d'ellas, se é que neste assumpto tal decisão seria possivel em todo o rigor dos termos.

Refiro-me ás duas escolas a que é costume denominar *naturalista* e *socialista* em direito criminal.

Trata-se de explicar por suas causas proximas e remotas o phenomeno curioso e terrivel do criminoso.

Á velha doutrina *soi disant* psychologica encerra-se no individuo, cuja alma suppunha desmontar peça por peça, e lá ia na idéa do livre arbitrio e da responsa-

bilidade descobrir o genesis do crime e o fundamento da penalidade.

À força de abstracções, cada vez mais quintessenciadas, foi-se pouco a pouco chegando, neste assumpto, a uma ideologia aerea, phantastica, retumbantemente imprestavel.

Era impossivel que se não dêsse uma reacção, e esta só podia vir do lado das sciencias naturaes.

Os grandes estudos de biologia e anthropologia, nomeadamente da escola ingleza de Darwin, Huxley, Tylor, Lubbock, Spencer tinham sido assimilados pela Europa inteira, sendo applicados a todas as manifestações do pensamento.

Foi na Italia que chegou a vez do direito penal despir a velha vestidura e sujeitar-se ao exame rigoroso das novas theorias.

O transformismo, a lueta pela existencia, com os seus processos capitaes de selecção natural, hereditariedade e adaptação, estavam na ordem no dia.

Nesta orbita de idéas é que se havia de fazer a reforma e fez-se de facto. O criminoso typico, o chamado criminoso nato — era um caso de *atavismo*, era um abuso de passadas e primitivas éras immigrado no meio actual.

A anatomia e a physiologia eram chamadas a depôr : craneos, braços, mãos, cabellos, olhos, faces, orelhas, tudo no criminoso foi medido, pesado, esquadrinhado e em tudo se vio o reflexo irrecusavel das heranças atavicas.

Entretanto, a illusão era patente. Com pouco esforço, comparando o homem pristino com o selvagem actual, foi possivel provar que a *criminalidade* não é a *selvageria*.

As duas cousas guardam tal distancia, que toda a

anthropologia italiana bem esticada não dá para a encher.

Foi mister abandonar a theoria do *atavismo*.

Mas, então, que ficava sendo o *criminoso nato*? Ainda um ser á parte, tendo vivos signaes de parentesco com o *genio* e o *louco*.

Attenda-se bem : não são tres cousas identicas, são apenas da mesma especie, simples variedades, se quizerem, de um tronco commum.

A anatomia e a sua irmã proxima — a physiologia — chegam de novo com os seus aparelhos e dão-nos uma demonstração em regra.

Mas ainda aqui a verdade terá sido firmada definitivamente?!

Anatomia e physiologia podem só por si explicar as accões da humanidade?

O labutar constante do homem, em bem ou em mal, não será na maxima parte hoje em dia um resultado complicadissimo de factores historicos e sociaes? A *cultura* será ainda e sempre uma simples cópia da *natura*?

Ou affeioou-a por sua vez a seus moldes?

Esta é a questão que deve ser resolvida para dar o enyigma das leis que regem a actividade humana em geral, de que o crime é apenas um caso particular e minimo.

As chamadas escolas *naturalista* e *social* não resolvem o problema, porque são exclusivistas e consideram *natureza* e *cultura* como duas cousas antinomicas, irreductiveis, manejando principios oppostos.

A verdadeira escola do direito, da moral, da critica, esthetica, da historia, da sociologia, da actividade humana em summa, será aquella que reunir os factores da natureza e os da civilização, os factores physio-



logicos e os psychologicos, os biologicos e os sociaes.

Fóra d'isto só existirão tentativas frustradas.

Com todo o seu esforço de simples naturalista e medico, Lombroso, mesmo na sua nova doutrina, substitutiva da primeira, não conseguiu tirar a limpo o typo completo do *criminoso*.

■ As comparações illustrativas que vae buscar entre os *genios* e os *loucos* são mais illusorias do que verdadeiras. Não resta a menor duvida de que estes tres dominios muitas vezes se tocam e se confundem. Mas é a excepção.

Os typos caracteristicos das tres modalidades são entre si completamente independentes.

Não é verdade que a genialidade seja um caso especial de epilepsia.

O verdadeiro genio é ao contrario um typo sadio, integral, harmonico, onde as forças espirituaes e phisicas chegam a um gráo supremo de equipolencia rythmica.

Lombroso argumenta com talentos mais ou menos desequilibrados. Não chega até aos *genios creadores*, abridores de caminho, naturezas incomparaveis, de uma harmonia suprema. São os Democritos, os Aristoteles, os Pithagoras, os Copernicos, os Galileus, os Keplers, os Leibnitz, os Dantes, os Schakespeares, os Goethes, os Darwins (1).

\* Estes sim. Estes não eram epilepticos em gráo nenhum; nem sequer eram melancolicos, scismadores. Não me venham argumentar com Rousseau, Flaubert, Lenau, Dostoiewsky, e outros eguaes, que não eram genios e sim simples talentos amalucados. « No fundo da melancoliá, escreve um homem competente, no

(1) Os nomes proprios em portuguez têm plural.

fundo da melancolia encontrar-se-ha talvez sempre uma falta de equilibrio das faculdades e, como causa final, algum desarranjo organico. O melancolico é um ser incompleto, enfermo ferido nas fontes da vida, que poderá exhalar queixas eloquentes ; mas nunca attingirá á grande arte. O verdadeiro artista, que domina a natureza e o homem, que os reproduz n'uma concepção impessoal, um Shakespeare, um Goethe, um Walter Scott, este é um homem são. Não sabe o que é andar a apalpar o pulso.

A paz do seu espirito não está á mercê do tempo que está fazendo, contempla a vida com serenidade.

A melancolia resulta de uma organização nervosa, impressionavel, delicada, exquisita, porém incompativel com a *harmonia das forças e a elasticidade de um temperamento robusto.* »

É isto.

Os verdadeiros genios não são loucos, nem criminosos ; como os verdadeiros criminosos não são genios, nem loucos ; bem como os loucos especificos não são genios nem criminosos.

Dão-se muitas vezes approximações que não são á regra exacta.

Segue-se d'aqui que a escola italiana deve ser desprezada ? Absolutamente não. Ella levantou problemas fundamentaes, não resolvidos ainda ; porém anda na pista de sua solução ; é benemerita da sciencia e do pensamento livre. O dr. Viveiros de Castro, que é um dos que a representam aqui, merece os applausos de que são dignas as almas sinceras, os animos activos, as intelligencias avidas de saber.

## XIV

### A FESTA DO TRABALHO

---

No grande drama da historia, como n'um quadro mutilado, tem sempre andado ausente a principal personagem. Atraz dos bastidores sente-se estuar o gigante, como um mar atroante, procelloso, batendo em vão nas faldas da montanha. É o povo, no seu immenso anonymato, na sua desassignalda grandeza, na sua força descuidosa e ingenua.

Magos e prophetas, reis e senhores, por uma especie de procuração em causa propria, ás mais das vezes irrita e fraudulenta, incumbiram-se de fallar por elle. E, n'essa tremenda tragedia de dez mil annos, talharam para si os papeis de protagonistas, tomaram as vestes da festa, montaram os corceis da gloria, e eil-os partidos aos quatro ventos, apregoando esforços e triumphos... E o descuidado anonymo esquecido no vilipendio, pupillo eterno da historia!

Magos e prophetas, reis e senhores, despertos pela

estrella da manhã dos tempos, encheram de suas pretendidas maravilhas as terras adustas do Oriente.

Nasceram, medraram, sumiram-se imperios a seu acceno; os annaes das nações enthezouraram, em seu nome, prodigios e assombros.

No sólo da Europa produziram-se as mesmas scenas.

Republicas aristocraticas, imperios cezarianos, theocracias bysantinas, protrahiram por seculos e seculos a dança mirabolante dos magnatas, e conservaram na meninice o generoso gigante de mil braços, a quem Roma caduca atirava pão e divertimentos, e a idade media, mais generosa, mais idealista, convidava a orar á sombra das cathedraes, ao som mavioso do orgão e das litánias sagradas.

Mas a força não tinha de morrer, e a consciencia não havia de apagar-se dos fastos da humanidade.

O menor tornou-se adolescente. Os officiosos procuradores, reis e nobres, ensurdecidos no meio das galas, embriagados de vaidade, allucinados do proprio fausto, não se aperceberam das alterações do scenario, e viu-se o pupillo, n'um movimento de impaciencia, atirar pelos ares o throno secular dos Capetos.

Tinha-se mudado a deçoracão da tragelia; mas a personagem principal teria de ficar ainda por annos e annos relegada para o escuro do quadro.

Veio o genio de nosso seculo e iniciou a obra das reivindicacões.

A operação ficou em meio caminho. Ao povo, á massa, á multidão, á raça humana, tomada no seu harmonioso conjuncto, foi reconhecida a auctoria de suas proprias creações, de seus mythos, de suas linguas, de suas legislações, de suas doutrinas moraes e até de seus proprios deuses. Era só isto; n'este

mesmo trabalho tinha, porém, de manifestar-se pelos órgãos de seus *homens representativos*. O heróe, o chefe, o genio, o mestre, o senhor, era o factor obrigado da evolução lenta do anonymato; porém era sempre o heróe, o chefe, o guia, o mestre, o senhor...

É esse o resultado da critica dos Grimms, dos Strauss, dos Taines, dos Renans.

A prôcuração deixava de ser em causa propria; mas era ainda obrigada e indispensavel.

Era o mais que podia obter o povo, a multidão, na orbita intellectual.

Obreiro do seu proprio genio, na esphera politica, tinha de ficar em perpetua tutela, como as mulheres da primitiva legislação romana.

Foi quando appareceu o protesto do socialismo, atirando os instrumentos do trabalho no meio da contenda: Basta de menoridade e de tutelã; é já demais que muitos milhões de famintos consumam a vida para alimentar os ocios de unia minoria de privilegiados!

E travou-se a lucta do quarto estado, a peleja do operariato.

A sciencia com suas luzes, a religião com suas consolações, a politica com seus systemas e seus expedientes, a economia com seus conselhos, tudo e todos têm chegado com sua palavra de paz ou de guerra.

E o pleito continúa de pé e não é dado ainda prever plenamente se a solução trará a calma e o contentamento. O dia de hoje symbolisa festivo uma das victorias do socialismo bem inspirado, a regulamentação das horas do trabalho, do descanso, e da instrucção para os operarios.

Que os seus triumphos futuros sejam assim pacificos e promissores de concórdia.

Somos obreiros da paz e sabemos honrar todas as conquistas generosas.

Em nossa Republica, que ainda não sahio do periodo fetichista dos *nomes propios*; que ainda não comprehende amplamente que um homem não se prenda a grupos, para poder ser justo com todos e independente diante de todos; que não quer por emquanto admittir que se possa fallar bem de Benjamin Constant sem que seja indispensavel dizer mal de Deodoro da Fonseca; que se possa reconhecer em Floriano Peixoto a virtude da resistencia sem que por isso tenha-se a obrigação de desconhecer os grandes erros de seu governo; que se admittam as virtudes pessoas de Prudente de Moraes, seu grande desejo de acertar, sem que fique-se na obrigação de esconder as vacilações e incertezas de sua politica; em nossa Republica, que já deve ir pensando em afastar-se da idolatria do *heróe*, ou *supposto* tal, é cedo ainda para pensarmos em reivindicações socialistas. Temos, porém, obrigação de applaudir, desde já, as victorias do povo no Velho Mundo e de estudar os problemas que, mais cedo ou mais tarde, nos hão de bater á porta.

Neste sentido saúdo o grande dia dos operarios.

(1895.)

## XV

### A MULHER E A SOCIOGENIA

*A proposito do livro de Tito Livio de Castro.*

---

#### I

Na especie de polyanthéa publicada pelo *Estado de S. Paulo* aos 19 de Junho de 1890 sobre Tito Livio de Castro que, havia pouco então, tinha fallecido, escrevi eu o seguinte : « Este passou livre da molestia moderna, — a affectação e a pose...

Tão humilde fôra a sua origem, tão amargurada a lucta de sua vida, e tão delicada e inteiriça a trama de sua indole, que o pensamento, abafando todas as suggestões do mesquinho meio que o cercava, attingiu nelle as proporções de um despota implacavel e superior, que veio a predominar sobre todos os mais impulsos de sua grande alma. Em paga o sublime dictador collocou-o em o mais alto posto que já foi dado occupar por cerebros brasileiros.

Joven sabio de vinte e seis annos! deixa que ao ruido de tua gloria pura e brilhante, quanto o possam ser os dos mais dignos, chegue tambem o quasi apagado écho da palavra de quem te ousa proclamar o mais distincto, o mais eminente de todos os moços de nossa geração... »

Ha quasi quatro annos, sob a dolorosa surpresa da morte de Tito Livio de Castro, escrevia aquellas palavras que hoje não tenho a modificar n'uma virgula sequer, se não fôra, talvez, para as tornar ainda mais exaltadas por um maior conhecimento que tenho agora da vida espiritual d'aquelle perigrino talento.

Não devendo elle até hoje a esta sociedade sinão o nascimento de um engeitado e a vida obscura de um desprotegido, parece chegada a hora de seu nome receber os applausos de todo o Brazil. Não venho pleitear a sua causa; o moço escriptor não precisa disto, tem nas suas obras os seus titulos. E esses são valorosos, authenticos e raros. Para ser admirado basta ser lido.

Simple advertencia no intuito de despertar a attenção para um ou outro ponto, ou, melhor, simples e grato dever que me impuz a mim proprio, tal o motivo de minha presença n'estas paginas.

Morto logo após a sua formatura em medicina e no verdor dos annos, sério, modesto, profundamente retrahido, Tido Livio de Castro, não tem biographia, a não ser a biographia interior e velada de seu coração e de sua intelligencia; do coração que teve o seu romance de dôres intimas, da intelligencia que se lhe foi formando pujante, seleccionada por aturado estudo. Meigo e bom, recatado como uma menina timida, não era espirito para fazer confidencias e murmurejar queixumes. A historia de seu coração, de seus affectos



adivinha-se, rasteja-se n'uma ou n'outra phrase de seus escriptos; porém não se narra, não se descreve.

Quanto á sua intelligencia, elle não foi desses que aprendem deante do publico, pensando em voz alta. Quando tomou da penna, dos vinte aos vinte e seis annos já se nos apresentou immensamente culto e firmado em suas idéas fundamentaes. Sua historia exterior, por assim dizer, os varios accidentes de sua vida, reduzem-se a muito pouco. É uma especie de elegia de um desherdado. Devel-a-hei contar aqui? Confesso que hesito; porém essa hesitação se me desfaz pelo prazer que sinto em dar publico prégão a um dos mais raros especimens do amor humano que já me foi dado presenciar. O egoismo é ainda entre os homens tão commum, os maus affectos são ainda tão vulgares, que deixar despercebido o grande poema altruistico de que fui e sou testemunha, seria mais condemnavel do que o proceder de quem, se lhe deparando finas perolas, as pisasse aos pés.

Em uma manhã de fins de janeiro de 1864, ao abrir a porta de sua residencia, então n'uma casa á rua *Direita* desta cidade, o sr. Manoel da Costa Paes encontrou uma criancinha alli engeitada. Teria quinze dias no maximo. Acolheu-a carinhosamente. e, por ser solteiro deu-a a criar, á sua custa, a uma distincta senhora de sua amizade.

Esse generoso portuguez, residente no Brazil deste 1845, era então estabelecido com negocio em nossa praça. Tomando entranhado affecto ao menino, a quem baptisara com o nome de Tito Livio e juntara o sobrenome de Castro, como reconhecimento á digna senhora que o criava, por o ter em seu appellido, o sr. Paes, logo que a criança attingiu aos quatro annos de idade, avocou-a completamente a si. E não

a deixou mais, sinão para encerral-a no tumulto vinte e tantos annos depois.

Se, porém, em principio o bom e deligente portuguez tinha os recursos que lhe davam o trabalho honrado, a actividade afanosa de seu genio activo, nem sempre foi isto assim. Audaz trampolineiro defraudou-o completamente, deixando-o já velho e arruinado. Entretanto, o seu carinho por Tito Livio foi sempre por deante, cada vez mais intenso. Depois de lhe ensinar, elle proprio, os rudimentos das primeiras letras, conhecendo-lhe o immenso talento, matriculou-o em 30 de setembro de 1872 no *Lyceu Commercial* sob a direcção do sr. Manoel Fernandes da Cunha Graça.

Ahi demorou-se o futuro auctor da *Mulher e a Sociogenia* até fins de 1876. Em principios do anno seguinte matriculou-se no Internato de Pedro 2.º, donde passou-se, por perseguição do vice-reitor de então, para o Externato em meados de 1881. Bacharelou-se em letras em novembro de 1883; no anno seguinte estava no primeiro anno da Escola de Medicina, doutorando-se em 1889.

Falleceu aos 15 de Maio de 1890, poucos mezes, como se vê, depois de formado em sciencias medicas. O cargo unico que exerceu em sua vida foi por dois mezes o de lente interino de clinica psiquiatrica, no impedimento do cathedratico, que tinha seguido para a Europa. D'esse trabalho, porém, não recebeu, por birras e patacoadas muito communs na administração brasileira, nem um real....

Na apparencia singela desse viver de estudante, não vá algum espirito demasiado confiante suppôr que tudo foram doçuras. Bem longe disso.

Injustiças, grosseirias, perseguições, soffreu-as Tito Livio nos collegios que cursou e mesmo na academia.

Seu genio absolutamente rigido no character, sua côm de mestiço irrecusavel são capazes de explicar a origem desses ataques partidos de almas mesquinhas. De alguns desses factos tive em tempo conhecimento immediato.

Mas em seu percurso de vinte e seis annos o orphão teve um braço para o amparar. Incansavel, attento a tudo o velho Paes nunca lhe faltou para o proteger e vingar. E algumas dessas vindictas foram merecidamente fortes. Completamente absorvido em lhe proporcionar os meios de estudo, especialmente durante os seis annos do curso academico, conseguiu por entre asperos sacrificios, dotal-o de uma excellente bibliotheca, onde vivia encerrado o moço escriptor. Eu, que o conhecêra no Collegio Pedro II, onde era professor, e em conversa lhe surprehendera o grandissimo talento, visitei-o algumas vezes em sua residencia e sempre o encontrei atufado entre os livros, e eram bons os que elle manuseava. Tudo que de mais selecto havia em psychologia, economia politica, historia, anthropologia, medicina, psychiatria, philosophia, poesia, litteratura — estava alli e era lido e commentado.

O velho Paes conservava-se meio arredio para deixar em completa liberdade o afilhado. Mas este não vivia em completo isolamento; conhecido o seu talento na Escola de Medicina, alguns amigos selectos fizeram em torno d'elle um como cenaculo. Os principaes eram os srs. Julio Trajano de Moura, João Marcolino Fragoso, José Estellita M. Tapajós e Affonso Regulo de Oliveira Fausto. Sectarios das mesmas idéas, todos trabalhavam sob a direcção de Tito Livio de Castro, que lhes fazia de mestre. Trabalhos de viviseccão, de histologia, de physica e chimica, preparações anatomicas eram alli feitos.

Mas isto passou depressa; a tuberculose ceifou o moço estudioso, que se sacrificava á sciencia. Seu verdadeiro amigo redobrava de solícitude : viagem para Palmeiras, cuidados de todo o genero, tudo burlado. Aos 15 de Maio de 1890 dava-se, como disse, o triste acontecimento. O educador de Tito Livio, que lhe tinha inoculado no character os principios de severidade e trabalho, perdeu a cabeça ; o golpe era o mais rude que é dado experimentar : tantos sacrificios, tantas esperanças alli sepultadas cruelmente!...

Quando voltou a si foi para iniciar nova faina, novos trabalhos a favor de seu querido Tito. Antes de tudo era preciso levantar ao morto um jazigo digno delle, depois publicar-lhe as obras. A primeira parte dessa piedosa missão está presentemente cumprida : o moço sabio repousa em bello tumulo carinhosamente levantado pelos esforços de seu educador. A segunda parte, com o apparecimento deste livro começa a ter execução.

É facil e simples dizel-o assim no papel ; porém sei eu as fadigas, os dissabores sentidos pelo amovavel homem. Não foi sem difficuldade que arrecadou as producções tresmalhadas do illustre morto, e fel-as copiar cuidadosamente, para prevenir-lhes a perda pelo descaminho do original nas typographias. E, depois, como publical-as? onde as posses para isso?

Requereu ao governo da Republica, ao ministro Ruy Barbosa, e teve favoravel despacho. Deviam as obras do mallogrado escriptor ir a imprimir na Imprensa Nacional. Alli jazeram mezes e mezes e sempre o director d'aquelle estabelecimento do Estado, que edita ahi tanta cousa parva, tinha uma desculpa a dar... Era visivel a má vontade. Que fazer? Outro qualquer poderia desaminar; o Paes, não. Alguem

lhe tinha dito que o Estado não dispunha sómente da Imprensa Nacional, tinha tambem uma excellente typographia na Casa da Moeda. Novos requerimentos, novos pedidos. Pôde alli ser acceita a impressão de um dos escriptos do joven autor, e foi escolhido o d'*A Mulher e a Sociogenia*. A boa vontade do digno director daquelle grandê estabelecimento nunca falhou; mas o accumulo de trabalho tem sido extraordinario. D'ahi a demora por tres annos da impressão, já de si morosa pela necessidade de abrirem-se chapas especiaes para os traçados, *schemas*, etc.

O amor do sr. Paes por seu adoravel pupillo vae triumphando de tudo. Quasi todos os dias lá está elle na Casa de Moeda a indagar das provas, a leval-as a corrigir e a devovel-as. É que seu pensamento está indissolúvelmente ligado áquelle ente amado, que não pôde e nem quer esquecer. Por isso onde quer que chegue o nome de Livio de Castro, é de justiça que vá tambem a lembrança do homem digno que o amparou e educou. É um exemplo nobile, que deve ser guardado.

## II

Os escriptos de Livio de Castro reduzem-se a tres ordens : este grande volume de anthropologia e sciencia social, que data de 1887, e a que deu o nome de *A Mulher e a Sociogenia*; sua these de doutoramento, que é um verdadeiro tratado sobre o assumpto, que data de 1889, e so occupa das *Allucinações e Illusões* em psychiatria; uma serie avultada de artigos de poli-

tica, philosophia, critica litteraria, questões sociologicas, que podem dar dous bons volumes.

As *Allucinações e Illusões* são um livro gravemente escripto, encerrando observações e notas originaes de subido valor. São fructo de aturado e persistente estudo. Aberto por uns *preliminares* de alto merito philosophico, prosegue esse livro por cinco partes, onde se acham as *allucinações no estado physiologico*, as *allucinações em estado de sympatismo*; as *allucinações em estado pathologico*, a *genese das allucinações*, a *therapeutica*.

Sectario do naturalismo evolucionista da escola anglo-germanica, o moço escriptor seguia a concepção capital dessa escola sobre o problema do conhecimento e nomeadamente sobre o problema da sensação e da percepção.

É ponto de mór importancia em philosophia; é o celebre debate entre a synthese *objectiva* dos materialistas e a synthese *subjectiva* dos idealistas. Depois das investigações fundamentaes de Berkeley, Hume e Kant, reforçadas e ampliadas por Schopenhauer, Stuart Mill, Spencer, Huxley e especialmente Helmholtz, a doutrina idealista sahiu triumphante; mas o que esquecem geralmente dizer é que, penso eu, ella sahiu totalmente transformada. Esta transformação deve-se, a meu vêr, a dous factores principaes; a psycho-physics de Fechner-Weber e Delboef e o transformismo de Darwin. As bellas pesquisas dos philosophos acima citados são um pouco anteriores á propagação da psycho-physics e do darwinismo e por isso, conquanto não sejam mais a expressão do velho idealismo aprioristico e phantastico, comtudo são ainda demasiado eivadas de subjectivismo.

É preciso que meu pensamento seja bem comprehen-

dido. O antigo *objectivismo* materialistico, que se pretendia prender a Aristoteles, a Hobbes e a Locke, mas que no fundo descendia apenas de Democrito, Epicuro e Lucrecio, fazia da alma humana um mero recipiente adaptado a registrar os phenomenos do mundo exterior; era uma questão de simples *photographia* e armazenagem.

A este exagero respondia, com vantagem, o *subjectivismo* antigo, appellando para as *fórm*as fundamentaes do pensamento, seus elementos intrinsecos de elaboração. Cahia, porém n'outro exagero, não menos condemnavel, quando chegava a ensinar a doutrina de idéas eternas, innatas, absolutas, independentes da experiencia, inteiramente — *a priori*.

Não conhecemos o mundo directamente, diziam com razão neste ponto, Berkeley e Kant, repetidos por Mill e Huxley, e sim atravez das sensações, das imagens que delle, attenta a nossa organização, podemos formar. Estavam as coisas neste pé, travada a lucta entre aquelles e Büchner, Vogt, Moleschott, Letourneau e outros, quando interveiu o evolucionismo transformistico e modificou inteiramente os dados do problema.

Disse aos idealistas :

« Tendes na realidade razão, quando affirmais que o mundo dos phenomenos nos é conhecido atravez do aparelho de nossas sensações e é, portanto, variavel na proporção da perfeição, da exactidão desse aparelho; por outro lado, porém, os objectivistas têm razão contra vós, quando vos demonstram que todo esse aparelho foi produzido, foi modelado, por assim dizer, pelo mundo exterior. » Foi, de certo, o mundo externo que, provocando as funcções, foi preparando lentamente os proprios órgãos dessas funcções; tal é

no problema do conhecimento a parte do objectivismo.

Hoje é possível fazer a historia dos diversos órgãos e sentidos; já ella tem sido tentada, e, na parte que se refere ao sentido visual e auditivo, é demasiado interessante. Mas o subjectivismo tem ainda ahi o seu quinhão e é este: uma vez formados, estes órgãos evoluíram também, como tudo neste mundo; tomaram sestros, idiosyncrasias especiaes, que são transmittidas por hereditariedade.

Tal o elemento individual, que representa o lado subjectivo do phenomeno senciente e intellectivo. Á vista destas verdades irrecusaveis, parece-me desparatado andar ainda hoje, como aliás faz toda gente, a fallar n'uma synthese *objectiva*, ou n'uma synthese *subjectiva*, quando, evidentemente, taes syntheses exclusivamente não são verdadeiras.

Ha muito propuz para a synthese completa e exacta o qualificativo de *bi-lateral*.

Livio de Castro, posto que fosse um transformista *enragé*, um darwinista radical, adoptava, na questão do conhecimento e da percepção, a doutrina idealista de Mill, Spencer, Huxley, reproduzida brilhantemente por Taine no seu magnifico livro d'*A Intelligencia*, antes que essa doutrina, verdadeira no fundo, tivesse recebido a corrigenda admiravel do transformismo.

É sabido que aquelles grandes sabios, mais tarde decedidos seguidores do darwinismo, de que foram, aliás, predecesores, começaram suas excellentes publicações antes de 1859, data do apparecimento da *Origem das Especies*.

« Todos os systemas, escreve o moço philosopho nos *preliminares* de sua these, todos os systemas idealistas, examinando o valor do conhecimento hu-



mano, chegaram, mais ou menos, á conclusão de Schopenhauer : *O mundo é minha representação.*

« Nada existe para além da consciencia onde se fórma esse mundo; portanto, a vida mental é uma allucinação e o homem é um allucidado.

« Succedendo á philosophia systematica, as sciencias retomaram o mesmo problema por outro methodo e concluíram em perfeito accordo, que os estados de consciencia já existem no individuo e para o individuo, e, ainda que partam do exterior os antecedentes de taes estados, autorisando a crença em uma realidade incognita, entre essa realidade e os estados de consciencia não ha semelhança alguma.

« Tudo quanto existe na consciencia, e, por um processo hereditario e habitual se exteriorisa, parecendo existir fóra do individuo, é uma illusão ou ainda uma allucinação. Demonstrando o character allucinatorio inherente á organização humana e applicando a todos os phenomenos a noção do relativismo, a sciencia contestou á verdade um predicado peculiar e reconheceu no bom senso, no suffragio, na quantidade, o juiz de qualidade.

« Differem muito os julgamentos, conforme se trata de phenomenos conhecidos e facilmente estudados por todos os homens, ou se trata de phenomenos novos, em relação aos quaes o senso commum é o mesmo que a ignorancia commum : não ha, porém, outro juiz para a verdade, *convenção organica*, que é a allucinação commum, obtida pelo accordo dos estados de consciencia em toda a especie, sob o influxo de antecedentes originados n'um mesmo meio (1). »

Este é o grande, e direi o verdadeiro idealismo, que

(1) *Allucinações e illusões*; pag. 5. Rio Janeiro, 1889.

não contesta os *antecedentes exteriores dos estados de consciencia*, faltando-lhe apenas dar a estes um pouco mais de importancia na elaboração do conhecimento.

A these, que é toda de alta philosophia, tem, todavia, aspectos praticos de subido valor, nomeadamente nos paragraphos que tratam das *allucinações no somno, no estado hypnagogico, na vigilia e no estado hypnotico*.

Deixo aos especialistas o cuidado da analyse e critica desse valorosissimo trabalho, unico em seu genero em lingua portugueza.

A longa serie de artigos politicos, philosophicos, litterarios de Livio de Castro para certa ordem de leitores constituirá no futuro a sua obra mais apreciada, por não ser tão especialisada, e pois tão apta a agradar sómente ao pequeno numero.

O auctor suppunha, a principio, dal-os em um só volume sob o titulo de *Novos e Velhos*.

Mas o seu numero foi sempre augmentando, de modo a exigir hoje dois bons volumes a que convirá dar titulos diversos, um sob o alludido de *Novos e Velhos* onde se reunam os artigos litterarios, e outro sob a denominação, aliás tambem de sua lavra, de *Questões e Problemas*, onde sejam includos os estudos politicos e sociaes.

Os mais notaveis desses ensaios são : *as Origens do christianismo de E. Renan, a Seggregação do liberto, o Monarchista, a Poesia dos Ultimos Harpejos, o Romance como psychologia, « O Chromo » do sr. Horacio de Carvalho, « A Carne » do sr. Julio Ribeiro, o Naturalismo no Brazil, as Cartas Chilenas, Ensaios criticos de Sylvio Dinarte, o Brazil no seculo XX, Novo meio — nova arte, o Pretendido turanismo da modinha e do lyrismo brasileiro, o Mytho do sr. Luiz*

*Delphino*, e outros e outros, todos profusamente desenvolvidos e seriamente pensados. Abrangem o periodo que vae da sahida do Collegio de Pedro II em fins de 1883 á sua morte em meiaos de 1890.

A intuição geral desses escriptos, inspirados todos no naturalismo evolucionista, é alargar o circulo das idéas na litteratura e na critica brasileira.

Neste terreno Livio de Castro não estava só; tinha companheiros e tinha predecessores.

Mas em sua maneira de criticar havia alguma coisa especialmente sua, alguma coisa que era natural á indole de seu talento e se lhe tinha desenvolvido com os fortes estudos de physiologia.

Não me refiro ás vagas applicações desta sciencia, á arte de criticar; isto é velho e corrente; não me reporto mesmo á indagação *tainista* do predicado psychologico predominante em um dado auctor, a celebre *faculté maîtresse* do *tainismo*; quero antes fallar da peculiar habilidade com que através da obra do escriptor, poeta, romancista, *conteur*, jornalista, elle definia-lhe o temperamento — de auditivo, de visual, olfactista, etc.

Este processo, quando é manejado com sobriedade e conhecimento de causa, é altamente interessante, comtanto que se não desprezem outros elementos, e Livio de Castro não os desprezava. Em seus ensaios scientificos sobrelevam a todos os que se occupam de questões de instrucção e educação em nosso paiz. Ha ahí muito que aprender e applicar.

Penso até que só a publicação dos *Novos e Velhos* e das *Questões e Problemas* é que poderá dar a completa idéa do valor pensante, da percuciencia e da força espiritual do moço auctor. Resta-me, para concluir, fallar da presente obra. — *A mulher e a Socio*

*genia*, como o leitor por si mesmo poderá verificar, é um livro claro, methodico, artisticamente architectado e mathematicamente deduzido.

Trata do velho problema da posição da mulher na sociedade, do papel que tem até hoje ali representado e do que pôde vir ainda a representar, se fôr convenientemente dirigida nesse intuito. Trata desse velho assumpto, porém o faz por processo inteiramente novo e cheio de idéas originaes.

Não é mais a desfructavel polemica, ao gosto de jornalistas madraços, divididos em dois partidos, de um lado românticos, — defendendo a *igualdade dos direitos da mulher*, de outro lado reaccionarios, mettidos a gaiatos, — pateando as *machonas*, que se atrevem a ter aspirações. Não é nada disto; é, ao contrario, um apurado estudo do problema da mulher perante a organographia, a anthropologia, a historia, o direito, onde se procuram as causas de sua menor capacidade cerebral e intellectual; onde se apontam os inconvenientes dessa selecção inversiva e se procuram os meios de corrigil-a. No correr, porém, do livro acham-se paginas magnificas sobre assumptos occurrentes, trechos admiraveis, dignas amostras da vasta illustração do escriptor.

Entre ellas destaco as que se referem — ao coração e ao sentimento (pags. 14 e seg.) á origem da familia (pags. 55 e seg.); papel da idéa e do sentimento na evolução (pags. 123 e seg.), a tolerancia (pags. 159 e seg.), a acção do governo na sociedade (pags. 182 e seg.), estatistica e instrucção publica no Brazil (pags. 186 e seg.), questão da immigração (pags. 192 e seg.), herança e descendencia (pags. 245 e seg.); educação e familia (pags. 305 e seg.), intelligencia e robustez (pags. 326 e seg.), as tres philosophias —

individual, social e cosmica (paginas 344 e seg.).

Acceitando em geral as conclusões do auctor, poderia abrir, se achasse opportuno, polemica sobre um ou outro ponto secundario em que me desaparece o accordo com tão selecto espirito. Não o farei por brevidade.

\* E não porei aqui o ponto final sem dar conta de um facto. Comquanto inedito até hoje, bons e valentes trechos deste livro já andavam a correr mundo, — nomeadamente na these — *Da evolução ontogenica do embrião humano em suas relações com a phylogenia*, do dr. Oliveira Fausto e na — *Do genioide alitrico*, do dr. Marcolino Fragoso. Na these — *Da psychophysiologia da percepção e das representações*, do dr. Estellita Tapajós, e na — *Do homem americano*, do dr. Trajano de Moura lêm-se tambem boas referencias aos escriptos de Livio de Castro, particularmente às suas *Allucinações e Illusões*. Prova evidente do grande respeito que lhe tinham e da veneração que lhes mereciam seu talento e illustração.

---

Taes, em rapida resenha, os principaes trabalhos do desditoso brasileiro, digno de ter um nome de fama européa.

O sr. Manoel da Costa Paes queixa-se constante e acremente de que outros amigos de Livio de Castro, no dia mesmo da morte desse joven, penetraram-lhe no aposento em que jazêra o morto, poucas horas após o sahimento, e retiraram d'alli livros, jornaes, *manuscriptos*, dos quaes com difficuldade tem podido reaver alguns, faltando-lhe ainda muita coisa a arrecadar.

---

Não sei até que ponto vae a realidade desse facto, digno de aspera censura, nem é de minha competência averiguar. Incumbam-se outros disso.

Como quer seja, porém, o que nos resta do morto querido é sufficiente para o *libertar da lei da morte...*

Os quatro representantes maximos das raças cruzadas no Brazil neste seculo foram André Rebouças, José do Patrocínio, Tobias Barreto e Livio de Castro; mas o primeiro tem fundo e não tem fôrma, o segundo fôrma sem fundo; os dois ultimos tiveram uma e outra coisa. Em Tobias predominam a imaginação poetica e a intuição philosophica, em Livio de Castro a capacidade scientifica e o espirito constructor.

Pague-lhe o Brazil a divida de admiração de que é elle credor.

(1893.)

## XVI

### HARPA NOCTURNA

---

Teve o Sr. Rodrigo Theophilo a gentileza de dar-me a ler um seu livro de poesias, ainda inedito e que, sob o titulo de *Harpa Nocturna*, deverá em breve apparecer.

A bondade do joven mineiro chegou ao ponto de pedir-me duas palavras que viessem a servir de apresentação ao alludido volume.

É o que venho fazer.

Li-o com a maxima attenção e julgo-o digno de ser publicado. Defeitos tem-nos por certo, porém possui, em compensação, meritos que os resgatam. Peço, entretanto, ao poeta venia para eximir-me da tarefa de o analysar detida e technicamente.

Seria interessante; mas acho preferivel palestrar-mos sobre idéas mais geraes que a leitura de seus versos despertou-me. Quero referir-me á especie de carcoma intima que atacou e chegou a reduzir á

poeira a meia duzia de escolas litterarias que encheram este seculo de principio a fim.

Não parece, com effeito, coisa singular que o nosso tempo, tão inconsideradamente gabado e decantado em todos os tons e por todas as fórmãs, não tivesse fundado doutrina alguma estavel, ou sequer duradoura?

Que todas as suas creações trouxessem no intimo um germen destruidor, que cêdo as feriu de morte, fazendo-as desandar precipitadamente para o nada?

A Revolução, originada, é verdade, no seculo anterior, periclitou para a desordem e a loucura : o Imperio descambou para o absolutismo : a Restauração para a inanidade e o byzantinismo ; a segunda Republica para a deliquescencia e a esterilidade ; o segundo Imperio para a compressão e a mentira ; a terceira Republica para a confusão e a incerteza... Mas não é da politica nem dos acontecimentos de França que pretendo tratar, senão das letras e no mundo occidental em geral. O romantismo, a despeito de todas as suas encantadoras promessas, mal tinha balbuciado as suas primeiras effusões religiosas e aspirações medievaes, desarrasou logo no scepticismo de Byron, Shelley, Espronceda ; no pessimismo de Leopardi ; no satanismo de Poë e Baudelaire ; não fallando no socialismo palavroso e vago de Hugo, Sand, e outros corypheus, e menos ainda no philosophismo pretencioso de Vigny e consortes. Perdido o prumo, desmantelado o systema em suas linhas geraes e até nas suas mais remotas minudencias, surgiram, ao mesmo tempo, o parnasianismo de Gautier, Lecomte de Lisle, e camaradas, ao lado do scientificismo de Lefèvre e Sully Prudhomme.

Fracos, anemizados e incompetentes para levantar



a herança do grande morto, para tirar a vida dos destroços da velha escola, desnortearam por ahí, sem bussola, á busca de fé, que não tinham, e de verdades, que não souberam descobrir nem formular. Foi então que o realismo, mais tarde enroupado em naturalismo, appareceu cheio de pretensões e vazio de bom senso muitas vezes. Levantou barulho, brandiu armas, arremessou projectis, nomeadamente pelas mãos de Zola; porém não teve forças para tambem não definhar e morrer.

Foi mistér que a reacção se erguesse de varios lados; mas veio, por sua vez, desbragada, tumultuaria e não raro insensata, sob as fórmãs de symbolismo, decadentismo, deliquescentismo e outras patranhosas patacoadas em *ismo*. Um horror! Já de ha muito, e em repetidas passagens de escriptos diversos, tinha eu ousado indicar o vicio interno de tão contradictorias e inanes doutrinas, pela simples applicação do bom senso e da philosophia evolucionista.

Seria facilimo documentar este asserto, repetindo aqui os precisos documentos.

Não será mistér fazel-o, apezar dos incredulos de então.

Felizmente, a verdade acabou de chegar, não ha muito, da Europa no livro do allemão — Max Nordau — *Degenerescencia* e no do hespanhol — Pompeyo Gener — *Litteraturas Morbidas*.

Agora sim, já muita gente acredita, entre nós, que varios disparates afeiaram todos aquelles systemas, por seus auctores emittidos como a ultima palavra do pensar humano. A coisa foi dita no velho mundo, e deve, pois, ser verdadeira...

O livro de Max Nordau é inferior ao de Gener : porque áquelle brande como arma um materialismo

inteiriço, irreductível e pavoroso, e o outro tem o espirito mais aberto, mais são, illuminado por uma especie de vasto e lucido spencerismo.

Não basta, entretanto, constatar o facto do esboço de um montão de doutrinas pretenciosas; faz-se preciso indicar, se é possível, a causa de tantas ruínas.

Parece-me que, bem interrogada, a psychologia do seculo não se furtaria a descobrir o almejado segredo. Nota-se no espirito do nosso tempo, máu grado pretensões em contrario, pronunciada feição mental; reveladora do irrecusavel apêgo a noções absolutas e de insolito desconhecimento do relativismo de todos os factos, de todas as coisas.

Tal predisposição determina no character a presumpção, o capricho e o prurido de fazer o contrario dos outros, e, como nota final, a mania de originalidade. Essas me parecem ser as fontes do mal.

D'ahi, a eiva inconsciente de acreditar ser o principio determinante dos factos litterarios e artisticos, em vez da lei da evolução, a lei do contraste.

Cada pretendido chefe de bando procurava ficar em estado de polaridade com as doutrinas correntes em seu tempo.

Assim, se o classico admirava a antiguidade; o romantico tinha de adorar a edade média; se o romantico se preocupava mais com o pensamento do que com a fórmula, o parnasiano se deshonraria se não praticasse o inverso; se o scientificista andava a parafusar doutrinas e theorias, o naturalista havia de se occupar apenas com os factos e os *documentos humanos*; se o idealista sentia-se impellido a generosas utopias, o realista achava-se obrigado a charfurdar nas esterqueiras sociaes; se este ahi se deliciava, o nephe-

libata julgar-se-hia amesquinhado se não alugasse um par de walkyrias, não lhes trepasse nas azas chimericas e não partisse com ellas para a região das scismas, na qualidade de cavalleiro andante da nevoa, do sonho, da phantasmagoria, do nada asphyxiante e impalpavel.

E, d'este arte, todos os extravagantes saíam, e saem ainda hoje, fóra das condições normaes da vida.

É o que não aconteceu a Shakespeare, a Camões, a Dante, a Goethe, a Cervantes, a esses poderosos e gigantescos fócios reflectores, que assimilaram e reproduziram n'uma formula impessoal e superior a realidade da natureza e do homem.

Intelligencias complexas e maravilhosamente equilibradas, encheram toda a enorme extensão que se desenrola entre os dous pólos da arte, abarcando toda a vida, sem ficarem mortas, geladas nos dous extremos nullificadores e imprestaveis : a crueza pestilenta de um realismo nojento, a insania nevosa de um idealismo idiota.

Os bons espiritos do seculo tiveram seus momentos de salvadora lucidez, quando seguiram desassombrados aquelles mestres incomparaveis, trilhando os largos caminhos da evolução.

Balzac, Stendhal, Flaubert, Merimée, Thakeray, Elliot, Tennyson, Turgenieff, Tolstoï, tiveram boas horas dessa suprema irradiação. Seria injustiça negal-as a Byron, a Shelley, a Musset, a Vigny, a Lamartine, em menor escala, e a Victor-Hugo, em dóse ainda inferior.

É que a poesia, a arte, a litteratura, a boa critica não se fazem com preceitos, com manipulações, mais ou menos geitosas, de theorias e chicanices systematicas.

---

Fazem-se com genio, com observação, com estudo e bom senso. As letras do seculo xx andarão bem avindas, se, lançadas as vistas por sobre a planura, mais ou menos accidentada, do seculo que está a findar, enxergarem, num de seus extremos, a figura gigantesca de Goethe, levantando nas mãos o lemma de *Poesia e Verdade*, e fizerem delle o seu programma.

Agora me lembro que devo voltar ao autor da *Harpa Nocturna*. Não desperdice o seu talento com os pequenos nada das litteratices do dia. Procure os grandes mestres e instrua-se nelles, não esquecendo que entre taes guias occupa o primeiro posto a experiencia da vida, immenso livro que a natureza e a sociedade abrem todos os dias diante de nós.

Nunca se farte de lê-lo; haverá sempre de aprender.

(1896.)

## XVII

### CANTOS DO EQUADOR (1)

---

Ainda uma vez cabe-me a tarefa de escrever algumas palavras introductorias a um livro de Mello Moraes Filho. Aceitei o convite por instancias do poeta, lembrando-lhe a clausula de ser o mais rapido possivel.

Para longe as regras e convenções das escolas, dos systemas, o doutrinar importuno dos mestres.

Com um poeta destes é preferivel soltar as rédeas á phantasia, partir com elle em busca da eterna illusão, ainda que seja por instantes.

O mundo da idéa e o mundo do sentimento, na sua expressão mais geral, na sua impessoalidade superior,

(1) Ha dois annos escrevemos este artigo para servir de prefacio aos *Cantos do Equador*, de Mello Moraes Filho. Ha dois annos os livreiros Fauchon & C<sup>a</sup> retêm em seu poder, sem as publicar, as bellas poesias do illustre brasileiro.

(N. do A.)

quando todas as divisas se apagam para só deixar luzir amplamente a formula eterna da verdade e do bem, o amor por tudo e por todos, casam-se com o universo inteiro que assume assim as feições de um templo, incommensuravel, indefinivel, na multidão de seus orbes, no brilho de seus astros, no assombro de sua eternidade, na incompreensão de sua grandeza.

A um canto d'essa immensa cathedral, em cuja abobada acham-se encrustados os sóes do firmamento, n'um desvão humilde, officia a humanidade, psalmodiando seu hymno de esperança e enthusiasmo, de desalento e de dôr.

Ha dez mil annos o cantico dos homens evola-se em todos os tons da face da terra, das quatro bandas do horisonte, em demanda das alturas, no encalço das estrellas, nas azas da fé, ou nos surtos pesados do desespero.

E o universo, na sua indifferença de perpetua mocidade, apagando uns astros para accender outros, desperdiçando a vida no pelago sem bordas do espaço, espalhando a morte no golphão sem limites do tempo, terá ouvidos para nossa dôr, coração para nossas magoas, sorrisos para nossos prantos?

Tem-n'os, responde o poeta, o eterno pantheista da existencia, o perpetuo crente da vida, o incançavel alviçareiro da sorte.

E a humanidade, afadigada de luctas, desilludida de esperanças, no labutar incessante dos seculos, ao desabar das crenças, que lhe tombam, como nas selvas cahem, ás lufadas, as folhas seccas, terá ainda, tel-os-ha sempre, os alentos da juvenilidade, que a desalterem, que lhe suavisem os desenganos na marcha dolorida?

Tem-n'os, retruca o poeta, o filho amado das illu-

sões, o persuasivo creador de affirmativas, no seu mysterioso officio de extrahir auroras de todos os crepusculos, e coar alegrias de todos os desanimos.

E as raças todas dos filhos dos homens, alternadas no tempo, e distanciadas no espaço, ou conjunctas inconscientemente na terra inteira, têm levantado as vozes no eterno psalmo, na monodia encantadora do infinito.

Sacerdotisas de seu proprio culto, pythonissas de seus proprios mysterios, o amor de suas crenças têm sido o alento que as tem mantido nas peripecias da jornada.

As raças, os povos, são as feições diversas que a humanidade reveste para estender, ampliar, diffundir, differenciando, seu genio e suas creações; são como vestes variadas que lhe approuve tomar no drama multiplo da natureza.

E têm ellas hoje, terão ellas sempre os incentivos do entusiasmo, os aguilhões da gloria, os ardores da crença, os confortos da paixão, para proseguir, recommear o incerto combate da historia?

Têm-n'os, atalha o poeta, o perenne ilota do destino, na affoiteza de sua allucinação indefinivel.

Abençoados, pois, os poetas, que habitam um mundo de alvoradas, quando os outros só vêm trevas por toda a parte; elles que têm vida, quando todos já se julgam mortos.

O entusiasmo não se inventa, o sentimento não se fabrica por convenção. São o que são; o poeta é o que é, na incondicionalidade de sua visão das coisas e do espectaculo da vida.

Mas o culto da eterna arte e da alta poesia conta tres credos diversos, ou tres altares, si o quizerem : a natureza, a humanidade, os povos.

Ha por isso tres grandes categorias de genios.

Os que se embevecem deante do mundo, do universo, na infinitude de seus problemas, no inumeravel de seus phenomenos; os officiantes do grande todo, que sentem ao seu contacto a secreta harmonia, que lhes falla na unidade e identidade de tudo, formam a primeira classe.

É o grupo dos valentes metaphysicos da sciencia e da poesia, os Pythagoras, os Platões, os Keplers, os Lucrecios, os Dantes, os Darwins e os Laplaces.

Esses transfiguram-se ao choque de não sei que reflexos, que lhes batem na frente, partidos das alturas do ignoto.

Pensando n'elles, foi talvez que o poeta brasileiro disse uma vez :

« *Todos os genios têm o seu Thabor.* »

Os que, como que esquecidos do grande scenario, deixam-se pasmar deante dos doces encantos da eterna soffredora, a humanidade, e, em synthese profunda e electivamente mysteriosa, deixam-se enredar nos enigmas de seu destino, nos erros do seu passado, e nas miragens do seu porvir, guardas avançadas, sentinellas álerda da fraternidade geral, constituem a segunda pleiada.

É a classe dos guias de homens, os creadores d'almas, os obreiros de religiões, os chefes de moral, os Christos, os Buddhas, os Paulos, os poetas de todos os tempos e de todas as patrias, na impersonalidade de seus cantares, os Goethes, os Miltons, os Schelleys, os Hugos, os Byrons.

Miguel Angelo e Shakespeare fulgem sem rivaes n'esta categoria.

São os que decifram os apocalypses humanos.



Tinha a estes em mente, por certo, o genio francez quando uma vez se lembrou de dizer :

« *Todos os videntes têm a sua Pathmos.* »

Na terceira fila estão os guias de povos, os constructores de nações, os embriagados de patriotismo : os Moysés, os Cezares, os Albuquerquees, os Cavours. Cercam-n'os, dando-lhes as mãos, por formaram com elles o mesmo grupo, os homens de eleição, em cujas almas constroem seus ninhos, as lendas das raças, as tradições dos povos, a poesia das gentes, os Homeros, os Camões, os Walter-Scotts, os Moores, os Longfellows.

São os que exaltam a patria para engrandecer n'ella a humanidade.

A voz dos povos falla naturalmente pela bocca d'essas individualidades representativas; as nações retratam-se n'essas indoles reproductoras, que se destacam no seio das massas como os padrões d'alma das patrias.

Todos os povos illustres concretisam-se n'esses heroes do proprio sentir : são os chefes intellectuaes das nações.

A patria se lhes afigura um templo, em cujas paredes sagradas elles vão, se são bardos, pendurar os seus canticos d'enthusiasmo; se são homens de acção, os emblemas de seu amor.

É a consciencia dos destinos communs, o idéal das nobres acções que se accende em todas as almas.

N'este sentido bem se pudéra dizer : Todo verdadeiro poeta tem uma egreja de sua adoração, especie de Kaaba, onde deposita os seus sonhos.

Como ao templo arabe a musa popular ia levar, em offerenda, as canções das tribus longinquas, e os vates

os louvores de sua crença, as lendas de seu entusiasmo, as visões de seu patriotismo; assim no altar da patria brasileira, n'esta hora de tantas agonias, o poeta nacional lança os *Cantos do Equador*, como preito e como culto.

São bagas de incenso que se queimam como prece, são flôres que se atiram como adoração.

Mello Moraes Filho tomou posto entre os sondadores d'alma de nosso povo.

O templo em que toma as roupas talaes de seu culto e gosta de officiar, como padre que é da religião da poesia, é o espirito d'esta gente, o coração d'este paiz que elle ainda não se cansou de amar.

Que o genio de nossas selvas o conserve fiel ás suas crenças, sempre digno de sua paixão.

Contam viajantes que nas regiões adustas do Sahara, nos areaes ardentes do deserto, ao cahir das tardes tropicaes, o jogo da luz, ao través das nuvens diaphanas, projectando-se sobre as povoações avistadas ao longe, dá-lhes um tal brilho, tal coloração, tons tão phantasticos, que tudo se avoluma, tudo assume fórmãs estranhas, todas as coisas se engrandecem, multiplicam-se os aspectos; casas, torres, muros, edificios transformam-se ao toque magico dos raios do sol fulgurante do Oriente.

Não ha duvida, ao viajor se vae deparar uma imensa e esplendida cidade; chega-lhe, porém, ao pé e autolha-se-lhe uma mesquinha e desprezivel aldeia!...

É o que se dá em nosso Brazil, n'esta inditosa patria minha amada.

Visto de longe, na grandeza de seus mares, no colossal de seus rios, no phantasioso de suas mattas, na belleza indizivel de seu céu, é magnifico e brilhante, como as cidades enganadoras do deserto; visto de

---

perto, nas miserias de sua politica, na pequenez de seus partidos, é acanhado e mesquinho, como as aldeias reaes do Sahara...

Fique o poeta embevecido na visão ideal do primeiro quadro; arrede sempre os olhares do segundo que servirá assim melhor os interesses de sua gloria. Continue a sonhar e a cantar...

(Maio de 1895.)



## XVIII

### O MARTYRIO DE TOBIAS BARRETO

(*Carta a Carlos Gomes*)

---

Maestro,

Ha quatro para cinco annos, na cidade do Recife, vós fostes recebido festivamente por Tobias Barreto de Menezes, quando alli tinheis ido dirigir a representação de uma de vossas operas. Em versos, discursos e artigos, aquelle poderoso espirito significou-vos, desinteressada e altivamente, a expressão de seu entusiasmo pelo vosso nome, pelo vosso talento, pela vossa gloria. Era o genio da poesia, da eloquencia e da critica que saudava o genio da musica. E as duas aguias trocaram beijos, os dous leões se abraçaram!

Vós o chamaveis sempre de *irmão*, quando o encontraveis, segundo é fama conservada pela tradição.

Pois bem; aquelle a quem destes o amplexo da fraternidade e collocastes alto em vosso coração, reconhecido e generoso, acaba de encerrar sua attribulada

carreira, cheia de tropeços na vida e de amarguras na morte.

Vós continuaes ainda o caminho atravez da existencia. Dilatado vos seja elle; rebentem-se-vos flôres de sob os pés; é o que sinceramente, ardentemente vos deseja o minimo de vossos admiradores, o ignorado signatario destas linhas.

Para vos fazer um appello em favor da viuva e dos nove filhos menores de Tobias Barreto, viuva e filhos rojados hoje na mais inteira penuria, é que me dirijo a vós.

Que differença entre a fortuna de vós ambos, entre a estrella do musico e a do critico! Permitti que vòla recorde para justificar o meu pedido.

Nascidos ambos no anno de 1839, vós sois filho do opulento sul, e elle o foi do depauperado norte; vós da prestimosa e rica S. Paulo e elle da obscura e pequenina Sergipe.

A esta circumstancia, já de si infelizmente demasiada significativa, n'um paiz viciosamente organizado como o nosso, juntou-se a differença dos temperamentos dos dois, das indoles espirituaes de ambos. Vós vos deixastes fascinar pelos divinos olhos da musa da melodia, o idolo do seculo; e elle, o proletario do norte, teve a ingenuidade, a triste simpleza de enganar-se com as illusões da poesia, refractarias ao prosaismo petrificado de nosso pacatismo burguez, e, o que acabou por perdê-lo de vez, cahiu na loucura de tentar a critica dos desacertos intellectuaes e politicos d'un paiz ainda não adequado a certa indole de especulações desinteressadas!...

D'ahi por diante o abysmo se tornou mais profundo, a distancia mais interminavelmente alongada entre o vosso destino e o d'elle.

Vossa estrella avolumou-se no horizonte, galgou o firmamento da Europa, e d'alli despediu esses brilhos, que, illuminando o céu da patria, destacaram aureolado de immorreoiria gloria o vosso nome.

Todos aqui vos applaudem ; os soberanos, os principes, os grandes, os magnatas vos respeitam e este respeito é justo, porque é cimentado cá em baixo pela estima que vos consagra o povo.

Gozaí, illustre brasileiro, genial maestro, das merecidas acclamações de vossos patricios ; vós sois hoje o filho d'este paiz que pisa mais alto na região da fama.

Vós o mereceis e é quanto basta.

E, todavia, quão diverso foi o destino do poeta dos *Dias e Noites*, do critico dos *Estudos Allemães*, do jurista dos *Menores e Loucos*, do pensador das *Questões Vigentes!*...

Ai! por Deos, elle merecia tambem muito desta patria, para quem foi tão prodigo de cantos entusiasticos nas horas supremas das agonias publicas, e de quem nada recebeu em vida e talvez nada venha a receber na morte, se vós, maestro amigo, e outros que como vós têm força e prestigio, não vierdes em prol da viuva e dos filhos desamparados do pobre sonhador.

Aberta a sua vida de espinhos, desde 1862 no Recife, d'onde jámais pode sahir, chumbado ao sólo, como o servo da gleba de seu dever, de seus afans, de suas penosas luctas, a estrada foi-lhe sempre escabrosa e rudissima.

Por vossa longa residencia na doce Italia, onde as justas do espirito têm algo da suavidade das cavatinas dolentes, talvez não saibais, maestro, dos quasi invençiveis impecilios que a rudeza de nossa indole oppõe

ainda hoje a todos os esforçados que se batem entre nós em nome da verdade estricte. Não, vós não podeis saber do assedio titanico que nos é opposto pela ignorancia de uns, pela inveja de outros, pela maldade de grande numero.

Tobias Barreto foi fustigado constantemente, desapiadadamente pelo triplice inimigo durante os trinta annos ultimos de sua vida, dos quaes os quatro finaes foram repletos de acerbissimos soffrimentos physicos e moraes.

Não é este o logar proprio para vos referir esses duros penares. Basta que vos affirme que nem no leito derradeiro elle foi poupado.

A sua taça de dôres foi grande e o destino cruel a encheu bem cheia até ao fim. O martyrio do poeta e pensador foi fundo e implacavel, e este inferno durou por quatro annos...

A crueza dos soffrimentos physicos, a certeza da morte irremediavel e proxima, a falta completa de meios pecuniarios, a visão dolorosissima da miseria futura da esposa e dos filhos, devastaram minuto a minuto o coração do inditoso escriptor. Eram de indole a abrandar a crueldade de feras, e só não poderam amolentar a dureza dos inimigos!

Sobre as suas atribulações, nova fonte de soffrimentos, atiraram elles até á ultima as brazas incandescentes de seus insultos.

Não é phantasia, maestro; existem os documentos de tudo.

Poucos mezes antes do passamento de Tobias, ainda lentes da faculdade, advogados e litteratos do Recife o descompunham anonymamente na imprensa com uma fereza de canibaes. Até medicos houve que, para o aterrorisar, vinham no meio de insolencias diagnos-



ticar-lhe molestias temerosas e prognosticar-lhe o passamento imminente.

É assim que a 7 de Dezembro do anno passado, um d'elles publicava gentilezas d'estas n'um dos jornaes de Pernambuco: « Se aos olhos de um leigo é de toda a evidencia o mal que o persegue e que lhe atenua, senão faz desaparecer, a imputação, *com maior clareza se apresenta a mim que tenho acompanhado* paripassu, de visu atque auditu, *a decomposição de seu organismo.* » Isto era escripto poucos mezes antes da morte do escriptor sergipano, e parece que no intuito de apressar a *referida decomposição de seu organismo!*...

Não é tudo: outros havia que, para saborear mais exquisita maldade, no tempo em que alguns poucos amigos dedicados do infortunado moribundo, queriam promover uma subscrição para habilital-o a uma viagem até a esta côrte, divertiam-se em passar telegrammas, dando-o já por fallecido!... Eu li algumas destas falsas noticias, e o proprio Tobias em carta de 19 de Fevereiro d'este anno me fallava n'estas infâmias: « Devo prevenil-o de uma cousa: se lhe mandarem alguma noticia ou telegramma dando-me *como morto* não acceite logo. Ha por aqui gente encarregada de *espalhar noticias falsas n'este sentido, a fim não só de incommodar-me, como de dificultar a arrecadação das subscrições.* » Eis, ali!

Poderia ir mais longe n'este caminho, e descrever aos olhos pasmos do publico o *doloroso martyrio de um eminente homem de lettras no Brazil* no final do seculo XIX, no anno do centenario da grande *Revolução* que o poeta chamou — a *mãe dos povos*; mas a palavra *subscrição*, que acabaes de ler no trecho transcripto da carta de meu saudoso amigo, me lembra que

devo entrar de uma vez no assumpto destas linhas.

O caso é este : o poeta e escriptor sergipano deixou a sua numerosa familia em completo estado de indigencia; amigos e discipulos, condoídos de tão penosa situação, como um preito á memoria do grande luctador, buscam atenuar, pelo menos, aquellas desagradaveis contingencias. Para isto promovem em Pernambuco, Bahia, Sergipe e outras provincias do norte a aquisição de um pequeno peculio em favor da viuva e filhos de Tobias.

N'este intuito dirigiram-se a mim, por telegramma, pedindo-me que iniciasse aqui identicas manifestações do generoso povo fluminense. Como amigo de todos os tempos do illustre morto, julgo que bem feita foi a escolha de meu nome; mas só n'este sentido; porquanto, no que diz respeito á influencia ante o publico fluminense, não poderia ser ella mais desastrada. Infelizmente não gózo da necessaria popularidade para tão urgente e justissimo *desideratum*.

Por isso, ousou implorar o vosso concurso, a vossa iniciativa e a da imprensa d'esta capital em tão meritoria incumbencia.

Não se trata de mover o governo imperial a conceder uma pensão á familia de um homem do povo que escreveu o *Genio da Humanidade*, a *Vista do Recife*, a *Lenda Rustica*, os *Voluntarios Pernambucanos*, o *Beija-Flôr*, a *Nova Intuição do Direito*, as *Notas sobre a evolução emocional e intellectual do homem*, o *Fundamento do direito de punir*, os *Menores e Loucos*, a *Prehistoria da litteratura classica allemã*... Isto seria inaudito n'um paiz de grandes politicos, onde as pensões ficam sómente para as filhas e viúvas de potentados que nadaram em ouro...

Não, não se trata d'isto.

Trata-se apenas de alguma subscripção publica, alguma *matinée*, algum espectáculo, qualquer cousa popular e plebêa, como foi o espirito que de entre nós desapareceu.

Mais nada.

Portanto, imploro o vosso apoio, o da imprensa, o dos homens de lettras, o dos artistas e especialmente o da mocidade das academias.

« *Estou reduzido ás proporções de pensionista da caridade publica...* » dizia-me, soluçava-me, como um dolorosissimo gemido, meu grande amigo, em sua ultima carta de 19 de Junho d'este anno, seis dias antes de morrer!... Possa essa *caridade do povo* não se desmentir, e sobre o seu tumulo reverter em beneficio de sua familia...

Saúda-vos, maestro, o vosso admirador.

(1889.)



## XIX

### MEMSAGEM DOS HOMENS DE LETTRAS DO RIO DE JANEIRO AO GOVERNO PROVISORIO DA REPUBLICA DO BRAZIL

---

Cidadãos,

Ha justamente um seculo o primeiro martyr da idéa republicana no Brazil erguia a cabeça cheia dos grandiosos planos da Revolução, e os impulsos de sua nobre alma vibravam unisonos com as lyras de um punhado de poetas. Era Tiradentes fulgurando no meio da constellação de Claudio, Gonzaga e Peixoto, que são a Grande Ursa do céu de nossa historia, como o Cruzeiro do Sul é a constellação magna do firmamento de nossa historia.

Este factó historico é a representação de um dos phenomenos organicos e typicos da vida social da nação brazileira.

N'esta grande porção da America duas forças vivas

e o quarto estado, donde, reparae bem, em sua mais sahiu sempre o nosso glorioso exercito; os homens de letras, e, quando dizemos os homens de letras, e rimos-nos a todos aquelles, que, tomando a si os engos intellectuaes da patria, foram, no curso de quos seculos, os factores mais energicos e mais desinteados de nosso progresso; plebe e pensadores, senestas duas forças caminharam aqui unidas!

A historia o testemunha.

No primeiro seculo da descoberta e da conquista não existiam ainda poetas e escriptores; havia cõde alguma sorte superior: o lyrisimo anonymo. N' se extravasava a alma do povo na embriaguez de dos os sonhos, na pujança de todos os enthusiasms no delirio de todas as esperanças.

A poesia e o povo se entendiam. Ao seculo do descobrimento succedêra o da expansão e da resistencia. A expansão dos colonos para o interior, resistencia a estrangeiros, que porfiadamente invadiam capitães inteiras. Deram-se então os dous factos mais decisivos da historia colonial, os dois attestados mais authenticos da constituição interna da nação: a epopoeia sem igual da guerra hollandeza, a acção espirital de Antonio Vieira e Gregorio de Mattos. Attestados para os factos; na guerra hollandeza os heróes populares, como os deuses de Homero em quatro passagens em quatro encontros definitivos restituiram ao Brasil a integridade de seu corpo e a integridade de seu espirito: a terra deixou de soffrer uma solução de c

tinuidade, as almas ficaram estranhas ás heterodoxias do protestantismo. Este facto assombroso, que a musa da historia reveste-se de galas para cantar, foi levado á realidade sómente, exclusivamente pela energia do povo. O combate das Tabocas, a batalha primeira dos Guararapes já tinham sido ganhos e ainda D. João IV, o chefe da dynastia de Bragança, negociava com a Hollanda a cessão definitiva de quatro centas leguas de costa sobre duzentas a dentro pelo coração d'este paiz!... Isto se fazia a troco da paz com os neerlandêzes para poder-se mais desassombadamente firmar um throno em Portugal! O patriotismo, a divina abnegação de nossos heróes salvou-nos. Ainda uma vez o povo n'esta terra se encarregava de fazer a historia e resguardar o porvir. Os poetas e os homens de letras não estiveram, n'esse tempo, abaixo de sua missão. Bem longe d'isso. Dois gigantes de cem covados levantaram então as mãos possantes, atirando n'este solo os fructos adamantinos de seu genio: Gregorio de Mattos, o revolucionario da satyra, o irreverente oppugnador dos ruins costumes, elle, que teve o presentimento da abolição e da republica; Vieira, o pamphletario do pulpito, o folhetinista das cartas, o flagellador dos máos, elle, que soffreu prisões e affrontas pela liberdade dos indios; um e outro são as letras em face do povo. Sempre uma força em frente a outra harmonicas, e indestructiveis na sua harmonia. Entretanto, o seculo XVII escoara-se com o bello episodio popular de Beckmann e o seculo seguinte iniciava-se com os movimentos altamente significativos dos *Emboabas e Mascates*, o que importa dizer — já achar-se então nitidamente feita na consciencia popular a differenciação de uma nacionalidade nova, distincta da dos velhos colonisadores.

A riqueza espalha-se, o planalto central está povoado. Minas espreita dos cumes de suas serranias doiradas; afia os ouvidos de seus grandes filhos, que escutam ao longe, n'um vago presentimento, os ruidos de regias cabeças que tombam, o verbo dos tribunos que estuam, o clangor de batalhões patrióticos que combatem; Minas, para quem a poesia e a historia reservarão sempre as suas flôres mais perfumosas e os seus hymnos mais festivaes, tinha a intuição, o sentimento mais ou menos claro de quanto se passava em Pariz. O 89 de França repercute no Brazil e repercute lá dentro nos sertões encantados. Já vos recordei, cidadãos, o brilho de Tiradentes cercado de sua pleiade de genios amigos, revolucionarios como elle. Mas estava escripto que o 89 de França não havia de ter sómente aquella commemoração, no Brazil: um seculo depois havia de ter a festa das festas, a commemoração das commemorações na proclamação da — Republica Federal Brasileira. E se jamais houve occasião e houve motivos para uma geração de vivos render os preitos do amor e do reconhecimento a uma geração que já se partiu da vida, essa occasião é agora, esses motivos são aquelles que constituem o immorredouro elogio dos incomparaveis utopistas da *Inconfidencia*. Nós outros, nós os homens das ultimas decadas do seculo XIX, o grande seculo das reivindicacões, não fizemos mais do que avançar pelas linhas geraes que na direcção do futuro tinham sido traçadas pelos condemnados, pelos suppliciados de Minas.

Os factos, porém, seguiram seu caminho normal. Ao seculo de nosso desenvolvimento autonomico succedeu o seculo da Independencia que havia de ser tambem o seculo da Republica. O povo, como sempre não se limitou, desde os inicios da grande época, a ser



um simples factor economico; foi ainda e mais que nunca, a primeira quantidade politica que se impunha e com que se havia de contar. Os homens de lettras e de sciencia, vindos da geração passada, alteavam-se entre os mais illustres de nossa lingua. Silva Lisboa, o sabio, fomenta as idéas economicas e abre os portos do Brazil ás nações do mundo; Hippolyto da Costa, o jornalista, é a voz da consciencia livre de Portugal e Brazil contra o despotismo regio; José Bonifacio, poeta e naturalista, Antonio Carlos, orador e publicista, Januario, Lêdo, Sampaio, litteratos e escriptores, formando o foco, o nucleo que serve de centro a cem outros, todos pensadores e homens de sciencia, fazem a Independencia da America Portugueza. O povo, seleccionado no exercito, é ainda o grande operario do movimento. A evolução se precipita cada vez mais: a 17 e 22 succedem 24 e 31. — E quem se acha á testa das luctas n'esse tempo de que se recordam ainda saudosos os nossos maiores, as reliquias vivas d'essa geração de legionarios da libérdade? É bastante citar as almas heroicas de Odo-rico Mendes, o mimoso poeta do *Hymno á tarde*, e de Evaristo da Veiga, o valente jornalista da *Aurora Fluminense*. E d'esses dois homens, de cujos feitos a memoria chegava aos tempos de nossa meninice como a narrativa de alguma coisa de estranho passada na Roma ou na Athenas dos aureos tempos, o menos que se pôde dizer, por ser quanto basta para classificá-los na historia, é que n'este recanto do extremo occidente no meio de uma população nova, que ensaiava os primeiros passos nas luctas politicas, — elles, na phrase applicada a um estadista europeu que lhes quadra em maior escala, *elles tinham verdadeiras proporções antigas...*

Assim, em nosso tempo, sempre que um abalo qualquer no encaço da liberdade, do engrandecimento e da gloria agitava o coração de nossa gente, lá estavam os homens da penna. Nunca esta arma foi manejada por mãos mais destras e punhos mais seguros. As canções dos poetas, as orações dos tribunos, os escriptos dos sabios eram como fórmulas diversas de um só pensamento, phrases differentes de uma só idéa. E esta era inilludivelmente a aspiração democratica da nobre terra d'America. Um phenomeno extravagante pode accentuar-se nos ultimos cincoenta annos aos olhos de todos os que quizeram ver : a politica nacional, desencaminhada de seu leito natural, tomou côres imperialistas ; mas a litteratura foi e continuou sempre a ser republicana!... As preoccupações interesseiras iam por um lado e a consciencia nacional ia por outro. Não existe gladio mais formidavel do que a penna : atacado methodicamente, resolutamente, o imperia-lismo começou a desconjuntar-se.

Abriu-se-lhe uma grande brécha na extincção do trafico negreiro ; foi partido pelo meio na libertação do ventre escravo ; esphacelado em destroços na emancipação dos captivos. E quaes foram os operarios d'esses feitos incomparaveis, que não contam iguaes em todo o mundo ; porque em toda a parte elles foram argamassados em sangue, e aqui sahiram das mãos dos homens para as paginas da historia perfumados de flôres por entre risos e festas ?

Eusebio, um jurisconsulto, Paranhos, um mathematico e jornalista, Luiz Gama, um poeta e orador, para só fallar dos mortos ; porque, pelo que toca á abolição particularmente, se tivessesmos de repetir nomes, fôra mister citar os de todos aquelles que n'este paiz nos

ultimos decennios conscientemente manejarão a palavra.

Agora mesmo no facto extraordinario, que é o espanto da Europa e o jubilo da America, na proclamação da Republica, as duas grandes forças lá estão jungidas uma a outra : o povo, consubstanciado no seu exercito democratico, que se acha inteirô em linha por traz de Deodoro ; as lettras, representadas em Quintino — o jornalista raro, em Ruy — o orador inexcedivel, em Aristides — o pamphletario vibrante, em Salles — o publicista vidente, em Demetrio — o engenheiro adestrado, e, como laço indestructivel entre todos, Wandenkolk e Benjamin Constant, este ultimo uma culminação, onde o character militar serve apenas para dar mais pujança á envergadura do sabio.

Assim fallando, cidadãos do Governo Provisorio, a litteratura brazileira não vem prostrar-se a vossos pés, como junto ao throno de Augusto ou de Luiz XIV, em tempos menos livres, espiritos amortecidos por uma educação menos nobre, queimaram o incenso de uma admiração interessada. Não! Os homens de lettras e artistas do Brazil têm pretensões modestas, porém muito firmes e honradas. Elles consideram-se um factor no desenvolvimento d'esta patria, um elemento de differenciação e progresso no seio da Republica que ajudaram a fundar. Elles do governo aguardam apenas justiça e liberdade : justiça para os seus esforços, liberdade para o seu pensamento.

Taes as duas condições magnas para que a Republica não venha a ser, como foi em grande parte o imperio, o reinado das mediocridades, do cretinismo fôfo e agalado.

A era das grandes luctas da politica responsavel abriu-se definitivamente para os brazileiros. Não é

---

mister pregar sómente agora moderação e concordia; é preciso desejar também firmeza e trabalho. E, como do seio d'esta terra vão sahir ainda thesouros não vistos, do seio de nossas almas incendidas pelo sol da nova era hão de brotar ideiaes riquezas não sonhadas. A patria abriu as largas azas em direitura á região constellada do progresso; a litteratura vae desprender também o vôo para acompanhal-a de perto. Ao futuro! Ao futuro, modeladores de povos, constructores de nações!

Capital, 22 de Novembro de 1889.

## XX

### MINAS GERAES

---

#### I

#### A TERRA E O HOMEM.

Já não é mais licito escrever a historia de um povo, sem primeiro dar uma noticia do theatro em que se tem elle desenvolvido, e sem dar uma noção, rapida que seja, dos elementos, das raças que constituiram esse povo. E, ainda que não fosse este um processo geralmente hoje observado, era agora a occasião de o inventar, pois que temos de tratar de uma das regiões mais interessantes e consideraveis da terra, de uma gente distincta entre as mais illustres, não dizemos do Brazil e sim de todo o nosso continente d'America do Sul.

O territorio, rico e ubertoso, que constitue o actual Estado de Minas Geraes, medindo para cima de

574,000 kilometros de superficie quadrada, é maior que a França de nossos dias, e, na phrase eloquente de um sabio estrangeiro, é o coração de ouro do peito de ferro do Brazil. De facto, pôde-se dizer que o corpo de nossa grande patria brazileira, que tem uma depressão para o norte a confinar no vastissimo valle do Amazonas, outra para léste, que vae morrer no oceano Atlantico, uma terceira ao sul, que vae findar nas margens do Prata, e uma quarta ao oeste, que vae terminar nas bacias do Paraná, do Paraguay e do Madeira, pôde-se dizer que o grandissimo corpo de nossa patria foi em tempos primitivos uma immensa ilha. Pois bem, dessa desmesurada ilha o planalto mineiro constitue o centro, e vem a ser, como disse-mos, o coração do gigantesco corpo. Todos os climas e todas as riquezas acham-se ahi accumuladas, conforme as zonas e as altitudes. Alli, e no vizinho Estado de Goyaz, estão as montanhas mais alterosas do Brazil, e quem lançar uma vista intelligente sobre o mappa mineiro, ha de ver que de lá partem muitos dos mais notaveis e caudalosos rios deste continente. A região de Minas, rica de montanhas, de mattas, de campos, de lagõas, de riquezas geologicas, como que braceja para os quatro lados em busca de sahida para os seus productos. Dir-se-hia que um fautor intelligente pôz n'esta região, á disposição do homem, os grandes rios, as estradas naturaes que elle deve seguir na sua evolução.

Para léste dirigem-se o Jequitinhonha, que vae ter ao oceano em terras da Bahia, e o magestoso rio Doce, que, depois de atravessar mattas riquissimas, vae desaguar no mesmo oceano em terras do Espirito Santo.

Para o norte corre o rio brazileiro por excellencia,

o famoso São Francisco, que, inclinando-se mais adiante para léste, vae morrer no mar, depois de beneficiar Bahia, Pernambuco, Alagôas e Sergipe, e após haver colhido como tributarios no torrão mineiro, n'uma e n'outra margem, o rio das Velhas, o Paraopéba, o Paracatú, o Urucuia, o Pardo e muitos outros menos notaveis.

No sentido de oeste, como que em demanda das regiões paraguayas e argentinas, partem o Rio Grande e o Paranahyba.

Territorio, assim cortado de caudalosos rios em todas as direcções, não poderia sê-lo senão fosse igualmente cortado por consideraveis montanhas, que naturalmente o dividem em valles, que são o declive e o leito dessas grandes correntes d'agua. Tal é a verdade. A Serra do Mar fórma o primeiro contra-fórte do planalto mineiro, realçado ainda mais pelo vasto systema central da Mantiqueira.

Formam-se assim as regiões das mattas e dos campos geraes ou chapadas e chapadões.

Na parte sul do Estado acham-se os altos terrenos que são parte integrante e notabilissima do divisor das aguas de todo o continente sul-americano. Com essa variedade de montanhas, campos, mattas, rios, valles, serros, chapadões, a vasta terra mineira, descendo n'uns pontos a poucos metros ácima do nivel do mar, e elevando-se n'outros a milhares de metros ácima delle, offerece variedade exuberante de climas, aptos ás raças mais diversas, apresenta multipas riquezas ao esforço intelligente do homem na lucta pela existencia, e torna-se propria ao emprego de varidissimas industrias.

Lavoura, mineração, criação de gados de especies numerosas, industrias extractivas, de tudo isto, sem

exagero, farta é a mèsse que ao homem é dado colher, mais profusamente do que em muitas outras e das mais notaveis regiões do Brazil.

D'essa abundancia, dessa fartura, d'essa profusão tem-se em grande parte originado o espirito ordeiro, moderado, liberalisante, é certo, porém sensatamente calmo do povo mineiro.

Ponto é esse em que estão de accordo todos o observadores competentes e imparciaes nas suas characteristics d'esses nossos amovaveis patricios, bastando para prova-o as paginas honrosas que lhes dedicaram homens do valor de Carlos Frederico Martius e Augusto Saint-Hilaire.

Este nobre povo mineiro, que não pretendemos lisongear, e ao qual, no correr d'estas paginas, havemos de dizer a verdade a que elle tem direito, não tem origens ethnicas differentes das populações do resto do Brazil; mas existem algumas notas especiaes, que lhe dizem respeito, não só com relação aos aborigenes americanos, como em relação áquelles que mais de perto o constituíram.

Já uma vez, na *Historia do Brazil ensinada pela biographia de seus grandes homens*, tivemos occasião de professar que em nenhuma outra região deu-se em tão larga escala a mescla de gentes diversas, como em nossa patria.

Em todos os paizes d'America as raças branca, vermelha e negra estiveram em face uma das outras; mas nas colonias hespanholas a alliagem com os negros foi muito limitada e nas possessões inglezas o foi ainda mais, tanto com os africanos, como com os indios. Não assim no Brazil, onde a providencia da historia mesclou em larguissima dóse as tres raças e ainda mais vae caldêando aqui a immensa corrente



de immigrants europeus de origens varias, que vem demandando as nossas plagas.

E como o nosso paiz, em sua maxima e principal parte, é uma região tropical, foi utilissimo que o elemento colonizador preponderante se alliasse aqui ás duas raças tropicaes com que se pôz em contacto. Formou-se, d'este arte, uma população valida, appropriada ao clima da zona torrida. Sendo, porém, os povos europeus os mais progressivos da terra, pôde-nos bem convir, sendo bem guiada a dupla corrente nova do norte e do sul, de allemães e italianos, que, a datar de nossa Independencia, e maximé em tempos mais proximos, estão vindo unir-se a nós, associando-se ás nossas luctas, ás nossas fadigas, ás nossas victorias, aos nossos labores.

De todas estas origens vae sahindo o brasileiro por excellencia, o typo de hoje, e, ainda mais caracteristico, ha-de sahir o do futuro.

Não é tudo : os proprios tres troncos principaes de nossas populações já eram o resultado de diversos cruzamentos.

O primitivo nucleo da população portugueza, e em geral da hespanhola, não fallando nas raças pré-historicas que habitaram a península, eram os Iberos que se suppõe pertencerem aos povos desconhecidos que precederam os aryanos na Europa. Tal a principal raiz das populações hispanicas.

Juntai as colonisações de phenicios, ligurios, celtas, carthaginezes, romanos, godos, suevos, arabes e mouros, que estanciam por seculos e seculos na península e comprehendereis quão complicada foi o fusão donde proveio a gente portugueza que colonizou o Brazil.

Pelo que diz respeito aos Indios, qualquer que seja

a classificação adoptada, ou a de Martius, que os divide em *tupys* e *tapuyas*, subdividos estes em *gés*, *crens*, *gucks*, *parecis* e *carajás*, ou a de Rodrigues Peixoto, que os reparte em *tupys*, *bugres* e *botocudos*, ou a de Carlos von dem Steinen, que os parcella em *carahybas*, *nuaruaks*, *tapuyas* e *tupys*, sempre é licito asseverar que se não reduzem elles a um typo unico, e ainda mais, que deviam ser o resultado de antigos e variados cruzamentos.

O mesmo é indeclinavel affirmar dos povos africanos trazidos para o Brazil como escravos pelos colonisadores.

Foram muitos e muitos milhares de individuos importados no decurso de tres seculos e não sahiram só de um ponto do continente africano.

De uma e outra costa e dos sertões do paiz provieram as levas tiradas das tribus mais diversas.

Destes tres troncos principaes, já de si tão variados, descendemos nós os brasileiros, e aqui hoje em dia uma vista generosa da historia manda dizer, como já dissemos uma vez, que não existem vencedores e vencidos.

As tres raças prestaram altos serviços á nossa civilização e são capazes de prestal-os cada vez maiores; todas tres amam esta terra e desejam levantar bem sublimado o nome da patria.

Isto podemos nós affirmar em geral da população brasileira de todos os Estados da Republica.

Pelo que diz respeito em particular ao grupo mineiro, não nos esqueçamos de lembrar que no sólo por elle occupado, foi que o illustre Lund descobriu os primeiros vestigios do homem préhistorico n'America, e que a essa *raça antiquissima da Lagôa Santa*, no pensar de anthropologistas notaveis, prendem-se

os actuaes Botocudos, bem como os Bugres do Paraná e Santa Catharina ligam-se á *raça primeira dos Sambaguis*.

É licito, pois, acreditar que o planalto mineiro e goyano foi um centro de apparição de una ou mais raças pré-historicas d'America. Não é, porém, esta a nota principal que a historia nos ensina com relação á formação da actual gente de Minas; essa nota mais interessante parece-nos estar no facto caracteristico de não ter sido o territorio mineiro colonizado e povoado directamente por emigrados da velha metropole, e sim pelos famosos *Bandeirantes*, o que importa dizer que aquelle povo, em sua maxima parte, já é o resultado de populações brazileiras, affeitas ás luctas do meio e dirigidas por uma aristocracia nacional, nobre pelo sangue, pelas tradições, pelo esforço.

D'ahi o character elevado do mineiro, typo digno de ser-louzado e imitado em todo o Brazil. Esses montanhezes têm sido os depositarios mais fieis de nossas tradições,

Sob uma apparente timidez e desconfiança são profundamente rectos, dedicados, amoraveis; essencialmente conservadores de seus velhos e bons costumes e usanças, guardam tambem, com decidido aferro, as suas franquias e liberdades.

Inimigos de innovações levianas e futeis, são amantes da verdadeira independencia.

O lar mineiro é ainda um ninho de acrisoladas virtudes, onde as tradições portuguezas dos bons tempos têm seguro agasalho. Por isso Minas é hoje um dos Estados mais felizes, mais prosperos, mais essencialmente autonomos da Republica Brazileira.

## II

## MINAS NO CORRER DO SEculo XVI

O seculo XVI é quasi inteiramente mudo sobre a historia do interior do nosso continente.

Póde-se affirmar que aquelle seculo acabou sem que os homens d'esse tempo ficassem conhecendo o tamanho, a configuração, as naturaes divisões da America do Sul.

Percorrida irregularmente a costa por ambos os oceanos, o continente começou a ser conquistado do mar para o interior, e muito mais de cem annos se passaram sem que os territorios, que hoje constituem os nossos Estados de Minas Geraes, Goyaz e Mattó Grosso, fossem descobertos e conhecidos.

Nem Cabral, nem Vespucci, nem Martim Afonso, nem Thomé de Souza, nem Mem de Sá, nem Anchieta ou Nobrega e outras grandes figuras de nossa historia, chegaram a suspeitar que tão dilatadas e tão consideraveis fossem aquellas regiões que constituem a fundamental ossatura de nossa terra.

A historia brazileira no primeiro seculo da conquista pelos portuguezes passa-se inteiramente no perimetro da costa.

Em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Vicente desenrola-se a acção dos colonisadores e só mais tarde foi subindo ella a estender-se pelos sertões.

Temos, todavia, cinco casos de incursões até Minas durante o seculo XVI de que rezam as chronicas.

A primeira foi dirigida pelo piloto Jorge Dias, sobrinho de Pero de Campos, por indicação de Duarte de Lemos, capitão de Porto Seguro, e ordem de Thomé de Souza, governador geral do Brazil, e teve logar no anno de 1553.

Eis aqui como os factos se passaram.

Havia na cõrte de Lisboa decidida ambição de ouro, e quaesquer noticias que alli chegavam da existencia do precioso metal nas recentes conquistas d'America eram recebidas com alvoroço.

\* Recommendações regias vinham para o governo colonial mandar á procura das decantadas minas.

† Por volta do meiado do seculo insistentes noticias partiam de varios pontos do paiz, Pernambuco, S. Vicente, Porto Seguro, assegurando a sua existencia.

‡ Thomé de Souza ordenou, então, que de Porto Seguro seguisse o citado piloto Jorge Dias com doze homens na direcção dos sertões.

§ Na expedição ia o jesuita Navarro. Mais de tres mezes gastaram a subir e descer serras, a vadear torrentes e rios, a atravessar tableiros e campos na direcção de oeste até que foram dar ás margens do rio S. Francisco, na parte em que elle corre na região mineira.

¶ Quasi exhaustos de fadiga, determinaram-se a voltar, e recolheram-se com outros tantos trabalhos a Porto-Seguro, sem o minimo resultado real de tal empreza, a não ser o conhecimento de que a terra brasileira dilatava-se por centenares de leguas.

‖ A segunda entrada foi feita por Sebastião Fernandes Tourinho, que, subindo o Rio Doce, chegou a Minas e desceu pelo Jequitinhonha, pelos annos de 1555 ou 56, segundo uns e de 1572 ou 1573, segundo outros.

A terceira investida foi dirigida por Dias Martins e Marcos de Azeredo Coitinho; é quasi desconhecida.

A quarta foi praticada por Antonio Dias Adorno, que, em busca das pedras verdes (esmeraldas), cujas amostras tinham indios levado ao Espírito Santo e Porto Seguro, subiu o rio de Caravellas e penetrou em Minas em 1580.

Adorno levou consigo para mais de quinhentas pessoas entre indigenas e colonos portuguezes. Dividiu, na volta, sua gente em duas columnas, uma das quaes devia demandar a costa, descendo o Belmonte, e outra, mais para o norte, chegar á Bahia.

Ambas attingiram o seu alvo, vindo o chefe no segundo grupo.

A quinta e ultima expedição que chegou a terras de Minas, ainda no seculo xvi, foi em 1589, capitaneada pelo celebre paulista Affonso Sardinha, talvez o primeiro sertanejo que dirigio *bandeiras*.

Sardinha penetrou em Minas pela serra de *Jaguarindaba*, hoje *Mantiqueira*, pelo rio dos *Pinheiros*, abrindo assim o caminho que devia ser trilhado por dezenas e dezenas de *bandeiras* nos seculos seguintes.

Estas cinco entradas, com quanto não deixassem resultados apreciaveis, têm a importancia historica de haver revelado os grandes e ricos sertões mineiros.

No seculo seguinte, abandonado o rumo da costa pelo rio Doce, Jequitinhonha e outros, os *bandeirantes* vão preferir o caminho aberto por Affonso Sardinha.

Já então o trabalho de desbravar o planalto vae correr por conta dos brazileiros, dos jovens e entusiastas filhos da colonia.

## III

## MINAS NO SECULO XVII. OS BANDEIRANTES.

É no Brazil o grande seculo da resistencia aos francezes e nomeadamente aos hollandezes, que nos atacaram no littoral, chegando a occupar extensas regiões, e é, por outro lado, a época da expansão pelo centro do paiz.

A historia dos exploradores de nossos sertões, a historia dos *bandeirantes* é verdadeiramente épica e ao mesmo tempo romanescas; mas é uma historia que está de todo por fazer.

Na falta de uma narrativa documentada e severa, a lenda tem esvoaçado por cima d'essas tradições, misturando-as de phantasias.

Diz-se que os *bandeirantes* (e assim se chamavam aquelles chefes que reuniam um troço de aventureiros e com elles ganhavam os sertões, a principio no intuito de captivar indios e mais tarde no de descobrir ouro e pedras preciosas), diz-se que os bandeirantes devasaram todo o interior de nosso Brazil, que chegaram ao Paraguay, á Argentina, aos Andes, ao Perú, ao Amazonas.

Mas quaes foram elles? quaes foram as principaes bandeiras ou expedições que dirigiram? em que annos se fizeram ellas? que feitos praticaram? que povoações fundaram?

É o que está ainda sem resposta; e póde-se dizer que sabemos, por exemplo, mais e melhor da historia

do antigo Egypto, depois dos grandes descobrimentos modernos, do que da historia do interior de nossa propria patria.

Procuraremos, ao menos, pôr um pouco de methodo no meio de tanta confusão.

O pensamento de captivar os indigenas, os pobres indios, bem cedo madrugou no espirito dos colonisadores portuguezes.

A mesma cousa occorreu aos hespanhoes e inglezes nas colonias que fundaram n'America; mas parece que os portuguezes os antecederam n'esse empenho ou, pelo menos, levaram-no por diante com maior esforço. Quer no sul, na capitania de S. Vicente, a que se achavam ligados os territorios que vieram a formar o actual Estado de Minas, quer no norte, no Maranhão e Pará, os chamados *resgates* de indios se fizeram em grande escala.

É uma historia cruel que tambem não está ainda definitivamente contada; mas de que são conhecidos alguns episodios dolorosos.

Ella não faz parte de nossa modesta narrativa, e basta-nos dizer que os padres jesuitas tomaram a si quasi por todo o Brazil, a defesa dos indios contra os colonos *reinões* e seus descendentes, tão ávidos quanto seus paes.

Essas luctas dos colonos e jesuitas, tão intensas e tão dramaticas, são uma das mais interessantes curiosidades de nossos tempos coloniaes e já têm sido esboçadas.

Muito violentas no Maranhão e Pará, foram-no ainda mais em S. Vicente e Rio de Janeiro.

Os chefes de *resgates* no norte não fizeram grandes entradas e não deram grande expansão ao genio aventureiro dos descobrimentos.



Eram, desde o começo, agricultores de vida sedentaria e não se atiravam para muito longe.

Não foi assim em S. Paulo. As primeiras *bandeiras* que se formaram contrahiram logo um especial instincto de aventuras e levaram bem distante sua sêde de conquistas.

Bem cedo dirigiram-se para as regiões do sul e oeste e chegaram a descobrir os campos de *Guarapuava* e todos os territorios que constituem hoje os Estados de Paraná e Santa Catharina; bem cedo attingiram as margens do grande rio em que se lança o Tieté e atacaram os jesuitas e hespanhoes em Guayra, Encarnacion, Villa Rica, Ivahy e até dentro do proprio Paraguay.

Estas incursões, até ás colonias e possessões hespanholas, deram lugar a reclamações da parte da côrte de Madrid, e, por esta fórma, as façanhas de nossos bandeirantes acham-se authenticadas, além das chronicas dos padres da Companhia, na correspondencia dos dous governos da península hespanica. « Nossos sertanejos, escreveu Varnhagen, devassavam os sertões sempre em busca de indios até o Paraguay, derrotando o governador de Corrientes, Andino. D'isso se queixava á sua côrte o proprio vice-rei do Perú, conde de Castellar, e aquella fazia reclamar em Lisboa, pelo seu enviado — o abbade de Mazzerati, contra taes invasões; pelo que chegou a ser expedida uma ordem ao governador D. Miguel Lobo, remetendo-lhe todos os papeis de semelhantes queixas, e ordenando-lhe que informasse a tal respeito. »

Pois bem; essas expedições, para captivar indios, não se dirigiram sómente para as bandas do sul, na direcção de Paraná e Santa Catharina; tomaram tambem o rumo do norte e de noroeste para os lados em

que se achavam os sertões de Minas, Goyaz e Matto Grosso, que vieram a ser descobertos, devassados e colonizados por aquelles homens intrepidos.

Póde-se dizer que a historia dos *bandeirantes* tem tres phases : a primeira vae de cerca de 1580 em diante até mais de metade do seculo seguinte, isto é, até 1670 ; a segunda, iniciando-se n'esta ultima data, dilata-se por cem annos até meados do seculo passado, isto é, até 1750 ; a terceira é a da desappareição d'aquelles aventureiros, que se perdem entre as populações sedentarias.

O que queremos significar, é o seguinte : tendo sido incetado o povoamento e a colonisação da capitania de S. Vicente, actual Estado de S. Paulo, a que pertenciam, como já notamos, as terras de Minas, em 1532, é mister dar-se um lapso de perto de cincoenta annos, pelo menos, para se formar uma população valida e até certo ponto numerosa e capaz de arrojarse á organização de bandeiras captivadoras de indios.

Para isso aventuramos a dacta de 1580.

O movel principal dos bandeirantes n'essa primeira época é, como já temos dito, conseguir braços para suas lavouras, captivando os indios.

Dizemos principal e não unico, porque bem presto surgio o pensamento da descoberta de ouro e pedras preciosas.

Mas, em todo caso, na phase de que fallamos, e que parece-nos estender-se até cerca de 1670, o movel capital era o resgate dos indigenas.

Então o bandeirante é essencialmente nomada e aggressivo ; percorre os sertões sem outra mira além de colher captivos.

O bandeirante volta sempre a seu ponto de partida. O periodo seguinte é o que tem por movel principal o

descobrimto das riquezas mineraes; estende-se pelo seculo de 1700 a dentro, tendo começado já em tempos da phase anterior.

A mineração exige naturalmente já certa fixidez ao sólo, ainda que seja temporaria.

Os bandeirantes reúnem-se então em ranchos, demoram-se, deixam-se ficar, exploram a terra, fundam arraiaes e aldeias.

Nem todos têm já a idéa de voltar; muitos permanecem. É a phase mais curiosa e organicamente mais productiva, sob o ponto de vista da formação da sociedade futura.

O terceiro periodo é aquelle em que, em parte; a mineração estavel e, em parte, a agricultura, prendendo o homem ao sólo, tiram-lhe o antigo character de *condottiere* dos sertões : o bandeirante tem implicitamente desaparecido. Mas nós não temos que dissertar sobre os bandeirantes em geral, temos apenas de fallar d'aquelles que vieram a Minas, e, por emquanto, apenas dos que vieram no seculo xvii e do que ahi fizeram.

Antes de tudo uma lista dos principaes chefes não será aqui sem razão de ser e eis a mais extensa que temos conseguido organizar : Affonso Sardinha, Fernão Dias Paes Leme, Affonso Furtado, Manoel da Borba Gato, Lourenço Castanho Taques, Manoel Pires de Linhares, Manoel Pereira Sardinha, João Amaro, Paschoal Paes de Araujo, Antonio Rodriguès Arzão, Antonio Raposo, Bartholomeu Bueno de Siqueira, Domingos Jorge, Bartholomeu Bueno da Silva, (o *Anhaguéra*), Antonio Pires de Campos, Paschoal Moreira Cabral, Bartholomeu Bueno da Silva (filho do *Anhaguéra*), Francisco da Motta Falcão, Fernando Paes de Barros, Arthur Paes,

Carlos Pedroso da Silveira, Amador Bueno da Veiga, Sebastião Pires de Aguiar, Luiz Pedroso, Thomé Pontes d'El-Rei.

Foram estes os guias das principaes expedições.

Vamos agora aos factos principaes.

Já dissemos que a primeira *Bandeira* que penetrou em Minas pelo lado de São Paulo foi, talvez, a de Affonso Sardinha em 1589, pela serra da Mantiqueira.

É crível que esse notavel sertanejo tenha feito mais de uma entrada nos annos seguintes; pois sabe-se que elle só veio a fallecer depois de 1610, de posse de grande fortuna, adquirida em varias explorações de mineraes e na agricultura.

O caminho aberto por Affonso Sardinha foi seguido por outras bandeiras logo em principios do seculo xvii e que passaram além do termo a que havia aquelle attingido.

A historia não póde hoje dizer quaes foram as mais antigas, e nem indicar o seu numero e successão; mas uma das mais consideraveis e remotas, talvez a mais antiga depois das de Sardinha, foi aquella em que foi W. Glimmer,prehendida por ordem de D. Francisco de Souza e que chegou aos sertões de Sabará.

D'ella falla Marcgraff. Ora, a obra d'este hollandez foi publicada, pela primeira vez, em 1648, e o governo de D. Francisco de Souza foi de 1609 a 1611. Entre estes dois annos deveria ter-se dado a expedição, e não será por isso erro affirmar ter sido ella a primeira depois das de Affonso Sardinha, como dissemos. E ainda mais firmes permanecemos em assegurar que, desde os fins do seculo xvi e começos do xvii, diversas e importantes entradas se fizeram em Minas,

pois que sabemos, pela legislação, que o assumpto da exploração de mineraes, desde os primeiros annos d'aquelle ultimo seculo, já preoccupava o governo da metropole, que em 8 de Agosto de 1618 expedio o alvará que estabeleceu no Brazil o direito do quinto, a saber, que os mineiros tinham de pagar á fazenda real a quinta parte do ouro que chegassem a extrahir de suas lavras.

Mas aquellas citadas entradas não deixaram resultados apreciaveis.

Só um pouco mais tarde, um homem verdadeiramente notavel dirigio expedições mais seguras e obteve vantagens mais decisivas.

Foi Fernão Dias Paes Leme, que pôde ser considerado o verdadeiro descobridor de Minas.

Desde moço atirara-se á vida das bandeiras, que dirigio mais especialmente do anno de 1659 em diante.

Entrou pelos sertões dentro, passando o Serro Frio ou *Ivituruby*. Atravessou o Itamerendiba, além do Serro Frio, e descobriu ouro e esmeraldas, no logar a que se pôz o nome de Marcos de Azevedo.

A elle se deve o descobrimento das minas de *Sabarabossu* e *Sumidouro*.

Por sua vida afanosa e de grandes resultados obtidos para o povoamento do paiz e descoberta das minas foi varias vezes elogiado pelo rei.

A fama de seus feitos tinha chegado aos ouvidos reaes, por intermedio de Agostinho Barbalho Bezerra, que tinha sido remettido para Lisboa preso, por causa de um motim contra o governador do Rio de Janeiro — Salvador Corrêa.

Aos 27 de Setembro de 1664 dirigio o Rei a Fernão Dias Paes esta carta : « Capitão Fernão Dias Paes.

Eu El-Rei vos envio muito saudar. Bem sei que não é necessario persuadir-vos a que concorraes da vossa parte com o que fôr necessario *para o descobrimento, das minas*, de que envio a Agostinho Barbalho Bezerra, *considerando ser natural d'esse Estado e que como tal mostre o particular desejo dos augmentos d'elle*, e confiado pela experiencia que tenho do bem que até agora me servio, que assim o faça em tudo o que lhe encarregar, porque pela noticia que me tem chegado de vosso zelo e de como vos houvestes em muitas occasiões do meu serviço me fez certo vos disporeis a me fazeres este. Elle vos dirá o que convier para este effeito, encommendando-vos lhe façaes toda a assistencia, para que se consiga com o bom fim que lá tanto se deseja, e que eu quizera vel-o conseguido no tempo e posse do governo d'estes meus Reinos, entendendo que hei de ter muito particular lembrança de tudo que obrardes n'esta materia, para fazer-vos a mercê e honra que espero me saibais merecer. »

Transcrevemos esta carta do rei Affonso VI para que se veja em documentos do governo do tempo a alta importancia ligada pela côrte da metropole ao descobrimento do ouro.

Era a sêde da riqueza facil e immediata, deixando de lado outras fontes mais proveitosas da producção.

Agostinho Barbalho tinha sido nomeado governador de Paranaguá, administrador das minas do districto e encarregado de as pesquisar, e era por isso que o Rei o recommendava á influencia de Fernão Dias Paes, que o monarcha estimulava a proseguir por seu lado na senda incetada.

Barbalho pouco depois falleceu; mas Fernão Dias entusiasmado com as lettras regias redobrou de esforços, vindo a descobrir, além de ouro, topazios, esme-

raldas e amethystas, de que grande copia foi ter a Lisbea.

O nosso historiador Varnhagen, que já citamos paginas atraz, referindo-se a estes factos, escreveu estas palavras : « A carta (a do Rei) produzio muitos mais effeitos do que talvez' contava quem a redigira. Fernão Dias, que até alli, bem que sertanejo, não dera maior importancia aos seus serviços, ao ver-se assim honrado com a correspondencia do Rei, a cujo conhecimento chegara a noticia de sua existencia, cobrou brios, e obrou prodigios, e o resultado foi apparecerem logo na côrte amostras de bellas turmalinas de verde esmeraldá, afogueados topazios, dos que ainda hoje os joieiros chamam do Brazil, e tantas amethystas, que estas pedras preciosas começaram a deixar de o ser, por vulgares.

Os serviços de Fernão Dias Paes chegaram até a ser cantados por Diogo Grasson Tinoco, em um poema épico intitulado *O Descobrimento das Esmeraldas*. »

As palavras do Rei, que era o infeliz D. Affonso VI, pouco depois desthronado por seu irmão, D. Pedro II, agradariam, por certo, ao denodado bandeirante, como uma especie de preito á sua rude sobranceira.

Fernão Dias era um typo d'essa velha e altiva hombridade, tão peculiar á nobre raça das Hespanhas, que transportou-se para a America.

A tradição dá conta d'essa natural attitudo d'animo nas anécdotas com que tem cercado a vida do aventureiro sertanista, e uma d'ellas é esta, que já tem sido referida pelos historiadores.

\* Fernão Dias entendeu de presentear o Rei com um mimo que lhe recordasse a riqueza aurifera dos sertões mineiros, e, d'intelligencia com seus abastados parentes, foi resolvido que fosse feito com o maximo

esmero um grande cacho de bananas de ouro, representando ao natural as fructas.

Fernão Dias transportou-se á Lisboa, levando o presente. O Rei, ao recebê-lo, ficou cheio de satisfação, e, n'esse espontaneo alvoroço quasi ingenuo dos Braganças, mandou dizer ao paulista por um cortesão, que declarasse o que queria, pois seria attendido em tudo que pedisse.

Ao ouvir taes palavras, o sertanejo retrucou meio espantado : « *Pois, se eu vim dar, como é que vou pedir ?!* »

Depois das *bandeiras* dirigidas por este distincto paulista, seguiram-se em ordem chronologica, as que partiram sob o commando de Lourenço Castanho Taques e Manoel Pires de Linhares, que percorreram varios sertões mineiros pelos annos de 1668, 69, 70.

Logo após, em 1673, Paschoal Paes de Araujo, atravessando Minas, attingiu as terras do actual Estado de Goyaz, nas cabeceiras do rio Tocantins.

A noticia desta grande expedição, chegando ao Pará, produziu ciúmes no governador d'aquella região; que intimou a Paschoal Paes que se retirasse, pois que estava pisando terras pertencentes ao Estado de Pará e Maranhão, e mandou embargar-lhe os passos por uma partida sob o commando de Francisco da Motta Falcão.

E, como não julgasse o dito governador sufficientes taes providencias, deu parte do occorrido á côrte de Lisboa, o que motivou a seguinte carta do Principe soberano : « Cabo da tropa da gente de S. Paulo que vos achaes nas cabeceiras do Rio Tocantins e Grão-Pará : Eu o Principe vos envio muito saudar. Tem-se me dado parte do que assistis n'esse districto com



vossa gente, e havendo aberto estradas d'esse sitio á villa de São Paulo:

« E sendo-me juntamente presente, de que entre a gente que ahí governaes, alguma della tem descoberto minas de ouro e outros mineraes, e drogas desse sertão; e porque o serviço de os descobrir seria de igual conveniencia para este Reino, como para os descobridores d'ellas, vos hei por muito recommendado aquellas; e examinareis a certeza desta noticia tão importante, e me avisareis logo, mandando dois homens da vossa companhia praticos ao Pará ou Maranhão, ou por São Paulo, ou por onde julgardes ser mais conveniente virem com mais brevidade a este Reino, remetendo-me por elles todas as noticias com amostras de pedras d'estes mineraes, que tiverdes achado ou descobrirdes, como tambem as drogas desse sertão, como relação distincta do sitio e altura em que assistis, e o terreno que occupaes com a vossa gente. »

Esta carta é de 26 de Abril de 1674. Vê-se bem claramente, por ella, que o Principe não deu apreço ás questões de jurisdicção territorial levantadas pelo amavel governador do Maranhão e Pará; porque mais lhe importavam as descobertas de ouro, pedras preciosas e drogas sertanejas, cuja relação exacta pedia. Fossem taes riquezas descobertas por este ou aquelle, estivessem sob a jurisdicção de São Paulo ou Pará, era-lhe de todo indifferente.

Á cobiça régia o que importava era o ouro; o mais era secundario.

A citada carta tem mais o merito de revelar-nos que estradas, atravessando os sertões mineiros, tinham já n'aquelle tempo sido abertas do Tocantins a São Paulo.

Tal era o vigor das explorações dos bandeirantes.

Segue-se depois, em 1682, a bandeira dirigida pelo famoso Bartholomeu Bueno da Silva, o *Diabo Velho*, (*Anhaguéra*), como lhe chamavam os indios.

A expedição capitaneada por *Anhaguéra* é das mais notaveis d'aquelles tempos.

Á frente de numerosa comitiva, o intrepido paulista, depois de percorrer varios sertões mineiros, tomou para as bandas occidentaes de São Paulo e Minas.

Reduzio as tribus dos *Goyás*, que habitavam aquellas paragens; percorreu a mór porção do actual Estado de Goyaz e penetrou em Matto Grosso.

As mulheres goyás traziam na cabeça enfeites de ouro, o que deu ao *Anhaguéra* a certeza de abundancia do rico metal n'aquella região, e, como não quizessem os selvagens revelar os sitios onde encontravam tão facilmente o appetecido minerio, Bartholomeu Bueno, diante d'elles tomou de uma boa porção de aguardente e aticou-lhe o lume.

Com a forte labareda viva e azulada, como por encanto atêada, os indos julgaram ter diante de si algum espirito particularmente poderoso, e ao violento e feio paulista, que tinha, além d'isto, um olho furado, pozeram o appellido de *Anhaguéra* e revelaram-lhe as jazidas do metal.

Bartholomeu, depois de assignaladas façanhas, tornou a São Paulo, rico de prisioneiros e ouro.

Cumpre advertir que o filho do *Anhaguéra*, que, como seu pae, chamava-se Bartholomeu Bueno da Silva, e que, nos primeiros annos do seculo XVIII, tornou-se illustre por suas viagens e explorações, acompanhou a expedição de 1682.

O mesmo se deu com Antonio Pires de Campos, que mais tarde notabilisou-se devassando Matto Grosso.

Tendo, em 22 de Março de 1681, sido a villa de

S. Paulo elevada á cabeça da capitania de S. Vicente, em substituição á villa d'este nome, começou a propria capitania a chamar-se de S. Paulo, e a existencia das auctoridades no interior do paiz veio a ser um incentivo mais para as empresas de exploração das minas.

O administrador d'estas D. Rodrigo de Castel Branco visitou a capitania quasi toda, e, examinando as minas de Parapanema, Jaraguá e Apiahy, e achando-as já quasi exhaustas, avançou até Sabará e regiões circumvizinhas, onde esperava demorar-se em explorações.

Chegou a enviar á camara de S. Paulo, em Julho de 1681, uma carta e um sacco de chamalote com pedras verdes que deveriam ser remetidas á Lisboa.

As pedras tinham sido dadas a D. Rodrigo por Garcia Rodrigues, filho de Fernão Dias Paes, que tinha fallecido por aquelle tempo.

Garcia Rodrigues, pouco depois, seguiu para o Reino, levando amostras das turmalinas, e foi nomeado capitão-mór da nova empresa para a exploração das esmeraldas e administrador das minas d'estas pedras, por carta patente e provisão de 23 de Dezembro de 1683.

Entretanto, dois annos antes D. Rodrigues de Castel Branco, querendo forçar á obediencia a *bandeira* de Manoel da Borba Gato, entrou em lucta com ella em Sabará, foi derrotado e morreu.

Em 1684, Thomé Pontes d'El Rei entrou em Minas e descobriu os sertões que se vieram a chamar de S. João d'El-Rei, dando alli principio ao arraial, que veio a ser a cidade de hoje que tem esse nome.

Seguem-se perto de oito annos em que não encontramos noticia de novas bandeiras, até 1691 ou 92 em que tem logar a expedição de Antonio Rodrigues Arzão, filho de Taubaté, em companhia de Carlos Pe-

droso da Silveira, e que explora a região de Cata-guazes.

Logo após Bartholomeu Bueno de Siqueira, e o referido Carlos Pedroso da Silveira, em 1694 e 95, seguindo os roteiros de Arzão, ao que se diz, proseguiram nas explorações, descobrindo ouro, de que levaram a mostras ao Rio de Janeiro, dando-as ao Governador Sebastião de Castro Caldas.

Por estes factos vê-se ser inexacta a affirmativa do illustre J. Felício dos Santos, quando nas suas excellentes *Memorias do Districto Diamantino*, um dos livros mais bem feitos que temos sobre a historia brazileira, escreveu estas palavras : « Diz-se que a descoberta do ouro nas Minas data do anno de 1695, quando Antonio Rodrigues Arzão, natural de Taubaté, que tinha vindo na caça de indios para escravisar, apresentou ao capitão-mór regente da capitania do Espirito Santo, tres oitavas, que extrahira e de que se fizeram duas *memorias* (anneis). »

Duplo engano : primeiramente, é fóra de duvida que antes de Arzão outros muitos bandeirantes tinham entrado os sertões de Minas e descoberto ouro; em segundo logar, a expedição d'aquelle sertanista não podia deixar de ser algum tanto anterior ao anno de 1695; porque Bartholomeu Bueno de Siqueira e Carlos Pedroso, que lhe seguiram os roteiros, que demoraram-se algum tempo nas explorações, ainda levaram ouro ao Rio de Janeiro em tempo de Castro Caldas, cujo governo foi de 1695 a 96.

Entretanto, repetiram-se as expedições, de Bueno de Siqueira e seu companheiro, que exploraram, com muito proveito, a região de Guyaté, á frente de grandes bandos, que foram os fundadores de São José, Sabará, Pitangy, Marianna e Ouro Preto.

A estas cidades, que todas tiveram origem nos fins do seculo XVII, devemos juntar as de Serro Frio, antigo arraial da Conceição e depois do Principe, e a de Diamantina, antigo arraial do Tijuco, que tambem nasceram n'aquelle seculo, um pouco antes, em consequencia das explorações de Fernão Dias Paes..

Resumindo a historia das explorações de Carlos Pedroso e Bartholomeu Bueno de Siqueira, disse Varnhagen : « O primeiro ouro se encontrou em Itaberaba; seguiram-se as minas, chamadas de *Ouro Branco* na serra de Itatiaya, e depois as do *Ouro Preto*, tão ricas e tão requestadas, que, por acudir a ellas muita gente, só poude tocar tres braças em quadra a cada mineiro !

Destas ultimas minas sahiram com seus socios Antonio Dias e o P.<sup>o</sup> João de Faria a lavrar os ribeirões que de um e outro tomaram o nome.

Igualmente sahio Bento Rodrigues, cujo ribeirão produzio tanto ouro, que em 1697 se pagou ahi o alqueire de milho por sessenta e quatro oitavas de metal. Por fim descobrio tambem, com varios socios, João Lopes Lima o famoso ribeirão do Carmo, cuja repartição veio a fazer-se em presença do governador do Rio, Arthur de Sá, que ahi se dirigira por Paraty, Guaratinguetá, etc.

Tal é em resumo a historia do descobrimento das *Minas* que se ficaram chamando *Geraes dos Caiaguás*, sendo este ultimo nome que se davam os indios coroados que por ahi antes dominavam.

Pouco depois descobrio Thomé Pontes perto do sitio em que se fundou a villa de S. José do Rio das Mortes outros terrenos auriferos, onde levantou arraial; e d'ahi sahiram os descobridores da mina de S. João

d'El-Rei, primeira em que se encontrou bastante metal em *betas* e *veeiros*.

Além d'estes tres districtos mineiros, chamados do *Rio das Velhas* (Serro Frio e Diamantina), *Minas Geraes dos Cataguás*, e do *Rio das Mortes* (S. José e S. João d'El-Rei), se descobriram as do *Caeté*, no que teve parte, indo da Bahia, o capitão Luiz do Couto, com tres irmãos seus.

Espalhada a noticia do apparecimento de tantas minas por todo o Brazil e pelo Reino, as transmigrações eram espantosas : teremos dellas uma idéa lembrando-nos do que se passou em nossos dias na California. »

E assim terminou este grande seculo que intitulos o seculo da resistencia e da expansão em nossa historia, da resistencia, por que foi n'elle que repellimos os francezes do Maranhão e os hollandezes da Bahia, Sergipe, Alagôas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará; da expansão, porque foi n'elle que foram devassados os immensos sertões de S. Paulo, Goyaz e Minas, ficando, além d'isto, n'esta ultima região as principaes cidades que ainda hoje ahi figuram.

## XXI

**A Litteratura Brasileira**, por Valentim Magalhães (1870-1895). — *Noticia critica dos principaes escriptores, documentada com escolhidos excerptos de suas obras em prosa e verso*. Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 50, 52 — Rua Augusta 52, 54 — (1896), 300 — VII paginas.

O novo livro do Sr. V. M. é uma especie de reproducção, não sabemos se resumida ou não, de tres conferencias por elle feitas em Lisboa, quando ali esteve, ha cerca de dois annos e meio. Nas conferencias e no livro o operoso escriptor fluminense teve por alvo principal, conforme sua propria declaração, fazer uma larga e ruidosa propaganda de nossa litteratura em Portugal. « Realizei, escreve elle nas paginas intitulladas — *No Limiar* — com que abre a nova obra, realizei em parte o meu plano, e com um exito que ultrapassou de muito a minha expectativa. As tres conferencias em que apresentei ao publico letrado de Lisboa os escriptores mais notaveis da minha terra nos ultimos cinco lustros foram ouvidas com attenção e interesse, e applaudidas com calor. »

Sem desdenhar dos serviços que aos litteratos brasileiros da actualidade tenha porventura prestado o

Sr. V M., agradecendo até aos escriptores de Lisboa a fineza de terem ido ouvir o nosso patricio, honrando-o assim a elle e a nós todos, que de letras nos occupamos no Brazil, não podemos deixar de admirar a facilidade que tem a curiosidade lisbonense em contentar-se; por quanto as conferencias do Sr. V M., se foram iguaes ao seu livro, nem de caso pensado e por encommenda, perdoe-nos que lh'o digamos, poderia elle encontrar coisa mais impropria para dar uma idéa, por superficial que fosse, da vida espiritual brasileira neste derradeiro quartel do seculo. Na impossibilidade de julgar as conferencias, e forçados a dizer do livro, que apparece como uma reproducção daquellas, peza-nos affirmar, mas é a verdade, que elle encerra todos os defeitos imaginaveis em obras deste genero: ausencia de methodo na exposição da materia, lacunas, erros crassos, affirmações gratuitas e aereas, falta de criterio na classificação das escolas, incapacidade de pintar e definir os autores. As provas de tudo isto estão ali ás mãos cheias. O livro divide-se em duas partes: a primeira trata dos *produtores*, a segunda dos *poetas*. Entre aquelles detem-se ante *romancistas*, *novellistas*, *contistas*, *historiadores* e *criticos*. Nem uma palavra para os *oradores*, os *jornalistas*, os *dramaturgos* e os *comediographos*.

O Sr. V M. ha de convir ser demasiado falho um quadro da litteratura brasileira em nosso seculo onde lebalde se procuram os nomes de um Salles Torres Homem, de um Justiniano da Rocha, de um Ruy Barbosa, de um Joaquim Nabuco, jornalistas e oradores de primeira ordem, capazes de hobrear com os melhores do velho mundo, e que são das mais possantes mentalidades que tem produzido esta terra. Deve tambem convir ser injustificavel a ausencia em



coisas de litteratura brazileira dos nomes de Martins Penna, Agrario de Menezes, Joaquim Serra e França Junior, pelo menos estes quatro, que devem apparecer ao lado de Macedo e Alencar, cujas characteristics não ficam absolutamente feitas, senão são estudados como escriptores de theatro. Mas, emfim, acceitemos o livro do Sr. V. M. como elle nol-o quiz dar e sigamol-o capitulo a capitulo.

O primeiro delles, consagrado aos prosadores, occupa-se dos *romancistas*, *novellistas* e *contistas*. E principia: « José de Alencar no romance, Gonçalves Dias na poesia, — eis os dois fundadores da Litteratura Brazileira, com a creação do Indianismo ». Duplo erro: nem Dias e Alencar crearam o indianismo nem este é a litteratura brazileira. « Mas a José de Alencar, pois que sómente delle devo tratar nesta parte do meu ligeiro e perfunctorio estudo, não cabe apenas essa gloria; elle foi tambem o creador da linguagem brazileira na lingua lusitana. Teve essa preocupação louvavel e essa admiravel concepção. Compreendeu que os escriptores brazileiros não deviam usar da linguagem quinhentista, obsoleta, propria da natureza, dos costumes, da vida de Portugal, em meio daquella natureza pujante, risonha, fecundissima, daquelles costumes tão outros dos Europeus, daquella vida livre, franca, impetuosa, quasi de todo selvagem. E descobriu o filão precioso, explorado depois com êxito por Baptista Caetano, Macedo Soares, Beaurepaire Rohan e outros. » Triplice engano: escriptor nenhum crêa uma linguagem, e, pois, Alencar, fallando como se falla no Brazil, nada creou, nem o podia fazer; tambem não é verdade que a *linguagem quinhentista* seja a da vida portugueza actual, a ponto de que Alencar, evitando o *quinhentismo*, evitasse implici-

tamente o lusismo hodierno; não é verdade, finalmente, que Baptista Caetano e outros tenham explorado um filão descoberto por Alencar, pois esses linguistas não são escriptores de officio e fizeram apenas alguns poucos estudos sobre o que se veiu a chamar impropriamente o *dialecto brasileiro*.

Fallando ainda de Alencar, affirma o Sr. V. M. : « Faltou-lhe, porém, como a Alexandre Herculano, a faculdade de criar proselytos, de attrahir os moços, de fundar escola; e d'ahi o haver ficado, como o autor de *Eurico*, um solitario, um abandonado ». Duplo equivoco : Oliveira Marreca, Rebello da Silva e Mendes Leal, para não lembrar senão tres grandes nomes, proseguiram na trilha indicada por Herculano, e muito fraca é a intuição litteraria do Sr. V. M. se ella lhe não mostra o espirito alencaresco — em muitas das creações de Escragnolle Taunay, de Araripe Junior, de Bernardo Guimarães, de Salvador de Mendonça, e até de Franklin Tavora e de Machado de Assis em suas primeiras obras.

A serie dos romancistas é, no livro, aberta com Alencar, e segue-se-lhe, sem o menor criterio, nem esthetico nem chronologico, Bernardo Guimarães. Só após apparece o nome do autor da *Moreninha*. De Teixeira e Sousa, Carneiro Villela, Celso de Magalhães, Rodolpho Theophilo, nem palavra. Mas o que não merece a mais leve desculpa é a ausencia completa e inexplicavel do homem que, no romance, é o que Martins Penna foi na comedia, Manoel Antonio de Almeida!...

Será possivel que o Sr. V. M. não conheça as *Memorias de um Sargento de Milicias*? É verdade que as *Mulheres de Mantilha* de Manoel de Macedo, mudou-as o critico fluminense em *Beatas de mantilhas*, o

que tudo parece indicar não serem muito seguros seus estudos em assumptos litterarios nacionaes, a despeito da *ruidosa propaganda* que delles se propoz fazer em Portugal. Quanto á indole de sua critica, isto é, quanto ao espirito de sua analyse, ao valor de sua philosophia esthetica, á maestria de seu talento na difficil arte de Sainte-Beuve e Taine, o livro de que nos occupamos é quasi mudo, porque de cada auctor o Sr. V. M. nada diz de fundamental e caracteristico, limitando-se a generalidades banalissimas nesse capitulo dos romancistas, como em todos os mais.

O capitulo II dos prosadores é dedicado aos *Historiadores e criticos*, e abre por umas vinte linhas consagradas ao Sr. João Manoel Pereira da Silva. Logo após se lêem estas palavras : « Não me referirei aos historiadores preteritos — o grande Varnhagem (Varnhagen é que devia ser). Abreu e Lima, Fernandes Gama, e o proprio conego Fernandes Pinheiro, por estarem fóra do plano deste trabalho. »

Não é verdadeiramente singular que, tratando-se de historiadores brasileiros neste seculo, nomeiem-se um Abreu e Lima, um conego Pinheiro, e até um Fernandes Gama, e deixem-se na sombra — um Candido Mendes, um Norberto e Silva, um Joaquim Caetano, um Raiol, um Felicio dos Santos, um Barão do Rio Branco, um Capistrano de Abreu, um Oliveira Lima, para não fallar nas anteriores figuras de Cayrú, Pizarro, Balthazar Lisboa, São Leopoldo, Ignacio Accioli e Mello Moraes?

E que se poderá dizer da ausencia do nome de João Francisco Lisboa, que até hoje é ainda o nosso primeiro historiador e para muita gente o nosso primeiro prosador?

O auctor poder-nos-ha dizer : — « Não quiz fazer obra completa. »

Mas, então, não nos viesse lembrar Fernandes Gama, e deixar no tinteiro o extraordinario e glorioso historiador de Beckman.

Entre os criticos apparecem os nomes dos Srs. Sylvio Roméro, Tobias Barretto, Araripe Junior, Franklin Tavora, José Verissimo, Rocha Lima, Clovis Bevilacqua, Capistrano de Abreu, Tito Livio de Castro e Eunapio Deiró. Como se está a vêr, é uma lista mais ou menos completa, se a compararmos com as dos historiadores e romancistas. Em todo caso, bem lacunosa idéa formará do desenvolvimento da critica no Brazil quem a conhecer pelas quatro paginas que lhe consagrou o Sr. V. M.

Não seria preferivel que o illustre conferenciador se houvesse remontado ás origens do genero no Brazil em dias da Regencia e dos primeiros annos do segundo reinado, e destacasse a significação dos trabalhos de Cunha Barbosa, Nunes Ribeiro, Adet, Torres Homem, Porto-Alegre, Pereira da Silva? Passasse, depois, ao periodo intermedio de Fernandes Pinheiro, Sotero dos Reis, Joaquim Norberto, Alencar, Henriques Léal? Destacasse o valor dos espiritos de transição na critica, quaes foram — Macedo Soares, Eunapio Deiró, Franklin Tavora, e só depois tratasse da nova intuição, representada por alguns dos nomes que citou?

E porque occultou Celso de Magalhães e Arthur Orlando? E porque dá a Franklin Tavora por patria o Piahy, quando toda a gente sabe que o saudoso auctor do *Cabelleira*, do *Matuto*, de *Lourenço*, e de tantos outros bellos livros, era filho do Ceará? Que vantagem achou, por outro lado, o Sr. V. M. em

trocar por *Estudos Amazonicos* os *Estudos Brasileiros* do Sr. José Verissimo?

Tudo isto está a indicar o nenhum cuidado com que foi feito o novo livro do auctor da *Flôr de Sangue*.

Na segunda parte da *Litteratura Brasileira* occupase o Sr. V. M. dos poetas e os classifica deste modo : I. *Poetas luso-brasileiros*; II. *Indianismo e Romantismo*; III. *Os mallogrados ou Escola de morrer joven*; IV. *Os hugoanos, ou Escola do Condor*; V. *Musa Civica, ou Escola do Chacal*; VI. *Parnasianismo*; VII. *Os desorientados*; VIII. *Os emancipados*. É a classificação que o A. dá á pag. 37 de seu livro. Entretanto, no desenvolvimento do assumpto, que vai de pag. 39 a 82, depara-se-nos classificação differente e é a seguinte pelos titulos dos capitulos : I. *Poetas luso-brasileiros*; II. *Indianismo e Romantismo*; III. *Os mallogrados, ou Escola de morrer joven*; IV. *Os hugoanos, ou Escola do Condor*; V. *Musa Civica ou Escola do Chacal*; VI. *Os poetas menores*; VII. *Os emancipados*; VIII. *Os desorientados*. Como se vê não é esta classificação precisamente a mesma que tinha sido dada a principio, e cujo desenvolvimento se promettera.

Os *emancipados* mudaram de posição, o *parnasianismo* desapareceu, sumiu-se na famosa *Escola do Chacal*, e surgiram, a lhe tomar o logar, os *poetas menores*.

Isto, porém, é nada diante de coisas muito mais graves.

O Sr. V. M. em todo o correr de seu livro não tem uma palavra sequer para certo genero de poesia, que representa, talvez, o que de melhor possuímos na divina arte, e, com certeza, constitue uma das faces mais importantes da evolução litteraria nesta porção

d'America. Sabe-se que a constituição do romantismo na Europa, e mais tarde em todo o mundo occidental, coincidiu com o grande despertar dos povos, após as immensas luctas e conquistas da Revolução e de Bonaparte, reacção que trouxe á politica — o famoso *principio das nacionalidades*.

O romantismo foi este principio mesmo applicado ás letras. D'ahi a chamada volta ás tradições populares, aos ideaes medievos, ás origens das nações modernas no que ellas tinham de lendario, imaginoso e sentido. Na Europa o phenomeno era de facil explicação e á tentativa tambem relativamente facil na execução. Os valorosos estudos historicos dos homens que iniciaram a nova phase da linguistica, da critica religiosa, da mythologia, do direito, do *folk-lore* nos começos de nosso seculo — desbravaram o terreno aos poetas. Simples foi a Italianos, Francezes, Allemães, Portuguezes, Hespanhoes, Russos, Inglezes, Scandinavos — indicar o filão meio esquecido de suas origens e tradições e mostrar-lhes o caminho novo a ser trilhado. Não assim na America e respectivamente no Brazil. Tinhamos durante tres seculos sido representados apenas como *Portuguezes*, meros continuadores do pensar da metropole.

O absurdo era evidente, e o nosso romantismo, que teve um extraordinario precursor na nunca assaz louvada *escola-mineira* do seculo passado, reagiu contra o exclusivismo, caindo, porém, no exagero de pretender, ao menos um certo tempo foi essa a sua illusão, representar-nos como *caboclos*, como *indios*... Tal é o significado historico e social da nossa escola indianista, e tal é o motivo porque nada póde justificar, digamos de passagem, que entre os nossos poetas, que chamou *luso-brazileiros*, tenha citado

apenas o nome, illustre por outros titulos é certo, de Gregorio de Mattos, e não tenha tido uma palavra sequer para Claudio Manoel, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga e Gonzaga, não fallando em Durão e Basilio a que o Sr. V. M. rapidamente se refere em paginas anteriores, quando trata de Alencar. Não é tudo; desfeita a illusão ou antes durante a illusão mesma dos *indiamistas*, os nossos melhores poetas, romancistas, contistas, comediographos, e até muitos dos que um momento tinham sacrificado aos idolos caboclos, sabedores de que nós não somos nem portuguezes nem indios, começaram de olhar mais intensamente para as varias classes da população e com mais amor para nossos costumes genuinamente nacionaes, oriundos desse immenso *mestiçamento*, que tem vindo a operar-se durante quatro longos seculos, e foram produzindo as paginas mais bellas e mais brazileiras de nossa litteratura.

Nesse grupo é que têm logar as creações superiores do theatro de Penna, de Macedo, de Agrario, de Alencar, de Augusto de Castro, de Joaquim Serra, de França Junior, de Arthur Azevedo; as melhores produções do romance de Manoel de Almeida, Bernardo Guimarães, Franklin Tavora, Celso de Magalhães, Escragnolle Taunay, Inglez de Souza e do proprio Alencar e Macedo, bastando lembrar deste as *Mulheres de Mantilha*, a *Moreninha*, as *Victimas Alagozes*, o *Moço Loiro*, e do outro — *O Tronco do Ipé*, *Til*, *O Gaúcho*, *O Sertanejo*; as paginas mais bellas das poesias de Bittencourt Sampaio, Franklin Doria, Joaquim Serra, Dias Carneiro, Bruno Seabra, Celso de Magalhães, Mello Moraes Filho, Trajano Galvão, Gentil Homem, Juvenal Galeno, e outros e outros; dos mais perfeitos contos e novellas dos modernos,

como Coelho Netto, Affonso Arinos, Pedro Rabello, Escragnolle Doria, Adolpho Caminha, Domicio da Gama, Raul Pompeia, Aluizio Azevedo e muitos mais.

Os próprios poetas sectarios de outras escolas, um Alvares de Azevedo, um Varella, um Tobias Barretto, um Castro Alves, um Bernardo Guimarães, um Casimiro de Abreu, não deixaram de nos mimosear com algumas paginas do genero; porque tinham o presentimento de seu valor como impressão do meio e dos costumes genuinamente brasileiros. Póde-se até dizer que de todas as manifestações da esthesia nacional é a mais completa, porque nada lhe falta: está representada no drama, no romance, na comedia, no conto, na novella, na poesia, no folhetim e até na critica litteraria, porque outro não foi o movel inspirador, o principio dirigente de livros, como os *Estudos sobre a Poesia Popular do Brazil* — e a *Historia da Litteratura Brasileira*.

O genesis dessa grande escola, tão amplamente ramificada, não é difficil de ser determinado. Acham-se as suas raizes na especie de protoromantismo que nós aqui tivemos desde os fins do seculo passado. Eram então, para quem sabe vêr, tres as correntes principaes de nossas inspirações e producções litterarias, correntes que já se deixavam divisar, posto não tivessem ainda a clareza que assumiram mais tarde. Essas tres orientações eram: certo *lusismo* determinadamente *religioso*, cujo principal representante era o padre Souza Caldas; um *indiananismo* incipiente, cujas notas mais intensas estão em Basilio e Durão; um *brazileirismo*, ora *bucolico* e *campestre*, ora *aldeão*, ora *burguez*, cujas mais vivas côres andam esparsas em Silva Alvarenga, em Gonzaga, em Claudio, em Peixoto, em Caldas Barbosa...



Quando se deu a evolução romantica, não tivemos nada quasi a mudar, além da fórma; o fundo permaneceu o mesmo; as tres correntes continuaram a rolar as suas aguas; a imaginação e o sentir brasileiro proseguiram os mesmos vãos, apenas com azas mais possantes: Magalhães continuou Souza Caldas, com quem tem innumerous pontos de contacto, Gonçalves Dias prolongou Basilio, de quem é digno irmão até na metrica, Porto-Alegre proseguiu os Alvarengas e Gonzaga, no que elles tinham de sentimento real da natureza e da paizagem. Este é o verdadeiro significado das *Brazilianas*, cujo valor intrinseco tem sido offuscado pelos *Suspiros Poeticos* e pelos *Primeiros Cantos*. Não é verdade que Magalhães seja um dos creadores, ou até um dos representantes do indianismo entre nós. Elle já tinha as *Poesias Avulsas*, as *Tragedias*, os *Suspiros Poeticos* e *Saudades*, quando só por imitação a Gonçalves Dias, o grande romantico do indianismo, sahiu-se com a desastrada *Confederação dos Tamoyos*. Seu verdadeiro significado, como um dos tres progonos do romantismo entre nós, é o de representante da phase religiosa e *emanuelica* da escola, assim como o de G. Dias é o de guia do momento *indianista*, e o de Porto-Alegre é o de chefe e director do *brazilirismo*, em seu sentido mais geral, em que entram as scenas da natureza, da paizagem, dos costumes da roça, do campo, do sertão, as mil variedades do viver nacional de todas as classes e zonas do paiz. Pois bem: o Sr. V. M. passou por tudo isto como gato por brasas, sem enxergar os factos e sem comprehender os homens. E é esta, sem duvida, a razão porque em suas classificações não ha um logar para esse brazilirismo aldeão, campesino, sertanejo, popularista, matuto, nacionalista, costumeiro, paizagista, em que

se têm retratado todas as cambiantes da vida de nossas gentes. É este, sem duvida, o motivo pelo qual dá-nos Porto-Alegre como um dos *fundadores do indianismo*. Eis aqui as suas palavras : « Magalhães, Porto-Alegre e Gonçalves Dias são os implantadores do Romantismo e fundadores do indianismo. » (pag 43). Já se não lembrava que, á pag. 15, tinha conferido a G. Dias e Alencar, pura e simplesmente, a honra da criação do indianismo, o que era um erro, aggravado agora com a junção de mais dois nomes — Magalhães e Porto-Alegre, especialmente este ultimo, que nada tem com os indios do Brazil, nem com o indianismo litterario, como este é comprehendido, só pelo facto de haver no *Colombo* traçado alguns quadros das velhas civilizações do Mexico e Perú.

Tal a explicação, finalmente, de se nos não deparar em uma só vez em todo o livro, entre os poetas, os nomes de Dutra e Mello, Trajano Galvão, Dias Carneiro, Bittencourt Sampaio, J. Serra, Franklin Doria, Mello Moraes Filho, circumstancia que não se justifica pela ausencia completa, entre os romanticos de outras escolas, dos nomes de Maciel Monteiro, José Maria do Amaral, Francisco Muniz Barreto, Augusto de Mendonça, Pedro de Calazans, Elzeario Pinto, que são indubitavelmente dos melhores poetas do Brazil. Porque a tantos e tão illustres nomes excluiu o Sr. V. M.?

Neste ponto de exclusões não devemos tambem occultar a sem razão do esquecimento de um Souza Pinto, o de um Celso de Magalhães, entre os que o Sr. V. M. classificou de poetas da musa civica, e de um Victoriano Palhares no gremio dos condoreiros. São injustiças que bradam aos céus da critica e da historia.

Não vemos tambem razão para a exclusão systematica de Achilles Porto Alegre, Damasceno Vieira e

Mucio Teixeira ao lado de Assis Brazil e outros poetas das mesma geração, não fallando já em José Jorge de Siqueira Filho, Plinio de Lima, Carvalhal e Castro Rebello Junior, poetas do norte certamente desconhecidos pelo Sr. V. M.

A estes reparos de descuidos, que se manifestam por lacunas de nomes e exquisitices de classificação, seria possivel juntar algumas ponderações finaes sobre varias opiniões e affirmativas do critico, que nos parecem infundadas, e o fariamos protestando, com a mais acentuada lhaneza e sinceridade, que o nosso fito não seria, como não é absolutamente, o melindrar nem de leve.

O Sr. V. M. é innegavelmente um moço de talento, um verdadeiro temperamento litterario; mas escreve de afogadilho e apressado. Por isso não acertou ainda inteiramente com o seu caminho; continúa a tentar todos os generos, sem conseguir produzir obra duravel que dê toda a medida de sua capacidade. Um estudo completo de sua personalidade iria descobrir as razões de taes e tantas vacilações; mas tal estudo não caberia aqui n'uma simples nota bibliographica.

Não deixaremos, terminando, de notar a completa incomprehensão do Sr. V. M. quanto á ultima phase da poesia nacional, que elle chama a dos *desorientados*.

O que escreveu especialmente do Sr. B. Lopes é de uma flagrante injustiça. Antes o tivesse condemnado a completo silencio, o deixasse brilhar pela ausencia, como fez inqualificavelmente com o valente poeta das *Ondas*, o distincto e illustre L. Murat. Seria preferivel a mostrar-se assim tão acanhadamente apaixonado.

F I M

# Nova edição de autores nacionaes

GRANDE FORMATO IN-18 BELLA IMPRESSÃO T

## ALENCAR

Alfarrabios . . . . .	2 vol. enc.	8\$000	br. 6\$000
Pata de Gazella . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
O Guarany . . . . .	2 vol. enc.	8\$000	br. 3\$000
Sonhos d'Ouro . . . . .	2 vol. enc.	8\$000	br. 8\$000
Ubirajara . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
Sertanejo . . . . .	2 vol. enc.	8\$000	br. 6\$000
Minas da Prata . . . . .	2 vol. enc.	8\$000	br. 6\$000
Mãe . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
Til . . . . .	2 vol. enc.	8\$000	br. 6\$000
As azas de um anjo . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000

## ALENCAR-SENIO

Guerra dos Mascates . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
O Gaúcho . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000

## ALUIZIO AZEVEDO

O Coruja . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
O Cortiço . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
O Mulato . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
Casa de pensão . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
Livro de uma sogra . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
Pégadas . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000

## CASTRO ALVES

Cachoeira de Paulo Affonso . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
--------------------------------------	-------------	--------	------------

## MACEDO

A Moreninha . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
Rosa . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
Baroneza do Amor . . . . .	2 vol. enc.	8\$000	br. 6\$000
Vicentina . . . . .	2 vol. enc.	8\$000	br. 6\$000
A Carteira de meu tio . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
Nina . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000

## MACHADO DE ASSIS

Quincas Borbas . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
Braz Cubas . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000

## PEREIRA DA SILVA

Memorias do meu tempo . . . . .	2 vol. in-8º enc.	14\$000	br. 10\$000
---------------------------------	-------------------	---------	-------------

## VISCONDE DE TAUNAY

Ouro sobre azul . . . . .	1 vol. enc.	4\$000	br. 3\$000
---------------------------	-------------	--------	------------





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).